



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

GEOVÂNIO SILVA DO NASCIMENTO

**O SERTÃO TRADUZIDO:
ESTUDO DOS MARCADORES CULTURAIS DO DOMÍNIO ECOLÓGICO
NA TRADUÇÃO DE *OS SERTÕES* PARA A LÍNGUA ESPANHOLA**

**FEIRA DE SANTANA
2018**

GEOVÂNIO SILVA DO NASCIMENTO

O SERTÃO TRADUZIDO:
ESTUDO DOS MARCADORES CULTURAIS DO DOMÍNIO ECOLÓGICO NA
TRADUÇÃO DE *OS SERTÕES* PARA A LÍNGUA ESPANHOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros

**FEIRA DE SANTANA
2018**

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEMS

N195 Nascimento, Geovanio Silva do
O sertão traduzido : estudo dos marcadores culturais do domínio ecológico, na tradução de *Os Sertões* para a língua espanhola / Geovanio Silva do Nascimento. – 2018.
263 f.: il.

Orientador : Patrício Nunes Barreiros.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2018.

1. Os Sertões. 2. Literatura brasileira. 3. Traduções – Língua espanhola. 4. Marcadores culturais. 5. Domínio ecológico. 6. Cunha, Euclides da, 1866-1909. I. Barreiros, Patrício Nunes, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 869.0(81)-31:651.926=60

TERMO DE APROVAÇÃO

GEOVANO SILVA DO NASCIMENTO

O SERTÃO TRADUZIDO:
ESTUDO DOS MARCADORES CULTURAIS DO DOMÍNIO ECOLÓGICO NA
TRADUÇÃO DE *OS SERTÕES* PARA A LÍNGUA ESPANHOLA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovado em 08 de março de 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros
Orientador (UEFS)

Profa. Dra. Adriana Zavaglia
Avaliadora Externa (USP)

Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida
Avaliador Interno (UEFS)

AGRADECIMENTOS

Aos negros e negras que morreram (e que vivem) lutando para que eu pudesse ter a chance de estudar.

À minha mãe que não pôde estudar, mas que se esforçou para que eu pudesse.

À Jacira e Dona Toinha por fazerem possível ter a figura de uma mãe quando a minha já não estava mais presente.

Aos meus irmãos que fazem parte da minha identidade como referência de pessoas honestas e trabalhadoras que são. O que me instiga a ser melhor a cada dia.

À Dona Leninha pela ajuda com as possibilidades de seguir os estudos no ensino médio e na graduação quando pensava não poder mais.

Aos meus amigos do Feira V que fazem da minha caminhada mais leve e mais divertida.

Ao Programa Portal da UEFS que é uma família da qual faço parte desde 2006 e não quero nunca deixá-la.

À Iran e Lunninha que participaram ativamente da construção desse projeto de vida me dando um espaço familiar, de estudo e de diversão.

À Rafa, Felipe, Igor, Camilla, Ubiraneilla e Fábio meus amigos de trabalho, de vida e inspirações para os estudos, mesmo que distantes.

À Thiago que entrou na minha vida e organizou os sentimentos.

À Patrício Barreiros pela oportunidade, por ser o melhor orientador do universo, pela calma e pela humildade em fazer um bom trabalho e me ensinar um pouco do que sabe dizendo sempre, neste percurso, que estávamos aprendendo juntos.

À Liliane Barreiros pelas contribuições na leitura do texto e a Flávio França pelos diálogos.

As Professoras Adriana Zavaglia e Norma Lúcia Almeida pela leitura atenta e contribuições para a melhoria deste trabalho e meu desenvolvimento profissional.

Aos meus alunos do IF Santa Inês das turmas de Agro 2013, Agro, Zoo 2014 que são meus amigos e que me levam pros reggaes mais loucos no Vale do Jiquiriçá.

Às pessoas dos setores da UEFS que me acolhem desde 2014 com os braços abertos, principalmente o Departamento de Letras e Artes e da Pós Graduação.

Aos integrantes do neiHD pela convivência.

RESUMO

Os Sertões, de Euclides da Cunha, disfruta de amplo reconhecimento por parte da crítica e é considerado um dos livros mais representativos da literatura brasileira. Isso ocorre, principalmente, por conta do tema tratado na obra, a Guerra de Canudos, e o modo como o autor construiu a sua narrativa, permitindo que o livro possa ser estudado por várias áreas do conhecimento. O prestígio d'*Os Sertões* revela-se também no interesse que despertou em leitores fora do Brasil, resultando na tradução para diversos idiomas, dentre eles, o espanhol, que foi a primeira língua estrangeira para a qual foi traduzido. O trabalho em questão teve como objetivo principal realizar um estudo dos Marcadores Culturais (MCs) no livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha (1984 [1902]) e investigar como esses MCs foram traduzidos para a língua espanhola (SANTOS, 1980). Iniciamos a pesquisa com uma discussão sobre a escrita da obra, destacando os contatos e as fontes de pesquisa do autor, situando os trabalhos de sua fortuna crítica, tais como: Santana (1995), Valente (2007; 1996), Galvão (1977; 1981; 1984), Medeiros (2009) dentre outros. Em seguida, traçamos uma discussão sobre o vocabulário de Euclides da Cunha e d'*Os Sertões*, partindo de alguns estudos já feitos (GALVÃO, 1985; SANTOS, 1980; ZACHARIAS, 2001). O recorte teórico-metodológico foi feito a partir das noções, definições e conceitos de *Corpus* Linguístico e Tradução (BAKER, 1993; SARDINHA, 2002; 2004; CAMARGO 2007; 2008), Domínios Culturais, Marcas e Marcadores Culturais (NIDA, 1945; AUBERT, 2006a; 2006b; 2008; CAMARGO, 2008; e REICHMAN; ZAVAGLIA, 2014) e Modalidades de Tradução (AUBERT, 1998; 2006a; 2006b). Pautado nos preceitos da Linguística de *Corpus*, compilou-se um *corpus* paralelo formado pela obra *Os Sertões* em português e sua tradução para o espanhol para buscar os candidatos a MCs e seus respectivos correspondentes de tradução. Além do *corpus* paralelo, foi elaborado um *corpus* de referência para verificar a chavicidade destes candidatos. Para análise e tratamento do *corpus*, utilizou-se, nesta investigação, alguns programas computacionais, principalmente, o *WordSmith Tools 7.0*, suas ferramentas e seus utilitários como o *Concord*, *Keyword*, *Wordlist*, *Text convert* e *Aligner*. O resultado foi a compilação de 95 Marcadores Culturais da obra em português, seus correspondentes de tradução em espanhol e a identificação das Modalidades de Tradução. Estes dados foram organizados em fichas lexicográficas, criadas para este fim, as quais apresentam também as definições e as abonações. Esses dados serviram de parâmetro para a análise, que demonstrou uma tendência no uso de um único tipo de Modalidade de Tradução para os Marcadores Culturais com possibilidades esporádicas de variação. Ocasionalmente o uso de apenas uma variável na tradução destas unidades léxicas, de uma maneira geral, com pouca possibilidade de variação.

Palavras-chaves: Os Sertões; Marcadores Culturais; Domínio Ecológico; Tradução; Espanhol.

ABSTRACT

Os Sertões, from Euclides da Cunha, enjoys wide recognition by part of the literary criticism and it is considered one of the most representative books of Brazilian literature. That occurs, mostly, due to the its subject matter, the War of Canudos, and the way the author has built his narrative, allowing the book to be studied through various fields of knowledge. The prestige of “Os Sertões” reveals itself in the interest it has aroused in readers outside Brazil, resulting the translation to various languages, among them Spanish, which was the first foreign language to which the book was translated. This dissertation aimed at performing a study on the Cultural Markers present in Da Cunha’s book *Os Sertões* (1984[1902]) as well as investigating how those CMTs were translated to Spanish (SANTOS, 1980). The research starts with a discussion on the writing process of the book, highlighting the contacts and the research sources of the author, setting up his works and his critical fortune, such as Santana (1995), Valente (2007; 1996), Galvão (1977; 1981; 1984), Medeiros (2009), among others. Then, it was discussed the vocabulary of Euclides *Os Sertões*, starting from some studies already done (GALVÃO, 1985; SANTOS, 1980; ZACHARIAS, 2001). The theoretical-methodological cutout was done from notions, definitions and concepts of *Corpus* Linguistics and Translation (BAKER, 1993; SARDINHA, 2002; 2004; CAMARGO 2007; 2008), Cultural Domains, Cultural Markers (NIDA, 1945; AUBERT, 2006a; 2006b; 2008; CAMARGO, 2008; e REICHMAN; ZAVAGLIA, 2014) and Translation Modalities (AUBERT, 1998; 2006a; 2006b). Based on the precepts of *Corpus* Linguistics, it was compiled a paralleled *corpus* formed by the Portuguese version of *Os Sertões* and its translation to Spanish in order to search for the CMTs candidates and their respective translation components. For the *corpus* treatment and analysis, it was used, in this investigative work, some computer softwares, mainly the WordSmith Tools 7.0, their tools and utilities like Concord, Keyword, Wordlist, Text convert and Aligner. The results were the compilation of 95 Cultural Markers from the Portuguese version of the book, their Spanish translation correspondents and the identification of the Translation Modalities. Those data were organized in lexicographic files, created to this end, and which present definition and subscriptions. Those data served as a parameter for the analysis, which turned out to be a trend in the use of one single type of Translation Modality for the Cultural Markers with sporadic possibilities of variation, causing the use of only one variable in the translation of those lexical unities, in general, with a little possibility of variation.

KeyWords: Os Sertões; Cultural Markers; Ecological Domain; Translation; Spanish.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Glossário da Tradução	30
Figura 02 - Escala de Tradução baseado na proposta de Aubert (2006)	49
Figura 03 – Interface do <i>WordSmith Tools 7.0</i>	60
Figura 04 – Visualização simultânea do TT em formato *.pdf e word	61
Figura 05 – Destaque dos problemas de conversão do TT.- I	62
Figura 06 – Destaque dos problemas de conversão do TT.- II	62
Figura 07 – Localizando contextos no TT em *.pdf	63
Figura 08 – Confronto do texto em *.pdf com o texto no word	63
Figura 09 – TT em formato *.word com exemplos de falha na conversão	64
Figura 10 – Lista de palavras em ordem alfabética e em ordem de frequência	68
Figura 11 – Dados estatísticos da Wordlist	69
Figura 12 – Escolhendo da ferramenta <i>WordList</i>	71
Figura 13 – Visualizando interface do <i>WordList</i>	71
Figura 14 – Criando <i>WordList</i>	72
Figura 15 – Começando a criar nova <i>WordList</i>	72
Figura 16 – Escolhendo textos para criar <i>WordList</i>	73
Figura 17 – Entendendo a <i>Choose Text</i>	73
Figura 18 – Procurando pasta dos textos	74
Figura 19 – Visualizando textos na coluna da esquerda	74
Figura 20 – Escolhendo um ou mais textos acessíveis para <i>WordList</i>	75
Figura 21 – Selecionando arquivo de texto para <i>Wordlist</i>	75
Figura 22 – Finalizando a escolha do texto para <i>WordList</i>	76
Figura 23 – Finalizando a criação da <i>WordList</i>	76
Figura 24 – Carregando a <i>WordList</i>	77
Figura 25 – Salvando a <i>WordList</i>	77
Figura 26 – Limpando coluna da direita do <i>Choose Text</i> para escolher novo arquivo	78
Figura 27 – Refazendo os passos para construir nova <i>WordList</i>	78
Figura 28 – Ativando a Barra de Ferramentas Principal	79
Figura 29 – Mostrando Barra de Ferramentas Principal Ativa	80
Figura 30 – Encontrando o candidato a MC na <i>Wordlist</i> a partir da Barra de Ferramentas	80
Figura 31 – Acessando o contexto do candidato a MC a partir do <i>Concordance</i>	81

Figura 32 – Visualizando o contexto no <i>Concordance</i>	81
Figura 33 – Visualizando o candidato a MC em contexto mais amplo	82
Figura 34 – Abrindo o <i>WordSmith Tools 7.0 - I</i>	83
Figura 35 – Escolhendo a opção <i>Language Settings</i> (Configurações de Língua) - I	84
Figura 36 – Escolhendo a língua do programa - I	84
Figura 37 – Salvando configurações de língua - I	85
Figura 38 – Aceitando configurações de língua - I	85
Figura 39 – Abrindo janela dos utilitários do <i>WordSmith 7.0 - I</i>	86
Figura 40 – Escolhendo o utilitário <i>Aligner</i> (Alinhador) - I	86
Figura 41 – Iniciando os trabalhos com o Alinhador	87
Figura 42 – Abrindo pasta dos arquivos	87
Figura 43 – Escolhendo arquivos no formato <i>*.txt</i> - I	88
Figura 44 – Abrindo arquivos escolhidos no formato <i>*.txt</i> – I	88
Figura 45 – Visualizando arquivo aberto - I	89
Figura 46 – Escolhendo a opção <i>Viewer List</i> no menu “Salvar como” - I	89
Figura 47 – Escolhendo a extensão <i>Unaligned files (*.VWR)</i> e nomeando arquivo - I	90
Figura 48 – Salvando arquivo na extensão <i>Unaligned files (*.VWR)</i> - I	90
Figura 49 – Aceitando configurações de salvamento - I	91
Figura 50 – Voltando à tela inicial do <i>WordSmith Tools 7.0</i>	91
Figura 51 – Escolhendo a opção <i>Language Settings</i> (Configurações de Língua) - II	92
Figura 52 – Escolhendo a língua do programa - II	92
Figura 53 – Salvando Configurações de Língua - II	93
Figura 54 – Aceitando configurações de língua - II	93
Figura 55 – Abrindo janela dos utilitários do <i>WordSmith 7.0 - II</i>	94
Figura 56 – Escolhendo o utilitário <i>Aligner</i> (Alinhador) - II	94
Figura 57 – Abrindo pasta dos arquivos no <i>Aligner</i> - II	95
Figura 58 – Escolhendo arquivos no formato <i>*.txt</i> - II	95
Figura 59 – Abrindo arquivos escolhidos no formato <i>*.txt</i> – II	96
Figura 60 – Visualizando arquivo aberto - II	96
Figura 61 – Escolhendo a opção <i>Viewer List</i> no menu “Salvar como” - II	97
Figura 62 – Escolhendo a extensão <i>Unaligned files (*.VWR)</i> e nomeando arquivo - II	97
Figura 63 – Salvando arquivo na extensão <i>Unaligned files (*.VWR)</i> - II	98
Figura 64 – Aceitando configurações de salvamento - II	98

Figura 65 – Voltando ao utilitário <i>Aligner</i>	99
Figura 66 – Abrindo arquivo pelo menu desdobrável do <i>Aligner</i>	99
Figura 67 – Procurando e abrindo texto 1 na extensão *VWR do computador	100
Figura 68 – Visualizando do texto 1 na janela do <i>Aligner</i>	100
Figura 69 – Fundindo textos	101
Figura 70 – Procurando, selecionando e abrindo o texto 2 para fundir os textos	101
Figura 71 – Visualizando textos fundidos	102
Figura 72 – Alternando visualização entre parágrafos e sentenças	102
Figura 73 – Movendo sentença	103
Figura 74 – Visualizando sentença/parágrafo movido	103
Figura 75 – Selecionando sentença/parágrafo para excluir	104
Figura 76 – Visualizando resultado da exclusão de linha indesejadas	104
Figura 77 – Selecionando sentença/parágrafo que deseja dividir	105
Figura 78 – Selecionando <i>Split</i> para dividir sentença/parágrafo	105
Figura 79 – Trabalhando na janela <i>Edit</i>	106
Figura 80 – Selecionando espaço de divisão da sentença/parágrafo	106
Figura 81 – Visualizando resultado da divisão da sentença/parágrafo	107
Figura 82 – Escolhendo a opção <i>Aligner list</i> no menu desdobrável <i>File</i>	107
Figura 83 – Nomeando e salvando texto na extensão *.ALI	108
Figura 84 – Aceitando configurações de salvamento	108
Figura 85 – Pesquisando vocábulo em contextos paralelos no texto alinhado	109
Figura 86 – Visualizando contexto do vocábulo pesquisado	109
Figura 87 - Descrição da Ficha de apresentação dos Marcadores Culturais	112
Figura 88 – Gráfico dos Marcadores do Domínio Ecológico na obra	251
Figura 89 – Gráfico de frequência dos Marcadores Culturais na Obra	252
Figura 89 – Gráfico do uso das Modalidades de Tradução	253
Figura 90 – Gráfico do total de Modalidades de Tradução identificadas	253
Figura 91 – Gráfico do uso das modalidades híbridas	254

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Apresentação das Modalidades de Tradução revistas por Aubert (2006)	49
Quadro 02 - Descrição do <i>Corpus</i> de Referência	66
Quadro 03 - Lista de Marcadores culturais não analisados	232
Quadro 04 - Ocorrência dos MCs no TO e Ocorrência dos Correspondentes de Tradução no TT	234
Quadro 05 - Ocorrência dos MCs no TO	241
Quadro 06 - Identificação das Modalidades de Tradução	242

LISTA DE ABREVIATURAS

CMTs	Culturally Marked Terms
design.	Designação
esp.	Espécie
<i>f.</i>	Feminino
fam.	Família
freq.	Frequente/Frequentemente
gen.	Gênero
guar.	Guarani
lat.	Latim
LC	Língua de chegada
LP	Língua de partida
<i>m.</i>	Masculino
MC	Marcador Cultural
MCs	Marcadores Culturais
or.	Origem
<i>s.</i>	Substantivo
spp.	Espécie
subfam.	Subfamília
TO	Texto original
TT	Texto traduzido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OS SERTÕES E A TRADUÇÃO DO SERTÃO DA BAHIA: CONTEXTOS E CONTATOS	17
2.1	EUCLIDES DA CUNHA, OS SERTÕES E SEU VOCABULÁRIO	18
2.2	ESTRUTURA D'OS SERTÕES: A NATUREZA DA OBRA	33
2.3	OS SERTÕES EM CONTATO: AS TRADUÇÕES DA CULTURA SERTANEJA	39
3	REPRESENTAÇÃO CULTURAL NOS SERTÕES: CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA	44
3.1	<i>CORPUS</i> LINGUISTICO E TRADUÇÃO	44
3.1.1	Os tipos de <i>corpora</i> e a pesquisa em tradução	46
3.2	AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO	48
3.3	DOMÍNIOS E MARCADORES CULTURAIS	51
3.4	CAMINHOS METODOLÓGICOS	58
3.4.1	Caracterização do <i>corpus</i> de pesquisa	59
3.4.2	Tratamento dos textos para a constituição do <i>corpus</i>	59
3.4.2.1	O texto original (TO)	60
3.4.2.2	O texto traduzido (TT)	60
3.4.2.3	O <i>corpus</i> de referencia	64
3.4.3	O <i>WordSmith Tools 7.0</i> e os procedimentos adotados para a obtenção dos dados	67
3.4.3.1	As ferramentas do <i>WordSmith Tools 7.1</i> utilizadas na pesquisa	68
4	OS SERTÕES E SEUS MARCADORES CULTURAIS TRADUZIDOS PARA A LÍNGUA ESPANHOLA	111
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	250
	REFERÊNCIAS	256

1 INTRODUÇÃO

Os Sertões, de Euclides da Cunha, disfruta de amplo reconhecimento por parte da crítica e é considerado um dos livros mais representativos da literatura brasileira. Isso ocorre, principalmente, por conta do tema tratado na obra, a Guerra de Canudos, e o modo como o autor construiu a sua narrativa. Tais características permitem que o livro possa ser estudado por várias áreas do conhecimento. O prestígio d'*Os Sertões* revela-se também no interesse que despertou em leitores fora do Brasil, resultando na tradução para diversos idiomas, dentre eles, o espanhol, que foi a primeira língua estrangeira para a qual foi traduzido. Euclides da Cunha escreveu uma obra pautando-se na realidade geográfica, cultural e linguística do Brasil. Portanto, traduzir *Os Sertões* é também traduzir aspectos de um Brasil profundo, situado no sertão nordestino.

Nesse sentido, o presente trabalho está relacionado ao projeto de pesquisa *Estudo de Marcadores Culturais em obras literárias brasileiras traduzidas para a Língua Espanhola: banco de dados e construção de um dicionário online bilíngue brasileiro*, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Feira de Santana, coordenado pelo professor Dr. Patrício Nunes Barreiros. A pesquisa baseia-se num *corpus* paralelo, e propõe, como objetivo principal, realizar um estudo dos Marcadores Culturais (MC) no livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1984 [1902]), e investigar como esses Marcadores Culturais foram traduzidos para a língua espanhola (SANTOS, 1980). Além do *corpus* paralelo constituído pelo Texto Original (TO) e o pelo Texto Traduzido (TT), foi necessário compilar um *corpus* de referência com o objetivo de verificar a chavicidade das palavras em relação ao TO.

Os Marcadores Culturais de que tratamos nesse pesquisa correspondem ao vocabulário que apresenta uma marca cultural relacionada com o sertão nordestino. As lexias cotejadas na pesquisa servirão para alimentar o banco de dados de um dicionário eletrônico bilíngue na direção Português→Espanhol e que prima pela apresentação das possibilidades de tradução de um vocabulário culturalmente marcado, baseado num *corpus* paralelo de obras literárias brasileiras¹.

O interesse em estudar os Marcadores Culturais da obra *Os Sertões* surgiu a partir da observação da riqueza lexical da obra em português e a possibilidade de entender como se deu

¹ O protótipo do dicionário bilíngue de Marcadores Culturais está disponível em <https://dicionariodemarcadoresculturais.wordpress.com/> e é parte do projeto de pesquisa Estudo de Marcadores Culturais em obras literárias brasileiras traduzidas para a Língua Espanhola: banco de dados e construção de um dicionário online bilíngue brasileira.

a tradução de elementos linguístico-culturais tão complexos como o vocabulário marcadamente cultural.

Em língua portuguesa, Manif Zacharias (2001) desenvolveu um trabalho monumental com o léxico d'*Os Sertões*. O livro que ele denominou de *A Lexicologia d'Os Sertões* tem valor inegável pelo seu volume e abrangência. No entanto, o próprio Zacharias (2001) reconhece o esforço que fez para chegar à decisão de produzir uma obra que tratasse do vocabulário do livro *Os Sertões*. Ele revela os inconvenientes que teve em “[...] compreender o linguajar esmerado, mas complicadíssimo, prenhe de expressões técnicas, científicas e de cunho regionalista” (ZACHARIAS, 2001, p. 7). Segundo Zacharias (2001), a dificuldade para ler *Os Sertões* é comum até mesmo para leitores experientes. Naturalmente, essa complicação é potencializada quando a obra é traduzida.

Numa leitura inicial da tradução d'*Os Sertões* para a língua espanhola (SANTOS, 2001), deparamo-nos com várias situações que nos chamaram a atenção, como omissões de alguns vocábulos, imprecisões no uso de outros, várias unidades lexicais e trechos espelhados do português, dentre outras problemáticas. Isso nos instigou a questionar como esse comportamento do tradutor refletiria na compreensão do universo linguístico e extralinguístico da obra.

Na tradução de Santos (2001), consta um glossário que nos chamou a atenção para a necessidade de estudar o fazer tradutório da obra. O referido glossário apresenta aproximadamente 54% de suas unidades léxicas como marcadores culturais pertencentes ao Domínio Ecológico e, desses, 94,1 % são plantas e animais da caatinga. No entanto, vale ressaltar que, por vezes, as definições, os conceitos e a sinonímia utilizada pela autora para descrever, explicar ou conceituar alguns dos vocábulos são insuficientes e/ou apresentam imprecisões que comprometem sua compreensão, como exemplo temos: *caatinga*, *mocó*, *sertões* e *mandacaru*.

Portanto, esse glossário, por dar ênfase aos elementos pertencentes ao Domínio Ecológico, indica que os mesmos são importantes para a compreensão do universo linguístico e extralinguístico apresentado na obra. Todo esse percurso de vislumbrar as dificuldades na obra em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola nos estimulou a empreender a pesquisa em questão.

A discussão apresentada nessa pesquisa buscou concentrar-se na relação léxico e sociedade, corroborando com o que afirmam Oliveira e Isquierdo (1998, p.7): “[...] o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. [...] na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.”

(OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 7). O vocabulário marcadamente cultural, observado numa obra específica e em sua respectiva tradução, permite vislumbrar aspectos relevantes da história de uma comunidade, coloca em evidência peculiaridades de sua cultura e demonstra como uma dada realidade linguística, histórica e cultural encontra o outro (o estrangeiro).

Estudar a obra de Euclides da Cunha sob a perspectiva do léxico pressupõe adentrar no universo do autor e do povo sertanejo. Observa-se que autor é também representante de um tempo e de uma visão cultural, social, histórica e política refletida em seu texto. Segundo Simón (2005, p. 15), no que se refere ao léxico, “[...] a obra de Euclides da Cunha é um capítulo à parte na literatura nacional”.

Euclides da Cunha teve acesso a documentos, poemas e prédicas do Conselheiro, a prisioneiros e soldados da guerra, os quais entrevistou *in locu* e pôde captar o universo linguístico-cultural dessas pessoas. Assim, o estudo desse acervo lexical desvela a experiência de investigação linguístico e cultural de Euclides da Cunha, dando a conhecer os costumes do nordeste através da literatura. Portanto, desenvolver estudos nessa área, amplia a compreensão da literatura, da língua e da cultura da época de escrita d’*Os Sertões*, além de expandir os estudos sobre o próprio Euclides da Cunha. Nesse mesmo caminho, o estudo da tradução do léxico da obra possibilita compreender a recepção e compreensão do universo linguístico-cultural que a atravessa e os sentidos possíveis que dela emanam.

Nesse sentido, esta dissertação está dividida em quatro seções. A primeira, é a Introdução. Na segunda, intitulada *Os Sertões e a tradução do sertão da Bahia: contextos e contatos*, apresentamos o livro de Euclides da Cunha, sua relevância para a cultura brasileira em geral, discutindo o seu contexto de produção, circulação e recepção, além de abordar a relevância do vocabulário da obra, principalmente no que diz respeito a realidade sócio-histórico-cultural e possíveis dificuldades para a sua tradução.

Na terceira seção, intitulada *Representação cultural nos sertões: caminhos teóricos e metodológicos da pesquisa*, apresentamos os conceitos, noções e definições que são relevantes para o estudo em questão. Esses conceitos são os de *Corpus* Linguístico e sua caracterização geral e, mais especificamente, a sua relação com os Estudos da Tradução. Para esta discussão foram considerados, por exemplo, os estudos de Mona Baker (1993), Berber Sardinha (2002; 2004), Camargo (2007; 2008) e Dayrell (2012). Os estudos de Nida (1945), Aubert (2006a; 2006b; 2008), Camargo (2008) e Reichman e Zavaglia (2014), por exemplo, foram a base para a discussão sobre Domínios Culturais e Marcas e Marcadores Culturais. Ainda, nessa seção analisamos e discutimos as Modalidades de Tradução baseado no modelo proposto por Aubert (1998; 2006a; 2006b), que foi reformulado do modelo de Estratégias de

Tradução proposto por Vinay e Darbelnet (1958). Por fim, traçamos os caminhos metodológicos da pesquisa destacando alguns estudos, tais como os de Camargo (2007; 2008) e Berber Sardinha (2002; 2004).

Quanto ao tratamento do *corpus* e cotejamento dos Marcadores Culturais, utilizamos os programas Bloco de Notas para edição de textos simples em formato *.txt, o Word do pacote *Microsoft Office*, e principalmente o programa *WorldSmith Tools*, versão 7.0. Apresentamos, nesse estudo, uma orientação, pormenorizada, do uso do programa computacional *WorldSmith Tools 7.0*, evidenciando as ferramentas e utilitários que o compõem, porém apenas os que foram utilizados nesta pesquisa.

Pelas dimensões da obra e pelo volume de Marcadores Culturais presentes, optamos, nessa dissertação, pelos Marcadores Culturais do Domínio Ecológico (NIDA 1945; AUBERT, 2006a, 2006b, 2008; CAMARGO, 2008), com recorte para os Marcadores Culturais que representassem os esquemas culturais (REICHMAN e ZAVAGLIA, 2014) da fauna e da flora, fazendo também um estudo quantitativo e interpretativo dos mesmos, no bojo da tradução.

Assim, na quarta seção, intitulada *Os Sertões e seus Marcadores Culturais traduzidos para a língua espanhola*, apresentamos uma descrição dos Marcadores Culturais, a partir do confronto entre os dados obtidos no texto original (em português) e seus correspondentes no texto traduzido (em espanhol) além de sua classificação de acordo com as Modalidades de Tradução identificadas no fazer tradutório. Este cotejo está apresentado numa Ficha Lexicográfica criada nesta investigação para satisfazer as necessidades da pesquisa e para melhor apresentar os dados, facilitando o confronto dos *corpora* na Língua de Partida (LP) e na Língua de Chegada (LC) - português e espanhol, respectivamente.

Por fim, na quinta seção, apresentamos as Considerações Finais e, na sequência, as Referências.

2 OS SERTÕES E A TRADUÇÃO DO SERTÃO DA BAHIA: CONTEXTOS E CONTATOS

A literatura brasileira disfruta de poucas obras que são consideradas como síntese do Brasil, por discutirem aspectos que caracterizam o povo brasileiro. Dentre as obras mais relevantes da literatura nacional, destaca-se *Os Sertões*, de autoria de Euclides da Cunha e publicada em 1902. O tema central da obra é a Guerra de Canudos (1896-1887), um dos mais relevantes acontecimentos da história do Brasil. Por meio de uma narrativa rica de detalhes culturais, linguísticos, geológicos, antropológicos e históricos, Euclides da Cunha apresentou o sertão baiano ao mundo, dando ênfase ao Homem, à Terra e à Luta, demonstrando que no espaço geográfico da nação brasileira existem muitos brasis.

Se hoje a linha imaginária que divide o litoral do sertão ainda demarca inúmeras diferenças culturais, sociais e econômicas, antes da publicação de *Os Sertões*, o interior do Brasil era, literalmente, uma terra ignota. Nesse sentido, a obra de Euclides da Cunha cumpre um importante papel na história do Brasil porque sua narrativa não corresponde aos relatos de viagem dos exploradores que admiravam a exuberância da flora, da fauna, do relevo e dos nativos. O cenário da guerra, as mazelas e os flagelos humanos vivenciados por Euclides da Cunha dão ao seu texto uma profundidade que escapa da superficialidade descritiva. Ele queria entender como o homem se relacionava com o espaço físico e determinava o seu comportamento e suas práticas socioculturais. Esse interesse de Euclides da Cunha converteu sua obra num celeiro para explorar aspectos culturais registrados por meio das palavras.

Os Sertões é uma obra muito aclamada pela crítica, sendo estudada por diversas áreas de conhecimento. Essa versatilidade permite que seja compreendida como uma obra de cunho sociológico, geográfico, histórico, etnográfico e literário. As diversas possibilidades de leitura da obra sinalizam sua complexidade e há inúmeros críticos que defendem o seu caráter multidisciplinar. Segundo Lucchesi (2011, p. 7):

A obra de Euclides da Cunha é fruto de múltiplas camadas, que se alternam e se deslocam, centradas numa intensa dinâmica, disposta a criar uma atmosfera ambivalente em que a ideia de gênero literário permanece bastante mitigada, senão de todo comprometida. A crítica não teve dificuldade em reconhecer, por exemplo, o primado da poesia em *Os Sertões*, no estouro da boiada, na paisagem circundante, nas metáforas vigorosas para descrever o Brasil profundo, cujo processo Euclides elaborou mediante um sem-número de analogias para o homem e a terra.

Sobre o debate que questiona o gênero a que pertencem *Os Sertões*, Valente (2007, p. 157) diz que “[...] seria impossível enquadrar completamente num só gênero literário e numa única modalidade de pensamento”. Para sustentar essa afirmação, ele faz um levantamento de críticos e estudiosos que discutem essa controvérsia, tais como José Veríssimo (1977), Araripe Júnior (1966), Roquette-Pinto (1940), Antônio Cândido (1965), Afrânio Coutinho (1995), Leopoldo Bernucci (1995), Valentim Facioli (1998), além do próprio Euclides da Cunha. Ao tratar da estrutura narrativa de *Os Sertões*, Valente (2007) reitera, ainda, o que alguns chamam de caráter poligráfico de Euclides da Cunha. Ainda que não seja um consenso, essa é uma ideia bastante difundida entre os críticos de Euclides da Cunha e d’*Os Sertões*,

Vale ressaltar que há na fortuna crítica de *Os Sertões* discussões polêmicas, que estão longe de serem resolvidas, tais como: a real visão do autor em relação ao Sertão e seu povo; sua formação intelectual; as fontes a que ele recorria para escrever e como se deu o processo de escrita; dentre outras. Todos esses debates acerca da escrita da obra confirmam a genialidade de Euclides da Cunha em escrever uma obra que trata de um dos mais relevantes acontecimentos da história do Brasil.

2.1 EUCLIDES DA CUNHA, *OS SERTÕES* E SEU VOCABULÁRIO

Serão abordadas a seguir algumas características biográficas de Euclides da Cunha haja vista que a obra *Os Sertões* mantém uma estrita relação com acontecimentos da vida de seu autor, especialmente com a sua formação intelectual e os ofícios com que se ocupou ao longo de sua trajetória.

O autor de *Os Sertões* nasceu no Rio de Janeiro, em 1866, e matriculou-se na Escola Politécnica em 1885. Aos vinte anos, transferiu-se para o Curso de Estado Maior e Engenharia da Escola Militar de Praia Vermelha que, segundo Ventura (1996, p. 275), era um “centro de irradiação de ideias positivistas e republicanas.” Euclides da Cunha era um republicano convicto e pelos ares revolucionários já não se subordinava às ordens sem questioná-las. Além disso, queria o mesmo direito para os seus colegas militares. Esse foi um dos motivos pelos quais ele se envolveu em uma controvérsia na Escola Militar, que o levou à expulsão. De acordo com Ventura (1996, p. 276), “O futuro autor de *Os Sertões* foi o centro de uma controvérsia, que se somou aos muitos atritos, desde 1884, entre o Exército e o governo, sobre o direito dos militares de darem livre expressão às suas ideias.”

Antes mesmo de entrar para a Escola Militar, Euclides da Cunha escreveu uma série de poemas que, imbuídos da tradição literária do romantismo brasileiro, toma os sertões² como modelo de vida em oposição ao burburinho da cidade grande. Opondo-se ao que buscava José de Alencar, por exemplo, que considerava o indígena como o tipo estritamente brasileiro. Baseando-se nas ideias de Teodoro Sampaio, publicadas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba entre 1895 e 1900, Euclides da Cunha evocava o sertanejo para ocupar o lugar de legítimo representante do Brasil. Conforme Nogueira (2013, p.13), Teodoro Sampaio, apesar de monarquista, era amigo de Euclides da Cunha e conclamava o bandeirante como o tipo essencialmente brasileiro, já que, segundo ele, o Brasil, por ser um país miscigenado, deveria ser representado por esse tipo étnico.

Não adstritos à literatura, entre o romantismo, o naturalismo e a feição mais específica do regionalismo, *Os Sertões* ensejaram debates no campo historiográfico oitocentista. Na década de 1870, o redimensionar da figura do bandeirante esteve atrelado à tentativa de se formatar uma história por dentro, em que o peso do litoral fosse balanceado pelo do sertão e os desbravadores das matas interiores ganhassem relevo, desligando-se da imagem de anti-herói inculcada pela visão monárquico-indigenista. (NOGUEIRA, 2013, p. 12).

Essas alusões a um ou outro tipo para ocupar o lugar do representante do Brasil são importantes para entender a visão de Euclides da Cunha quanto ao sertanejo, além das bases – principalmente científicas – que a fomentaram. Consoante Santana (1995), apoiado no que diz Gilberto Freyre, a visão de Euclides da Cunha sobre o mestiço brasileiro, para a construção d’*Os Sertões*, tem seus alicerces nas ideias de Nina Rodrigues. Vale salientar que, por vezes, existe uma visão negativa do sertanejo na obra euclidiana, pois os tipos híbridos eram vistos como degenerados por herdarem as más características das “raças misturadas”. Essa mesma visão negativa sobre as terras sertanejas, a vegetação e tudo o que era advindo dessa região era muito difundida e, de certa forma, aparece em *Os Sertões*. No discurso da época em que a obra foi escrita, existia também uma distinção entre os mestiços do litoral e os do sertão³ – numa clara alusão ao darwinismo social e ao determinismo geográfico – no qual os mestiços dos sertões estavam já muito bem adaptados à terra e por isso seriam mais fortes e valentes, e os primeiros, menos adaptados aos processos civilizatórios, portanto menos sagazes. Assim:

² Segundo Nogueira, para Euclides da Cunha “[...] o termo sertão adquiriu, assim, uma ampla gama de sentidos, abarcando, comumente, quase todo o interior do Brasil, representado como o avesso do urbano, da modernidade, da civilização. Trata-se, em suma, de uma categoria fluida, que agrega uma dimensão mais simbólica do que propriamente geográfica.” (NOGUEIRA, 2013, p.13)

³ “O sertanejo é antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral!” (CUNHA, 1985, p.179).

Tanto para o médico quanto para o engenheiro, o produto do cruzamento de indivíduos de “raça superior” com indivíduos de “raça inferior” não traria em si nenhum aspecto positivo das “raças matrizes”, assim o mestiço não teria a força física dos ascendentes selvagens nem a capacidade intelectual dos antepassados civilizados. [...] Euclides da Cunha, acorde com Nina Rodrigues no que diz respeito à unidade étnica, lembrava que aos três elementos étnicos essenciais haveria de se juntar o meio físico diferenciador e ainda as condições históricas adversas e favoráveis que sobre eles reagiriam, o que resultava num alto grau de complexidade que impedia a aplicação das “leis antropológicas” voltada para as aplicações nos casos binários [...] (SANTANA, 1995, p. 61-62).

Todas essas percepções estão nas bases das posições adotadas por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. À época da Guerra de Canudos, os jornais cumpriram um papel importantíssimo na visão que se construiu sobre o sertão, em seus aspectos humanos, geográficos, antropológicos e culturais. A busca pela compreensão do que seria a República Brasileira e a tentativa de delinear os traços da identidade nacional estava em pauta nos últimos anos do século XIX. Nesse sentido, Galvão (1977) esclarece o conturbado processo de consolidação nacional que resultou na República Brasileira:

Não nos esqueçamos de que então o país vivia com intensidade o processo de consolidação nacional. Afora todo o esforço unificador do Império, ainda há pouco a novíssima República enfrentara, e reprimira a ferro e fogo, pelo menos duas grandes tentativas de rebelião. Foram elas a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul que, começando em 1893, durara pouco mais de dois anos, tendo-se iniciado durante o governo Floriano mas estendendo-se até o governo Prudente de Moraes; e a Revolta da Armada, sob as ordens de Custódio de Melo, também a partir de 1893 (GALVÃO, 1977, p. 33).

Em 1897, Euclides da Cunha foi enviado pelo jornal *O Estado de São Paulo* para cobrir os acontecimentos da Guerra de Carnudos, ocasião em que teve a oportunidade de ampliar o seu olhar sobre o sertão, a partir de uma experiência empírica, complementando sua visão do sertão demonstrada em seus primeiros escritos, ainda na juventude. Devido a isso, sua formação militar, e sua relação com os poderosos republicanos, Euclides da Cunha pode cobrir a 4ª Expedição a Canudos. Nesse sentido Galvão (1981) sinaliza que

[...] para ser indicado como repórter, Euclides acumulava qualificações. Já tinha escrito extensamente em vários jornais, e há vários anos; era autor de dois artigos versando precisamente sobre aquela guerra; e, qualificação não menos valiosa que as outras, era militar (GALVÃO, 1981, p. 5).

As seguidas derrotas das campanhas do governo incitaram a opinião pública contra Canudos, Conselheiro e seus homens. Crescia a crença de que Antônio Conselheiro desejava tomar os arredores da recém batizada Canudos até a capital da Bahia e reinstaurar a

monarquia. Galvão (1977, p. 15) faz um apanhado das notícias de jornais sobre a Guerra de Canudos, durante a 4ª expedição, objetivando “mostrar o discurso vivo e variado do jornal a propósito de Canudos”, apresenta as características gerais, evidenciando, entre outras coisas, que era “assombrosa a quantidade de jornais e revistas que circularam pelo Brasil” (GALVÃO, 1977, p. 15).

À época, os jornais representavam os fatos em torno da Guerra de Canudos de três maneiras: por meio da galhofa, satirizando os episódios, personagens etc.; do *sensacionalismo*, transformando informações em notícias tendenciosas e de impacto despreocupados com a veracidade; e de uma visão ponderada que, apesar de poucas, buscava manter o bom senso e o equilíbrio em meio à desordem que se fazia sobre os fatos.

Segundo Galvão (1977), o Jornal *O País* do Rio de Janeiro, no ano de 1987, publicou uma série de artigos intitulados *CANUDOS*, assinados por dois irmãos militares que se propunham a discutir o que se passava em Canudos. Essas reportagens tinham dois objetivos principais: a) difundir a ideia de que em Canudos havia uma revolução monarquista e; b) fazer análises dos elementos da política do movimento dividindo-os em republicanos e monarquistas. Além disso, associam a Guerra de Canudos ao que acontecera no Rio Grande do Sul, sendo aqueles levados pela religiosidade e estes, pela política, porém com um mesmo objetivo: reimplantar a monarquia no Brasil:

Afirmam que Canudos é um foco organizado no norte pelos inimigos da Republica, como manobra diversionista para concentrar as forças do regime lá e retirá-las do Rio Grande do Sul, que então poderá atacar pela retaguarda. Sustentam que políticos, padres e militares estão envolvidos na conspiração, dando por isso a Antônio Conselheiro o estatuto de santo e general. (GALVÃO, 1977, p. 55).

Essa avaliação feita pelos irmãos que se autointitulavam Majores Morais Rego é dada como um fato não isolado e estritamente relacionado com o que acontecia no resto do país. A reação de Conselheiro que desencadeou a guerra era vista com uma estratégia elaborada para a restituição da monarquia e a deposição da República. Essa é uma das muitas fontes de informação da época que trata o movimento de Canudos como antirrepublicano, insuflando cada vez mais o governo contra os sertanejos. Porém, o teor desses artigos que circulavam nos jornais é sensacionalista, além de “extensos e desinteressantes” (GALVÃO, 1977, p. 55), e auxiliaram no que a autora chama de conspirações que, sem fontes expressas, disseminaram informações que dão ensejo a “intrigas folhetinescas” (GALVÃO, 1977, p. 56).

A esse respeito, Galvão salienta que

Mais interessantes [do que a serie *CANUDOS*] e ainda mais inimagináveis – embora igualmente imaginosas – são as conspirações criadas pelos jornais, com toda a cobertura jornalística possível, contando com repórteres que vão fazer investigações, com fontes de informação insuspeitas, porém secretas; os leitores são mantidos em suspenso [...] para ao fim não chegarem a saber qual é a verdade [...] (GALVÃO, 1977, p. 55).

Além de se levantarem com um teor sensacionalista contra a Guerra de Canudos, alguns jornais, principalmente *O País*, que estava no centro dessas controvérsias, acusaram outros periódicos de se juntarem ou apoiarem de alguma maneira a revolução monárquico-restauradora. Segundo Galvão (1977, p. 64), “todos os jornais fizeram uma grande celeuma em torno deste episódio, em graus variados, uns mais, outros menos. As notícias, os boatos, as intrigas ecoavam de um jornal para o outro, tecendo a teia de informação”.

Euclides da Cunha viajou para Canudos com a 4^o Expedição do Governo. Ele embarcou no dia 3 de agosto de 1897, chegou à Bahia no dia 7 do mesmo mês e a Canudos em 16 de setembro. Permaneceu no local do conflito até 3 de outubro quando embarcou para o Rio de Janeiro no dia 16 do mesmo mês. Compreender como os meios de comunicação da época noticiavam os fatos é de extrema importância para entender o clima de desajuste e desconfiança que já vinha se estreitando no Rio de Janeiro, então capital da recém República. Como alerta Ventura:

A destruição de Canudos se deveu menos ao anti-republicanismo do Conselheiro do que a fatores políticos, como os conflitos entre facções partidárias na Bahia, a atuação da Igreja contra a atuação pouco ortodoxa dos beatos e pregadores e as pressões dos proprietários de terras contra a comunidade, cuja expansão trazia escassez de mão de obra e rompia o equilíbrio político da região (1997, p. 167).

Após ter vivenciado a experiência da guerra em Canudos, Euclides da Cunha retornou a São Paulo com novas impressões e ideias acerca do conflito, do sertão e de sua gente. O homem que saiu de sua terra, acompanhando os militares, para noticiar a expedição contra os supostos monarquistas, convicto de seu papel enquanto relator do poder da República, agora, volta sem ter certeza de que vencer a guerra tenha sido um grande feito do governo. Euclides da Cunha não fugiu à regra da maioria dos repórteres no que diz respeito ao tratamento dado à Guerra de Canudos. Antes de visitar o local da guerra, ele usava chavões para designar o grupo dos conselheiristas monarquistas e o grupo dos patrióticos soldados, mas, depois de vivenciar a experiência da guerra, seu discurso tornou-se mais verticalizado em temas que escapavam aos olhos de quem apenas ouvia falar do conflito.

Segundo Galvão (1981, p. 8), “[...] o Diário de uma Expedição, à medida que progride, vai-se tornando oscilante no que diz respeito às convicções iniciais do jornalista, perturbado pela resistência surpreendente dos insurretos, ante os quais não consegue esconder sua admiração.” Com o desenrolar sangrento da Guerra, devido à resistência árdua dos conflitantes canudenses, Euclides da Cunha começa a se dar conta do quão brutal tinha sido a guerra e seus arremates. Galvão complementa dizendo que:

Se no início do conflito a grita geral era o pedido de extermínio, feito pelos estudantes, pelos deputados e senadores, pelos intelectuais, pelos jornalistas, pelos militares, agora a virada é completa. [...] Há um processo generalizado de *mea culpa*, os livros sobre a guerra em tom de denúncia começam a surgir, e culminam em *Os Sertões*. O processo acima descrito explica em grande parte o imediato e extraordinário êxito de *Os Sertões* e a guindada de seu autor à celebridade. Como todo grande livro, este também organiza, estrutura e dá forma a tendências profundas do meio social, expressando-as de maneira simbólica (GALVÃO, 1981, p. 9).

A viagem a Canudos, o contato com os sertanejos, com o sertão e o fato de ter sido testemunha ocular do conflito permitiram Euclides da Cunha imergir no complexo universo sertanejo, o que lhe deu condições de escrever uma obra baseada num repertório linguístico-cultural amplo. Sabe-se que Euclides da Cunha recorreu a diversas fontes que o ajudaram a compreender aspectos históricos, antropológicos e culturais do sertão e da Guerra.

Muitos estudiosos debruçaram-se sobre os escritos de Euclides da Cunha os quais correspondem à gênese do livro *Os Sertões*, como *O Diário de uma Expedição*, além de jornais, correspondências e documentos da época, como atestam os estudos de Galvão (1977, 1981, 1984), Ventura (1996, 1997, 1998) e Bernucci (2008). Todos esses autores afirmam que Euclides da Cunha, ao pisar no local da Guerra, teve acesso a diversos documentos:

Euclides da Cunha interpretou a guerra de Canudos a partir de fontes orais, como os poemas populares e as profecias religiosas, encontrados em papéis e cadernos nas ruínas da comunidade. Baseou-se em profecias apocalípticas, que julgou serem de autoria de Antônio Conselheiro, para criar, em *Os Sertões*, um retrato sombrio do líder da comunidade. Estes poemas e profecias foram o ponto de partida de sua visão de Canudos como movimento sebastianista e messiânico, vinculado à crença no retorno mágico do rei português d. Sebastião, para derrotar as forças da República e restaurar a monarquia (VENTURA, 1997, p. 165-166).

Apesar da contribuição das fontes consultadas por Euclides da Cunha para a escrita da obra, Ventura (1997) destaca algumas lacunas na pesquisa realizada pelo autor de *Os Sertões*, especialmente no que diz respeito à figura de Antônio Conselheiro. Segundo Ventura (1997), Euclides da Cunha não teve acesso a importantes documentos que demonstravam que

Conselheiro era um homem letrado e que, apesar de muito religioso, conseguia articular bem suas concepções políticas. Assim, aparentemente por desconhecimento desta característica do Conselheiro, Euclides da Cunha criou a imagem de uma “Canudos como cidade iletrada, dominada por fanatismos e superstições transmitidos de forma oral” (VENTURA, 1997, p. 170).

Euclides da Cunha, através do acesso que teve a poemas e profecias, que inclusive transcreveu em cadernos de anotações sobre sua curta viagem a Canudos, descreveu uma Canudos messiânica, analogamente a outras cidades brasileiras, que esperava a volta de D. Sebastião, morto na África no século XVII, como monarca salvador. No entanto, segundo Ventura (1997), nos sermões de Antônio Conselheiro não há referências à espera de um Messias.

Além das fontes anteriormente mencionadas, de acordo com Silva (2010), Euclides da Cunha entrevistou os soldados da Guerra. Além disso, teve acesso a depoentes, prisioneiros, homens, mulheres e crianças que lhe deram algumas informações sobre o Conselheiro e seus homens, a guerra, estratégias de combate, o cotidiano do arraial, dentre outras informações. Isso demonstra que, apesar de uma visão pré-estabelecida sobre cada um dos agentes do conflito, Euclides da Cunha fez um ensaio etnográfico que não dispensava os relatos de um e outro lado. No local do combate, ele entrou em contato com alguns presos que, apesar da relação que se estabelecia entre o entrevistador, na posição de opressor, e o entrevistado, do outro lado desta relação, os prisioneiros, em ato de valentia e fidelidade, “[...] enfrentava(m) os militares, esquivando-se habilmente das suas perguntas” (SILVA, 2010, p. 2).

Nas páginas dos *Diários de uma Expedição* (CUNHA, 2000), podem-se encontrar os depoimentos de Agostinho, adolescente sertanejo feito prisioneiro, e de uma mulher, cujo nome não aparece, mas que tinha táticas evasivas de respostas aos militares e não se acovardava. Havia o depoimento de outro garoto, de nome Joaquim, que segundo os registros, tinha 9 anos e foi interrogado na cidade de Queimadas apesar de haver, também, nos registros, um debate sobre a veracidade do conteúdo do interrogatório, como discute Galvão (1977). Essas fontes orais foram de grande importância para a escrita do livro, pois permitiu a Euclides da Cunha inserir informações oriundas de diversas fontes, como afirma Silva:

Os testemunhos orais e os fatos presenciados por Euclides da Cunha foram de fundamental importância para a construção da narrativa de *Os Sertões*. As fontes orais, utilizadas pelo autor do livro vingador, supriram as informações que engenheiro letrado não conseguiu obter em outras modalidades de registro histórico, a exemplo das fontes escritas. A utilização da oralidade colocou Euclides, conforme destacou Ferreira (1997, p. 137), como um dos

primeiros ensaístas brasileiros a utilizar e julgar válida esse tipo de fonte em uma narrativa escrita (SILVA, 2010, p. 5).

Essas informações nos fazem pensar na grandiosidade da obra que, por muitos motivos, como concordam vários estudiosos inaugura um estilo de escrita, enseja um olhar científico para um lugar esquecido pelas autoridades, observa e escuta *in loco* os habitantes desta *urbs monstruosa*⁴ – expressão usada por Euclides da Cunha para se referir a Canudos. E tudo isso repercute no que sinaliza Medeiros (2009) sobre as anotações nas Cadernetas de Campo de Euclides, material que ele chama de “Alicerces da catedral que será erguida adiante. E, por isso, trata-se de material muito valioso” (MEDEIROS, 2009, p. 08). A escrita de Euclides valoriza as informações obtidas de suas fontes orais e depoimentos de forma a reproduzir a fala e as expressões locais em alguns trechos de seus textos.

O pesquisador que transparece na Caderneta de Campo se interessa não apenas pela guerra, mas literalmente por tudo que o cerca. Clima e temperatura locais são registrados quase que diariamente. Ele anota expressões nordestinas e nomes de acidentes geográficos, árvores, arbustos. [...] Euclides copia rezas e profecias do Conselheiro; ditados e quadrinhas populares reproduzidos da forma como foram escritos [...] Na atenção que dedica à fala e aos costumes do sertanejo – um tipo de material que outros desprezariam – percebe-se uma curiosa afinidade, uma rude e estranha afeição que vai sendo construída aos poucos ao longo se suas anotações (MEDEIROS, 2009, p. 7).

O esforço que faz o autor para registrar com riqueza de detalhes o que lê, ouve e vê, faz d’*Os Sertões* uma obra importantíssima. Não só isso, como também revela que o autor, baseado em seus conhecimentos e a partir de suas formações, traduz o lugar a partir de suas próprias interpretações, como afirma Maximus Denis (2006, p. 264): “En el libro (Os Sertões) hay dos grandes planos, el histórico y el interpretativo. Al primero responde la parte final de la obra y el segundo las dos primeras secciones La Tierra y El Hombre”⁵. A análise que faz a autora da obra de Euclides da Cunha demonstra a projeção do livro para além das fronteiras nacionais. Segundo Máximus Denis (2006):

Sobre *Los Sertones* podríamos afirmar que se trata de uno de los libros fundadores de la literatura brasileña – ha llegado a llamarse la biblia de la nacionalidad brasileña - y su status de obra maestra ha ido afianzándose con los años y en sucesivas ediciones. Se trata de una creación *sui generis*, una de esas contadas obras totales que desafían cualquier clasificación por su

⁴ “A *urbs* monstruosa, de barro, definia bem a *civitas* sinistra do erro. O povoado novo surgia, dentro de algumas semanas, já feito ruínas. Nascia velho. Visto de longe, desdobrado pelos cômoros, atulhando as canhadas, cobrindo área enorme, truncado nas quebradas, revoltado nos pendores — tinha o aspecto perfeito de uma cidade cujo solo houvesse sido sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto (CUNHA, 1984, p. 232)”.

⁵ Tradução nossa: “No livro existem dois grandes planos, o histórico e o interpretativo. Ao primeiro responde a parte final da obra e o segundo as duas primeiras seções A Terra e O Homem”.

calidad narrativa llena de fuerza dramática de suspense, está considerada como una de las grandes novelas de la literatura brasileña. Pero es también un brillante tratado geográfico, histórico, antropológico de los “sertones”, esa vasta región semidesértica del interior de Brasil, donde iba desarrollarse la implacable guerra de la República brasileña contra el fanático Antonio Conselheiro, profeta de un nuevo milenarismo, y sus seguidores. Pero por encima de todo, *Los Sertones* es una crónica de la desesperación, un alegato en favor de los pobres “sertanejos” oprimidos, la terrible crónica de un exterminio⁶ (MÁXIMUS DENIS, 2006, p. 200).

Por todos os aspectos apontados acima, no que diz respeito às dimensões históricas, sociais, culturais, literárias e linguísticas, o léxico presente no livro de Euclides da Cunha tem chamado a atenção de muitos estudiosos. Assim, desde a primeira edição da obra, o autor dá ênfase ao vocabulário inserindo uma variedade de notas explicativas com a finalidade de elucidar a riqueza vocabular do texto. Isso também ocorre nas sucessivas edições empreendidas pelo autor e nas demais edições feitas por editores que complementam as notas do autor, inserem glossários, emendas e revisões no texto. A atenção dada ao vocabulário da obra também ocorre nas traduções do texto na tentativa de esclarecer a complexidade do léxico e desvelar o contexto sócio-histórico-cultural que emana dele.

Segundo Galvão (1985, p. 66), as emendas feitas pelo próprio Euclides da Cunha nas três primeiras edições dão conta de parágrafos e pontuações – como a supressão de vírgulas – o que impacta na supressão de pelo menos 18 páginas entre estas edições, levando em conta que a 2ª e a 3ª constam do mesmo número de páginas. Mas o que chama atenção são as notas no confronto dessas edições. Dentre essas 18 páginas, 6 são de notas, ou seja 1/3, além do acréscimo de “[...] duas notas de rodapé adicionadas à 2ª edição, a que se somam mais duas e a completação de outra na 3ª” (GALVÃO, 1985, p. 66).

Na edição crítica de *Os Sertões*, Galvão (1985) propõe um capítulo denominado *A emendatio euclidiana*, no qual ela discute as emendas feitas pelo próprio Euclides da Cunha, destacando o tratamento dado ao vocabulário. A seguir apresenta-se uma discussão feita por Galvão (1985) a respeito do vocábulo *Estrada(s)*:

O vocábulo estrada, sempre que se refere aos caminhos da região de Canudos, é substituído por sinônimos, mas não quaisquer sinônimos, e sim

⁶ Tradução nossa: “Sobre Os Sertões, poderíamos dizer que este é um dos livros fundadores da literatura brasileira – Chegou a ser chamado a Bíblia da Nacionalidade brasileira - e seu *status* de obra-prima foi criando raízes ao longo dos anos e em sucessivas edições. É criação *sui generis*, uma dessas raras obras totais que desafiam a classificação pela qualidade narrativa cheia de força dramática de suspense, ela é considerada um dos grandes romances da literatura brasileira. Mas também é um brilhante tratado geográfico, histórico, antropológico sobre os “sertões”, essa vasta região semi-desértica do interior do Brasil, onde aconteceu a implacável guerra da República brasileira contra o fanático Antonio Conselheiro, profeta de um novo milenarismo, e seus seguidores. Mas acima de tudo, Os Sertões é uma crônica de desespero, um apelo a favor dos pobres “sertanejos” oprimidos, a terrível crônica de extermínio”.

apenas aqueles que aumentam a precisão do texto. O Autor, na qualidade de engenheiro militar, em vários trechos da firma, com base em Jomini, que a maior dificuldade da campanha e a intendência, o apoio logístico devido à falta de estradas. [...] Então, ele [Euclides da Cunha] sabia bem, tecnicamente, o que é uma estrada. Isso nas três primeiras edições usou abundantemente esse vocábulo, no AP⁷ troca por sinônimos que acentuou a precariedade delas, como caminhos, veredas e trilhas: estradas é que não eram. É Então uma emenda que objetiva a precisão. [...] Tampouco hesitou diante de substituições que é acarretassem mais modificações. Trocar estradas por caminhos no trecho em que já se fala em trilhas, veredas e caminho, em menos de uma página, exigiu sete outras modificações de artigos e participios a bem da concordância que foram feitas (GALVÃO 1985, p. 72).

Ao se atentar para a precisão do texto, Euclides da Cunha revelou parte da realidade sócio-histórico-cultural de Canudos e proximidades. Assim, uma ‘estrada’ pressupõe uma infraestrutura, coisa que para um caminho ou trilha são diferentes. Galvão, quando diz na citação acima que “O vocábulo estrada, *sempre que se refere aos caminhos da região de Canudos*” (GALVÃO, 1985, p. 72, grifo nosso), revela que, apesar de haver a possibilidade deste vocábulo referir-se a “Via mais larga que um caminho, que atravessa certa extensão territorial, ligando dois ou mais pontos, e através da qual as pessoas, animais e/ou veículos transitam” (HOUAISS, 2001, p. 1260), não é suficiente para atender às expectativas de precisão vocabular e de aproximação à realidade extralinguística referida pela palavra. Portanto, buscar outras possibilidades que revelem as condições sociais, culturais e históricas é uma maneira de aproximar o leitor da compreensão desses elementos extratextuais.

Galvão (1985) também chama atenção para outros vocábulos como *cujo* (-a, -os, -as) (p. 70); *estranho* (-a, -os, -as) (p. 73); *galhada* (s) (p. 73); *povoado* (s) (p. 75); *soldado* (s), (p. 75). No que se refere ao vocábulo povoado, diz que:

A substituição de povoado é bem menos feliz. [...] Pode se observar que o problema era o excesso de uso. Todavia, a substituição é das mais imaginativas: por três vezes a troca é por vilarejo, numa delas vindo a ficar a quatro linhas de distância do outro, anterior. Em todos os outros casos aparece invariavelmente o vocábulo arraial (-ais). Assim, o excesso de uso de um vocábulo transformou-se no excesso de uso de outro, seu sinônimo. (GALVÃO, 1985, p. 75).

O dicionário Houaiss (2001) corrobora a ideia de sinonímia entre povoado e os outros vocábulos utilizados pelo autor e mencionados por Galvão (1985) em seu texto fazendo

⁷ “O AP, contendo as emendas apógrafas trasladadas por Fernando Nery do exemplar com emendas autógrafas feitas por Euclides da Cunha, é um exemplar da 3ª edição com capa em percalina bordô, e está depositado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro” (GALVÃO, 1985, p. 34)

alusão às possibilidades de conceituação, sinônimos e variações, inclusive citando as unidades léxicas a que Galvão faz referência, como indicado a seguir: “[...] 4. Lugar que reúne poucas casas habitadas; vilarejo, lugarejo [...] aldeamento, aldeia, aldeola, aldeota, arraial [...]” (HOUAISS, 2001, p. 2275. Grifo nosso.). Já sobre o a palavra soldado(s), tem alta frequência no texto de Euclides da Cunha e foi substituído por “*antagonista, expedicionários, praças, praças de pré, companheiros reiúno, e adversários*, com repetições” (GALVÃO, 1985, p.75, grifo nosso). Não sem dar-se conta do contexto, o autor fez essas substituições.

Alguns dos vocábulos que Galvão (1985) chama de sinônimos, apenas o são contextualmente, haja vista que algumas palavras, como *soldado*, por exemplo, só podem ser sinônimo de antagonista quando estão em um contexto em que se leve em consideração um “protagonista”, ao qual faz oposição funcionando como referenciador – anafórico ou catafórico – no texto. O mesmo ocorre com *expedicionários, companheiros, reiúno* e *adversários*. O estudo de Galvão (1985) é importante para entender a complexidade da obra no que diz respeito ao seu material léxico, o que motivou Zacharias (2001) a denominá-lo de Lexicologia d’Os Sertões.

O vocabulário d’*Os Sertões* elaborado por Zacharias (2001), em seu prefácio, escrito por Aimberê Machado, já anuncia o que, de fato, é uma das dificuldades de aproximação e compreensão do livro: “o linguajar” (MACHADO, 2001 In. ZACHARIAS, 2001, p. 5). O prefaciador qualificou o trabalho de Zacharias (2001) como corajoso, destemido e respeitável. De fato, lançar-se no universo complexo da obra de Euclides da Cunha é um ato de coragem, devido ao volume do livro, à quantidade de verbetes apresentados por Zacharias (2001) e ao registro de “[...] termos e expressões, raras peculiares e preciosistas de ‘OS SERTÕES’” (MACHADO, 2001 In. ZACHARIAS, 2001, p. 5). Acrescenta ainda que:

[...] é um livro impar, porque não existe, até o momento, obra que se lhe compare. Nenhuma que tenham verbetes tão exaustivamente pesquisados. A seriedade e a honestidade intelectual do autor saltam às definições e conceitos expendidos, atestando paciência e zelo dignos de um missionário. E tudo numa linguagem clara, simples e escorreira (MACHADO, 2001 In. ZACHARIAS, 2001, p. 5).

O próprio Zacharias (2001) reconhece o esforço que fez para chegar à decisão de produzir uma obra que tratasse do vocabulário do livro *Os Sertões*. Suscitando sua experiência pessoal com o livro, ele revela a dificuldade que teve em “[...] compreender o linguajar esmerado, mas complicadíssimo, prenhe de expressões técnicas, científicas e de cunho regionalista” (ZACHARIAS, 2001, p. 7). Revela que a dificuldade não é incomum a qualquer tipo de leitor, dos mais aos menos intelectuais e conhecedores ou não da obra.

Segundo ele, essa foi a motivação para publicar *A Lexicologia de Os Sertões*: o vocabulário de Euclides da Cunha (ZACHARIAS, 2001).

Segundo os estudos de Bugueño Miranda (et all, 2000), a produção de dicionários é uma atividade eminentemente prática e normativa que se desvincula, por vezes, da teorização, não por ser desnecessário, mas por força da tradição, principalmente a ocidental, como se conclui da discussão que faz. Bugueño Miranda (et all, 2000) revela que tradicionalmente, dicionários e *theasurus*, vocabulários e compêndios que marcaram o rumo da lexicografia moderna foram – e são – produzidos por curiosos, das mais variadas áreas e que podem ou não ter conhecimentos das áreas da Filologia ou Linguística. Nesta afirmativa, encaixa-se Zacharias (2001), médico além de curioso e empolgado leitor e admirador d’*Os Sertões*.

Sem dúvidas a obra de Zacharias tem valor inegável pelo seu volume e abrangência. Segundo o próprio autor, o trabalho foi feito com auxílio de dicionários e pesquisas em várias fontes:

[...] qualquer leitor de “*Os Sertões*” mesmo que mediano preparo intelectual, compreenderá melhor o pensamento de Euclides da Cunha e a maneira pela qual o pôs em suas fulgurantes páginas e apreciar a melhor, como, aliás, deverá sempre acontecer, o verdadeiro, o real alcance literário, histórico, sociológico, científico enfim, dessa obra prima das letras nacionais (ZACHARIAS, 2001, p. 9).

Apesar de ser uma obra relevante, *A Lexicologia de Os Sertões* deixa algumas lacunas de ordem lexicográfica que ajudariam, mais facilmente, o estudante, o pesquisador e/ou o curioso pelo livro de Euclides da Cunha a utilizar o inventário vocabular apresentado por Zacharias (2001). Elucidações lexicográficas da estrutura do vocabulário, como o detalhamento dos verbetes e outras informações técnicas definindo o que é e como se constituem e organizam as entradas, o que pode ocupar esse lugar, como ele lidou com o campo do conteúdo, dos conceitos e das definições de cada verbete. O autor menciona a existência de regionalismos e brasileirismos, mas não esclarece os critérios adotados para classificá-los.

Na mesma direção, chama a atenção a versão traduzida d’*Os Sertões*, que constitui o *corpus* da presente pesquisa. A tradução de Santos (1980) traz um glossário com parte do vocabulário do livro que, de alguma maneira, na avaliação da autora, causaria estranheza a leitores que não partilham do mesmo universo extralinguístico (sócio-histórico-cultural) que a obra foi produzida. Este glossário está organizado semasiologicamente de A a Z.

Figura 01 - Glossário da Tradução

GLOSARIO	
A	
ANGICO:	Género de árboles brasileños de la familia de las leguminosas-mimosáceas.
ARATICUM:	Nombre de varios árboles de la familia de las anonáceas, fruto comestible de esos árboles. Igual que <i>araticu</i> .
ARAXÁ:	Terreno elevado y plano, planicie.
B	
BAIAO (BAIÓN):	Danza y canto popular de los sertones.
BACAMARTE:	Arma de fuego de cañón corto y ancho.
BALAIÓ:	Nombre de los revoltosos de Maranhao, en 1839, comandados por Manuel dos Anjos Ferreira.
BANDEIRANTE:	Miembro de la <i>bandeira</i> : expedición armada que exploraba los sertones para descubrir minas, capturar indígenas, etc.
BARAÚNA:	Arbol brasileño (<i>Melanozylon brauns</i> , Schet.), de la familia de las leguminosas.
BARREIRO:	Lugar donde se forman charcos a cierta distancia de los ríos, de agua más o menos salobre que, recogida en recipientes con agujeros y expuesta al sol surante varios días, deja residuos de sal marina.
C	
CAAPORA: CAIPORA:	En la mitología indígena, genio maligno que habita las selvas y trae desgracias a quien se lo encuentra.
CAATANDUVA: CATANDUVA:	Matorral espinoso nacido en tierras no aptas para el cultivo; tierras arcillosas y estériles.
410	

Fonte: Santos (1980, p. 410).

Trata-se de um glossário com 107 verbetes com unidades lexicais de ordem muito variada que vão desde nomes de plantas, como *Angico*, *baraúna*, *Catanduva*, *umbuzeiro*, por exemplo, a denominações para os homens e mulheres: *Matuto*, *Jagunço*, *tabaréu*, *tabajara*, animais *Caititu*, *calango*, *mocó*, *sariema*, objetos como *Bacamarte*, *sambaqui*, danças *Baião*, *choradinho*, bebidas *Jacubá*, *jurema*, elementos e entidades relacionados com a religiosidade e superstição (*Caipora*, *saci*), dentre outras.

Desses 107 verbetes, 58 pertencem ao Domínio Ecológico (AUBERT, 2006a; MARTINS E CAMARGO, 2008), um total aproximado de 54,2% das unidades lexicais, levando em consideração apenas a entrada principal. Desses, 93,1% são unidades lexicais que

representam a fauna e a flora da caatinga. Do Domínio Ecológico fazem parte, segundo Aubert (2006a), Martins e Camargo (2008), os vocábulos que designam seres (fauna e flora), objetos, eventos naturais, topografia, hidrografia, clima etc. em seu estado natural sem interferência humana a ponto de modificá-lo.

No Glossário, alguns verbetes vêm com indicação de mais de uma entrada, o que constituem sinónimos e indicam que o que foi ali designado pode aparecer em outro lugar escrito de outra forma, como é o caso de “Baião: (Baion):” ou mesmo “Caatanduva: Catanduva” com ou sem adequação à escrita espanhola. Os outros 49 verbetes estão divididos entre os outros Domínios.

No entanto, vale ressaltar que, por vezes, as definições, os conceitos e a sinonímia utilizada pela autora para descrever, explicar ou conceituar algumas dos vocábulos são insuficientes e/ou apresentam imprecisões que comprometem sua compreensão. Se confrontarmos, por exemplo, o significado da palavra *jurema* no glossário, com o uso do vocábulo no texto do livro, teremos uma visão dos equívocos que foram cometidos. Assim, no glossário, o significado de *jurema* é “Bebida espirituosa del nordeste brasileño”⁸ (SANTOS, 1980, p. 413). Entretanto, no livro, os usos indicam outros sentidos para a palavra, como se pode observar nos trechos em destaque:

Y cuando el viajero vuelve ya no encuentra el desierto. Sobre el suelo alfombrado de azucenas resurge triunfalmente la flora tropical. Es una transformacion de apoteosis. Las juremas, predilectas de los caboclos —es su hachis, les proporciona purpura de sus flores sin esperar a las hojas; (SANTOS, 1980, p. 32)⁹

[...]. Pero si una res se rebela y huye a traves de la caatinga o si una punta de ganado se atropella a lo lejos, lo vemos transformado, clavando las espuelas en los ijares de su montura y partiendo como un dardo, atravesando velozmente los dedalos inextricables de las juremas (SANTOS, 1980, p. 76)¹⁰.

Las secciones se precipitan hacia los puntos donde estallan las balas y se encuentran con una barrera flexible pero impenetrable de juremas. Se enredan en los cipos que los engrillan, que les quitan las armas de las manos. No pueden traspasarlos (SANTOS, 1980, p. 158)¹¹.

⁸ Tradução nossa: “Bebida espirituosa do nordeste brasileiro” (SANTOS, 1980, p. 413).

⁹ “As juremas, prediletas dos caboclos - o seu haxixe capitoso, fornecendo-lhes, grátis, inestimável beberagem, que os revigora depois das caminhadas longas, extinguindo-lhes as fadigas em momentos, feito um filtro mágico - derramam-se em sebes, impenetráveis tranqueiras disfarçadas em folhas diminutas” (CUNHA, 1980, p. 32).

¹⁰ Tradução nossa: “Mas se uma rês *alevantada* envereda, esquiva, adiante, pela caatinga *garranchenta*, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas” (GALVÃO, 1985, p. 126).

¹¹ As seções precipitam-se para os pontos onde estalam os estampidos e estacam ante uma barreira flexível, mas impenetrável, de juremas. Enredam-se no cipoal que as agrilha, que lhes arrebatam das mãos as armas, e não vingam transpô-lo. (GALVÃO, 1985, p. 278-279).

A partir do cotejo e análise feitos acima, percebe-se que definir *jurema* como bebida não está de acordo com o que traz o texto de Euclides da Cunha, e não revela, de fato, os pormenores da relação entre o vocábulo e a realidade extralinguística a que ele se refere. Ressalta-se aqui a possibilidade de *jurema* ser também uma “Bebida preparada com a casca, raiz ou fruto dessa planta, us. como alucinógeno em rituais religiosos” (HOUAISS, 2001, p. 1694), porém essa acepção não dá conta do uso do vocábulo nos contextos d’*Os Sertões*. De fato, se afasta e muito dos usos feitos no texto de Euclides da Cunha. O próprio Houaiss traz como primeira acepção para esta palavra: “[...] árvore [...] nativa do Brasil (PA ao RJ) de caule tortuoso, com casca molhada, ramos em zigue-zagues, armados [...]” (2001, p. 1694). Na mesma direção, está o trabalho de Zacharias (2001). Ele, atento ao contexto em que está a palavra no livro, transcreve-os no artigo e diz que é um

[...] arbusto da família das leguminosas mimosáceas (*Mimosa nigra*) característica das caatingas. [...] O caule e os ramos são duros e contorcidos [...]. Com as raízes de jurema, os índios e outros habitantes do sertão preparam uma bebida embriagante, de efeitos alucinógenos (ZACHARIAS, 2001, p. 543).

Apesar de esse não ser um caso isolado de imprecisão, no glossário da tradução de Santos (1980) – pois há outros casos de equívocos e/ou imprecisões como pode-se observar em palavras como caatinga, mocó, sertões, Mandacaru etc. – ressaltamos a sua importância para a leitura e entendimento da obra.

Por todo o exposto, destacamos a relevância do trabalho de análise de tratamento das unidades lexicais e revelamos de imediato outra das motivações que nos levaram ao encontro dessa pesquisa que ora apresentamos. O glossário da versão d’*Os Sertões* traduzida ao espanhol é uma das motivações de que falamos anteriormente. Este dá ênfase aos elementos pertencentes ao Domínio Ecológico, indicando que eles são peças chave para a compreensão do livro e que, por outro lado, são os que mais causam estranhamento no processo de leitura e apreensão das marcas culturais específicas do Nordeste e do Sertão brasileiro, haja vista a sua abundância no glossário da versão traduzida da obra.

Vale salientar que, para além do glossário, o livro traz algumas notas que também auxiliam na aproximação e compreensão do universo a que se refere o texto, com esclarecimentos que dizem respeito tanto ao vocabulário quanto a contextos históricos, pessoas relevantes para o livro, dentre outras. Há três tipos de notas ao longo do texto traduzido, como destaca Galvão (apud SANTOS, 1980, p. XXVI):

Las notas aquí introducidas se atuvieron a un criterio informativo múltiple. Las notas marcadas con un asterisco y que aparecen al pie de página son del autor [Euclides da Cunha], salvo en el caso que lleven la mención (N. de T.). Las notas preparadas por Walnice Nogueira Galvao, especialmente para esta edición de la Biblioteca Ayacucho, están numeradas y aparecen al final del volumen. Se tuvieron en cuenta aclaraciones de carácter histórico, político, geográfico, lingüístico, literario, biográfico y bibliográfico, este último con la intención de incorporar escritos anteriores del autor sobre el mismo tema. Igualmente, siempre que fue posible, se hizo el cotejo con otras fuentes contemporáneas sobre la Guerra de Canudos.

São 341 notas preparadas por Walnice Nogueira Galvão, 87 notas de Euclides da Cunha e 14 notas da tradutora. Assim, o glossário e as notas têm um papel importante para o entendimento do livro.

Por fim, destacamos o quanto essa discussão sobre o vocabulário de Euclides da Cunha é de grande estima para a pesquisa em questão e também para compreender o quanto é difícil – porém necessário – debruçar-se sobre o vocabulário tão complexo de uma obra igualmente complexa.

2.2 ESTRUTURA D’OS SERTÕES: A NATUREZA DA OBRA

Internacionalmente reconhecido, o livro foi traduzido para diversas línguas devido ao valor a ele atribuído. No Brasil, em português, o livro tem uma jornada de publicações e edições também muito extensa. Galvão (1984, p. 36) diz que

[...] de 1897 a 1902 Euclides se dedicará a escrever *Os Sertões*, enquanto, em parte desse tempo, trabalha na construção da ponte sobre o rio pardo. E, durante todo período, publicará apenas um outro fragmento provisório do futuro livro.

No Rio de Janeiro, um dos idealizadores da Academia Brasileira de Letras e, também, jornalista, advogado e escritor, Lúcio Eugenio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça, amigo de Euclides da Cunha, não sem alguma resistência, o ajudou a entregar à Livraria Laemmert & Cia os escritos para a publicação da primeira edição do livro. O trabalho que teve Euclides da Cunha em corrigir o primeiro texto para publicação foi árduo, a venda foi um grande sucesso e a crítica elogiosa. Esses fatos, unidos aos anteriormente mencionados, embasam a publicação das várias edições no Brasil.

Segundo Araújo (2013), a editora Laemmert & Cia publicou as três primeiras edições (1902, 1903 e 1905 respectivamente). Em 1914, a editora Francisco Alves, já detentora do

copy right, passou a publicar o livro e o faz até a 27ª edição. Nesse interim, após publicadas 14 edições entre as das 2 editoras supracitadas, foi encontrado, em 1914, um outro exemplar corrigido pelo próprio autor, com aproximadamente 1500 emendas, e, atualmente, esta é considerada a edição definitiva, como o próprio Euclides da Cunha sinalizou no livro encontrado. A referida edição definitiva foi a publicada como a 5ª edição. Porém, seguem-se a essa várias outras edições por inúmeras outras editoras, tendo na Francisco Alves a sua maior contribuição neste âmbito.

Os Sertões está dividido em três partes: *A Terra*, *O Homem* e *A Luta*. *A Terra* é um trabalho descritivo e minucioso que revela o caráter científico da obra de maneira tal que não escapa nada aos olhos atentos do escritor. Toda a visão do autor é balizada a partir das várias expressões e adjetivos que utiliza para qualificar as cidades, vilarejo e povoados da região: *terra ignota; decaído, sinistra, desolada, deserto* etc. A apresentação desse capítulo, curto em comparação com os outros, dá uma visão geral do que o autor aborda:

A TERRA

- I. PRELIMINARES. A entrada do sertão. Terra ignota. Em caminho para Monte Santo. Primeiras impressões. Um sonho de geólogo
- II. Golpe de vista do lado de Monte Santo. Do alto da Favela
- III. O clima. Higrômetros singulares
- IV. As secas. Hipóteses sobre a sua gênese. As caatingas
- V. Uma categoria geográfica que Hegel não citou. Como se faz um deserto. Como se extingue o deserto. O martírio secular da terra (CUNHA, 1985, p. 87)

As descrições que se faz da terra é um prenuncio do que é apresentado nos próximos capítulos – *O homem* e *A Luta*. Tendo em vista que nesta obra o homem é reflexo do meio onde vive, a disposição dos capítulos é, com efeito, uma iniciação do leitor aos preceitos científicos que norteiam a obra. No primeiro capítulo, Euclides da Cunha apresenta a sua visão das características do lugar, o clima, as secas, a terra, os rios etc.

Sendo o primeiro capítulo um norteador da natureza e estrutura obra por refletir os preceitos científicos da época a que estava envolvido o autor, e tendo ele tratado muito particularmente nesta parte do livro das características e componentes naturais da caatinga, portanto do Sertão, essa é uma parte destes estudos que nos auxilia a compreender como o autor foi construindo a sua visão – e a da época – sobre esta parte do Brasil (*A Terra*), seus elementos constitutivos (*A Terra* e *O Homem*), e toda sorte de acontecimentos que neste lugar e com essa gente pudesse acontecer (*A Luta*), pois perder a guerra era natural para uma “raça” que estava mesmo fadada ao desaparecimento, à extinção:

O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas. [...] Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo. [...] A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "força motriz da História" que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes. A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. (CUNHA, 1911. p. VI – Nota preliminar).

Notar a construção deste capítulo do livro, apesar de curto, traz uma visão geral da terra e de seus elementos naturais. Segundo a visão científica da época, o homem e a terra onde vive estavam ligados de uma maneira que ele refletia de uma maneira bastante determinada as características da terra.

O nome dos capítulos e subcapítulos do livro – que são orientadores de leitura e compreensão – faz refletir sobre a importância que tem a natureza, de uma maneira geral, dentro da obra. Descrever “A entrada do Sertão”, prescrevendo sua possível transformação em um lugar completamente sem vida, é revelador do que se traz nos outros dois capítulos, marcadamente, as características humanas da região e o desfecho da guerra. Mais adiante, ele diz que Hegel não citou a categoria geográfica que ele, agora, estava a descrever. Ora, segundo o próprio autor, “Hegel delineou três categorias geográficas como elementos fundamentais colaborando com outros no reagir sobre o homem, criando diferenciações étnicas” (CUNHA, 1911. p. 49) o que corrobora a tese de que, nos fazeres científicos a que estava absorto o autor, a geografia e, portanto a natureza, tem um papel fundamental no que se segue no livro.

Portanto, a importância de descrever primeiramente a natureza, para que se possa entender, em sentido estrito, a derrota desse tipo humano na guerra que o livro anuncia, e em sentido amplo, a extinção dessa raça. Seguindo, vê-se que ele tenta explicar como se faz e como se extingue um deserto. Para o autor, os fatores climáticos aliados às ações humanas naquele lugar criaram um deserto e apenas a ação humana a partir do progresso poderiam mudar aquele cenário. Progresso que não atingiria aquele tipo humano, na visão do autor, dada a sua

[...] instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra. (CUNHA, 1911)

Entender esse papel extremamente relevante da natureza e de seus elementos nos fez voltar nossos interesses a esses dados, principalmente no que diz respeito ao seu tratamento na tradução. Ora, se para o autor os elementos naturais do sertão determinam toda o desenrolar da obra, a natureza e a característica dos homens e o desfecho da guerra, como ele tratou esses elementos no seu texto? Como os analisa e os apresenta? Qual o tratamento dado a esses elementos na sua tradução para o espanhol?

Para corroborar essas informações, no segundo capítulo, *O Homem*, já na apresentação, o próprio autor anuncia o caráter do trabalho etnológico. Alguns dos subcapítulos evidenciam que há uma relação de causa e efeito entre o meio e o que ele chama de complexo “problema etnológico no Brasil”. Essa ligação pode ser percebida em alguns dos subcapítulos, tais como *Ação do meio na fase inicial da formação das raças*; *Causas favoráveis à formação mestiça dos sertões, distinguindo-as dos cruzamentos do litoral* e *Grande homem pelo avesso, representante natural do meio em que nasceu*. Dentre outras coisas, ele trata de características sociais e antropológicas do jagunço, do vaqueiro, do sertanejo e de Antônio Conselheiro relacionando-os com o meio e comparando-os com outras “raças” como o gaúcho e os bandeirantes do litoral. Apresenta os modos de vida, tradições e agrupamentos, as crenças e religiosidades, dentre outras características. Destacamos abaixo a organização do segundo capítulo:

O HOMEM

- I. Complexidade do problema etnológico no Brasil. Variabilidade do Meio Físico e sua reflexão na história. Ação do meio na fase inicial da formação das raças. A formação brasileira no Norte
- II. Gênese do Jagunço. Colaterais prováveis dos paulistas. Função histórica do rio São Francisco. O vaqueiro, mediador entre o bandeirante e o padre. Fundações jesuíticas na Bahia. Um parêntese irritante. Causas favoráveis à formação mestiça dos sertões, distinguindo-as dos cruzamentos do litoral. Uma raça forte.
- III. O sertanejo. Tipos dispares: o jagunço e o gaúcho. Os vaqueiros. Servidão Inconsciente; Vida primitiva. A vaquejada e a Arribada. Tradições. A seca. Insulamento no deserto. Religião mestiça; seus fatores históricos. Caráter variável da religiosidade sertaneja: a Pedra Bonita e Monte Santo. As missões Atuais
- IV. Antônio Conselheiro, documento de atavismo. Um gnóstico Bronco. Grande homem pelo avesso, representante natural do meio em que nasceu. Antecedentes da família: os Maciéis. Uma vida bem auspiciada. Como se faz um monstro. Peregrinações e martírios. Profecias. Um heresiarca do séc. II em plena idade moderna. Tentativas de reação legal. Hégira para o sertão.
- V. Canudos – antecedentes – aspecto original – e crescimento vertiginoso. Regime da urbs. Polícia de Bandidos. População multiforme. O templo. Estrada para o céu. As rezas. Agrupamentos Bizarros. Por que não pregar

contra a República? Uma missão abortada. Maldição sobre Jerusalém de taipa. (CUNHA, 1985, p. 139-140).

Interessante notar como Euclides da Cunha dedica um subcapítulo inteiro a Conselheiro, elegendo-o como exímio representante da gente daquela terra. Em seu texto fica clara a ideia de que Antônio Conselheiro, adaptado completamente àquele ambiente, não pode ir além do que ele pode proporcionar, portanto, deve obediência servil aos vícios naturais da subraça a que pertence. Assim como os canudenses que o seguiam, Euclides da Cunha reconhece em Antônio Conselheiro um líder nato da comunidade, porém com predicativos duvidosos. Sobre o Conselheiro diz

Da mesma forma que o geólogo, interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações, esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos neuróticos vulgares. Pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas, posto em função do meio, assombra. É uma diátese e é uma síntese. [...]

Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante. [...]

É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas: a vida resumida do homem é um instantâneo da vida de sua sociedade... (CUNHA, 1985, p. 206).

O Capítulo III traz um relato sobre a Guerra propriamente dita. Sob o título de *A Luta*, este capítulo é uma narrativa que traz – após a ambientação no primeiro capítulo e a apresentação dos personagens no segundo – um relato minucioso dos movimentos e dos acontecimentos naquelas terras, mostrando, por fim, o massacre do povo canudense.

Na leitura dos capítulos e subcapítulos que se apresentam é possível perceber a progressão desse episódio, começando pelos antecedentes e finalizando, efetivamente, com uma expressão muito representativa: “crânio do Conselheiro” (GALVÃO, 1985, p. 527).

A LUTA *PRELIMINARES*

- I. Antecedentes
- II. Preparativos da Reação
- III. Autonomia duvidosa

TRAVESSIA DO CAMBAIO

- I. Monte Santo. Triunfos antecipados.
- II. Incompreensão da campanha. Em marcha para canudos.
- III. O câmbio. Baluartes *sine calcii linimenti*. Primeiro o recontro. Episódio dramático.

- IV. Nos tabuleirinhos. Segundo combate. *A legio fulminata* de João Abade. Novo milagre de Antônio Conselheiro.
- V. Retirada.
- VI. Procissão dos jiraus

EXPEDIÇÃO MOREIRA CÉSAR

- I. O Coronel Antônio Moreira Cesar e o meio que o celebrizou. Primeira expedição regular. Como a aguardam os jagunços.
- II. Partida de Monte Santo. Primeiros erros. Nova estrada. Psicologia do soldado.
- III. O primeiro encontro, Pitombas. "Em acelerado!". Dous cartões de visita Antônio Conselheiro. No alto da favela. Um olhar sobre Canudos.
- IV. A ordem de batalha e o terreno. Cidadela-mundel. Ataques. Saque antes do Triunfo. Recuo. Ao bater da Ave Maria.
- V. Sobre o autor do Mário.
- VI. Retirada; debandada; fuga. Um assinalar livre e uma diversão cruel.

QUARTA EXPEDIÇÃO

- I. Desastres. Canudos-uma diátese. A rua do ouvidor e as caatingas. Versões disparatadas. Mentiras heroicas. O cabo Roque. Levantamento em massa. Planos. Um tropear de bárbaros.
- II. Mobilização de tropas. Concentração em queimadas. Organiza-se a expedição. Delongas. Não há um plano de campanha. A comissão de engenheiros. A marcha. Incidentes. Um guia temeroso: Pageú. Passagem mas Pitomba as. O Auto da favela. Uma divisão aprisionada.
- III. Coluna Savaget. Cocorobo. Diante das trincheiras. Carga de baionetas excepcional. A travessia. Macambira entrar bumbum. Emissário inesperado. Destroí-se um plano de campanha.
- IV. Vitória singular. Começo de uma batalha crônica. Aventuras do circo. Caçar as perigosas. Desânimos. A atitude do comando-e-chefe.
- V. O assalto: preparativos; o reencontro. Nova vitória desastrosa. Nos flancos de canudos. Triunfos pelo telégrafo.
- VI. Pelas estradas. Os feridos. Primeiras notícias certas. Versões e lendas
- VII. A brigada Girard. Heroísmo estranho. Em viagem para Canudos.
- VIII. Novos reforços. O marechal Carlos Machado Bittencourt. Colaboradores prosaicos demais...

NOVA FASE DA LUTA

- I. Queimadas. Uma ficção geográfica fora da Pátria. Diante de uma criança. Na estrada de Monte Santo. Novas Animadoras. Uma vaia entusiástica... Trincheira Sete de Setembro. Estrada de Calumbi.
- II. Marcha da divisão auxiliar. Medo glorioso. Aspecto do acampamento. Em busca de uma meia ração de glória. O charlatanismo dar coragem.
- III. Embaixada ao Senhor. Complemento do assédio.

ÚLTIMOS DIAS

- I. O estrebuchar dos vencidos. Os prisioneiros.
- II. Depoimento de uma testemunha.
- III. Titãs contra moribundos. Em torno das cacimbas. Sobre as muradais da igreja nova.
- IV. Passeio dentro de Canudos.
- V. O assalto. Notas de um diário.
- VI. O fim. Crânio do conselheiro.
- VII. Duas linhas (CUNHA,1985)

A luta é do litoral contra o sertão, do branco contra o mestiço, da República contra o retrocesso monárquico saudosista, portanto, assim como todo o resto e como a lei natural refletida num cientificismo positivista, existe já um desfecho esperado: a derrota dos conselheiristas.

Postas essas circunstâncias, esclarecemos que o desejo de trabalhar com o domínio ecológico dentro da obra subjaz também dos esforços do autor em orientar a sua escrita na relação direta que para ele existe entre a natureza e todo o montante textual. Fica evidente o papel fundamental do Domínio Ecológico – expressando uma das justificativas de parte das escolhas metodológicas dessa pesquisa – na construção do livro e suas ideias e ideais.

Os capítulos e subcapítulos que o livro traz mostra uma visão geral de como essa relação foi pensada pelo autor e como essas ideias e ideais é construída. O que transforma esse livro em um pungente representante das ideias vigentes do cenário científico positivista brasileiro nessa relação de causa e efeito entre natureza e acontecimentos sócio-históricos.

2.3 OS SERTÕES EM CONTATO: AS TRADUÇÕES DA CULTURA SERTANEJA

Às múltiplas publicações – edições e adaptações – em Português, seguem-se as traduções, para diversas línguas e culturas diferentes, tais como Alemão (BERTHOLD ZILLY, 1995), Chinês (PEI CHIN, 1959), Dinamarquês (RICHARD WAGNER HANSEN, 1948), Francês (SERETH NEU, 1947; ANTOINE SEEL E JORGE COLI, 1993), prefaciado por Afrânio Coutinho, Holandês (DR DE JONG, 1954), Inglês (SAMUEL PUTNAM, 1945, 1952, 1957; VICTOR GOLLANCZ, 1947), Italiano (CORNELIO BISELLO, 1953), Sueco (TH. WARBURTON, 1945).

A primeira tradução para o espanhol – que também consta como a primeira tradução para língua estrangeira – contou com um acordo bilateral entre Brasil e Argentina. Gustavo Sorá (2005; 2011) discute o papel e as ações do Estado na edição e na tradução da Literatura e do Pensamento Social do Brasil e da Argentina, que objetiva “complementar ambas las culturas nacionales en sus estratégias de reconocimiento internacional” (SORÁ, 2005, p. 255)¹² o que, nessa vertente, suporia, de fato, uma tentativa de expressar um pensamento Americano, como também expõe Mariano de Vedia (1938) no prólogo de *Los Sertones* (GARAY, 1938), quando revela trechos de carta enviada a seu pai, D. Augustín de Vedia, por Euclides da Cunha.

¹² Complementar ambas culturas nacionais em suas estratégias de reconhecimento internacional.

Los dos pensamos que las fronteras en nuestro bello y maravilloso continente son más expresiones geográficas que históricas subordinadas, en su significado físico, a la elevación cada vez más dominante de la conciencia sudamericana que las avasalla. Llamo conciencia sudamericana, en el orden político, el criterio naturalmente elevado de países como los nuestros, que, siendo jóvenes en la historia, tienen la propiedad de Apoderarse de los mejores efectos de la cultura secular de Europa, sin los inconvenientes de los viejos antagonismos que tanto le dejan aún a las nacionalidades de allende los mares. Así la verdadera civilización tiene entre nosotros un campo más despejado. En nuestras tierras vírgenes esta la patria ideal de los mejores espíritus, que en el viejo mundo viven incomprendidos, o ven destruidas sus mejores teorías por el propio juego de las rivalidades tradicionales que no pueden remover de pronto. Ahora bien: esta facultad eminente de podernos apropiar – nosotros los americanos – de las mejores fuentes de la evolución general, sin tener necesidad de encorvarnos bajo el peso de muchos errores o pre conceptos del pasado, nos da una capacidad mayor de justicia, de paz y de libertad, [...] (VEDIA, 1938, p. 12)¹³.

No trecho da carta em destacado acima, Euclides da Cunha restringe a “consciência sudamericana” ao campo político. Porém, em outros trechos fica claro que a consciência de que trata Euclides da Cunha vai além. Isso revela que o pensamento da unidade americana pelos intelectuais da época estava em voga. Tendo em vista que a carta que contém o trecho transcrito acima foi escrita em 1908 e as ações de tradução intermediada pelo Brasil e Argentina ocorreu em maior escala em 1937, vê-se que tal pensamento permanece por muito tempo no imaginário coletivo social.

A primeira tradução d’*Os Sertões* para o espanhol feita por Benjamin de Garay (1938)¹⁴. A seguir, apresentam-se as demais traduções da obra para a língua espanhola:

1. CUNHA, Euclides da. *Los Sertones*. Tradução de Enrique Pérez Mariluz. Ilustraciones de Castela. Buenos Aires, Editorial Atlantida, 1941. Ed. resumida. (Biblioteca Billiken, Colecion Azul).
2. LOS SERTONES (*Os Sertões*). La tragédia del hombre derrotado por el médio. [Traducción directa del portugués por Benjamín de Garay. 2ª ed] Buenos Aires, Editorial Claridad [1942].452p. il (Bibl. de Obras Famosas, 73)

¹³ Tradução nossa: “Ambos pensamos que as fronteiras de nosso lindo e maravilhoso continente são expressões mais geográficas que históricas subordinadas, sobre o seu significado físico, à elevação cada vez mais dominante da consciência sul-americana que oprime. Chamo de consciência Sul-americana, na ordem política, o critério naturalmente elevado em países como o nosso, que, sendo jovem na história, têm a capacidade de aproveitar os melhores efeitos da cultura secular da Europa, sem as desvantagens de velhos antagonismos que ainda existem às nacionalidades de além mar. Assim, a verdadeira civilização tem entre nós um campo muito claro. Em nossas terras virgens está a pátria ideal dos melhores espíritos, que no velho mundo vivem incompreendidos, ou veem destruídas suas melhores teorias pelos próprios jogos das rivalidades tradicionais que não podem retirar-se agora. Agora: esta faculdade eminente de ser capaz de se apropriar - nós americanos - das melhores fontes da evolução geral, sem ter que se curvar sob o peso de muitos erros ou preconceitos do passado, nos dá uma capacidade maior de justiça, de paz e de liberdade, [...]”.

¹⁴ CUNHA, Euclides da. *Los sertones (Os sertões)*. Trad. de Benjamin de Garay. Buenos Aires: Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano. 1938.

3. LOS SERTONES (*Os Sertões*). Trad, de Benjamin de Garay. Reseña de la historia cultural del Brasil, por Afranio Peixoto. Buenos Aires, W. M. Jackson [c.1957] xxvi + 535 p.(Col. Panamericana, 4)
4. CUNHA, Euclides da. Los Sertones. Prólogo, notas y cronología de Walnice Nogueira Galvão. Trad. de Estela dos Santos. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1980.
5. CUNHA, Euclides da. Los Sertones. Tradução de Benjamin de Garay. Argentina, Plus Ultra, 1982. (Los Iberoamericanos).

Interessa para esta pesquisa a tradução feita por Estela Santos, disponível em formato digital na Biblioteca Ayacucho¹⁵, da Venezuela. A Biblioteca Ayacucho é uma editora que se denomina patrimônio cultural da América Latina e foi criada em 1974 com o objetivo de manter atualizadas e disponibilizadas as obras clássicas da produção intelectual do continente americano, com obras que vão desde os tempos pré-hispânicos ao presente. Esta é uma página do Governo Bolivariano da Venezuela relacionada com o Ministério do Poder Popular para a Cultura. As informações contidas na sua página na Internet revelam uma das formas de conceber a obra de Euclides da Cunha, que é a de ser uma ponte entre os povos da América Latina:

Esta institución [...] orienta su atención hacia un vínculo con el pasado cultural, examinado desde la perspectiva contemporánea, para registrarlo en un amplio repertorio bibliográfico que evidencia la relación profunda de los pueblos de América Latina a través de su creación artística y literaria, creencias, tradiciones y pensamiento.

Biblioteca Ayacucho asume la misión de asegurar el cabal cumplimiento de un proyecto editorial que garantice la preservación y difusión de la memoria de esta América, poniendo a disposición de los diferentes públicos lectores, en diversas colecciones y formatos, una mirada rigurosa y exhaustiva sobre un sentido posible del continente (*BIBLIOTECA AYACUCHO, online*).

As notas sobre a tradução feitas por Estela Santos revelam muito da visão sobre o ocorrido em Canudos e a leitura que se faz do livro que eles chamam de Romance (Novela) narrativo do século. Não obstante a discussão feita acima sobre o gênero literário a que se subscreve o livro. É importante chamar a atenção de que as informações do livro e a própria tradução leva a assinatura de uma grande crítica do trabalho de Euclides da Cunha que é a Walnice Nogueira Galvão, quem assina o prólogo, notas e cronologia.

[...] aunque Euclides da Cunha no era un novelista, la escritura del libro resultó profundamente revolucionaria en la historia de la lengua portuguesa que con ella abre perspectivas totalmente nuevas. El vigor de su narración, el retrato de Antonio Conselheiro, la impecable progresión de esa campaña genocida contra el pueblo de *jagunços*, la denuncia implacable del ejército brasileño, concurren en *Los sertones* haciendo de esta obra el prototipo épico

¹⁵ <http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/index.php?id=5>

de lo que en el futuro será la novela del Nordeste, corriente que dará a la literatura brasileña nombres como los de Guimarães Rosa y Jorge Amado (BIBLIOTECA AYACUCHO).

A obra encontra-se em domínio público nessa biblioteca digital permitindo o *download* do material em formato .pdf. Nas informações sobre esta tradução informa que ela tem XXVII + 495 páginas, porém na versão em .pdf, disponível no site encontra-se após a capa, o início do prólogo que começa na página IX, o que nos leva a afirmar que as páginas de I a VIII aparecem apenas na versão impressa.

O prólogo deste livro, assinado por Walnice Galvão, oferece detalhes da vida de Euclides da Cunha nos âmbitos privado e público, que, de uma forma ou de outra se confundem. Revela dados sobre suas relações matrimoniais, sobre sua formação, participação na passagem da monarquia para a República brasileira. Expõe suas filiações científicas e como isso influenciou na escrita d’*Os Sertões*. Subsequentemente, revelam-se os critérios da escolhidos para a edição do livro. Esta edição é baseada na vigésima sétima edição da editora Francisco Alves e traz notas do autor traduzidas ao espanhol, notas da tradutora e notas de Walnice Galvão feitas especialmente para esta edição da Biblioteca Ayacucho. Todas as notas são sinalizadas com símbolos e inscrições próprias para a distinção entre elas. A importância desta obra é esclarecida na informação de que há uma busca pela fidedignidade das informações na pesquisa histórica e historiográfica da fortuna crítica de Euclides da Cunha. Nesse sentido, Galvão diz que:

Se tuvieron en cuenta aclaraciones de carácter histórico, político, geográfico, lingüístico, literario, biográfico y bibliográfico, este último con la intención de incorporar escritos anteriores del autor sobre el mismo tema. Igualmente, siempre que fue posible, se hizo el cotejo con otras fuentes contemporáneas sobre la Guerra de Canudos (GALVÃO, 1980, p. XXVI apud SANTOS, 1980).

Para além disso, é importante atentar para as obras citadas e consultadas na criação dessa edição. É uma edição que acompanha trabalhos importantíssimos de pesquisadores cujos feitos são sumariamente reconhecidos por Galvão (apud SANTOS, 1980) como os indispensáveis para a compreensão do que foi a obra original, o autor e a Guerra a qual ele relatou. Assim

Este trabajo sigue a los efectuados por José Calasans y Olimpio de Souza Andrade; no todos son citados, mas todos fueron leídos y aprovechados. Ambos son los mayores especialistas del tema, el primero sobre la Guerra de Canudos y el segundo sobre la vida y la obra de Euclides da Cunha. También fue indispensable la edición de la Obra Completa hecha por la Compañía José Aguilar Editora en 1966, organizada bajo la dirección de Afrânio

Coutinho, especialmente por su Cronología y por el Diccionario Euclidiano, partes que lamentablemente no consignan el nombre de su autor para que lo pudiéramos registrar aquí. En cuanto a las traducciones, las fuentes son la misma Obra Completa y los archivos de la Casa de Cultura Euclides da Cunha en Sao José do Rio Pardo. En algunos casos, las indicaciones bibliográficas son escasas, como se verá en la lista que a continuación ofrecemos (GALVÃO, 1980, p. XXVI apud SANTOS, 1980).

Outra característica dessa obra que revela a sua importância é a denominada *Cronologia*, que cobre 76 páginas do livro e traz informações que relacionam a vida de Euclides da Cunha a acontecimentos importantes na América Latina e em outras partes do mundo.

3 REPRESENTAÇÃO CULTURAL N'OS *SERTÕES*: CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para o embasamento teórico e o tratamento metodológico no âmbito da pesquisa, apresentaremos a seguir, alguns conceitos, noções e definições relevantes para o estudo dos Marcadores Culturais na tradução para o espanhol do livro *Os Sertões*. Assim, na subseção 3.1 apresentaremos as noções de *Corpus* Linguístico e sua relação com os Estudos da Tradução, levando em consideração, principalmente, os estudos de Mona Baker (1993), Kenny (2001[1998]), Berber Sardinha (2002, 2004), Sinclair (2005), Aluísio e Almeida (2006), Camargo (2007), Dayrell (2012). Na subseção 3.2, discutiremos o conceito de Modalidades de Tradução tomando como base os estudos de Aubert (1998, 2006a, 2006b), quem revisou as discussões empreendidas por Vinay e Darbelnet (1958). A continuação, discutiremos as noções de Domínios, Marcas e Marcadores Culturais na subseção 3.3, tomando como base os estudos de Nida (1945) e Aubert (2006a, 2008), Reichman e Zavaglia (2014), Camargo (2008). Por fim, na subseção posterior, 3.4, traçaremos os caminhos metodológicos que adotamos nesta pesquisa para atingir os objetivos propostos. E para norteá-los utilizaremos como referências os estudos de Sardinha (2002, 2004) e Camargo (2007, 2008). Quanto ao tratamento do texto e coleta de dados, utilizaremos o programa *WorldSmith Tools*, versão 7.0.

3.1 *CORPUS* LINGÜÍSTICO E TRADUÇÃO

No campo dos estudos linguísticos, há uma disciplina que se ocupa da estruturação e do tratamento de *corpus*. Trata-se da Linguística de *Corpus*. Segundo Berber Sardinha, um profícuo pesquisador brasileiro, a Linguística de *Corpus* é uma

[...] abordagem que se ocupa da coleta e da exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por computador (BERBER SARDINHA, 2004, p. 3).

Outra noção que se deve levar em consideração é a de *corpus* linguístico. Apesar da utilização de *corpus* não ser algo novo nos estudos linguísticos, existe uma diferença de visão para a Linguística e a Linguística de *Corpus*. Aluísio e Almeida (2006) apresentam uma concepção de *corpus* para a Linguística de *Corpus*

[...] uma das diferenças entre a concepção de Linguística da *Corpus* e da Linguística é o formato do *corpus*, ou seja, os dados devem estar em formato

eletrônico. O que significa dizer que uma grande quantidade de livros, ou de revistas, ou mesmo de textos impressos não é considerada *corpus* pela Linguística de *Corpus*, já que os dados linguísticos não estão num formato que possam ser processados por computador (ALOÍSIO E ALMEIDA, 2006, p. 156).

Como se pode notar, é preciso ter em conta algumas peculiaridades do *corpus* para que ele pertença aos domínios da Linguística de *Corpus*. De acordo com Sinclair “a *corpus* is a collection of pieces of language text in electronic form, selected according to external criteria to represent, as far as possible, a language or language variety as a source of data for linguistic research” (SINCLAIR, 2005, p. 19)¹. A partir das ideias apresentadas acima, pode-se afirmar que uma das principais características da Linguística de *Corpus*, doravante LC, é o seu formato eletrônico que permite a manipulação dos dados por sistemas computacionais.

Aluísio e Almeida (2006) sublinham ainda outro atributo da LC: a disponibilização do *corpus* para pesquisas futuras, inclusive para outros investigadores, o que chamam especificamente de *standard reference*². Para além dessas, ainda há outras características, quais sejam: i) amostragem satisfatória e representatividade máxima da língua ou de uma variedade; ii) tamanho finito determinado (MCENERY E WILSON 1996 apud ALUÍSIO e ALMEIDA, 2006, p. 157).

Corroborando o dito anteriormente, uma das áreas da Linguística que utiliza *corpus* como escopo de pesquisa é a Tradução. É consenso entre os pesquisadores de tradução que existem significativas contribuições da LC nos estudos tradutológicos que se consolidaram, principalmente, a partir dos anos de 1990, com os trabalhos de Mona Baker (1993) que impulsionaram e popularizaram as discussões, principalmente no que se refere às questões metodológicas. No entanto, Berber Sardinha (2002, p.17) explicita que esse movimento foi lento e gradual, tendo saltos relevantes, mas não numerosos até o ano de 2001.

Para Berber Sardinha (2002), a utilização de *corpus* para as pesquisas linguísticas, – o que inclui, sem sombra de dúvidas, os estudos da tradução, – deixou de ser opção e passou a ser quase obrigatória. Um dos motivos principais sinalizados por Berber Sardinha (2002) são as evidências empíricas impetradas pela exploração de grandes volumes de dados em detrimento da intuição do pesquisador como principal fonte de compreensão dos fatos linguísticos, apesar de admitir que seja possível a utilização da intuição como ponto de partida para a pesquisa na área da tradução.

¹ Tradução nossa: Um *corpus* é uma coleção de partes de textos em forma eletrônica, selecionada de acordo com critérios externos para representar, tanto quanto possível, uma linguagem ou variedade de língua como fonte de dados para pesquisa linguística (SINCLAIR, 2005, p. 19).

² Referência Padrão.

Dayrell (2012), porém, destaca diferenças entre a Linguística de *Corpus* e os Estudos da Tradução baseados em *Corpora* referentes aos objetivos e à visão sobre os textos traduzidos como componente dos *corpora*, de uma e de outra área. Enquanto a Linguística de *Corpus* interessa-se pelo estudo e descrição das características da língua/linguagem de uma maneira geral e desinteressa-se pelo texto traduzido, os Estudos da Tradução se preocupa por compreender e elucidar o processo tradutório e averiguar a natureza do texto traduzido por considerar válida a sua produção, o seu contexto, as pressões, limitações, motivações e influências.

Nessa perspectiva, ponderam-se as considerações de Dayrell sobre a tradução enquanto um genuíno evento comunicativo. Essa visão sustenta as perspectivas aqui adotadas referentes ao texto traduzido principalmente no que concerne às suas especificidades. O que faremos na pesquisa em questão é justamente explorar essa natureza analisando e tentando explicar essas características, como advoga Dayrell (2012).

3.1.1 Os tipos de *corpora* e a Pesquisa em Tradução

A partir da discussão empreendida acima sobre *corpus* linguístico, vale salientar que nos Estudos da Tradução baseados em *corpus*, há que se definir com qual tipo – ou quais tipos – de *corpus* o trabalho vai ser desenvolvido. Isso deve ser feito a partir de objetivos claros pois estes determinarão o tipo de *corpus* a ser adotado. Vamos definir os tipos de *corpora* que iremos usar na pesquisa em questão, quais sejam, o *corpus* paralelo e o *corpus* de referência.

Segundo Dorothy Kenny (2001[1998], p.3), “In Baker's terminology, a parallel *corpus* consists of texts originally written in a language A alongside their translations into a language B”³. Afirma ainda que “Typical applications of parallel corpora include translator training, bilingual lexicography and machine translation.” (KENNY, 2001[1998], p.3)⁴. Um *corpus* paralelo pode ser bilíngue, ou multilíngue, se tiver traduções de um mesmo texto para várias línguas. No nosso caso, trabalharemos com *corpus* paralelo bilíngue na direção Português-Espanhol. Camargo (2007) destaca a relevância do *corpus* paralelo para os estudos de tradução de textos literários. Segundo a autora:

Devido às possibilidades oferecidas pelos corpora paralelos ao permitirem o exame dos TTs [textos traduzidos] em relação aos respectivos TOs [textos

³ Tradução nossa: “Na terminologia de Baker, um *corpus* paralelo consiste em textos originalmente escritos em um idioma A ao lado de suas traduções para um idioma B (KENNY, 2001[1998], p.3)

⁴ Tradução nossa: As aplicações típicas dos *corpus* paralelos incluem treinamento de tradutores, lexicografia bilíngue e tradução automática. (KENNY, 2001[1998], p.3)

originalmente escritos numa determinada língua], mostra-se o tipo de *corpus* mais adequado para pesquisas em textos literários. Em virtude de os tradutores juramentados raramente guardaram os TOs, o tipo de *corpus* mais adequado para pesquisas sobre a tradução juramentada é o comparável, conforme indicado por Tongini-Bonelli (2001) (CAMARGO, 2007, p. 7).

Segundo Dayrell (2012), um dos principais objetivos do *corpus* paralelo é permitir a observação de padrões lexicais e sintáticos, analisar e avaliar comportamentos tradutórios nas línguas em contraste de maneira simultânea a partir de técnicas de alinhamento destes textos. Neste trabalho, a utilização do *corpus* paralelo será de valiosa contribuição por poder fornecer evidências empíricas das Modalidades de Tradução utilizadas para a tradução dos Marcadores Culturais do Domínio Ecológico d’*Os Sertões* além de evidenciar as tendências tradutórias.

No que diz respeito ao *corpus* de referência, Berber Sardinha (2004, p. 97) afirma que “[...] funciona como termo de comparação para a análise. A sua função é fornecer uma norma com a qual se fará a comparação das frequências do *corpus* de estudo”. Essa comparação se baseia num estudo estatístico que o próprio estudioso/pesquisador dos *corpora* irá selecionar. Segundo o autor “As palavras cujas frequências no *corpus* de estudo forem significativamente maiores segundo o resultado da prova estatística são consideradas palavras chave [...]” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 97). Porém, na pesquisa em questão, buscaremos não por palavras de alta frequência, ou palavras-chave. Ao invés disso, a baixa frequência das palavras no *corpus* de referência será um dos elementos estatísticos que nos ajudará a identificar o caráter marcadamente cultural na prova estatística.

Assim, para esta pesquisa utilizaremos o *corpus* paralelo formado pelos livros *Os Sertões* de Euclides da Cunha (1984 [1902]) e a sua versão traduzida para o espanhol, *Los Sertones*, de Estela Santos (1980) da Biblioteca Ayacucho. Neste *corpus*, cotejaremos os Marcadores Culturais do Domínio Ecológico para compreender, também, os mecanismos utilizados na versão traduzida da obra e as tendências que subjazem à tradução. Além dele, utilizaremos o *corpus* de referência para termos parâmetros estatísticos – baseados na frequência – que nos ajudem a identificar uma unidade léxica como um provável Marcador Cultural.

3.2 AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO

O modelo de Modalidades de Tradução para a pesquisa e análise contrastiva em tradução com *corpus* linguístico propõe-se a uma abordagem “estritamente linguística” (AUBERT, 1998, p. 101). Essa proposta é, nesse sentido, uma abordagem técnica que se vale de uma visão tradicional, no que concerne ao estudo da tradução, e evidencia possibilidades e

soluções de tradução interlingual. Entretanto, leva em consideração, também, as abordagens mais recentes que fazem convergir questões da linguística atual e literatura e que, atravessando essa questão, considera, além das questões estruturais interlinguais, os quesitos discursivos, ideológicos, culturais, antropológicos e históricos. Essa proposta tem sua justificativa em duas posições muito claras: a) no advento e popularização dos computadores e, assim, dos algoritmos linguísticos aplicados à tradução interlingual e; b) no uso de dicionários e glossários no fazer diário do tradutor, todas essas ferramentas que tem sua aplicabilidade basicamente na estrutura e no cotejo entre as diferentes línguas.

Segundo Aubert (1998), Vinay e Darbelnet (1958) propuseram procedimentos técnicos de tradução como referência didática para a formação de tradutores profissionais que estavam organizados em uma escala partindo do grau zero de tradução (o empréstimo) ao procedimento que distanciava de maneira extremada o texto meta do texto fonte (a adaptação). Porém, após alguns estudos que revisitaram o texto dos autores, Aubert (1998) se propõe a revisar o modelo. Este trabalho pretendia gerar dados quantificáveis próprios para o tratamento estatístico das soluções tradutórias nos textos da língua de chegada.

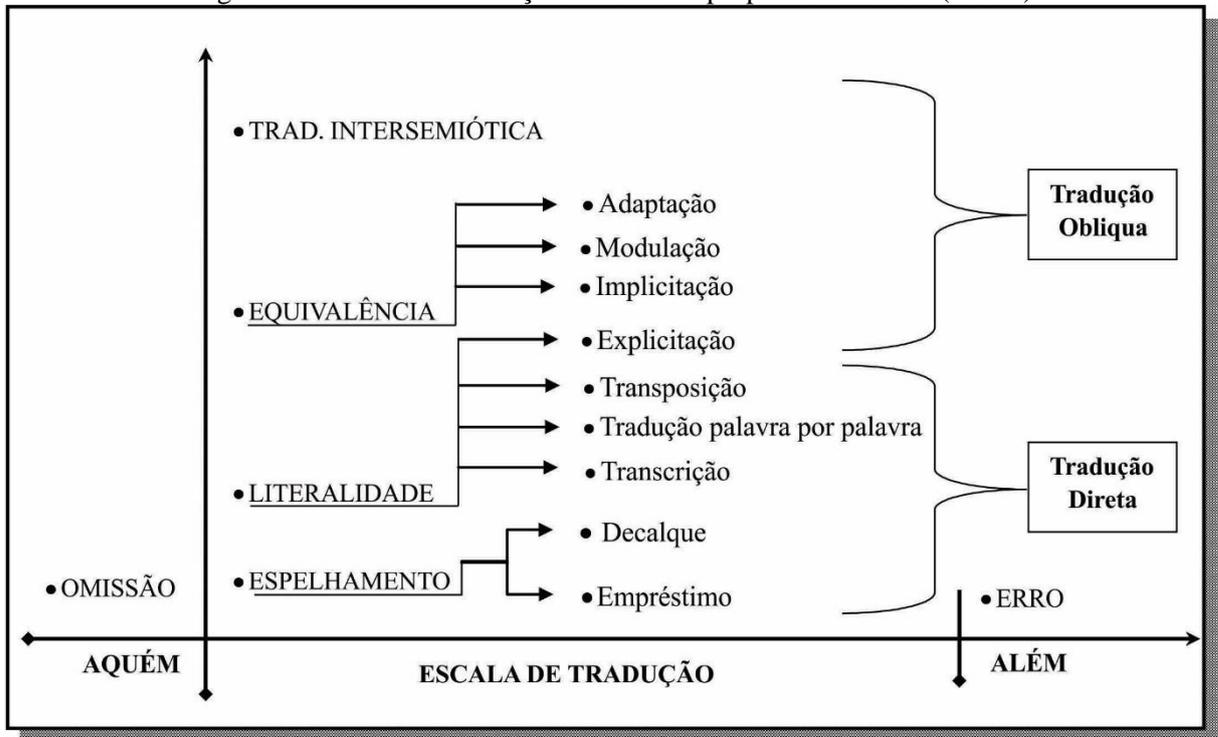
O trabalho de Aubert (1998), além de mudar o foco do procedimento para o resultado do fazer tradutório, respondia a três questões primordiais: a) formular a indagação adequada para dar conta do percentual de reaparecimento do Texto Original (TO) no Texto Traduzido (TT), situando o procedimento técnico de tradução utilizado; b) definir a unidade textual a servir de base para a quantificação (nesse caso o nível vocabular situado); e c) propor uma redefinição operacional de cada procedimento técnico de tradução, de modo a evitar maiores flutuações no processo de análise e qualificação (AUBERT 1998).

Desta maneira, as novas categorias descritas propunham-se a responder algumas questões que o primeiro modelo deixou escapar, que foram ou não apontados pelos seus críticos e usuários anteriores, para, assim, reduzir as possíveis fragilidades e para dar conta também da mudança de perspectiva (do procedimento para o produto). Tudo isso resultou em 13 modalidades que Aubert (1998) descreve no texto, inclusive com exemplos. 1. Omissão; 2. Transcrição; 3. Empréstimo; 4. Decalque; 5. Tradução Literal; 6. Transposição; 7. Explicitação, implicação; 8. Modulação; 9. Adaptação; 10. Tradução Intersemiótica; 11. Erro; 12. Correção; 13. Acréscimo (AUBERT, 1998, p. 105-110).

As Modalidades de Tradução foram mais uma vez revistas e reorganizadas por Aubert (2006a). Para ele, essas modalidades “retratam as diferenças em estrutura de superfície que podem ser identificadas quando se conduz uma comparação palavra a palavra entre o texto em língua fonte e seu(s) texto(s) equivalente(s) em língua(s) meta.” (AUBERT, 2006a, p. 1). É

necessário ter em vista que esse modelo é apenas uma das possibilidades de abordagens técnicas para a comparação de textos traduzidos aos seus originais. É importante notar que Aubert (1998) chama a atenção para a organização apresentada que se constitui em uma escala que varia entre a omissão e o erro e que ao longo do cotejo dos textos (original e tradução) pode-se perceber a ocorrência destas em separado ou interseccionadas.

Figura 02 - Escala de Tradução baseado na proposta de Aubert (2006a)



Fonte: Elaborado pelo pesquisador baseado em Aubert (2006a).

Quadro 1 - Apresentação das Modalidades de Tradução revistas por Aubert (2006a)

01	Omissão	Ocorre omissão sempre que um dado textual do texto fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no texto meta.	
02	Espelhamento	Ocorre espelhamento quando um determinado segmento do texto original reocorre no texto traduzido, sem alterações ou com pequenas alterações gráficas e/ou morfosintáticas. Repartem-se em <i>Empréstimo</i> e <i>Decalque</i> .	<i>Empréstimo</i> . Trata-se de um seguimento textual do Texto Fonte reproduzida no Texto Meta com ou sem marcadores específicos de empréstimos (aspas, itálico, negrito etc.). <i>Decalque</i> . Uma palavra ou expressão emprestada da Língua Fonte, mas que foi submetida certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da Língua Fonte,
03	Literalidade	A Literalidade manifesta-se como um conjunto de soluções tradutórias aparentemente desprovidas de “ruído”, ou seja, em que a passagem do texto	<i>Transcrição</i> . Inclui segmentos de textos que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas (por exemplo, algarismos, fórmulas algébricas e similares) ou que pertençam a uma terceira língua (como frases e aforismos latinos — Alea jacta est).

		<p>original para o texto traduzido faz-se, no seguimento textual observado, de forma direta, valendo-se de soluções configuradoras de uma certa sinonímia interlinguística e intercultural no contexto dado. A Literalidade desdobra-se em transcrição, tradução palavra por palavra, transposição, explicitação.</p>	<p><i>Tradução palavra por palavra.</i> Na comparação entre textos fonte e meta, se observem: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as mesmas categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlínguas.</p> <p><i>Transposição.</i> Ocorre sempre que um ou mais dos critérios acima deixa de ser satisfeito.</p> <p><i>Explicitação.</i> Representa uma tentativa de assegurar a literalidade semântica, mediante o recurso da construções parafrásticas (aposto explicativo, nota de rodapé, ou de fim, glossário final).</p>
04	Equivalência	<p><i>Equivalência.</i> As modalidades (ou procedimentos técnicos) de equivalência são aquelas em que a atuação, interferência e a co-autoria do tradutor tornam-se mais visíveis. Manifestam-se em diversas formas de deslocamento ou refração semântico pragmática, e, no limite, levam o texto traduzido — ou segmentos desse — A reescrita interpretativa na ótica da cultura de recepção. São modalidades de equivalência a <i>Implícitação</i>, <i>Modulação</i>, <i>Adaptação</i>.</p>	<p><i>Implícitação.</i> Informações explícitas contidas no texto fonte identificáveis como determinado segmento textual tornam-se referências implícitas. Resulta, por vezes, em simples compensações, ou eliminação de aparentes redundâncias.</p> <p><i>Modulação.</i> Registra-se como a solução tradutora que resulta em uma alteração perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenham fundamentalmente o mesmo efeito geral de sentido denotativo, no contexto em questão, expressa-se a “cultura linguística”, o modo de dizer peculiar a determinada complexo língua-cultura.</p> <p><i>Adaptação.</i> É uma intercessão de sentidos, mesmo denotativos, abandonando a busca da equivalência plena. Corresponde a alguns resultados do embate entre as duas realidades extralinguísticas que se confrontam no ato tradutório. [...] Intersecção de realidades entre a cultura fonte a cultura meta.</p>
05	Tradução Intersemiótica	<p>Ocorre nas ilustrações ou vinhetas introduzidas no texto traduzido ou mesmo na capa.</p>	
06	Erro	<p>Incluem-se tão somente os casos que ultrapassam os limites da adaptação, resultando em troca injustificada de sentidos.</p>	

Fonte: Elaborado pelo pesquisador baseado em Aubert (2006a)

Os novos modelos propostos por Aubert (1998; 2006a) antecipam a possibilidade de ocorrência superposta dos Marcadores Culturais, como dito anteriormente. A esta possibilidade, Aubert dá o nome de Modalidade Híbrida. No âmbito desta pesquisa, identificar estas soluções tradutórias dará conta de considerar o trabalho do tradutor possibilitando uma análise qualitativa

das questões e ou problemas – se houver – relacionados com as soluções tradutórias do vocabulário culturalmente marcado, sem o intuito de esgotar a discussão e sim de apontar caminhos para reflexão. Problemas esses de ordem da cultura linguística na qual estão inseridas problemáticas de ordem histórica, social, antropológica, dentre outras.

3.3 DOMÍNIOS E MARCADORES CULTURAIS

O interesse em estudar o livro *OS Sertões* (1982 [1902]) de Euclides da Cunha se dá pelo fato de que é uma das obras mais representativas da cultura regional nordestina, devido ao tema abordado e à descrição minuciosa que o autor fez da realidade do sertão baiano, como discutimos na Seção 2 deste texto. O livro teve grande projeção nacional e está entre as obras brasileiras mais conhecidas internacionalmente, projetando a cultura do sertão baiano também por meio das traduções em vários idiomas. É mister mencionar aqui também as polêmicas que giram em torno da classificação da obra na questão do gênero a que se filia para demonstrar o quão complexa ela é, como discutido na sessão 2 desta dissertação. A linguagem utilizada por Euclides da Cunha é outra pauta muito discutida entre a fortuna crítica do autor e sua obra, como discutimos na seção 2.1.

Desta forma, e segundo Oliveira e Isquierdo (1998, p. 7), o léxico constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural, representa a janela através da qual uma comunidade poder ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes dos povos. Desse modo, o léxico de uma língua conserva uma estrita relação com a história cultural da comunidade. É nesse sentido que se pode falar da existência de um vocabulário regional, constituído de lexias que se referem a particularidades de experiências e atividades humanas específicas. Segundo Simon (2005),

Quanto ao léxico, a obra de Euclides da Cunha é um capítulo à parte na literatura nacional por [...] reunir terminologia científica, brasileirismos e palavras tidas como pertencentes à linguagem literária; palavras raras, arcaísmos e neologismos; metáforas, sucessão de sinônimos e até palavras reunidas por seu valor fonético em aliteraões e paronomásias. Alguns termos foram esclarecidos pelo próprio autor em notas de rodapé (SIMON, 2005, p. 15).

Ao se estudar uma língua não se deve desconsiderar o seu contexto sociocultural, pois há o risco de desprezar as variações de usos dessa língua que, nesse sentido, é um elemento chave para compreender determinados aspectos. No que se refere à cultura do outro, o estudo das unidades lexicais como representação das peculiaridades sociais, históricas e culturais é

fundamental. Segundo Aragão (2004, p. 1), “para se aprender, compreender, descrever e explicar a visão do mundo de um grupo sócio-linguístico-cultural, [...] o objeto de estudo principal são as unidades léxicas e suas relações em contextos”.

Sobre o termo léxico/vocabulário regional, inicialmente aceito para esta pesquisa, ressaltamos uma polêmica em torno do conceito. Segundo a visão de Isquierdo (1996):

[...] O vocabulário regional remete à questão dos regionalismos, ou seja, a unidades léxicas, cujo uso é restrito a determinadas regiões, muitas delas relacionadas a atividades específicas do meio rural. Trata-se do léxico cultural [...]: recortes lexicais que evidenciam ‘marcas’ culturais e, ‘consequentemente, momentos históricos que caracterizam uma subcomunidade linguística’ (ISQUERDO, 1996, p. 5).

Ainda assim, para Oliveira (1999), Biderman (2001a, 2001b) e Isquierdo (2007) alguns princípios precisam ser considerados na classificação de um item lexical como regionalismo: o grau de difusão geográfica do regionalismo, as fontes que fornecerão os dados, as marcas de uso, o ponto de referência que usa o critério do contraste – norma padrão vs regional –; natureza do léxico (geral ou diferencial) e abrangência, representatividade e frequência.

Há algumas dificuldades em acolher essas expectativas. No que tange ao “uso restrito a determinadas regiões, muitas delas relacionadas à atividade rural” (ISQUERDO, 1996, p. 5) não é mais concebível hoje em dia com as tecnologias da informação e comunicação e o uso difundido do computador e da internet – dentre outras possibilidades de difusão e circulação de informação como o é, também a tradução, para citar um exemplo e situar o trabalho aqui proposto– que qualquer coisa mantenha essa restrição, muito menos a língua. Isquierdo (2006) faz uma discussão sobre o termo e levanta vários pontos polêmicos, principalmente essa relação intrínseca com a questão diatópica.

Discutir a configuração dos regionalismos no âmbito de uma língua implica considerar a noção de norma regional e popular, já que esses fatos linguísticos se situam na esfera da variação lexical de natureza diatópica [...]. Partindo, pois, do conceito coseriano de norma como “um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente” (COSERIU, 1979, p.50), podemos entendê-la como uma tradição solidificada no uso da língua por uma comunidade linguística, como hábitos que se impõem ao indivíduo, daí o seu caráter prescritivo (ISQUERDO, 2006, p. 14, grifos nossos).

A descrição dos usos da norma lexical brasileira de caráter regional respeitando a dimensão histórico-social é fundamental para a caracterização de um fato linguístico como regionalismo – nesse sentido o Atlas Linguístico Brasileiro (ALIB)⁵ vem fazendo um trabalho

⁵ <https://alib.ufba.br/>

de excelência – já que “é no âmbito de um grupo social que a norma se instaura, é disseminada ou fica confinada a determinados espaços geográficos, dependendo das características socioculturais desse grupo” (ISQUERDO, 2006, p. 22).

Se considerarmos que a dinâmica da circulação de informação por meio das mídias possibilita o contato entre as diferentes culturas e grupos sociais, é possível compreender que, mesmo quando uma palavra está amplamente difundida e inclusive dicionarizada, os seus sentidos estão associados a uma determinada cultura e/ou grupo social. Essa dinâmica de circulação atinge da mesma forma as línguas e culturas de modo vivo e cumpre um papel de difusor do que é próprio de uma região, cultura e grupo social à medida que busca expressar as suas peculiaridades. Esta difusão também alimenta e amplia o repertório lexical das línguas a partir dos contatos.

Pode-se citar como exemplo a difusão da palavra *jagunço* que, segundo Calasans (1970),

[...] ganhou popularidade na década final do século XIX, por ocasião da guerra de Canudos [...]. O termo já estava dicionarizado, porém ainda não se tornara conhecido em todo o País. Era, apenas um regionalismo baiano, que Caldas Aulete registrou na 1ª edição do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, em 1888 [...] pouco antes da campanha de Canudos (1896-1897), que iria dar imensa popularidade ao vocábulo, seu exato sentido. [...] Jacques Raimundo foi encontrá-la no ioruba *jagun*, guerreiro, tendo a sílaba final *ço* resultado da contaminação de alguma palavra em *unço* [...] Paulo Terêncio, a propósito do vocabulário de *Os Sertões*, onde a expressão aparece inúmeras vezes [...] Preferiu a adulteração da palavra portuguesa de origem africana, *zangucho*, arma de guerra usada pelos cafres. [...] Bernardino José de Sousa, autor do Dicionário da Terra e da Gente do Brasil, encontrou dois outros significados, que figuram na obra em apreço [...] “os habitantes do litoral, por extensão assim aplicam os sertanejos do Nordeste, em especial os da Bahia. Particularmente, porém, o termo crismou o grupo rebelde de Canudos, povoação do nordeste da Bahia, à beira do Irapiranga ou Vasa-Barris, onde homizaram os fanáticos de Antônio Conselheiro” (CALASANS 1970, p. 31-32).

Segundo Aragão (2004), rotineiramente palavras ou expressões encontram-se amplamente difundidas numa língua, mas não perdem a sua identidade. Sempre que alguém as escuta relaciona imediatamente com uma determinada região. Portanto, estudar o vocabulário numa obra implica avaliar cuidadosamente os sentidos de cada palavra, tanto na obra em questão, seus usos ao longo do tempo e seus usos nos eventos de difusão da língua-cultura, como é a tradução.

Assim, considerando estas dificuldades e toda essa discussão, nota-se que a proposta apresentada por Nida (1945) revisitada por Aubert (1981) sobre os Marcadores Culturais é mais

adequada principalmente por considerarem o fazer tradutório em seu escopo de investigação. Nida (1945), em seu texto *Linguistics and Ethnology in Translation Problems*, discute a relação entre as pesquisas em língua e etnologia, e advoga que linguistas descritivos que têm conhecimento de antropologia tem vantagem sobre os outros que não o possuam, haja vista que problemas de semântica tem alguns de seus fundamentos no distanciamento ou desconhecimento da cultura que se investiga.

Vale salientar que a discussão de Nida (1945) é feita para a tradução da bíblia às línguas indígenas e/ou aborígenes, porém, vários aspectos do debate dão a base para que se possam extrapolar esses elementos e trabalhar outros pares de línguas, chamando a atenção para a cultura. Esses aspectos são representação cultural, distância/proximidade entre línguas-culturas, homogeneidade/heterogeneidade entre línguas-culturas, complexidade/simplicidade de línguas-culturas, extrapolar a visão de língua como entidade psicológica dentre outras, com vistas chamar a atenção do tradutor ou dos pesquisadores em tradução para o papel da cultura nesse âmbito.

Além disso, Nida (1945) fala sobre os erros mais comuns em não observar a cultura por um viés etnológico. Afirma que práticas como a literalidade e o anseio de desviar-se de estrangeirismos, desconsidera o viés de análise e comparação entre culturas. Advoga, ainda, que as palavras são expressões da cultura e, também por isso, as situações culturais das línguas envolvidas devem ser levadas em consideração para que se possa aproximar as realidades através das equivalências. Assim, para tentar solucionar problemas de tradução e que são problemas de equivalência e têm relação com a semântica, e, portanto, com a cultura como discutido acima, o autor estabeleceu categorias de domínios.

An examination of selected problems in various aspects of culture will make it possible for one to see more clearly the precise relationship of cultural information to the semantic problems encountered in descriptive linguistics. Translation-problems, which are essentially problems of equivalence, may be conveniently treated under (1) ecology, (2) material culture, (3) social culture, (4) religious culture, and (5) linguistic culture” (NIDA, 1945, p. 196)⁶.

A partir deste ponto, Nida (1945) apresenta vários exemplos que são ilustrativos do que ele considera como elementos pertencentes a cada um desses domínios, trazendo uma ampla

⁶ Tradução nossa: Um exame de problemas selecionados em vários aspectos da cultura tornará possível ver melhor a relação precisa da informação cultural com os problemas semânticos encontrados na linguística descritiva. Os problemas de tradução, que são essencialmente problemas de equivalência, podem ser tratados convencionalmente sob (1) ecologia, (2) cultura material, (3) cultura social, (4) cultura religiosa e (5) cultura linguística. (NIDA, 1945, p. 196)

discussão sobre possibilidades de reflexão sobre esse contexto. Porém, para Martins e Camargo (2008, p.121), a reformulação proposta por Aubert (1981; 2006) apresenta-se mais rigorosa.

- i. **Domínio Ecológico:** vocábulos designando seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do vocábulo não implique em que seja ser, objeto ou evento que tenha sofrido alteração pela ação voluntária do homem. (AUBERT, 1981 *apud* MARTINS e CAMARGO, 2008, p. 121).

Flora, fauna, topografia, hidrografia etc. (AUBERT, 2006a, p. 24)

- ii. **Domínio da Cultura Material:** vocábulos designando objetos criados ou transformados pela mão do homem, ou atividades humanas. (AUBERT, 1981 *apud* MARTINS e CAMARGO, 2008, p. 121)

Objetos e espaços criados pelo homem. (AUBERT, 2006a, p. 121)

- iii. **Domínio da Cultura Social:** vocábulos que designam o próprio homem, suas classes, funções sociais e profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam estas relações, inclusive atividades linguísticas. (AUBERT, 1981 *apud* MARTINS e CAMARGO, 2008, p. 121)⁷

Relações sociais de toda ordem. (AUBERT, 2006a, p. 24)

- iv. **Domínio da Cultura Ideológica:** vocábulos que designam crenças, sistemas mitológicos, e as entidades espirituais que fazem parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades. (AUBERT, 1981 *apud* MARTINS e CAMARGO, 2008, p. 121)⁸

Referências a sistemas de crenças (AUBERT, 2006a, p. 25).

Aubert (2006a) considera esses domínios como marcas culturais. Estas marcas culturais para o autor estão presentes em todas as línguas, acarreta dificuldades para o tradutor e seu trabalho, o que, de uma maneira extrema, pode concorrer para a *inviabilidade ou relativização* (AUBERT, 2006a, p. 25) da tradução, além de ser, também, razão para alguns procedimentos tradutórios peculiares.

Por outro lado, Reichman e Zavaglia (2014) apresentam um conceito de Marcas e Marcadores Culturais discutindo sua relação de maneira mais clara. Para tal, as pesquisadoras mencionam as bases legais do sistema de ensino de três países (Brasil, Alemanha e França) e a

⁷ A Cultura Linguística a que se refere Nida (1945, p.196) passou a fazer parte do Domínio da Cultura Social como um elemento deste após revisão de Aubert (1981).

⁸ A cultura Religiosa a que se refere Nida (1945, p.196) passou a fazer parte do Domínio da Cultura Ideológica como um elemento deste após revisão de Aubert (1981).

tradução juramentada de aspectos dos documentos referentes a esses sistemas de ensino. Discutem elementos relacionados com a tradução de termos que designam dados dos cursos da cultura escolar desses países evidenciando a noção de *equivalência difusa* que consiste em admitir que os Marcadores Culturais representam Marcas Culturais específicas de cada país e que, portanto, as equivalências não podem ser diretas já que não são transponíveis nem pela língua nem pela tradução. Essa discussão inicial nos mostra pistas de como se dá o processo de tradução de Marcadores Culturais, apesar de a discussão deter-se sobre Marcadores Culturais da área da terminologia. As autoras lembram a responsabilidade que tem o tradutor no uso de diversas estratégias para superar dificuldades na tradução.

Após apresentar essa discussão, as autoras apresentam o conceito de Marcas e Marcadores Culturais, que também será utilizado nesse trabalho. Elas partem da comparação e relação entre o que chamam de esquemas culturais para apresentar tais conceitos. Assim, dizem que:

[...] na comparação anterior há relações explícitas ou implícitas, que aqui denominamos marcas culturais, nas quais se entremeiam marcadores culturais. Entendemos aqui as marcas culturais como relações abstratas que se estabelecem espaço-temporalmente entre esquemas culturais mais gerais e esquemas culturais mais específicos, como a relação entre a legislação brasileira sobre o ensino e os sistemas de ensino brasileiro, e os marcadores culturais como objetos textuais que representam essas relações, como o gênero textual brasileiro histórico escolar ou a terminologia desse gênero. (REICHMAN; ZAVAGLIA, 2014, p. 52)

A discussão das autoras supracitadas, vai, em certa medida, na mesma direção da que propõe Aubert (2006a). Este diz que identificar essas marcas – para ele, Marcas e Marcadores Culturais são sinônimos e nisso Aubert (2006a) e Reichman; Zavaglia (2014) se afastam – ainda que seja um trabalho controverso e difícil, consiste em encontrar caminhos para solucionar ou mesmo mitigar, conscientemente, alguns problemas do fazer tradutório, de suas áreas de investigação, descrição, dentre outras. Desta maneira, esclarece o autor que:

Aceitas essas hipóteses, a clara identificação das marcas culturais torna-se tarefa fundamental para as pesquisas descritivas em tradução e em linguística contrastiva baseada em corpora de originais e traduções, bem como para a elaboração de materiais pedagógicos, dicionários e vocabulários bilíngües, e outros, derivados de tais pesquisas (AUBERT, 2006a, p. 23).

Aubert (2006) diz que a perspectiva cultural – que permeia também este trabalho – se estabelece a partir do olhar antropológico. Tendo em vista que considera que o Marcador Cultural não é compreensível nem na expressão linguística apenas, muito menos no universo discursivo original, o autor discute a referencialidade para estes elementos. Assume ainda, e

assumimos também nessa dissertação, a noção de cultura restrita e fundamentada na linguística – que nesse caso específico, considera a língua como “atos de enunciação, [...] em contextos e co-textos específicos” –; e no MC – que é “discurso” “decorrente da diferenciação” e do “contraste” e que é condicionado (AUBERT, 2006a, p.27).

Assim, para Aubert (2006a)

Outra questão diz respeito à referencialidade. Na ótica aqui adotada o marcador cultural como decorrente da diferenciação a referencialidade desdobra-se em pelo menos três aspectos diferentes (e, eventualmente, complementares): (i) a referencialidade intralingüística (no sentido de cultura lingüística, *apud* Nida, 1945); (ii) a referencialidade intertextual. e (iii) a referencialidade extralingüística (AUBERT, 2006a, p.29).

Esses aspectos revelam se as diferenciações estão intralinguisticamente marcadas, cristalizadas no código linguístico e se ancora na estrutura léxico-gramatical da língua; intertextualmente marcadas, que se localizam nos discursos e no âmbito de grupos sociolingüísticos; ou extratextualmente marcadas, que designa um referente não-lingüístico. Portanto,

Se limitarmos a observação à referencialidade extralingüística – ou seja, àquela que concerne tão somente aos termos, vocábulos e expressões em que o significado designa um referente não-lingüístico – esta, como vimos, acompanhando o modelo proposto por Nida (*op. cit.*), reparte-se entre os domínios da *ecologia*, da *cultura material*, da *cultura social* e da *cultura ideológica* (ou, mais apropriadamente, ideológica) (AUBERT, 2006a, p. 31).

É de grande importância e interesse que se tenha em conta que esses limites não são completamente nítidos como poderia se supor. É necessário ter cuidado ao classificar os vocábulos em um dos domínios observando, entre outros elementos, os contextos em que aparecem, pois esses contextos podem ser ambíguos. Por exemplo, a planta *alecrim de tabuleiro* pode pertencer tanto à cultura ecológica quanto à cultura ideológica, haja vista que é uma planta que tem nos cultos afro-brasileiros um fundamento terapêutico e curativo com efeitos no corpo e na alma. O que, de fato determinará o domínio ao qual pertence o vocábulo é o seu contexto. Vejamos:

Não podendo revidar isoladamente, disciplinam-se, congregam-se, arregimentam-se. São deste número todas as cesalpinas e as *catingueiras*, constituindo, nos trechos em que aparecem, sessenta por cento das caatingas; os *alecrins-dos-tabuleiros*, e os *canudos-de-pito*, heliotrópicos arbustivos de caule oco, pintalgado de branco e flores espigas, destinados a emprestar o nome ao mais lendário dos vilarejos [...] (CUNHA, 2002, p. 50, grifos do autor).

Nesse caso, *alecrim de tabuleiro*, pertence ao Domínio Ecológico por tratar-se de uma planta e o contexto não apontar para outros usos e possibilidades, restringindo o seu referente à caatinga e, portanto, a esse domínio.

3.4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A abordagem adotada na presente pesquisa tem caráter interdisciplinar e fundamenta-se na proposta adotada por Camargo (2007, p. 47), ao esboçar uma metodologia de pesquisa em “[...] tradução baseada *corpus*, consoante a proposta de Baker (1993, 1995, 1996, 2000, 2004) [...]” e nos estudos postulados por Berber Sardinha (2000, 2004), no que concerne à linguística de *corpus*. Para fundamentar a metodologia empregada na pesquisa foi de extrema relevância a consulta a dissertações, teses e artigos que apresentam estudos dos Marcadores Culturais em textos traduzidos na direção Texto em Português → Texto em Língua Estrangeira (inglês/espanhol/francês), lançaram mão de *corpus* eletrônico e ferramentas computacionais para explorar dados linguísticos (VALIDÓRIO, 2008; ZAVAGLIA, 2005).

O lastro teórico que fundamentou a classificação e análise dos Marcadores Culturais foram os estudos empreendidos por Nida (1945) e as reformulações dos Domínios Culturais apresentadas por Aubert (1981). Para identificar as modalidades de tradução dos Marcadores Culturais identificados no texto original, partiu-se da proposta de classificação empreendida por Aubert (1984, 1998, 2006b).

O *corpus* de estudo constituiu-se do livro *Os Sertões* (CUNHA, 1984) e sua tradução para a língua espanhola (SANTOS, 1980). Devido às dimensões dos dois livros e do volume de Marcadores Culturais, foi delimitado para esse estudo apenas os MC que pertencem ao *Domínio Ecológico*.

O levantamento de dados foi realizado com auxílio do programa computacional *WordSmith Tools 7.0* (SCOTT, 2007), que dispõe de ferramentas eficientes para extração e confronto de dados do *corpus*: *WordList*, *Keyword*, *Concord* e *Aligner*. Os procedimentos adotados a partir do *WordSmith Tools* serão descritos mais adiante.

3.4.1 Caracterização do *corpus* da pesquisa

O *corpus* de estudo constitui-se do texto original do livro *Os Sertões* (CUNHA, 1984), em língua portuguesa, doravante TO, e do texto traduzido por Santos (1980), intitulada *Los Sertones*, doravante TT, que, juntos, constituem o *corpus* paralelo.

O livro em português utilizado na pesquisa é a edição disponível da Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro⁹, de 1984, cedido pela professora Adriana Zavaglia, da Universidade de São Paulo. O referido texto já se encontra no formato .txt, tratado e pronto para ser manipulado no *WordSmith Tools 7.0*. A Biblioteca do Estudante Brasileiro disponibiliza o material para uso estritamente educacional e permite a redistribuição do seu material livremente.

A obra em espanhol utilizada para a pesquisa foi publicada pela Biblioteca Ayacucho de Caracas, na Venezuela, em 1980, com prólogo, notas y cronologia de Walnice Nogueira Galvão, sob o título de *Los Sertones*. A obra está disponível *online* em formato *.pdf, em domínio público e autorizada para *download*.

Além do *corpus* paralelo constituído pelo TO e o TT, foi necessário compilar um *corpus* de referência com o objetivo de verificar a chavicidade das palavras em relação ao TO.

3.4.2 Tratamento dos textos para a constituição do *corpus*

A utilização de *corpora* em programas computacionais exige a sua preparação para formatos compatíveis com tais programas que têm a função de quantificar e analisar dados. No caso do *WordSmith Tools 7.0*, o ideal é que o texto esteja em formato *.txt, que é uma extensão de arquivos de textos sem formatações especiais (numeração de páginas, negritos, sublinhados, imagens, notas, gráficos dentre outros) de fácil leitura por programas computacionais. Portanto, apresenta-se a seguir os procedimentos utilizados para a preparação do *corpus*, no que diz respeito a conversão do *.pdf em *.txt e a limpeza desses textos para posterior utilização no *WordSmith Tools 7.0*.

⁹ <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

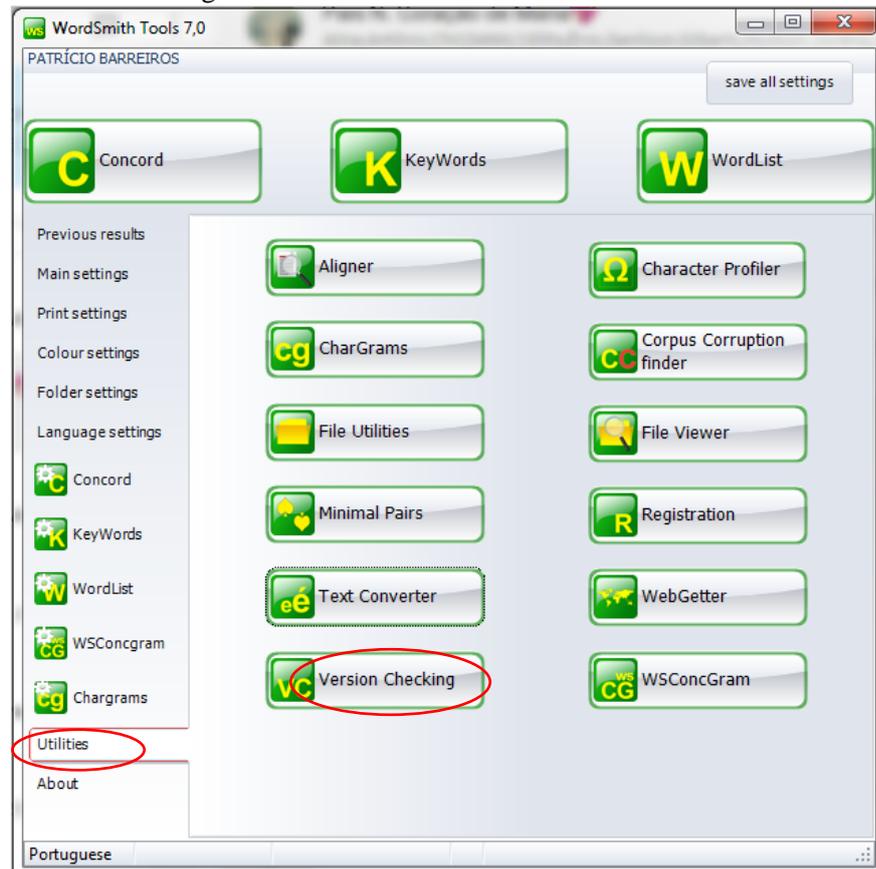
3.4.2.1 O texto original (TO)

O texto original em português já está preparado para o uso no *WordSmith Tools 7.0*, em formato *.txt, sem as notas, imagens e partes que não interessam para a pesquisa. Para a pesquisa foi importante dispor também da versão impressa que originou o arquivo em *.pdf e posteriormente o *.txt para tirar dúvidas e observar marcas que são apagadas no *.txt como uso de negrito, itálico e notas.

3.4.2.2 O texto traduzido (TT)

A tradução em espanhol disponibilizada pela Biblioteca Ayacucho, está disponível em formato *.pdf de excelente qualidade, com extensão para Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR). O passo seguinte consiste em converter o texto disponível em *.pdf para o formato *.txt. Nesse caso, para a conversão foi utilizado o recurso *Text Converter* do *WordSmith Tools 7.0* (SCOTT, 2017).

Figura 03 – Interface do WordSmith Tools 7.0

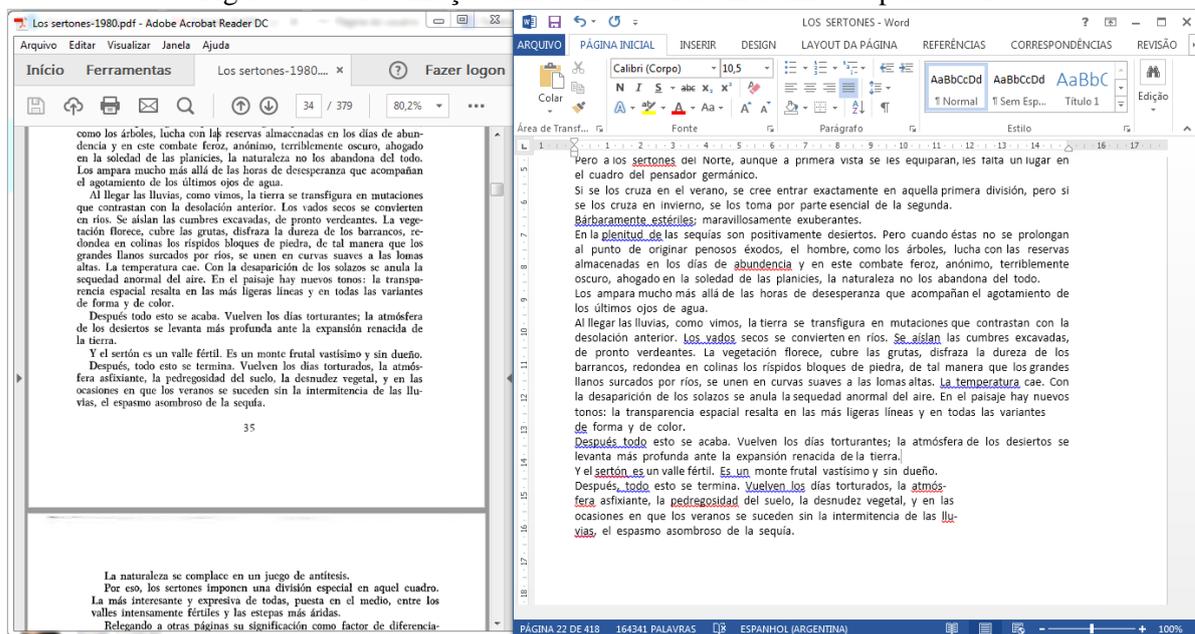


Fonte: WordSmith Tools 7.0 (SCOTT, 2017).

Após a conversão do TT para o formato *.txt foi necessário fazer o tratamento do texto para corrigir alguns prováveis equívocos da conversão. Estes problemas ocorrem por diversos motivos: o programa de conversão pode não reconhecer uma sequência de letras ou de palavras; ele também não une as palavras separadas no final das linhas; além disso, pode não reconhecer acentos, cedilhas, pontuações, paragrafação etc. Todos esses problemas devem ser corrigidos pelo pesquisador, já que esta é uma das fragilidades dos programas de conversão.

Nesse sentido, para auxiliar na identificação dos problemas na conversão, o texto foi copiado para o editor de texto *Microsoft Word* para fazer a conferência, já que o *Word* dispõe de um corretor ortográfico que identifica rapidamente alguns problemas de modo automático, facilitando a correção. Para otimizar a conferência do texto no formato *.txt, foi necessário acompanhar o *.pdf, visualizando-os simultaneamente na tela do computador, como na Figura 04.

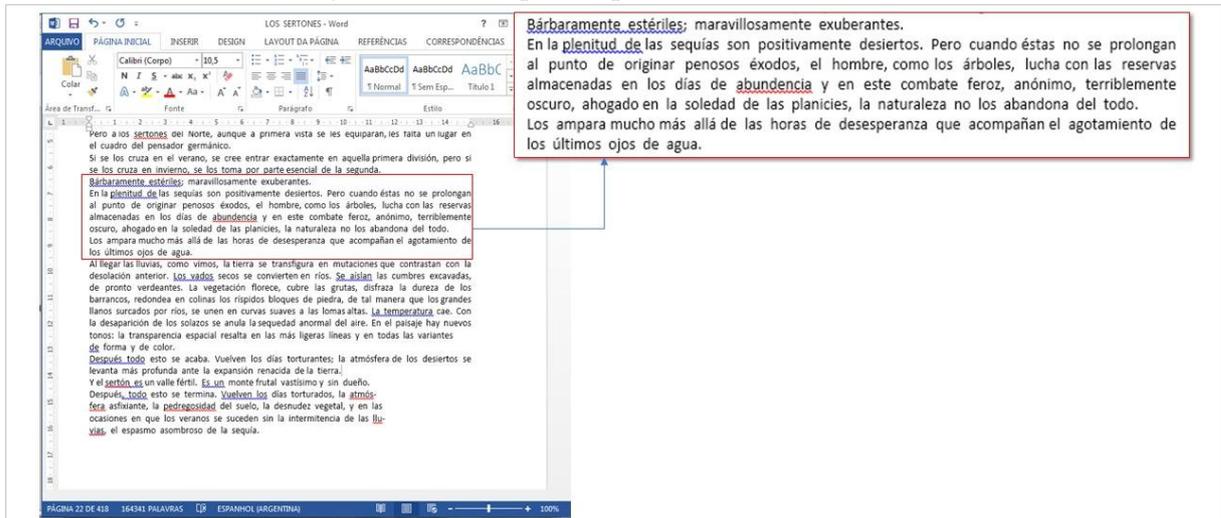
Figura 04 - Visualização simultânea do TT em formato *.pdf e word



Fonte: Banco de dados do pesquisador

A Figura 04 mostra o confronto dos textos em *.pdf, à esquerda, e *Word*, à direita. O texto do *Word* é o texto que foi convertido e, ainda, está sem o devido tratamento. Há uma clara diferença de formatação entre os dois textos, porém o que realmente preocupa são as palavras ou sequência de palavras que estão sublinhadas com linhas azuis e vermelhas, que para o programa em questão são palavras com erros ou não reconhecidas pelo dicionário do programa no idioma selecionado, como destacadas na Figura 05.

Figura 05 – Destaque dos problemas de conversão do TT.- I

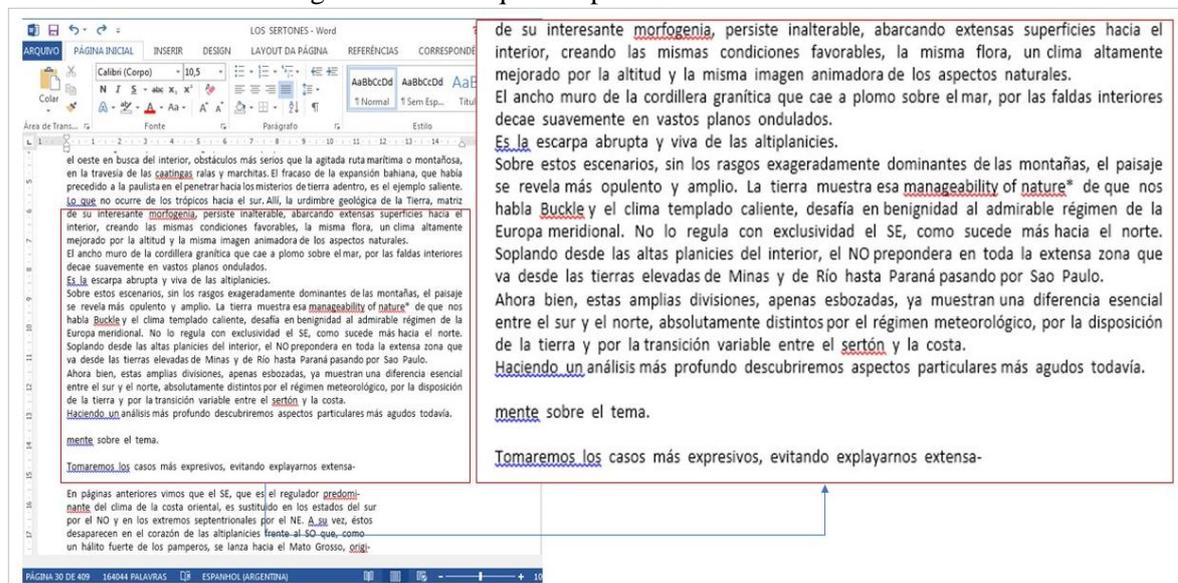


Fonte: Banco de dados do pesquisador

E, menos visível, algumas quebras de parágrafos ou separações de palavras que merecem atenção especial, já que pretendemos usar o algumas ferramentas e utilitários do *WordSmith Tools 7.0* Vale lembrar que o critério para manter, retirar ou modificar uma palavra que aparece no texto em *Word* foi o confronto com o texto original em *.pdf e não apenas a observação das marcações do *Word*.

Vê-se que no texto em *.word há uma quebra de linha e, portanto, uma estrutura sintática que parece estar incompleta ou mesmo ser parte de outra, como aparece no parte em destaque na figura 6. Além disso, vemos algumas palavras sublinhadas em vermelho e azul.

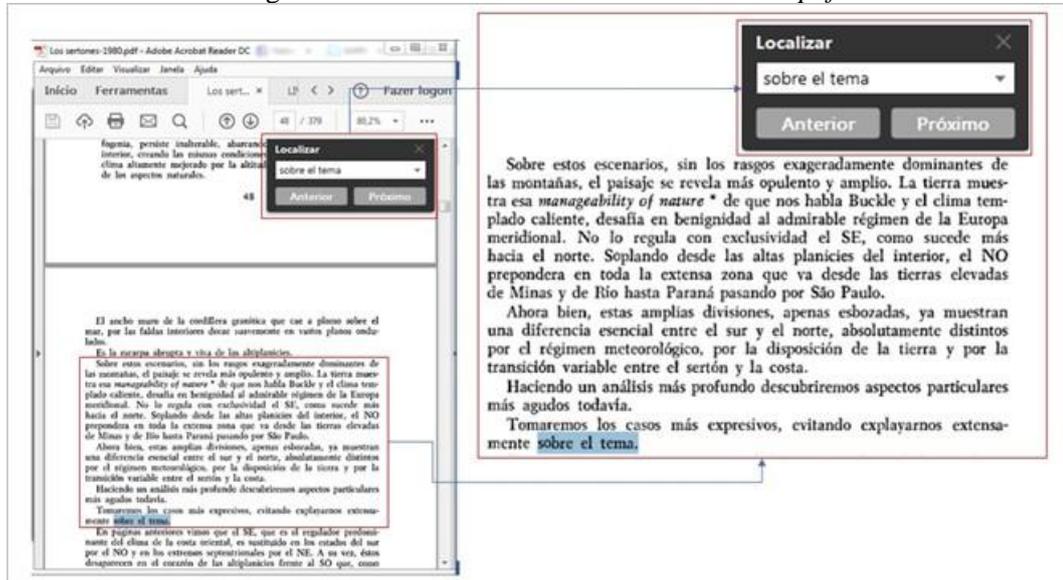
Figura 06 - Destaque dos problemas de conversão do TT.- II



Fonte: Banco de dados do pesquisador

Na ferramenta “Localizar” (ctrl + f) do leitor de *.pdf, digita-se por uma palavra, conjunto de palavras, frase ou oração o contexto incongruente observado no texto em *Word* e parte-se para o confronto e correção.

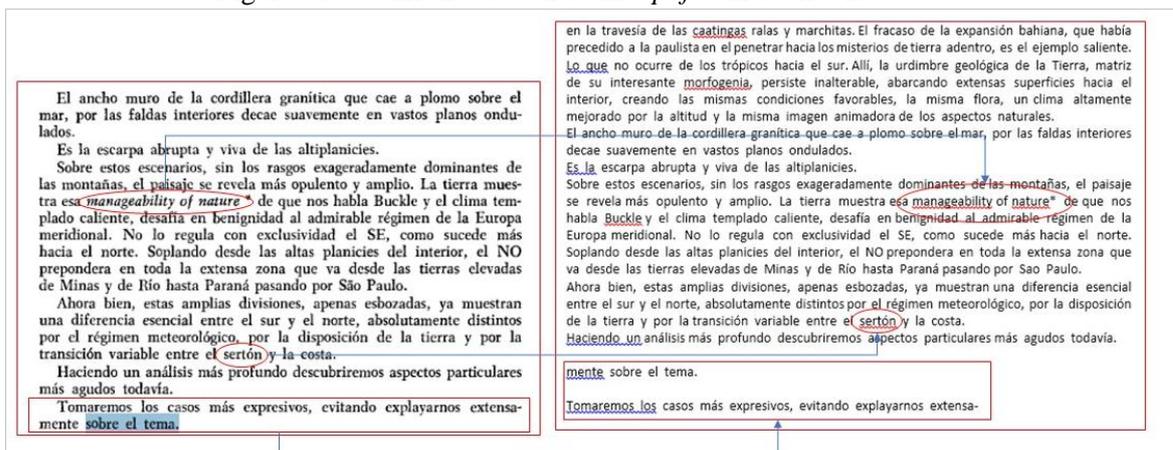
Figura 07 - Localizando contextos no TT em *.pdf



Fonte: Banco de dados do pesquisador

Na Figura 08, vê-se que o final da oração que estava no TO saltou para a linha anterior ao início da frase. Assim, foi identificado o equívoco na paragrafação pela separação da palavra “extensa-mente”. Além disso, identificamos também a falta de itálico em palavra de língua estrangeira como em “manageability of nature” e outras sublinhadas em vermelho e azul. Algumas, apesar de não reconhecidas pelo dicionário do *word*, aparecem no texto original, como por exemplo “sertón” em destaque na Figura 08.

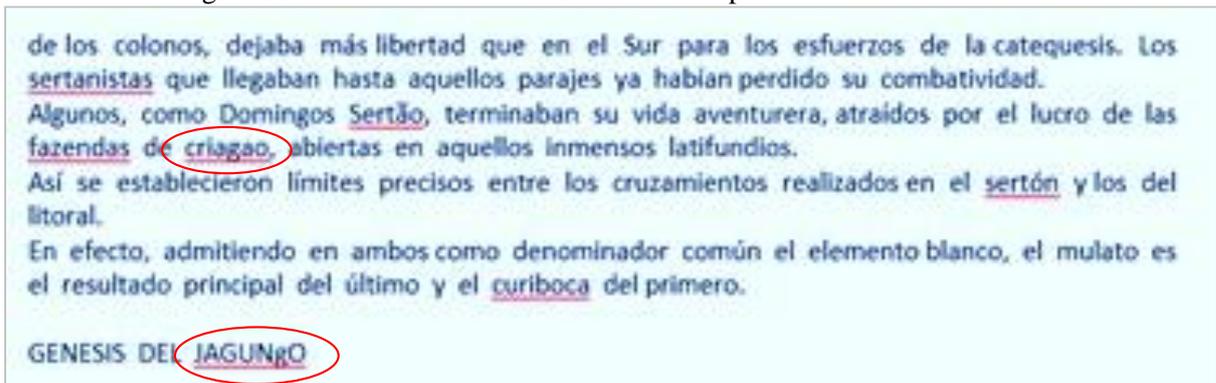
Figura 08 - Confronto do texto em *.pdf com o texto no *.word



Fonte: Banco de dados do pesquisador.

Na Figura 9, é interessante atentar para o não reconhecimento, no texto do *Word*, das cedilhas e o acento “~” (til) nas palavras “criação” e “Jagunço”. O programa de conversão utiliza um padrão de substituição deste caractere não reconhecido, por um textualmente condizente com a realidade linguística – “g”. Este padrão é reconhecido pelo programa *Word* como um equívoco, já que ele não reconhece os vocábulos “criagao” e “Jagungo”, o que facilitou a correção pelo pesquisador.

Figura 09 – TT em formato *. *word* com exemplo de falhas na conversão



Fonte: Banco de dados do pesquisador

Além desses erros, temos o caso das notas de rodapé. Estas são inseridas no texto, de uma maneira geral, por uma numeração (como uma possibilidade dentre outras) numa parte textual, que automaticamente vai para o pé da página, criando a possibilidade de inserção de uma nota, após a repetição do número. As notas serão importantes para compreender o tratamento dado ao vocabulário do texto, mas não são incluídas na análise quantitativa e por isso foram retiradas da versão em *.txt. As notas foram consideradas como parte extratextual, justificando a sua retirada no momento do tratamento do *corpus*.

3.4.2.3 O *corpus* de referência

De acordo com Berber Sardinha (2009), o *corpus* de referência deve ser composto por textos de diversos gêneros e ter o tamanho mínimo de três a cinco vezes maior que o *corpus* de estudo. O *corpus* de referência da pesquisa em questão foi constituído a partir do *corpus* disponibilizado pelo projeto de pesquisa *Padrões do Português Popular Escrito*: o vocabulário do Jornal Diário Gaúcho – PorPopular, proposto pela professora Doutora Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto do Instituto de Letras da Universidade Federal Rio Grande do Sul em colaboração (FACIN-PUC-RS, NILC-USP, UNISINOS, UERGS, UFSM). O projeto inicial (1ª

fase) teve duração de 24 meses – 2010 a 2012, e em sua fase posterior (2ª fase) duração de 36 meses, 2012 a 2015, financiado pelo CNPq através do Edital MCT/CNPq N ° 14/2009 – Universal.

Segundo a proposta inicial, o estudo visava descrever e estudar padrões vocabulares por meio de textos de jornais diários populares brasileiros destinados à camada da população de baixo poder aquisitivo, o que eles descrevem como D, E e F. Os estudos se apoiavam nas bases teórico-metodológicas da Linguística de *Corpus*, Lexicologia, Estudos da Língua Portuguesa, Estudos do Texto e do Discurso, Linguística Aplicada, Processamento da Linguagem Natural. Já na segunda fase foram acrescentadas a área de Comunicação Social/Jornalismo e um jornal de salvador

O *corpus* está disponibilizado pelo link <<http://bit.ly/2jaDk3s>> para consulta, visualização e download. O site é amigável, de aparência simples e fácil aprendizado e navegação, o que facilita a busca dos textos.

Foram escolhidos para a pesquisa em tela, um total de 10 arquivos de texto dos que estavam ali disponibilizados, que contam com um total aproximado de 1.749.943 *tokens* (palavras do texto) e 179.785 *types* (palavras diferentes, excluindo, para a contabilização, as repetições) segundo estatística feita pelo *WordSmith Tools 7.0*.

O gênero textual em destaque é, de uma forma geral, o jornalístico. Porém, vale considerar que dentro desse gênero textual encontramos outros gêneros, como bem demonstra a plataforma onde o *corpus* está disponível: atividades culturais, notícias sobre acidentes, histórias de pessoas da comunidade, entrevistas com famosos, textos sobre casos policiais, sobre esportes, denúncias de problemas sociais, oportunidades de emprego etc. Essa informação é relevante pois demonstra o quanto é variado, complexo e criativo o *corpus*. Assim, considera-se relevante, vale ressaltar

Os textos foram selecionados buscando-se a maior variedade possível de temas e editoriais, tendo em comum o fato de serem antecidos por um parágrafo destacado que funciona como uma pequena síntese-guia de seu conteúdo, denominada tecnicamente *lead*. (FINATTO, SCARTON e ALUISIO, 2011, p.34)¹⁰

¹⁰ FINATTO, M. J. B.; SCARTON, C. E.; ROCHA, A.; ALUISIO, S. M.. Características do jornalismo popular: avaliação da inteligibilidade e auxílio à descrição do gênero. In: VIII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana, 2011, Cuiabá - MT. Anais do STIL 2011. Cuiabá : Sociedade Brasileira de Computação, 2011. v. 01. p. 30-39.

Para a seleção dos textos para a pesquisa aqui em desenvolvimento, o critério de criatividade, variedade de gêneros textuais também foram levados em conta, como pode-se verificar na tabela abaixo.

Quadro 2. Descrição do *corpus* de Referência

Caracterização do texto		tokens (running words) in text (todas as palavras do texto)	Types (palavras diferentes)
70 textos futebol DG		44.860	5.331
2008 (7 MESES)	2008 – 1	175.344	16.587
	2008 – 2	189.733	17.306
	2008 – 3	187.978	17.256
	2008 – 4	204.189	18.044
	2008 – 5	197.084	17.745
	2008 – 6	182.456	17.075
	2008 – 7	185.630	16.935
2010 (1 MÊS)	2010 – 6	175.807	18.664
AMOSTRA POLICIA 2010- ANAROLIM-2-FIM 30 TEXTOS dg policia		12.504	2.918
BLOCO 1 AmostraSTIL2011_DG_partel AMOSTRA DE 80 textos_Diário Gaúcho_2008 e 2010 _textos de notícias com resumo-lead		18.011	4.247
CORPUS DG ESPACO DO TRABALHADOR - final		20.950	3.756
CORPUS DG ESPORTES – final		28.245	4.659
CORPUS DG O QUE HA DE NOVO - final		63004	9.656
CORPUS DG POLICIA – final		35.487	5.055
CORPUS DG SEU PROBLEMA E NOSSO - final		28.661	4.551
Total		1.749.943	179.785

Fonte: Elaborado pelo pesquisador baseado no projeto de pesquisa *Padrões do Português Popular Escrito: o vocabulário do Jornal Diário Gaúcho – PorPopular*

O *corpus* de referência serviu de base para o confronto com o TO para que, pudéssemos observar a chavidade das palavras, e para demonstrar a relevância de um determinado Marcador Cultural no TO e, naturalmente, a necessidade de analisar o seu comportamento no TT. Para verificar a chavidade das palavras confrontando o TO e o *corpus* de referência geralmente utiliza-se a ferramenta *KeyWords* do *WordSmith Tools 7.0*. Partindo-se da hipótese de que, se um determinado Marcador Cultural apresenta uma frequência maior no TO em relação ao *corpus* de referência, este deve ter prioridade para ser analisado no presente estudo, uma vez que não será possível analisar todos os MC. Na pesquisa em questão, fizemos uma *wordlist* do *Corpus* de Referência e buscamos cada um dos Marcadores Culturais já escolhidos no TO após análise da sua *wordlist* para confirmar a frequência destes no *corpus* de Referência.

Salientamos que com essa comparação, todas as frequências se igualaram a 0 (zero), ou seja, não havia co-ocorrência dos Marcadores Culturais do TO no *corpus* de referência, com exceção do Marcador *caatinga* que teve 1 ocorrência apenas. Essa situação nos deu mais parâmetros para confirmar o caráter de Marcadamente Cultural aos vocábulos da presente investigação.

3.4.3 *WordSmith Tools 7.0* e os procedimentos adotados para obtenção dos dados

O *WordSmith Tools 7.0* é um pacote de *software* pago, destinado, principalmente, para linguistas, em particular para o trabalho no campo da linguística do *corpus*. O programa foi desenvolvido pelo linguista britânico Mike Scott na Universidade de Liverpool e lançado como versão 1.0 em 1996. Baseou-se no *MicroConcord*, co-desenvolvido por Mike Scott e Tim Johns, publicado pela Oxford University Press em 1993. Versões 1.0 até 4.0 foram vendidos exclusivamente pela Oxford University Press, a versão atual 7.0 e as versões anteriores também são distribuídas pela *Lexical Analysis Software Limited*. O *software* é executado no sistema operacional *Windows* e tem uma interface amigável que facilita a sua utilização.

Na pesquisa em questão utilizamos a versão disponibilizada pelo NEIHD – Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais – Coordenado pelo Professor Patrício Nunes Barreiros. Vale salientar que o projeto de pesquisa a que está vinculada a investigação em tela está inscrita no NEIHD. O núcleo adquiriu o *software* para uso nesta pesquisa e, também, em pesquisas futuras.

Segundo Berber Sardinha (2004, p. 86-87),

O que pode favorecer o emprego maior de ferramentas computacionais na análise linguística é a existência de programas flexíveis e fáceis de usar. Um dos programas é o *WordSmith Tools*, escrito por Mike Scott [...]. O programa coloca à disposição do analista uma série de recursos que, bem usados, são extremamente úteis e poderosos na análise de vários aspectos da língua, como a composição lexical, a temática de textos selecionados e a organização retórica e composicional de gêneros diversos.

Desde a sua primeira versão, criada em 1996, o *WordSmith Tools* tem sido aprimorado em sucessivas atualizações. Atualmente, o programa já se encontra em sua versão 7.0 e é utilizado por linguistas em diversas partes do mundo.

O *WordSmith Tools* é composto de (a) ferramentas, (b) utilitários, (c) instrumentos, e (d) funções (BERBER SARDINHA, 2004) que são descritas no tutorial *online* disponível em http://lexically.net/wordsmith/step_by_step_Portuguese7/index.html?introduction.htm.

As ferramentas de análises do *WordSmith Tools 7.0* interessam à presente pesquisa pois são muito úteis na análise de dados de grande volume como é o caso da obra *Os Sertões*, e sua tradução. Além disso, pela rapidez no processamento dos dados e na produção das listas de palavras com a ferramenta *Wordlist*, que facilita o trabalho de separação dos candidatos a Marcadores Culturais. Também, a simplificada observação dos contextos em que estão inseridos esses candidatos através do *Concord* nos possibilitará verificar e admitir se cada unidade léxica selecionada é mesmo um marcador cultural ou não, possibilitando também inscrevê-lo no Domínio Cultural aqui investigado. Também, o alinhamento do TT com o TO permitirá comparar as escolhas da tradutora com as unidades léxicas do texto da obra em Português, dentre outras possibilidades.

3.4.3.1 As ferramentas do *WordSmith Tools 7.1* utilizadas na pesquisa

A ferramenta *WordList* permitiu a extração de listas de palavras dos arquivos selecionados, possibilitando gerar: (i) lista simples de palavras individuais (*wordlist*); (ii) lista de múlti-palavras (*wordlist, clusters activated*); (iii) lista de palavras de consistência individual (*detailed consistency, clusteres activated*); (iv) lista de dimensões e densidade lexical (*statistics*). Ao solicitar a criação de uma lista simples de palavras, o programa produziu, também e simultaneamente, duas listas, uma ordenada alfabeticamente e outra classificando as palavras em ordem de frequência, com as palavras mais frequentes encabeçando a lista:

Figura 10 – Lista de palavras em ordem alfabética e em ordem de frequência

The figure displays two side-by-side screenshots of the WordList software interface. Both windows show a table with columns for Word, Freq., %, Texts, and % Disp. The left window is titled 'Word list (C:\Users\User\Documents\wsmith7\text\os-sertoes\text_espanhol\Los se' and shows a list of words sorted by frequency. The right window is titled 'it View Compute Settings Windows Help' and shows a list of words sorted alphabetically.

N	Word	Freq.	%	Texts	% Disp.
1	DE	10...5	6,27	1	10...0
2	LA	6.940	4,24	1	10...0
3	EL	5.223	3,19	1	10...0
4	EN	4.580	2,80	1	10...0
5	LOS	4.545	2,78	1	10...0
6	Y	4.250	2,60	1	10...0
7	LAS	3.389	2,07	1	10...0
8	QUE	3.079	1,88	1	10...0
9	A	2.920	1,78	1	10...0
10	SE	2.653	1,62	1	10...0
11	POR	2.187	1,34	1	10...0
12	DEL	2.176	1,33	1	10...0
13	UN	1.990	1,22	1	10...0
14	UNA	1.566	0,96	1	10...0
15	#	1.352	0,83	1	10...0
16	CON	1.232	0,75	1	10...0
17	AL	1.169	0,71	1	10...0
18	NO	0,75	0,60	1	10...0

Word	Freq.	%	Texts	% Disp.	Lem
À	1		1	10...0	
À	2		1	10...0	
AB	1		1	10...0	
ABA	1		1	10...0	
ABADE	10		1	10...0	0,61
ABAJO	53	0,03	1	10...0	0,75
ABAN	12		1	10...0	0,53
ABANDO	1		1	10...0	
ABANDONA	2		1	10...0	0,35
ABANDONABA	4		1	10...0	0,47
ABANDONABAN	3		1	10...0	0,51
ABANDONADA	1		1	10...0	
ABANDONADAS	4		1	10...0	0,24
ABANDONADO	10		1	10...0	0,71
ABANDONADOS	8		1	10...0	0,67
ABANDONANDO	9		1	10...0	0,69
ABANDONAR	5		1	10...0	0,48
ABANDONARIA	2		1	10...0	

Fonte: *WordList Los Sertones*

O programa ofereceu ainda uma terceira tela na qual aparecem os dados estatísticos relativos ao *corpus* usado para produção das listas. Estes dados são importantes para assegurar que estatisticamente e em contraste com o corpus de referência, o corpus de estudo seja entre 3 e 5 vezes menor que o corpus de referência (*cf. seção 3.4.2.3*), provando, assim que o corpus de referência é representativo.

Figura 11 – Dados estatísticos da *WordList*

The screenshot shows a window titled 'Statistics List (unsaved)' with a menu bar (File, Edit, View, Compute, Settings, Windows, Help) and a table of statistics. The table has two columns: the left column lists statistical metrics, and the right column shows their values. At the bottom, there are tabs for 'frequency', 'alphabetical', 'statistics' (selected), 'filenames', and 'notes'. The status bar at the very bottom indicates '77 entries', 'Row 1', '0%', and 'text file'.

	N
text file	Overall
file size	1.020.593
tokens (running words) in text	158.703
tokens used for word list	157.646
sum of entries	
types (distinct words)	22.387
type/token ratio (TTR)	14,20
standardised TTR	56,55
STTR std.dev.	42,72
STTR basis	1.000
mean word length (in characters)	5,17
word length std.dev.	3,18
sentences	7.944
mean (in words)	19,84
std.dev.	17,31
paragraphs	1
mean (in words)	157.646,00
std.dev.	
headings	
mean (in words)	
std.dev.	
sections	1
mean (in words)	157.646,00
std.dev.	

Fonte: *WordList Los Sertones*

As listas de palavras do *WordSmith Tools 7.0* podem ser de dois tipos: com palavras individuais ou com agrupamentos de palavras (*clusters*). Há dois procedimentos básicos disponíveis e muito úteis no *WordList* que permitem: a) criar uma lista apenas, para um ou mais arquivos selecionados como foi ilustrado acima; b) criar várias listas, uma para cada arquivo e criar um arquivo de índice. Essas opções têm finalidades específicas e são úteis para a manipulação dos dados da pesquisa, permitindo ao pesquisador realizar consultas e confrontar dados.

Separamos o texto por capítulos da mesma forma que o livro propõe, 3 capítulos diferentes: *A Terra*, *A Luta* e *O Homem*. Essa separação nos ajudou a observar a incidência dos Marcadores Culturais da dimensão ecológica ao longo da obra, por capítulo e pudemos perceber que no primeiro capítulo, *A Terra*, o aparecimento destes marcadores foi proporcionalmente maior que nos outros, já que o primeiro capítulo consta de um total de 16.050 tokens (total de palavras do texto), 5.098 types (palavras diferentes) e 115 candidatos a Marcadores Culturais, o segundo, 39.516 tokens, 10.272 types e 78 candidatos a marcadores e, por fim, o terceiro, 103.137 tokens e 16.534 types e 104 candidatos a marcadores. Vale ressaltar que muito dos candidatos a marcadores se repetem ao longo dos capítulos.

Para além disso, é preciso destacar que o Domínio Ecológico consta de vocábulos que designam seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do vocábulo não tenha sofrido alteração pela ação do homem (AUBERT, 1981 apud MARTINS; CAMARGO, 2008). Isso nos possibilitou encontrar, além dos elementos destacados acima, outros relacionados a nomes de rios, riachos, montes, chapadas, montanhas etc. que foram contabilizados para a contagem que acima apresentamos, porém não entraram na discussão desta pesquisa.

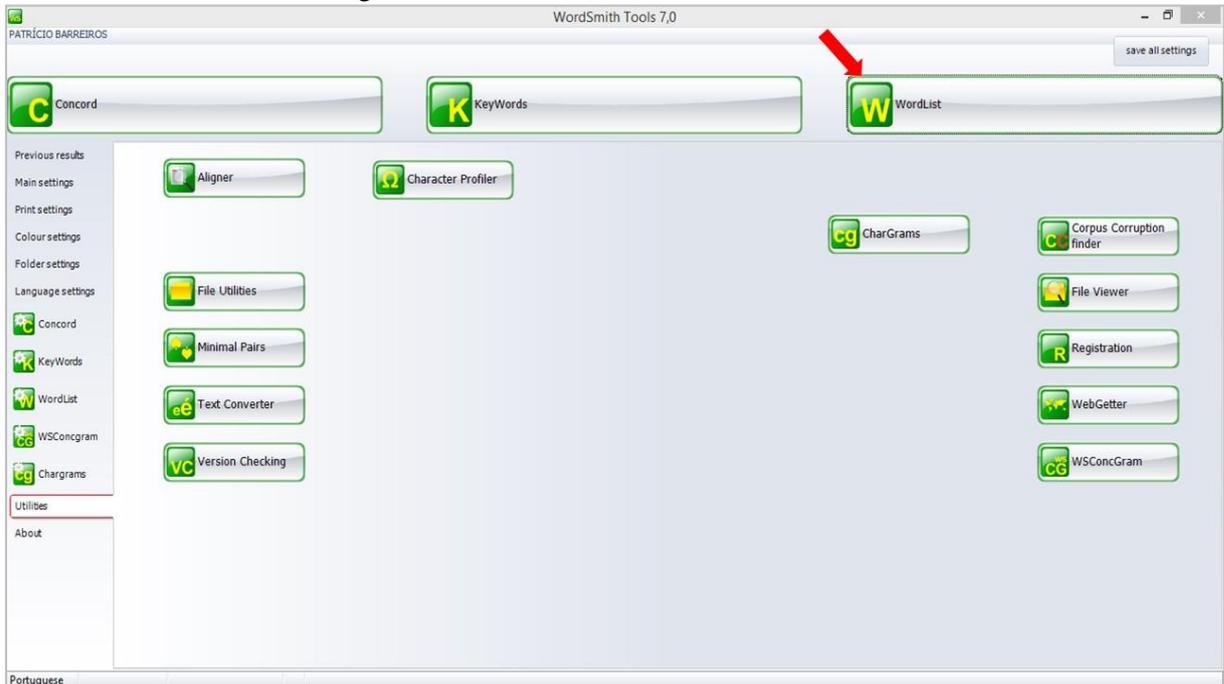
Estabelecemos esse recorte do *corpus* de análise por conta do tempo disponível para a pesquisa. Nesse interim, decidimos por retirar os nomes de rios, riachos, lagos, morros, montes, chapadões e toda sorte de elementos que pertencessem ao campo da toponímia, excluindo, assim, candidatos a Marcadores Culturais pertencentes a um esquema cultural comum.

Assim, e após essas decisões, demos seguimento ao tratamento do *corpus* com a ferramenta *WordSmith Tools 7.0*. começamos a fazer a lista de palavras por capítulos como demonstraremos a seguir. Apresentaremos a partir de agora um passo a passo da utilização do programa e de suas ferramentas e utilitários. Focaremos aqui nas ferramentas utilizadas para a pesquisa em questão com o intuito de oferecer à pesquisadores e usuários, de maneira geral, uma espécie de manual ilustrado com o *print* da sequência em que fizemos o nosso trabalho. Também, esse “manual” servirá de referência básica para o grupo de pesquisa de que faz parte esta investigação.

Etapa 1. Construindo a lista de palavras

- Abra o programa WordSmith Tolls 7.0 no seu computador;
- no canto superior direito da tela, escolha a ferramenta → **Wordlist** (lista de palavras);

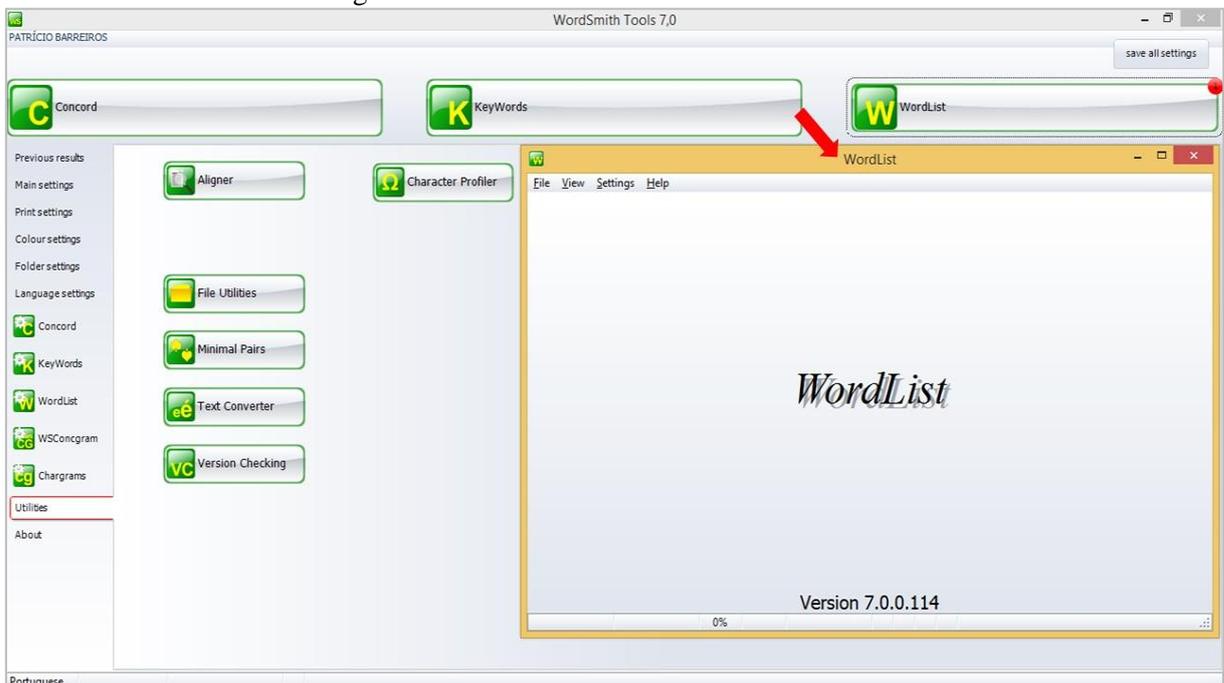
Figura 12 – Escolhendo a ferramenta *WordList*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- abrirá uma nova janela, a da ferramenta → **WordList**;

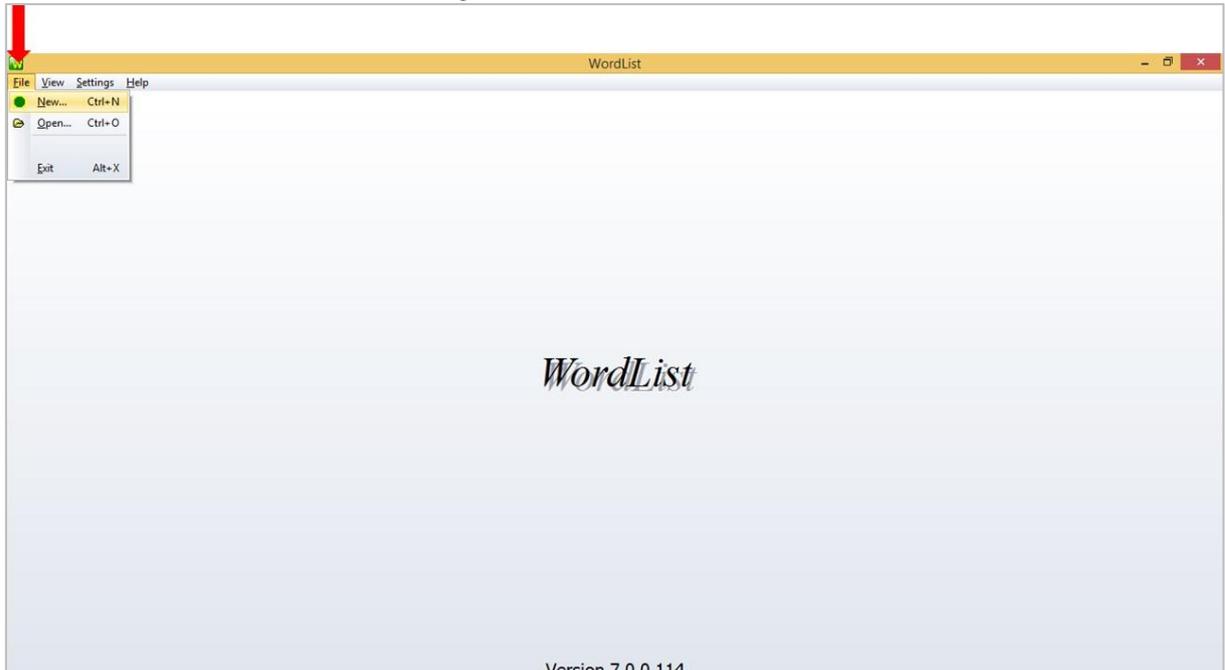
Figura 13 – Visualizando interface do *WordList*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- d. no canto superior esquerdo escolha → **File** → **New** para começar a criar uma “nova” lista de palavras;

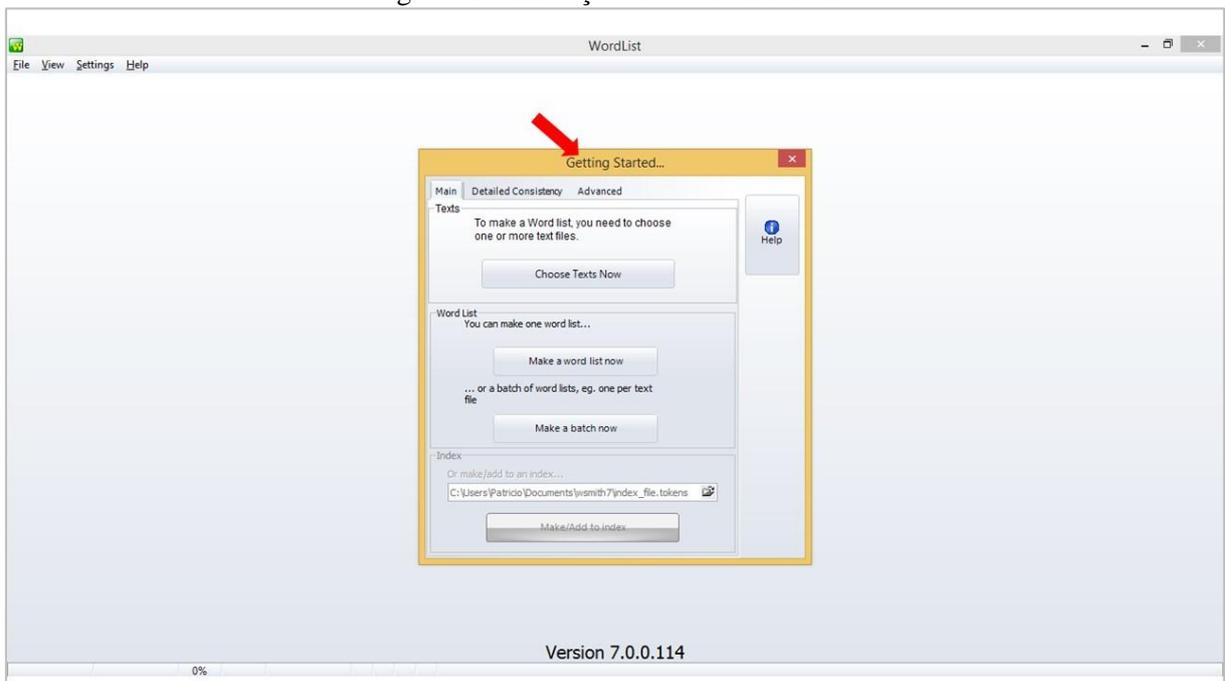
Figura 14 – Criando *WordList*



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- e. abrirá uma nova janela → **Getting Started...** (Começando...);

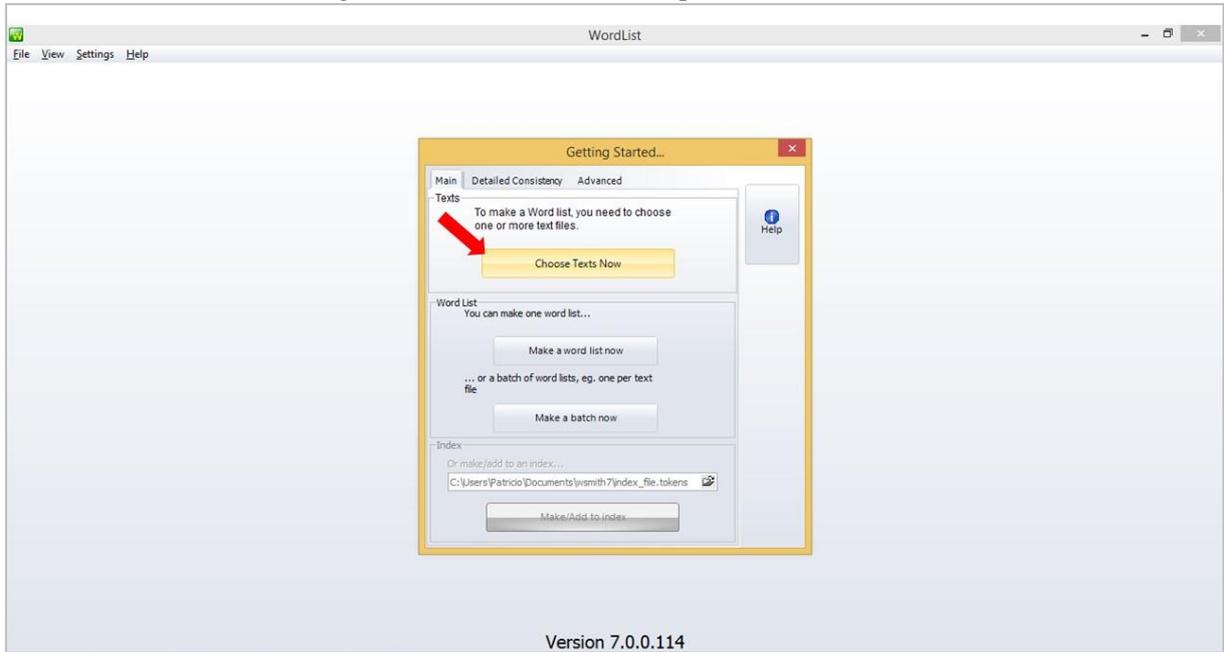
Figura 15 –Começando a criar *WordList*



Fonte: *Wordsmith Tools 7*

- f. nessa nova janela, no canto superior direito, escolha → **Main** (Principal) → **Choose Texts Now** (Escolher Textos Agora);

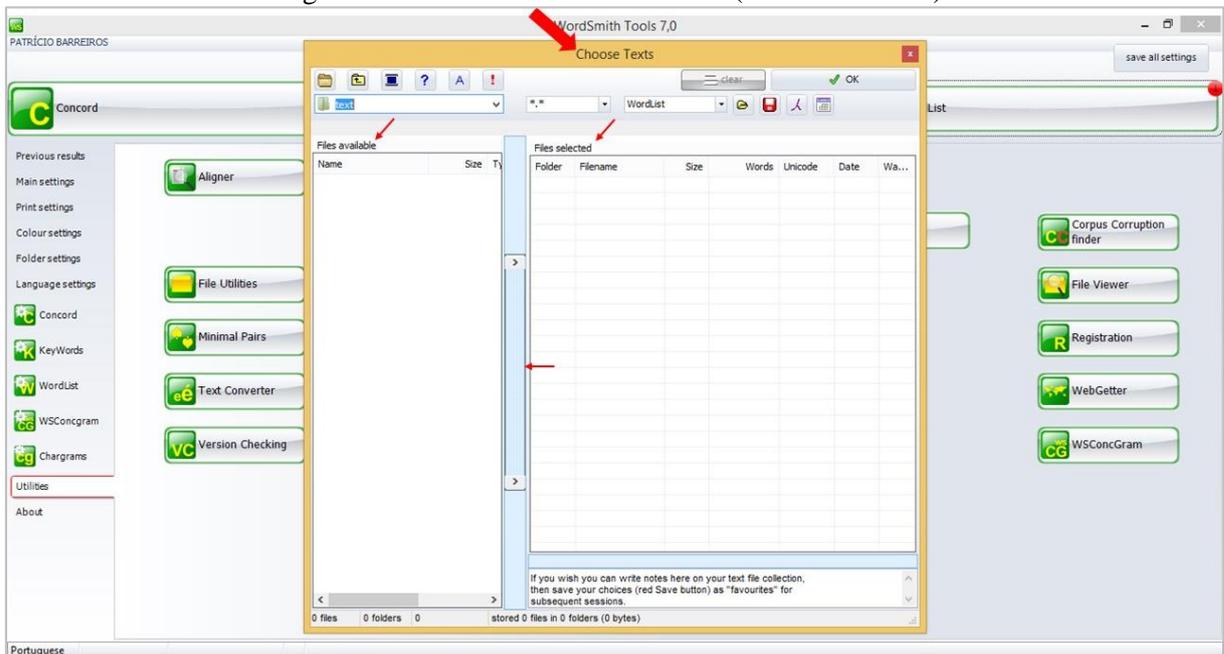
Figura 16 – Escolhendo textos para criar *WordList*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- g. abrirá uma nova janela → **Choose Texts** (Escolher Textos) com uma coluna à esquerda → **Files available** (Arquivos acessíveis), uma coluna à esquerda → **Files selected** (Arquivos selecionados), e entre elas, uma barra central que leva os arquivos da esquerda para a direita;

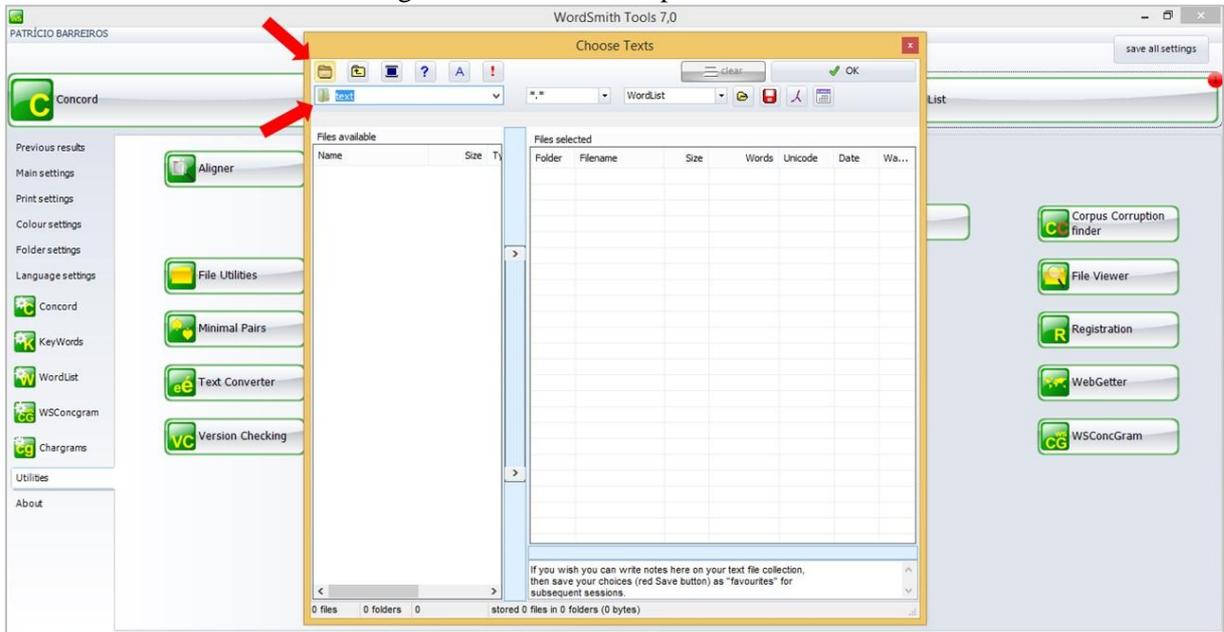
Figura 17. Entendendo a Choose Text (Escolher Textos)



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- h. no canto superior da janela → **Choose Texts** você pode escolher:
1.  (*browse for folder*) para procurar o arquivo que servirá de base para a wordList;
 2. ou o menu →  **text** para buscar a pasta com os textos que farão a *WordList*;

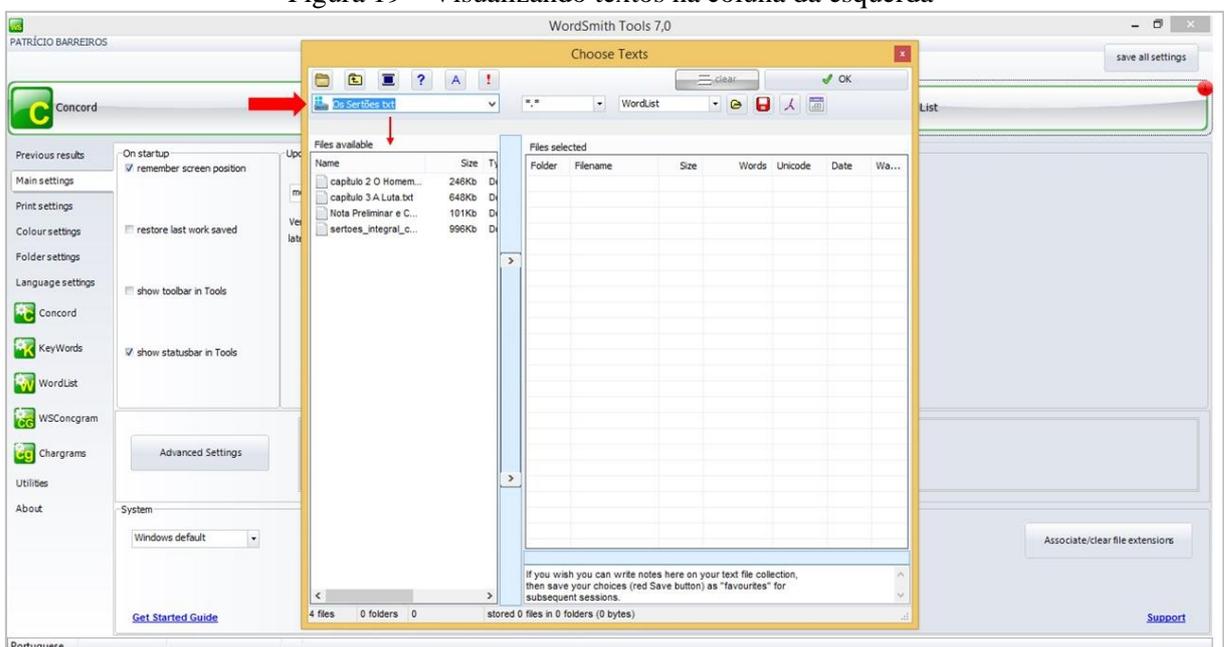
Figura 18 – Procurando pasta dos textos



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- i. na pesquisa em questão escolhemos a segunda opção. Nesse caso, ao abrir a pasta todos os textos que ela contém estarão acessíveis na coluna da esquerda (*Files available*). Estes já devem estar na extensão **.txt*;

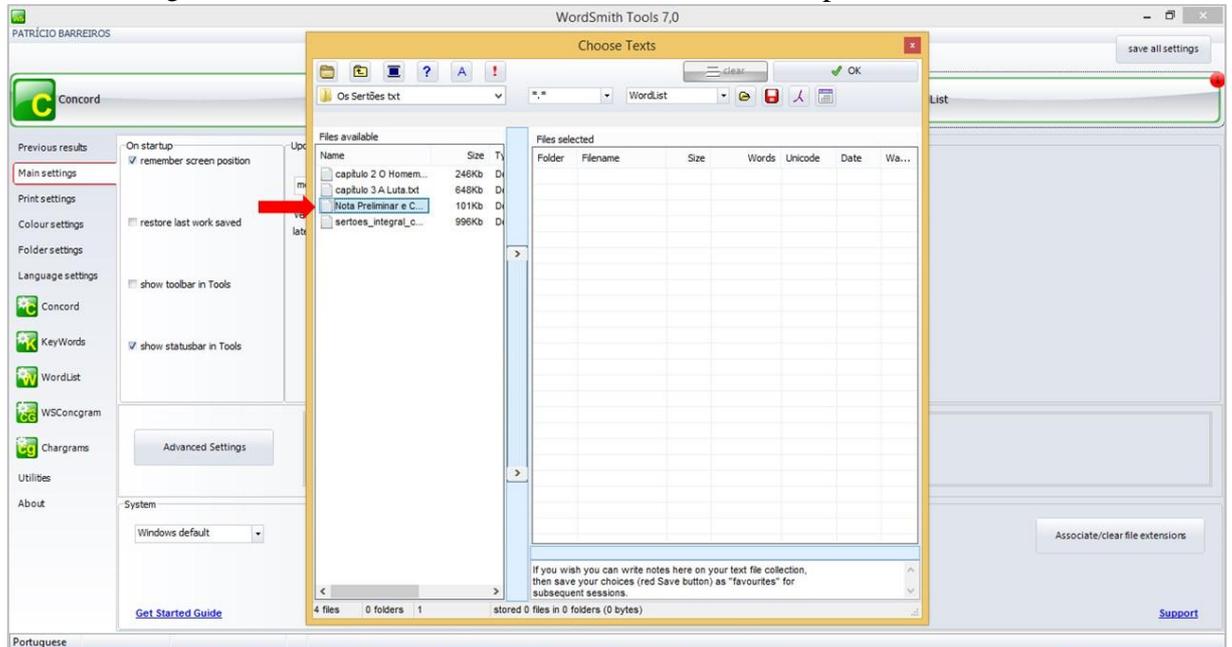
Figura 19 – Visualizando textos na coluna da esquerda



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- j. na pesquisa em questão escolhemos a segunda opção. Nesse caso, ao abrir a pasta todos dos textos que aparecem na coluna da esquerda selecionamos os que vão servir de base para a sua *WordList* clicando uma vez sobre ele. Na pesquisa em questão, Nota preliminar e Capítulo 1 A Terra;

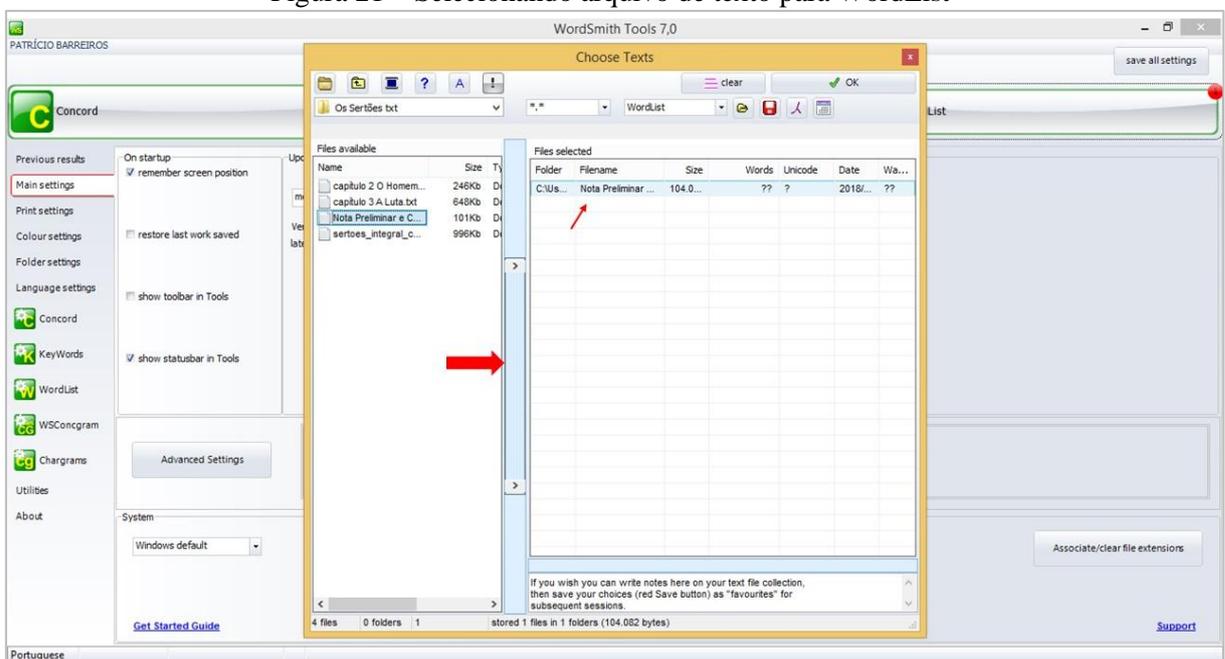
Figura 20 – Escolhendo um ou mais textos acessíveis para *WordList*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- k. clique na barra central para que o arquivo saia da coluna da esquerda (*File available*) para a coluna da direita → **Files selected**;

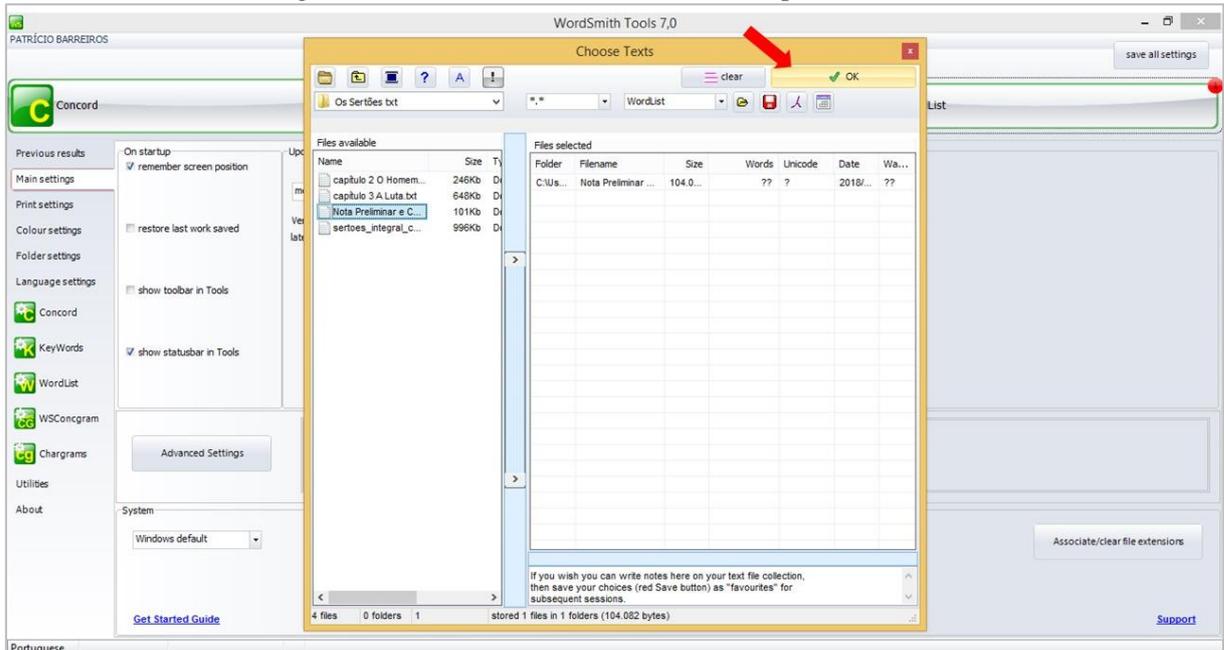
Figura 21 – Selecionando arquivo de texto para *WordList*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- l. no canto superior direito, clique em → **Ok**;

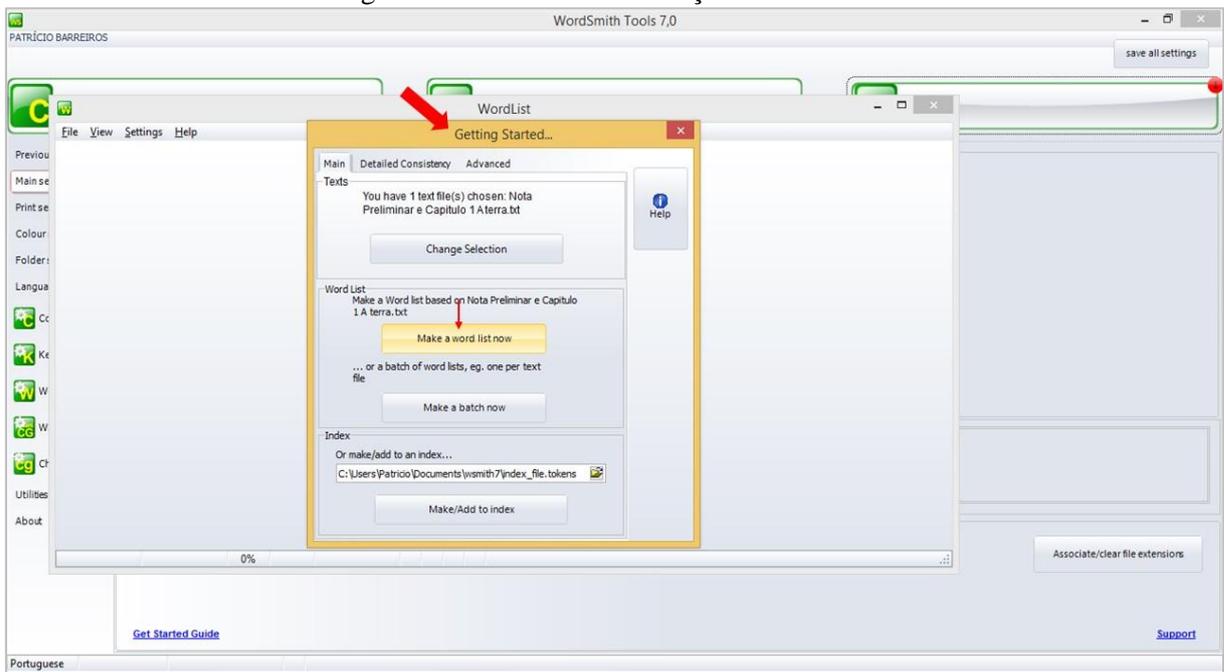
Figura 22 – Finalizando a escolha do texto para *WordList*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- m. o programa voltará à janela → **Getting Started...**;
- n. no centro desta janela Clique em → **Make a word list now** (Faça uma lista de palavras agora);

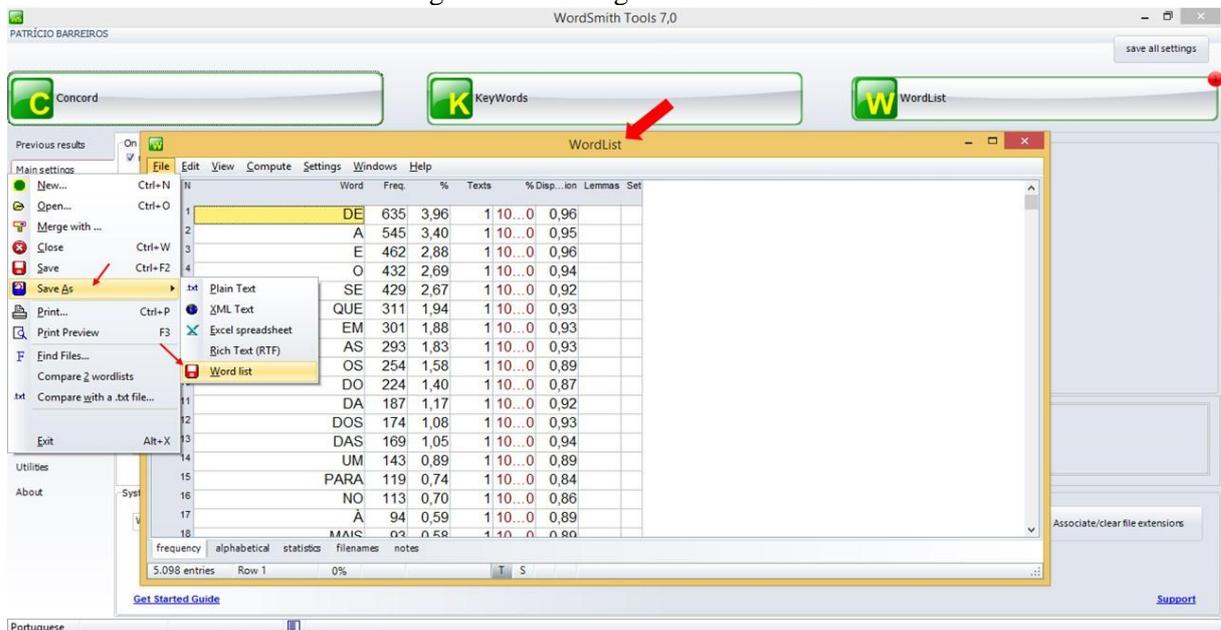
Figura 23 – Finalizando a criação da *WordList*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- o. a lista de palavras do texto escolhido será carregada e aparecerá em uma nova janela → **WordList**;
- p. no canto superior esquerdo, clique em → **File** → **Save as** → **WordList**;

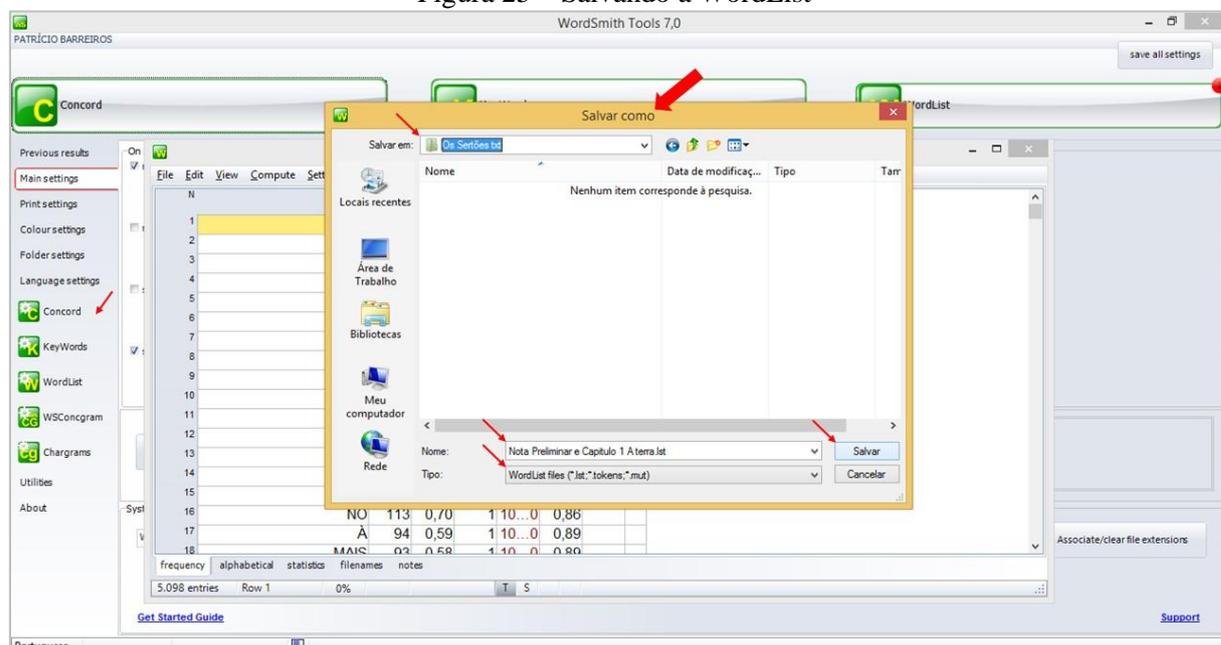
Figura 24 – Carregando a *WordList*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- q. aparecerá a caixa de diálogo → **Salvar como**. Nela você deverá:
1. no menu desdobrável → **Salvar em**, procurar uma pasta para salvar o arquivo.
 2. no campo → **Nome**, nomear o seu arquivo.
 3. no menu desdobrável → **Tipo**, escolher → **WordList files (*.lst; *.tokens; *.mut)**.
- no canto inferior direito da tela, clique em → **Salvar**.

Figura 25 – Salvando a *WordList*

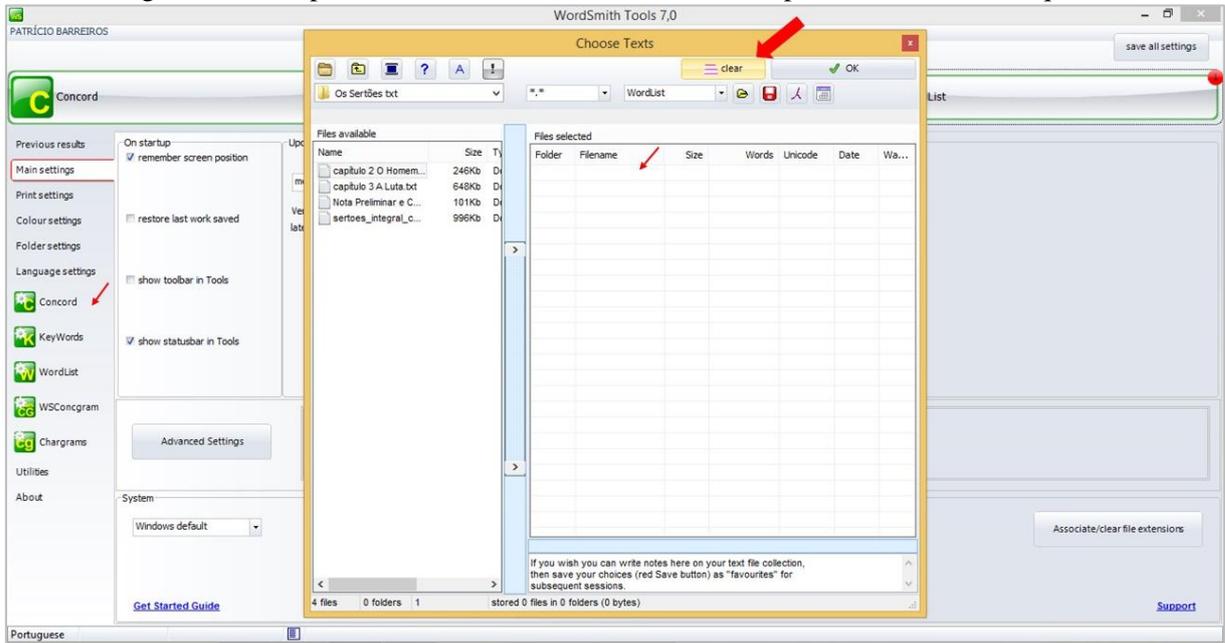


Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

Etapa 2. Escolhendo outro texto para construir nova lista de palavras

- Na janela → **Choose Texts** selecione o arquivo que está na coluna da direita (*File selected*) que já foi convertido em **.lst*, clicando uma vez sobre ele;
- no canto superior direito da tela, clique em → **Clear** (Limpar) para deletá-lo

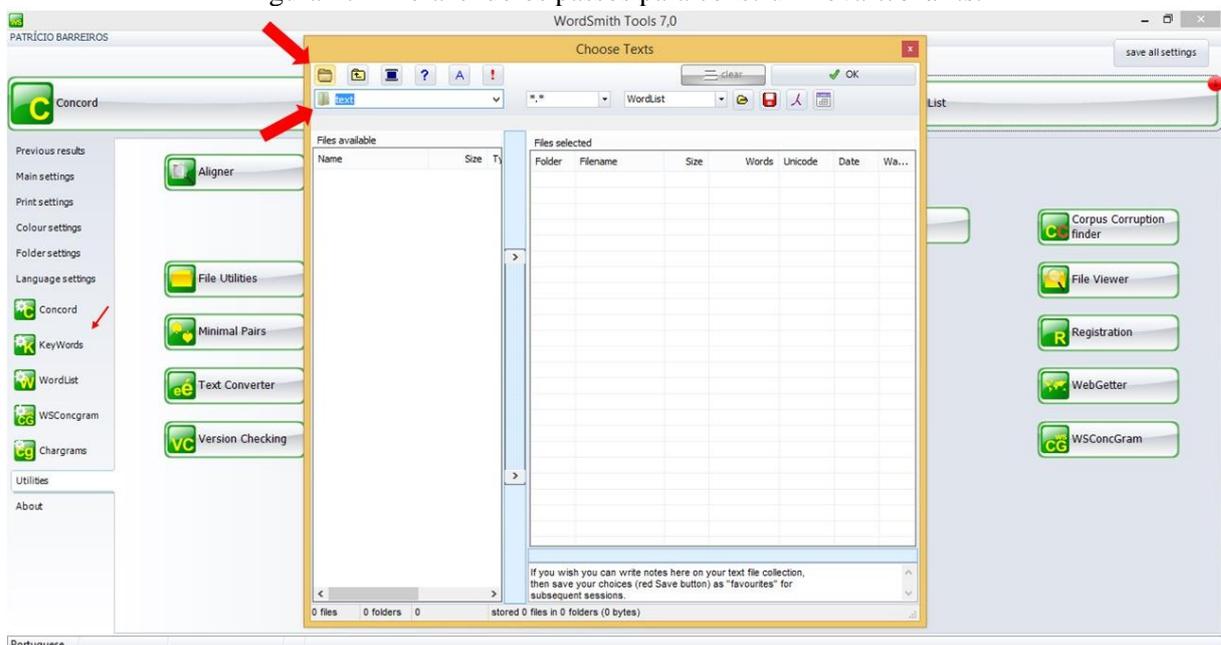
Figura 26 – Limpando coluna da direita do *Choose Text* para escolher novo arquivo



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- Valha-se os passos de acesso a arquivos como em → **h)**
- Na pesquisa em questão, os textos já estavam na coluna da esquerda → **Files available**. Seguimos os passos a partir de → **i)**

Figura 27 – Refazendo os passos para construir nova *WordList*



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

Após convertermos todas as partes do *corpus* de referência em **lst*, procedemos com a busca pelos candidatos a MCs do Domínio ecológico. Copiamos a lista para o *word* e fizemos a seleção inicial. Esta seleção foi feita de maneira diferente do que se propõe geralmente nos trabalhos de natureza comparada. Fizemos a seleção a partir da leitura de todas as listas e separando os possíveis MCs, relacionando com o Domínio a que nos propusemos investigar.

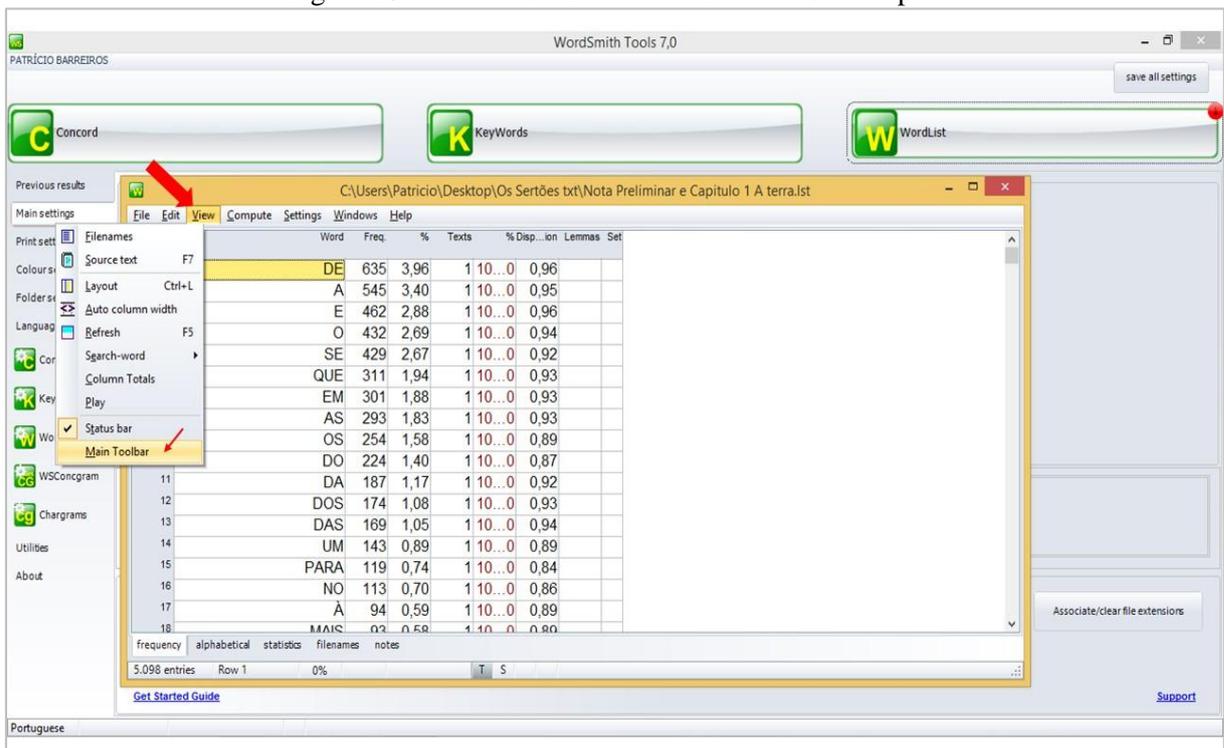
Vale ressaltar que esta metodologia foi utilizada devido a que percebemos uma fragilidade no programa. Ele não reconhece unidades lexicais complexas. Isso poderia nos levar a equívocos e ao descarte ou não consideração de unidades tais como *cabeça de frade*, *canudos de pito* dentre outras, já que cada uma das palavras que compõem a unidade lexical aparece separadamente na lista, sem menção à complexidade vocabular nestes (e em outros) casos.

Após a escolha dos candidatos, fizemos a verificação contextual para, por fim, confirmar a possibilidade de a unidade lexical ser ou não um Marcador Cultural. Esta etapa também foi feita a partir do uso do *WordSmith Tools 7.0* pela ferramenta *Concordance*. A metodologia de uso do *concordance* na pesquisa em questão está explicitada a seguir.

Etapa 1. Acessando os contextos a partir do *Concordance* do *WordSmith Tools 7.0*

- a. Com a lista de palavras aberta na ferramenta *WordList* do *WordSmith Tools 7.0*, vá em → **View** (Visualização) → **Main Toolbar** (Barra de Ferramentas Principal);

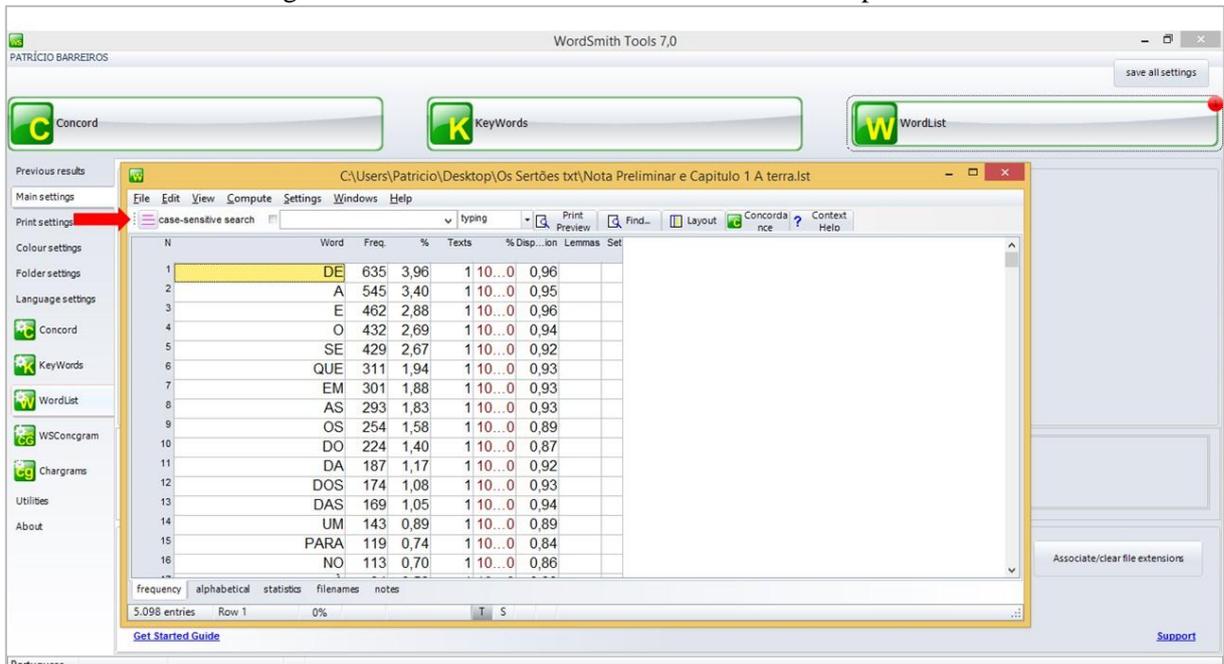
Figura 28 – Ativando a Barra de Ferramentas Principal



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- b. aparecerá na janela da *WordList*, a Barra de Ferramentas Principal;

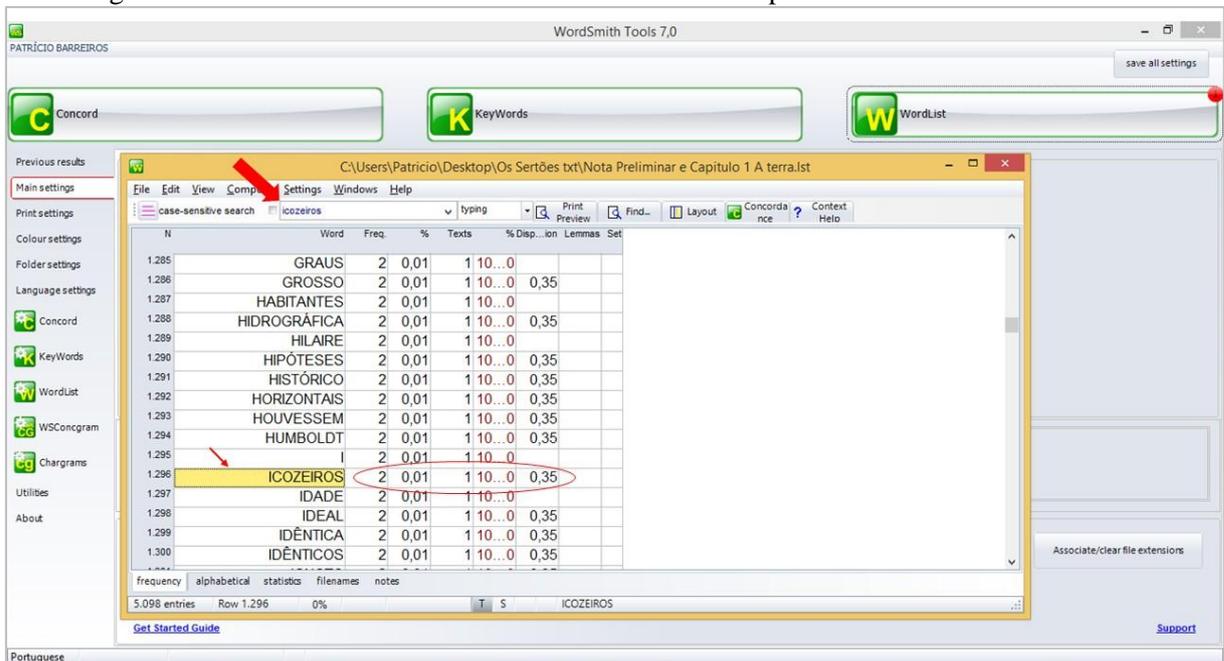
Figura 29 –Mostrando Barra de Ferramentas Principal ativa



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- c. na Barra de Ferramentas Principal, no campo de busca, digite o vocábulo que você está buscando. Ele aparecerá em destaque na *WordList*. A seu lado direito aparecerá, dentre outras informações, a sua frequência no texto;

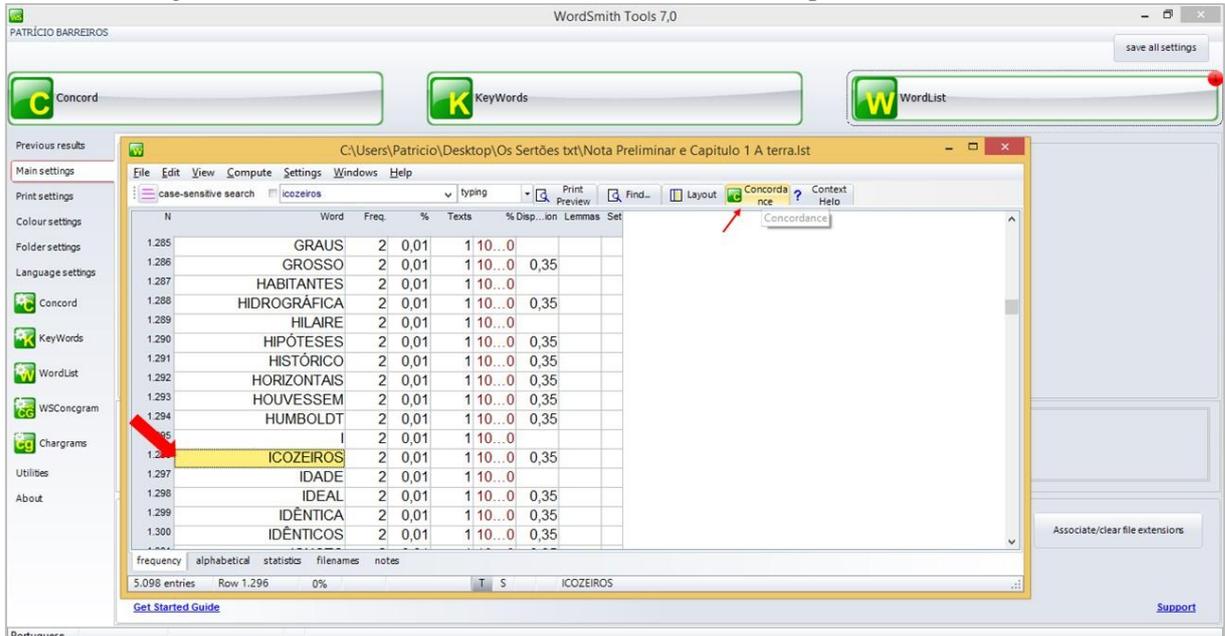
Figura 30 – Encontrando o candidato a MC na *Wordlist* a partir da Barra de Ferramentas.



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- d. para ver a palavra em contexto, selecione-a, clicando uma vez sobre ela, e na barra de ferramentas vá em → **Concordance**;

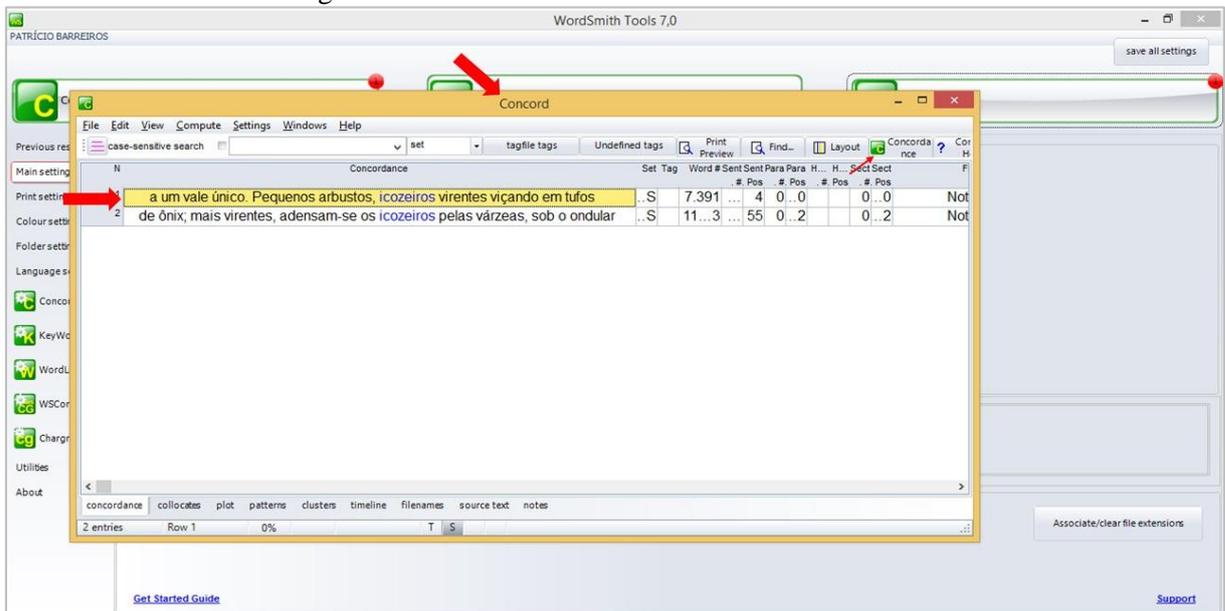
Figura 31 – Acessando o contexto do candidato a MC a partir do *Concordance*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- e. aparecerá a janela **Concord**, com os contextos em que o vocábulo aparece. Cada contexto aparecerá em uma linha diferente com o vocábulo destacado em azul. Aparecerão tantos contextos quantas sejam as ocorrências da palavra no texto;
- f. se o contexto for insuficiente para compreender os sentidos e defini-lo como (possível) MC, você pode selecionar o contexto duvidoso e ir ao botão → **Concordance**, ou clicar duas vezes sobre o contexto;

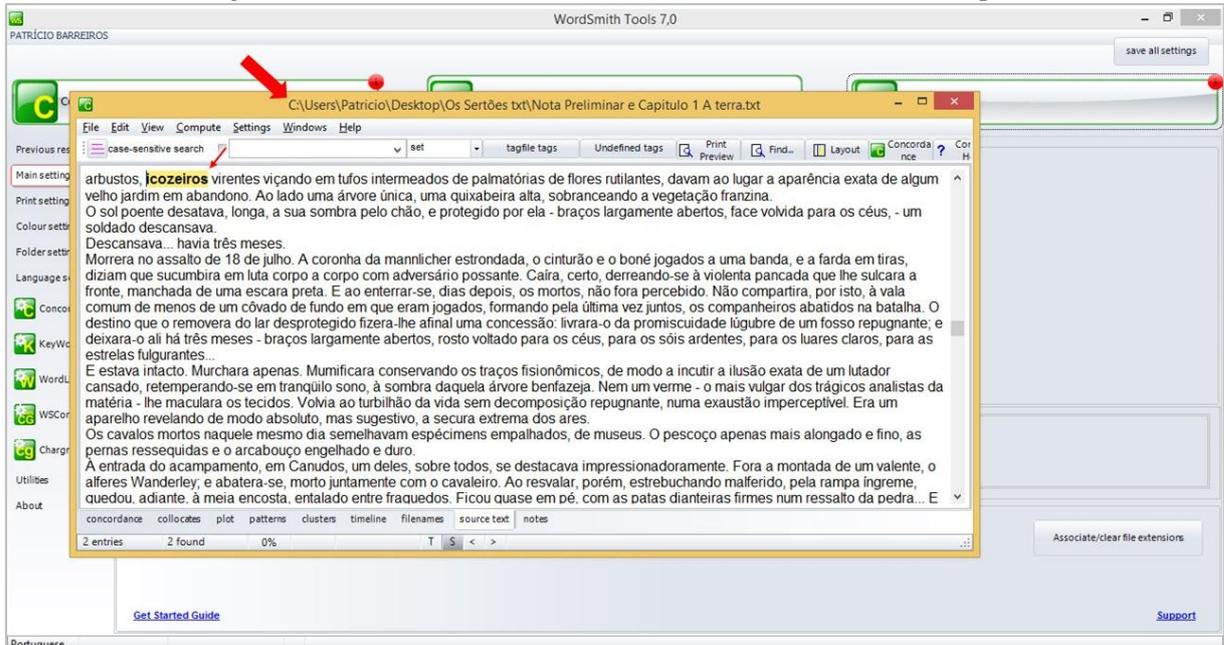
Figura 32 – Visualizando o contexto no *Concordance*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

g. Aparecerá uma nova janela, com o texto, e o contexto mais amplo onde a unidade léxica está inserida. A palavra aparecerá em destaque.

Figura 33 – Visualizando o candidato a MC em contexto mais amplo



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

A partir de uma palavra específica (o nódulo), a ferramenta *Concord* realiza concordâncias e/ou listas, destacando tal palavra no(s) contexto(s) onde ocorre. Permite também gerar listas de colocados, ou seja, palavras que ocorrem próximas do nódulo, em posições determinadas. A *concordance* pode ser acionada de duas maneiras: clicando em *Tools* → *Concord* no *Controller* ou clicando em uma palavra da lista de palavras produzida pelo *WordList*.

Verificado o contexto de uso dos vocábulos e sua co-ocorrência, organizou-se uma lista prévia dos possíveis Marcadores Culturais do *Domínio Ecológico* presentes no TO. Na sequência, procedeu-se a verificação de cada um dos vocábulos em dicionários de língua portuguesa, como o Houaiss (2001) e em glossários¹¹. Além da consulta a essas fontes mencionadas, levou-se em consideração os critérios de classificação dos MC apresentados na discussão teórica dessa dissertação. Após a conferência da lista, o passo seguinte será a elaboração do glossário dos Marcadores Culturais¹² presentes no TO e a identificação de cada um dos vocábulos no texto traduzido para a língua espanhola.

¹¹ Foram utilizados os glossários de teses e dissertações que tiveram como objeto de estudo os Marcadores Culturais de obras literárias brasileiras traduzidas.

A ferramenta *Aligner* é utilizada para observar a opção de tradução de cada um dos candidatos a MC que integram as fichas apresentadas na sessão 4.0. A vantagem do alinhamento é que se pode fazer uma busca do vocábulo em língua portuguesa, permitindo localizá-la no TO e, conseqüentemente, no TT. Isso permite observar o comportamento adotado pelo tradutor com mais precisão e rapidez.

O alinhamento dos textos também favorece a classificação da modalidade de tradução adotada pelo tradutor. Este paralelismo acontece alinhando os fragmentos do texto (parágrafos ou sentenças) o que facilita a leitura e análise.

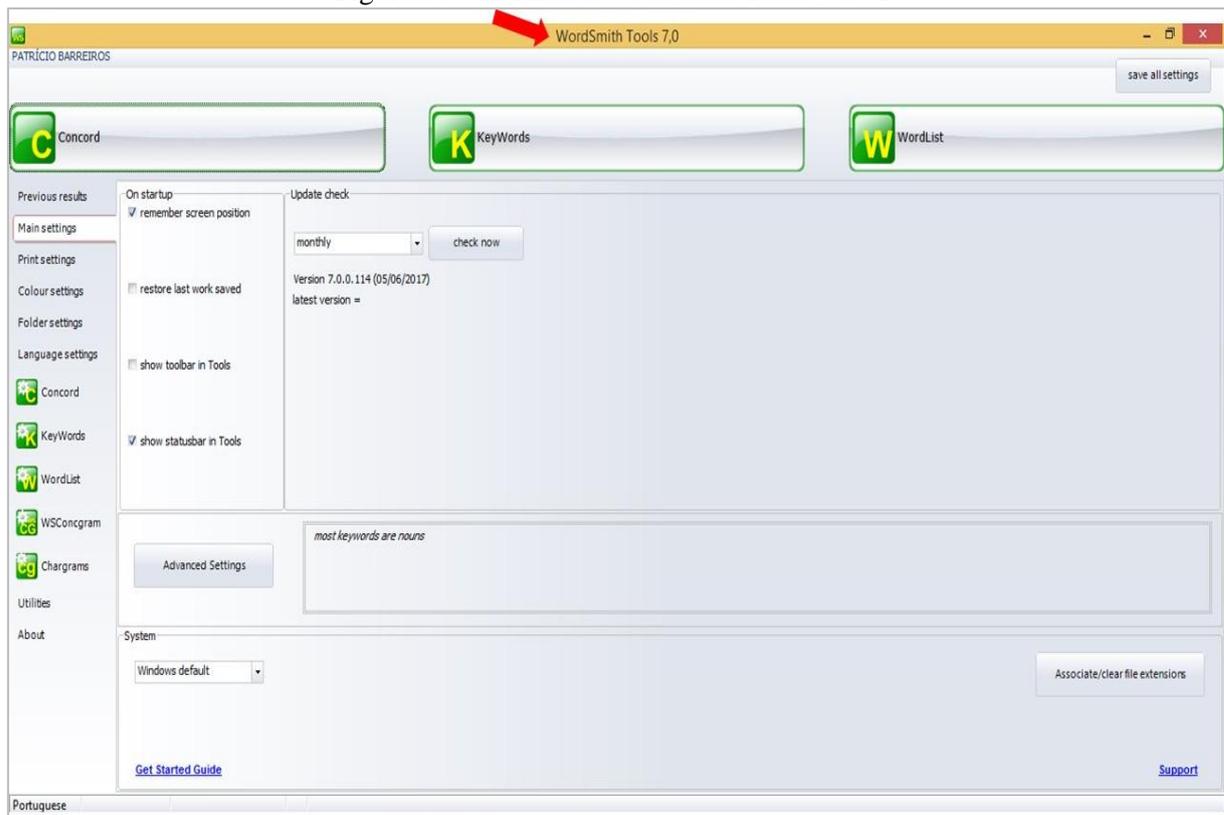
De uma maneira geral, para alcançar esse alinhamento é preciso, converter cada texto em separado que já esteja na extensão *.txt para a extensão *.vwr. por fim, fundir os textos e salvá-los na extensão *.ali. Todo esse processo é feito dentro do programa *WordSmith Tools 7.0*, a partir do utilitário *Aligner*.

Apresentamos a seguir os passos detalhados para uso do utilitário *Aligner*.

Etapa 1. Configurando o idioma do WordSmith Tools 7.0

- a. Abra o programa *WordSmith Tolls 7.0* no seu computador;

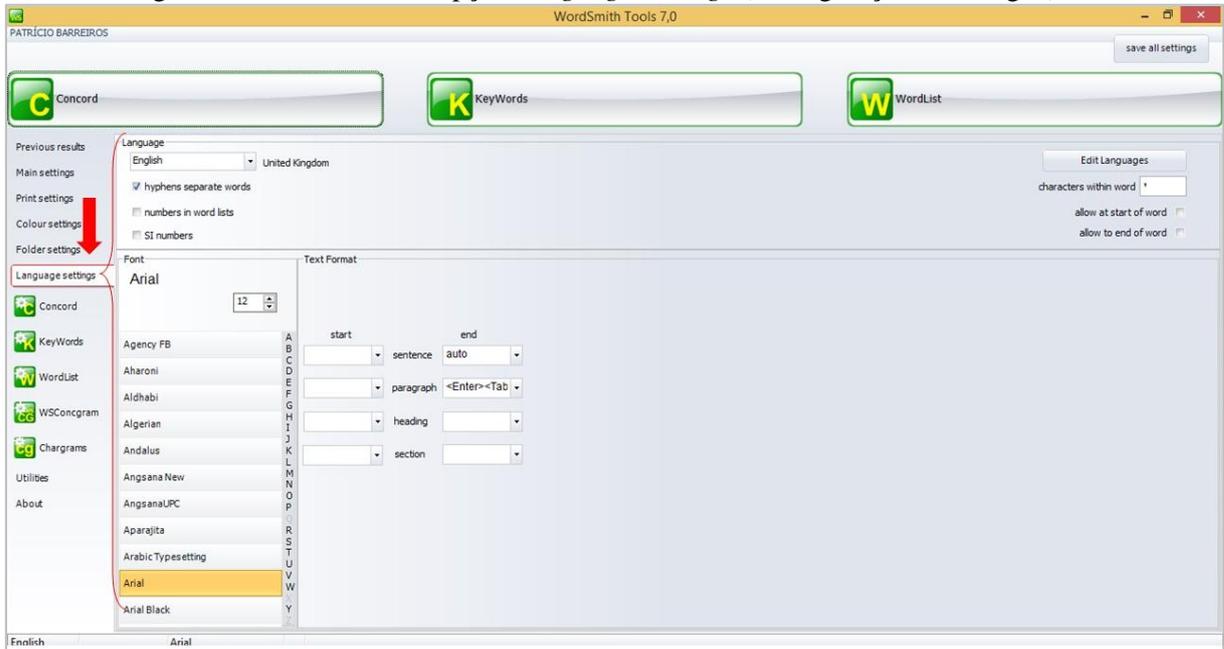
Figura 34 – Abrindo o *WordSmith Tools 7.0 - I*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- b. ao lado esquerdo da tela inicial do programa, busque → *Language Settings*;
- c. abrirá nova janela;

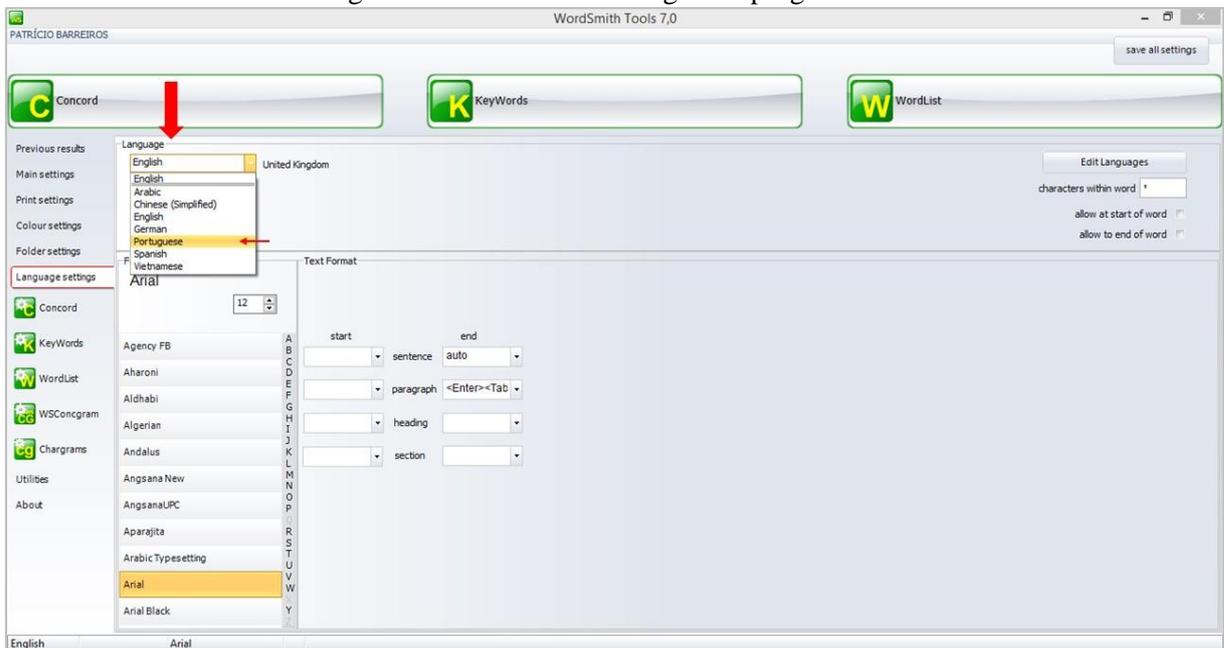
Figura 35 – Escolhendo a opção *Language Settings* (Configurações de Língua) - I



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- d. busque, do lado esquerdo superior da nova janela, o menu desdobrável → **language** para configurar a linguagem;
- e. no menu desdobrável, escolha a mesma língua do *corpus* que vai trabalhar primeiro. No nosso caso, *Portuguese* (Português);

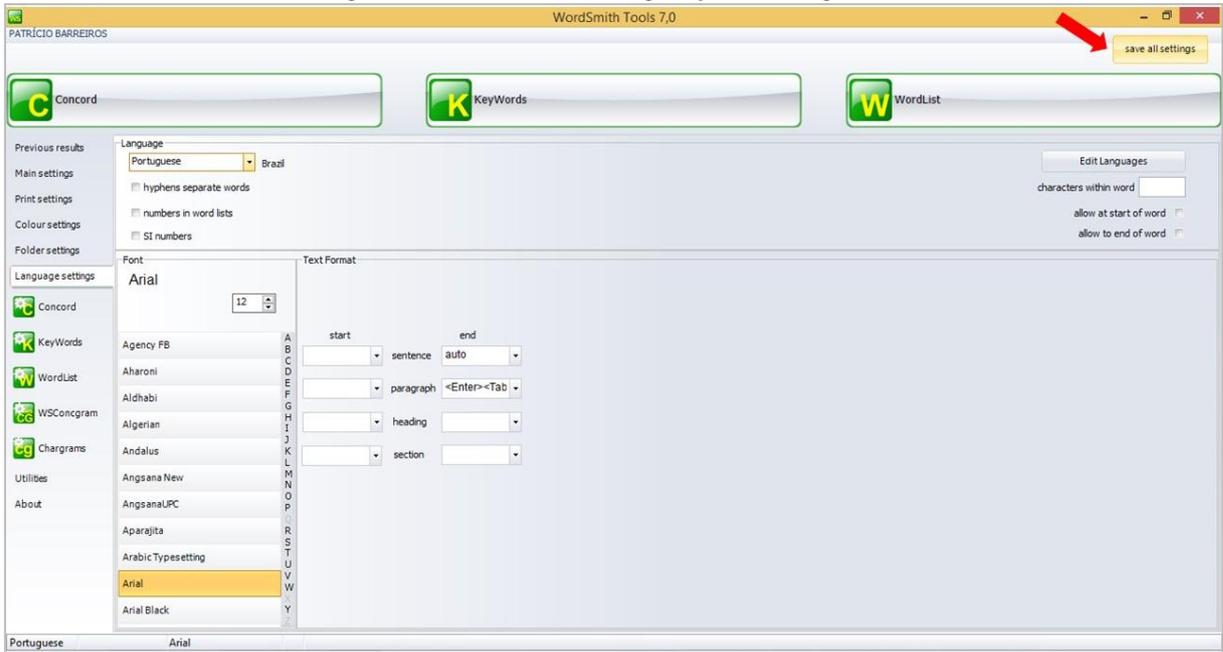
Figura 36 – Escolhendo a língua do programa - I



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- f. no canto superior direito desta tela sobre o botão da ferramenta *WordList* escolha → **Save all settings** para salvar as alterações;

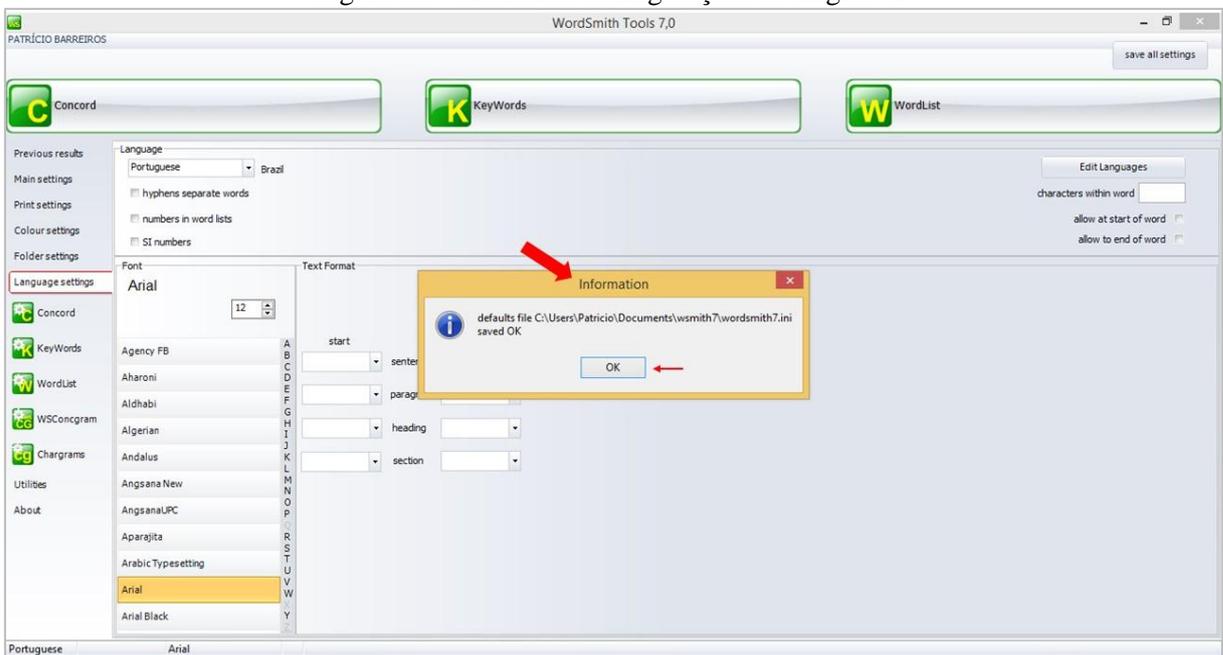
Figura 37 – Salvando configurações de língua - I



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- g. aparecerá uma caixa de diálogo → **Information** com a inscrição → [...] **saved OK**. Na pesquisa em questão → *defaults file C:\Users\Patricio\Documents\wsmith7\wordsmith7.ini saved OK*;
- h. clique em → **OK**.

Figura 38 – Aceitando configurações de língua - I

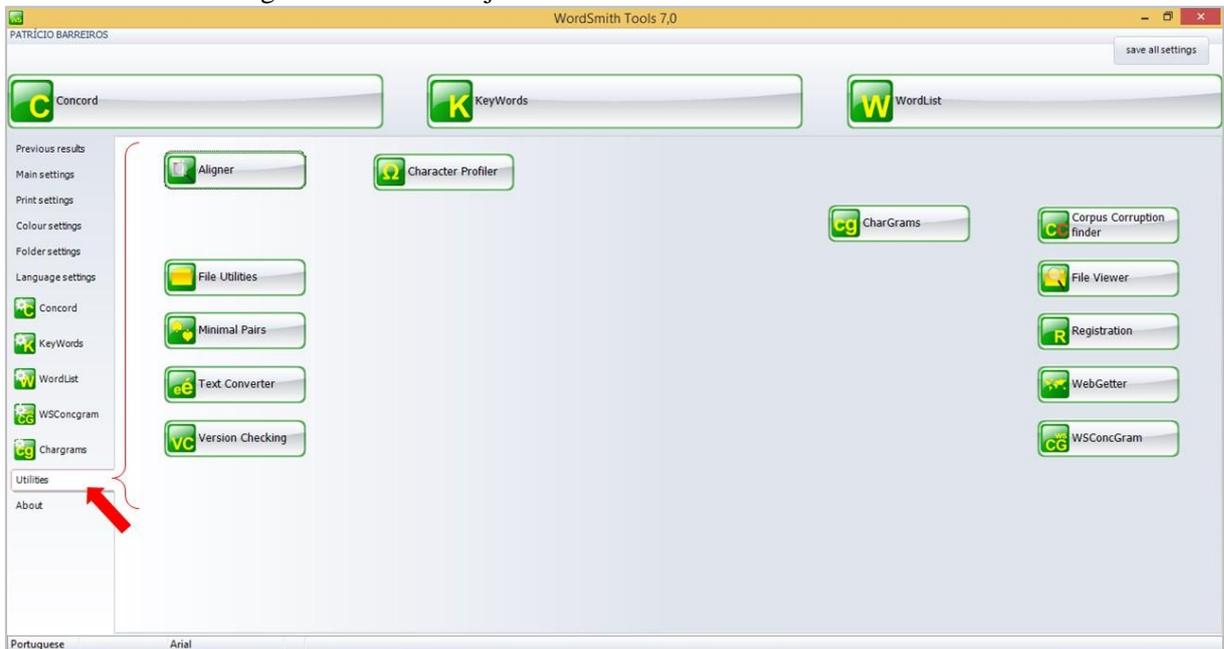


Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

Etapa 2. Escolhendo o utilitário – *Aligner* (Alinhador de textos)

- No canto inferior esquerdo da tela do *WordSmith Tools 7.0* clica em → *Utilities*;
- abrirá uma nova tela onde estão os utilitários;

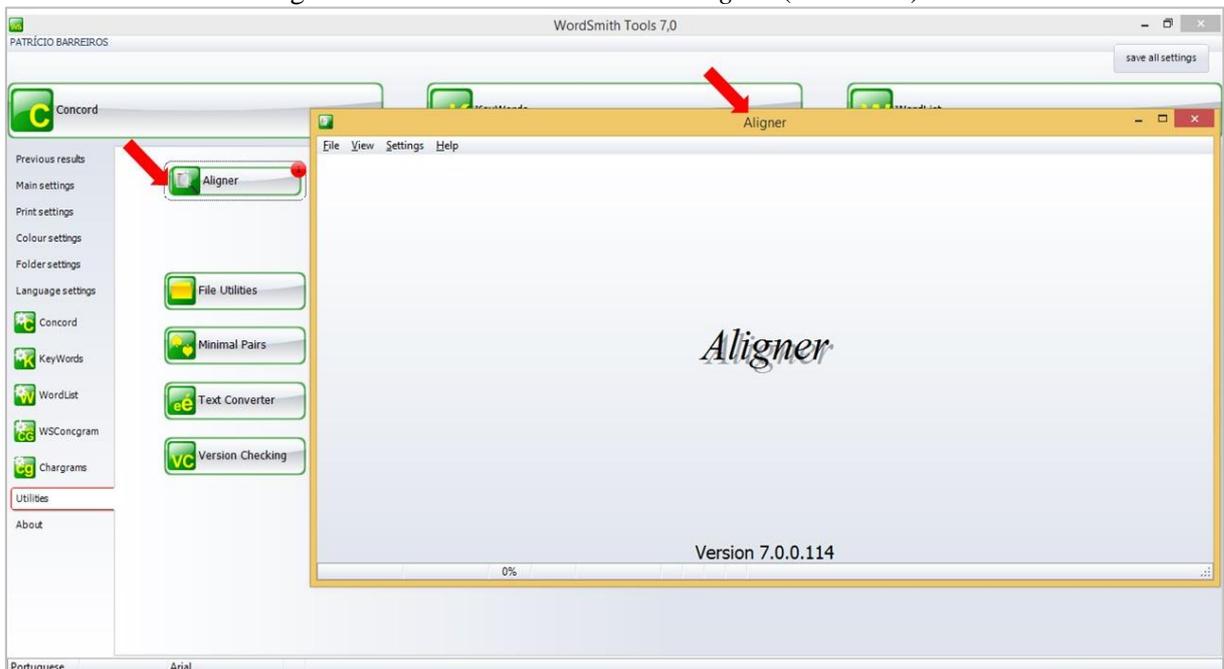
Figura 39 – Abrindo janela dos utilitários do WordSmith 7.0 - I



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- escolhe o utilitário → *Aligner*;
- abrirá uma nova janela, a do utilitário *Aligner*;

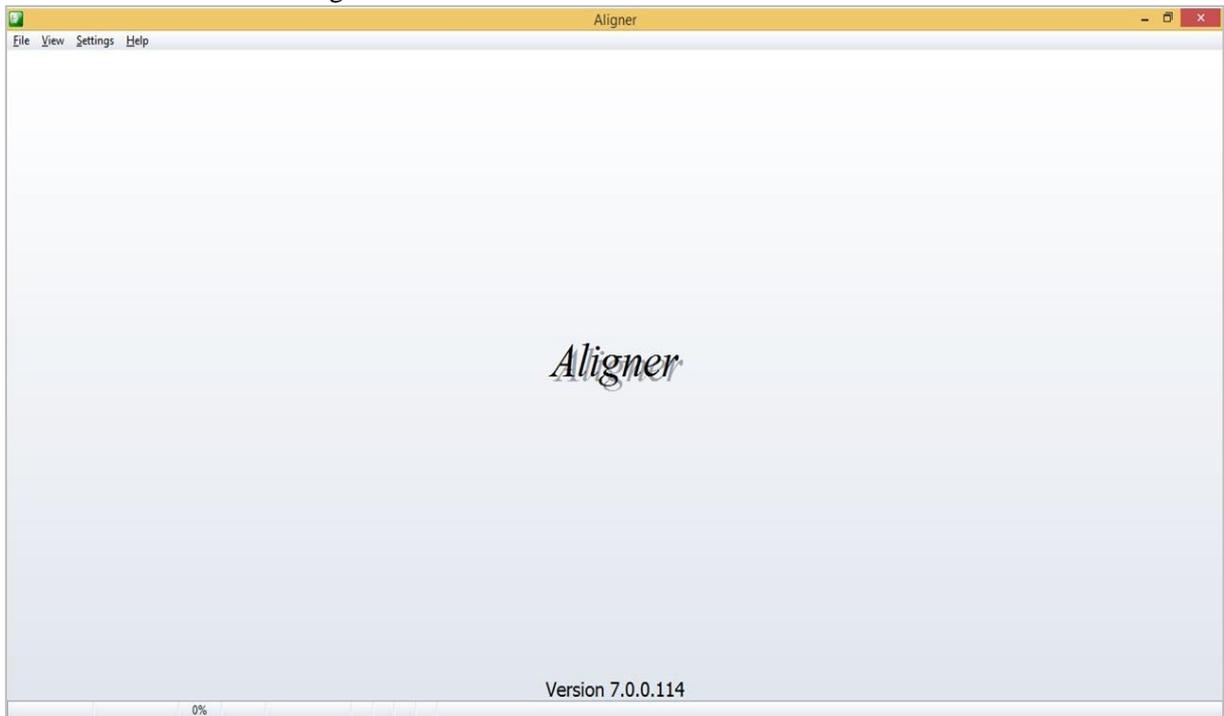
Figura 40 – Escolhendo o utilitário *Aligner* (Alinhador) - I



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- e. maximize a janela para facilitar o trabalho com o utilitário;

Figura 41 – Iniciando os trabalhos com o Alinhador

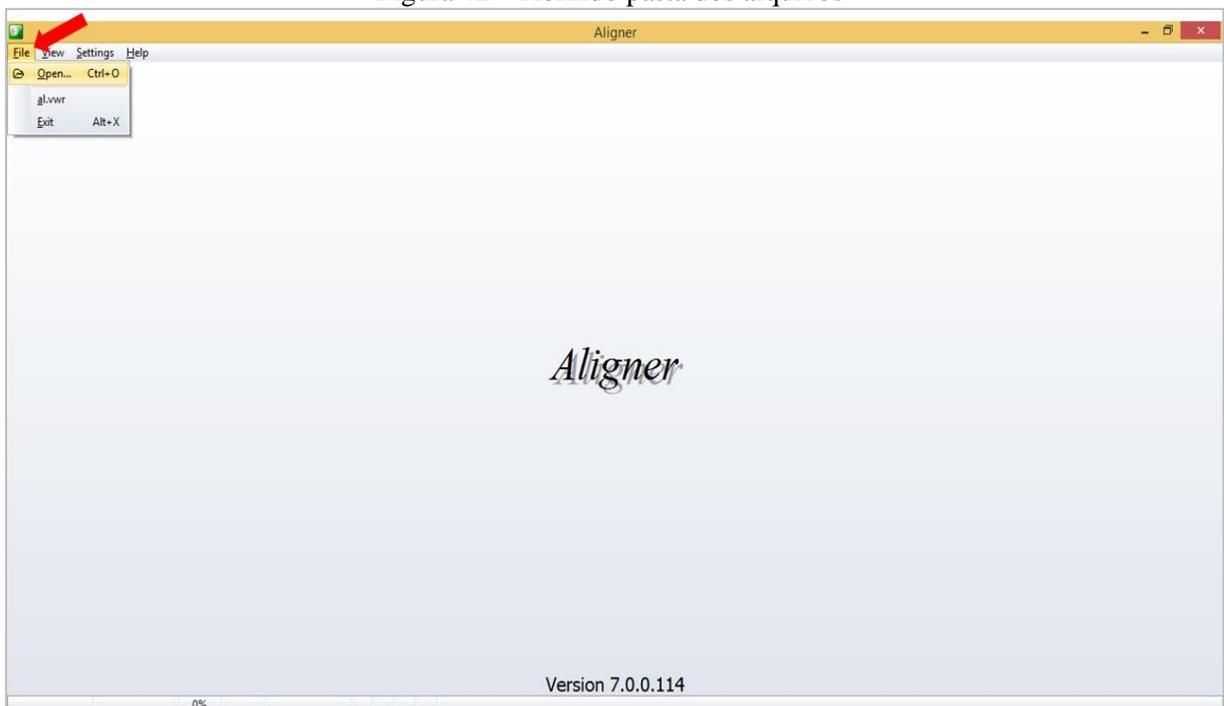


Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

Etapa 3. Escolhendo e abrindo texto 1 (*corpus*) do computador no Aligner

- a. No canto superior esquerdo da tela do utilitário *Aligner*, escolha → **File** → **Open**;

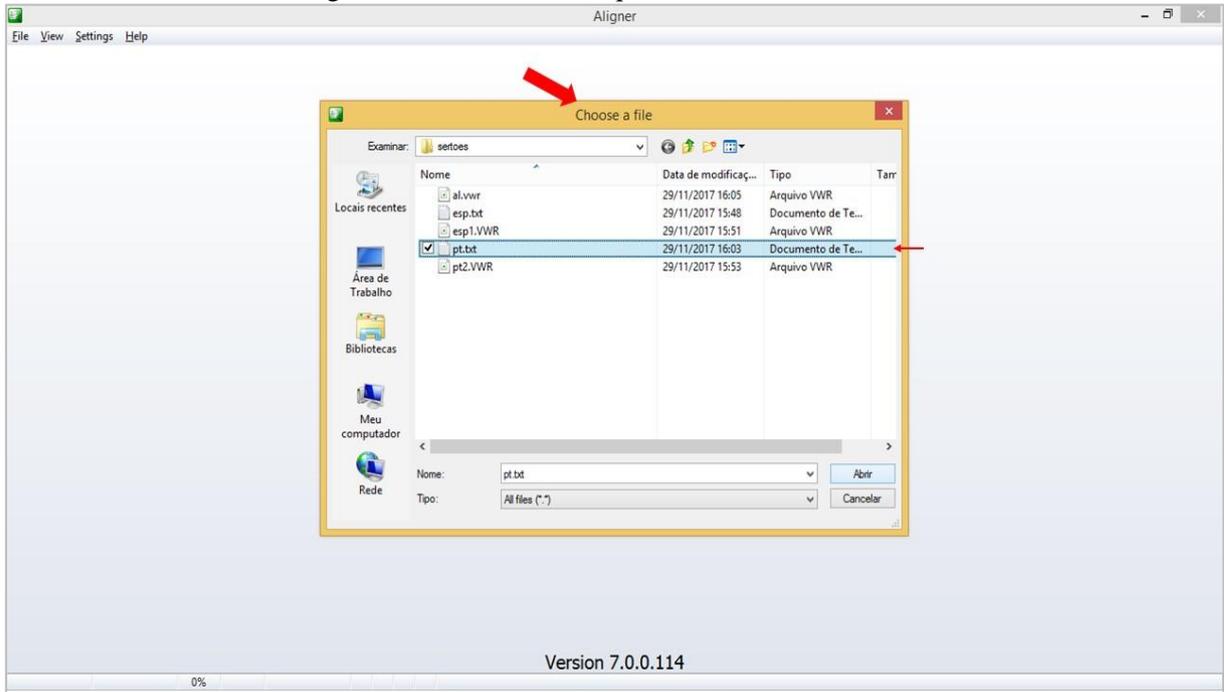
Figura 42 – Abrindo pasta dos arquivos



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- b. abrirá a caixa de diálogo → **Choose a file** para procurar e abrir o texto do computador;
 c. escolha o texto 1 na extensão *.txt que já deve estar tratado e armazenado no computador. Na pesquisa em questão, texto em língua portuguesa (*pt.txt*);

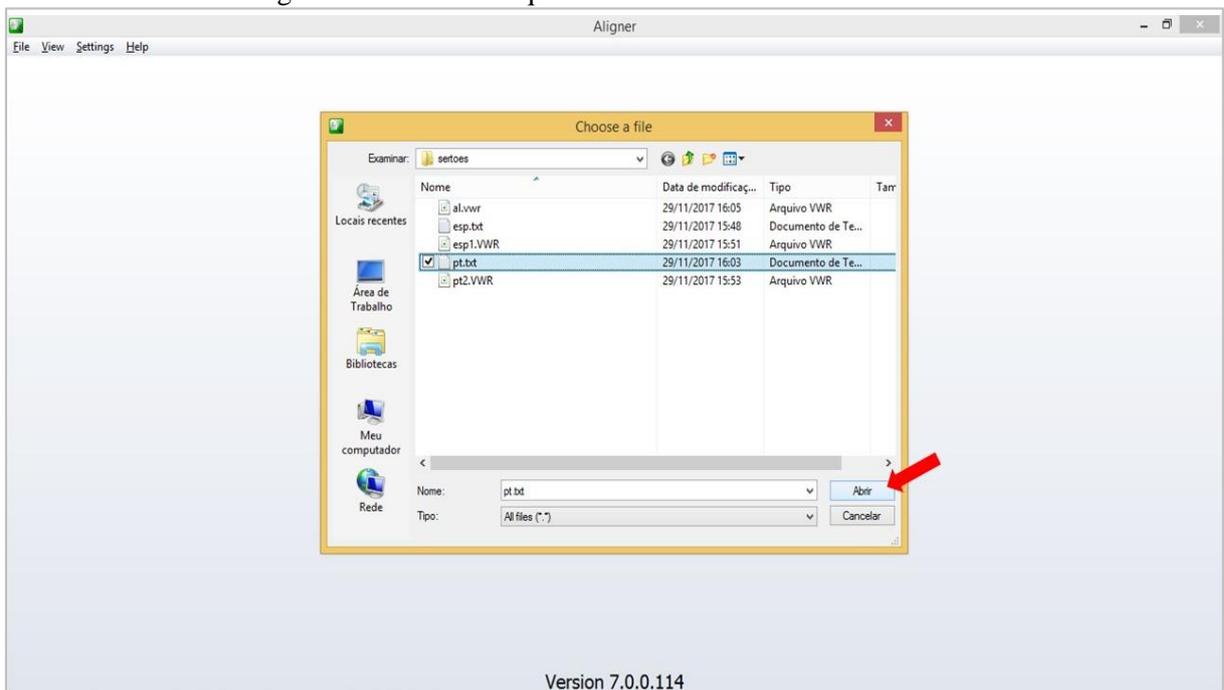
Figura 43 - Escolhendo arquivos no formato *.txt - I



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- d. selecione → **Abrir** no canto inferior direito da janela;

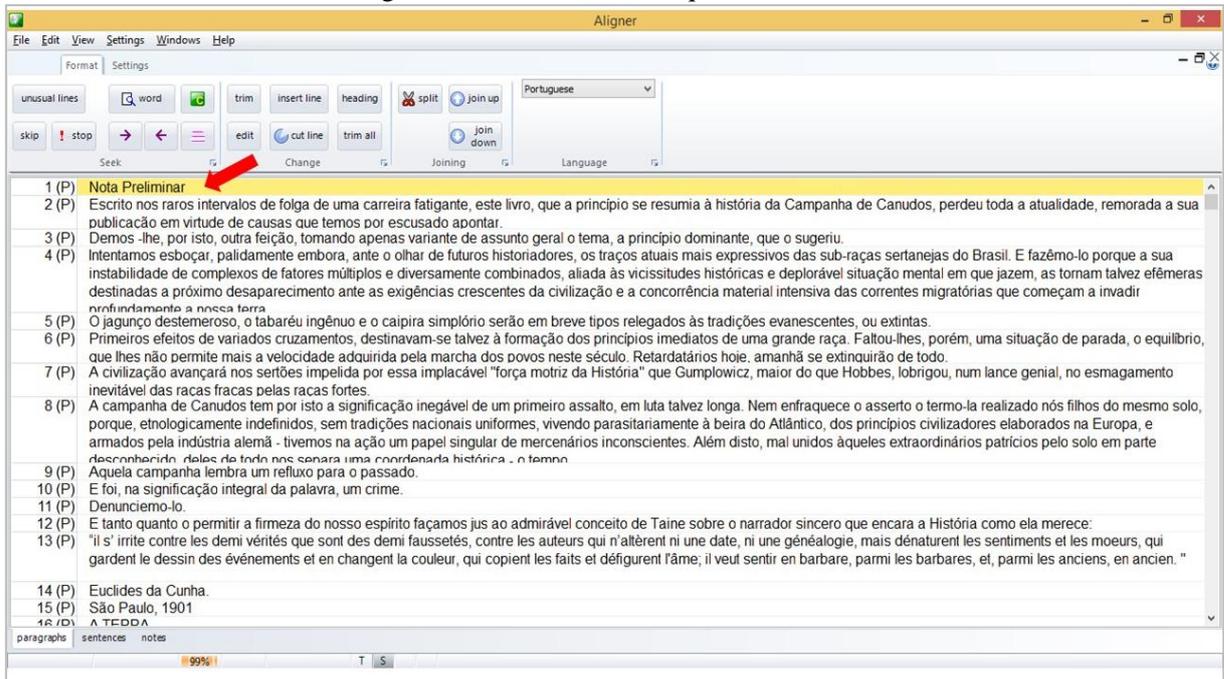
Figura 44 - Abrindo arquivos escolhidos no formato *.txt – I



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- e. aparecerá nova janela com o arquivo aberto separado por parágrafos/sentenças;

Figura 45 - Visualizando arquivo aberto - I

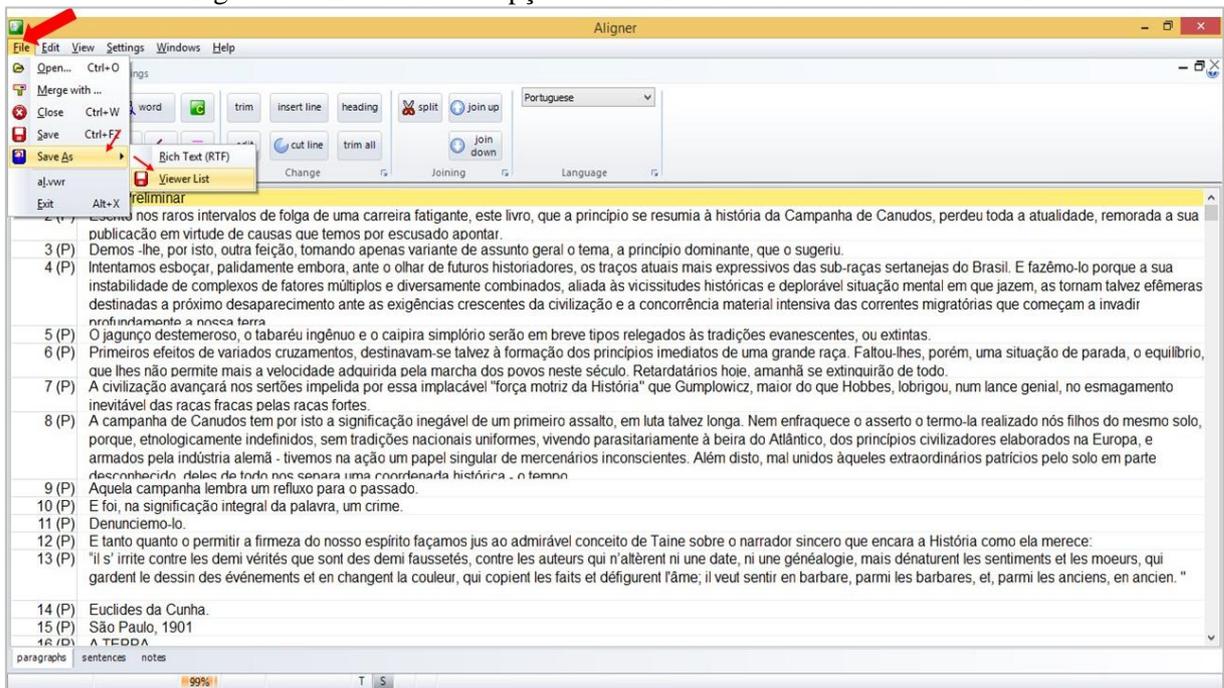


Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

Etapa 4. Salvando o arquivo na extensão *.VWR (Viewer)

- a. Na nova tela do *Aligner*, no canto superior esquerdo escolha → *Save as* → *Viewer List*;

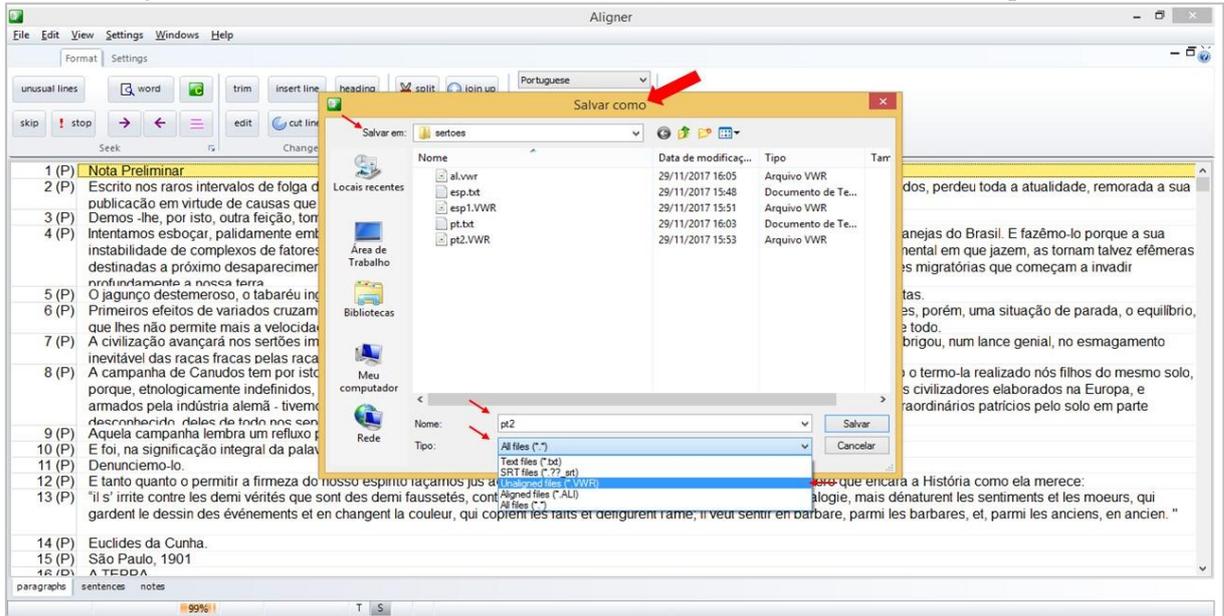
Figura 46 - Escolhendo a opção *Viewer List* no menu “Salvar como” - I



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- b. abrirá a janela → **Salvar como**. Nela você irá:
- 1) no menu desdobrável → **Salvar em**, buscar uma pasta para salvar o seu novo arquivo. Sugerimos que seja na mesma pasta que o arquivo anterior;
 - 2) no campo → **Nome**, na parte inferior da janela, escolher um nome para o seu novo arquivo, e;
 - 3) no menu desdobrável → **Tipo**, que está imediatamente abaixo do campo **Nome**, escolher a opção → **Unaligned Files (*.VWR)**;

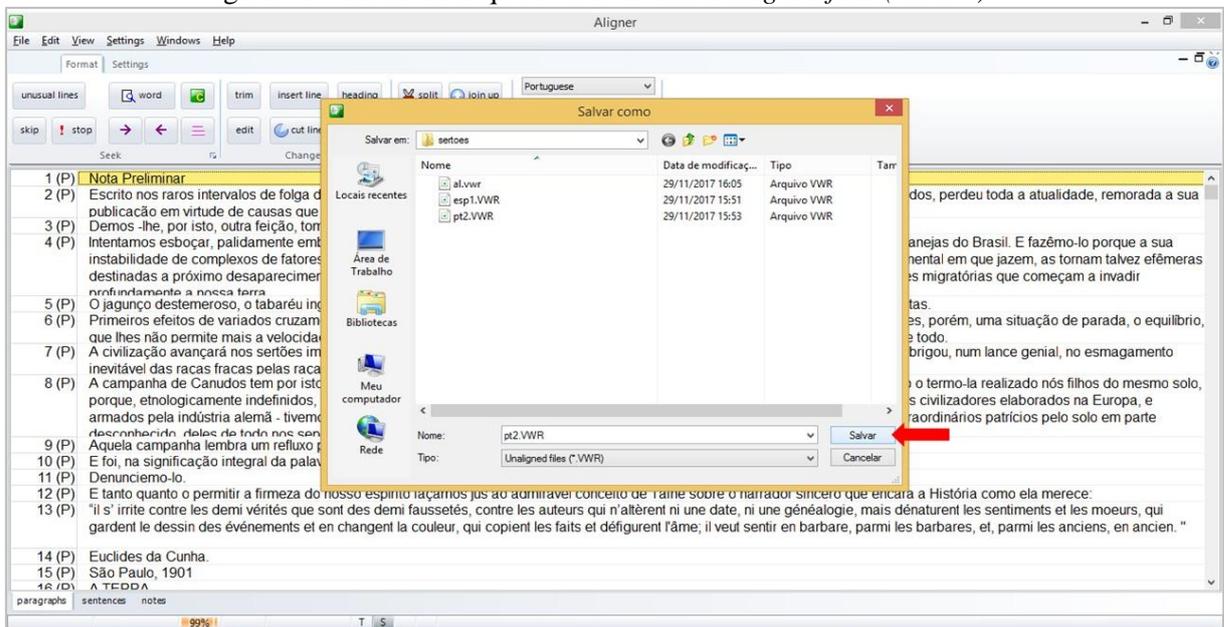
Figura 47 – Escolhendo a extensão *Uniligned files (*.VWR)* e nomeando arquivo - I



Fonte: WordSmith Tools 7.0

- c. clica em **Salvar** no canto inferior direito da tela para salvar o arquivo;

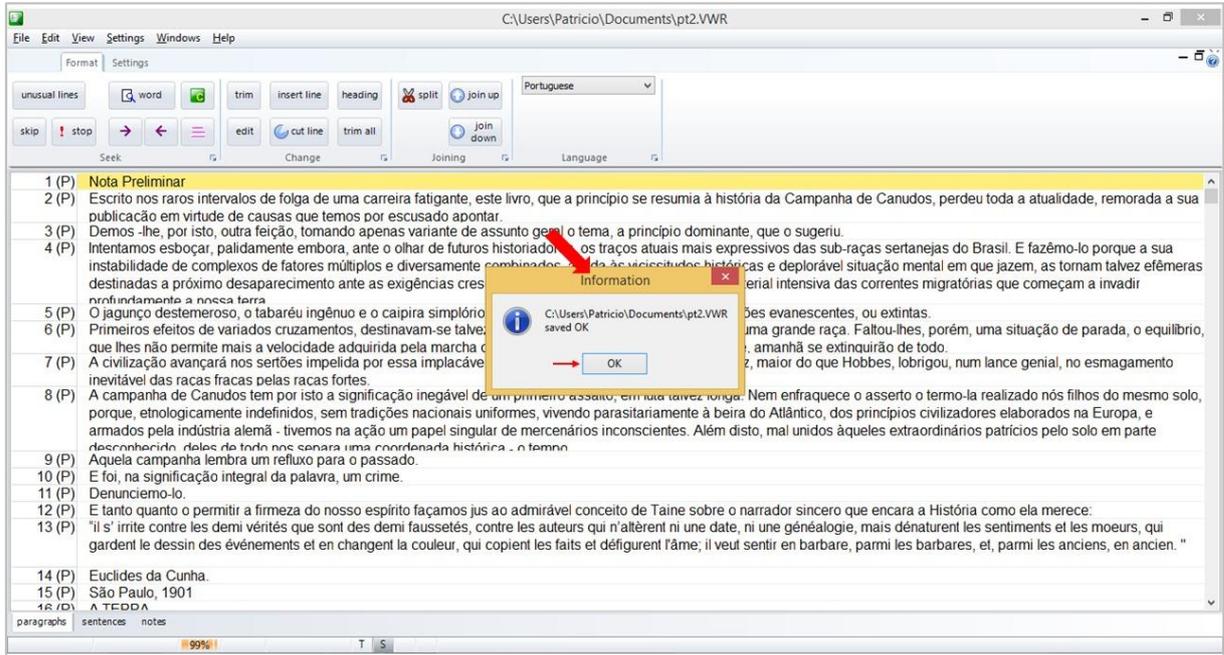
Figura 48 – Salvando arquivo na extensão *Uniligned files (*.VWR)* - I



Fonte: WordSmith Tools 7.0

- d. aparecerá a caixa de diálogo **Information** com a inscrição [...] **saved OK**. No caso desta pesquisa **C:\Users\Patricio\Documents\pt2.VWR saved OK**;
- e. clica em **OK** para aceitar as configurações de salvamento do arquivo;
- f. para a próxima etapa, escolha fechar ou não a tela que você acaba de finalizar o trabalho.

Figura 49 – Aceitando configurações de salvamento - I

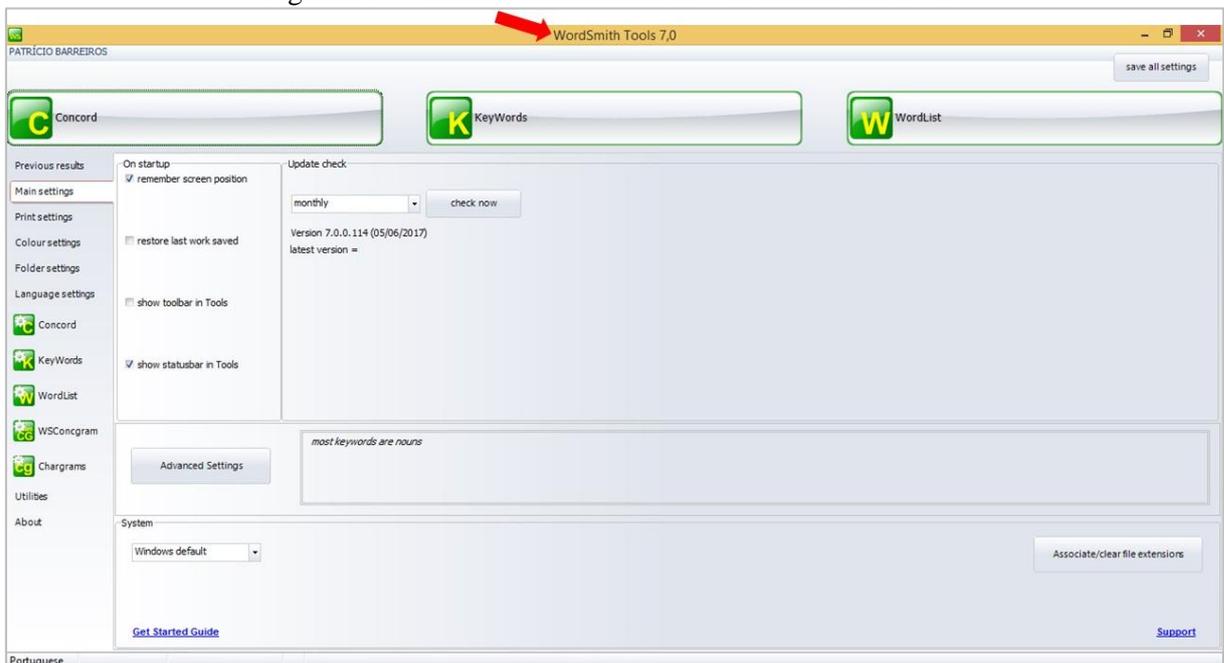


Fonte: WordSmith Tools 7.0

Etapa 5. Reconfigurando a língua do WordSmith Tools 7.0

- a. volte à tela inicial do **WordSmith Tools 7.0**

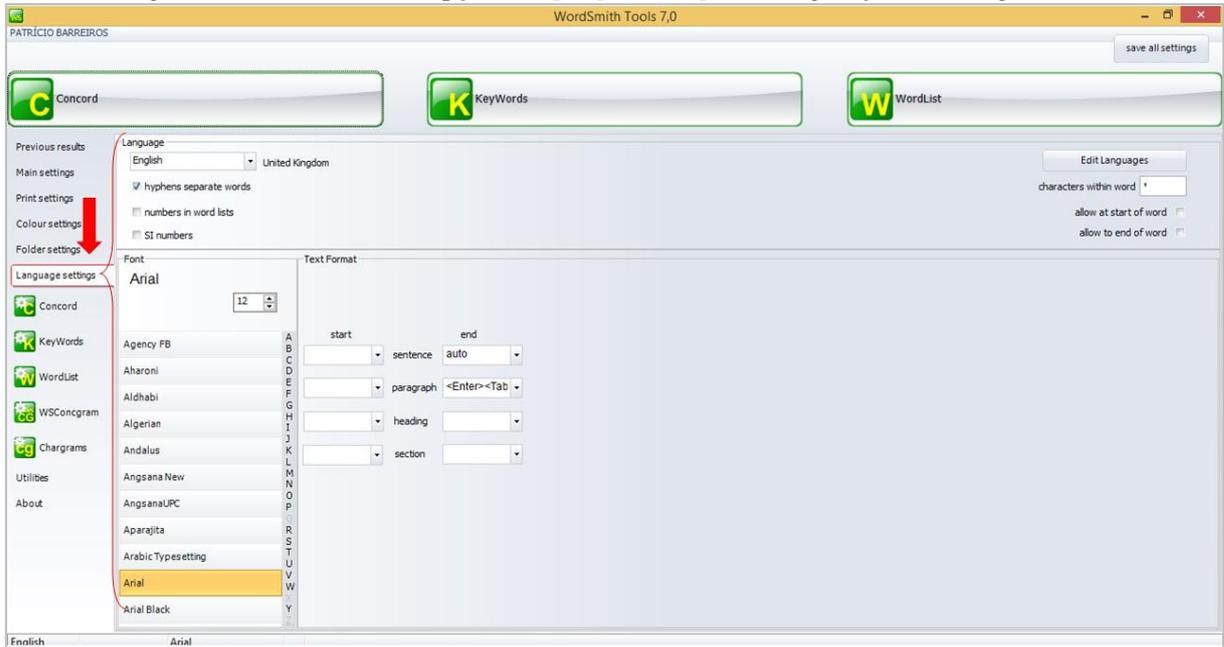
Figura 50 - Voltando à tela inicial do WordSmith Tools 7.0



Fonte: WordSmith Tools 7.0

- b. ao lado esquerdo da tela inicial do programa, busque → *Language Settings*;
- c. abrirá nova janela;

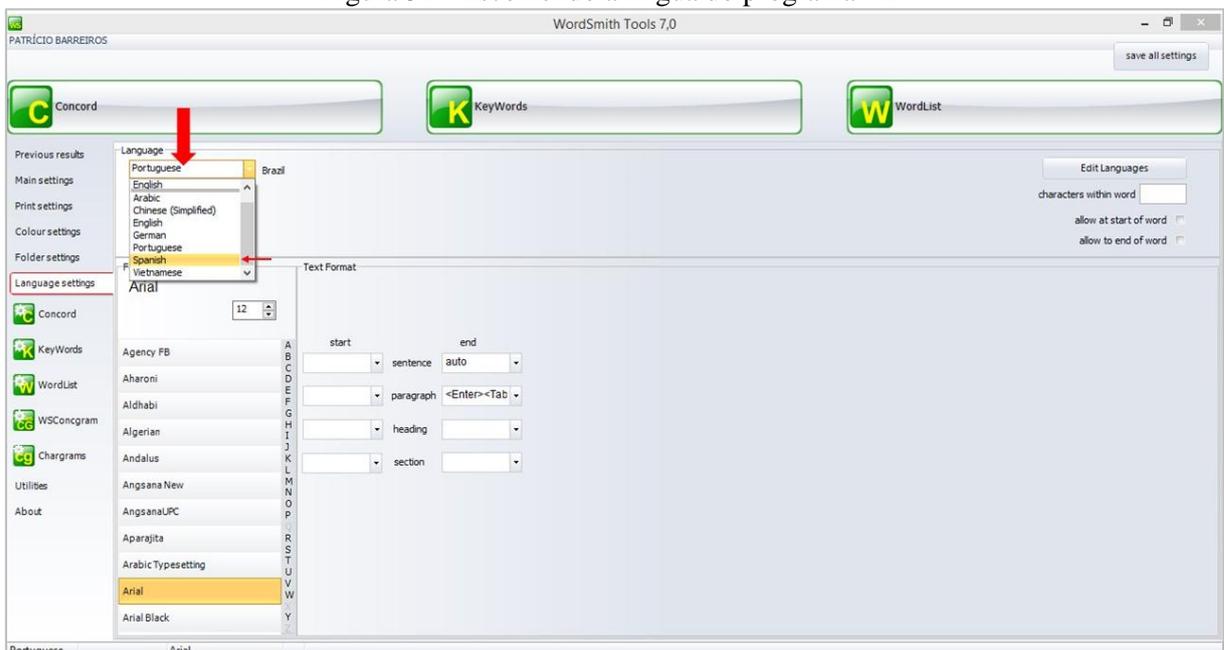
Figura 51 - Escolhendo a opção *Language Settings* (Configurações de Língua) – II



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- d. na nova janela, do lado esquerdo superior, busque o menu desdobrável → *Language* para configurar a língua;
- e. no menu desdobrável, escolha a mesma língua do *corpus* que vai trabalhar em segundo lugar. Na pesquisa em questão, *Spanish* (Espanhol);

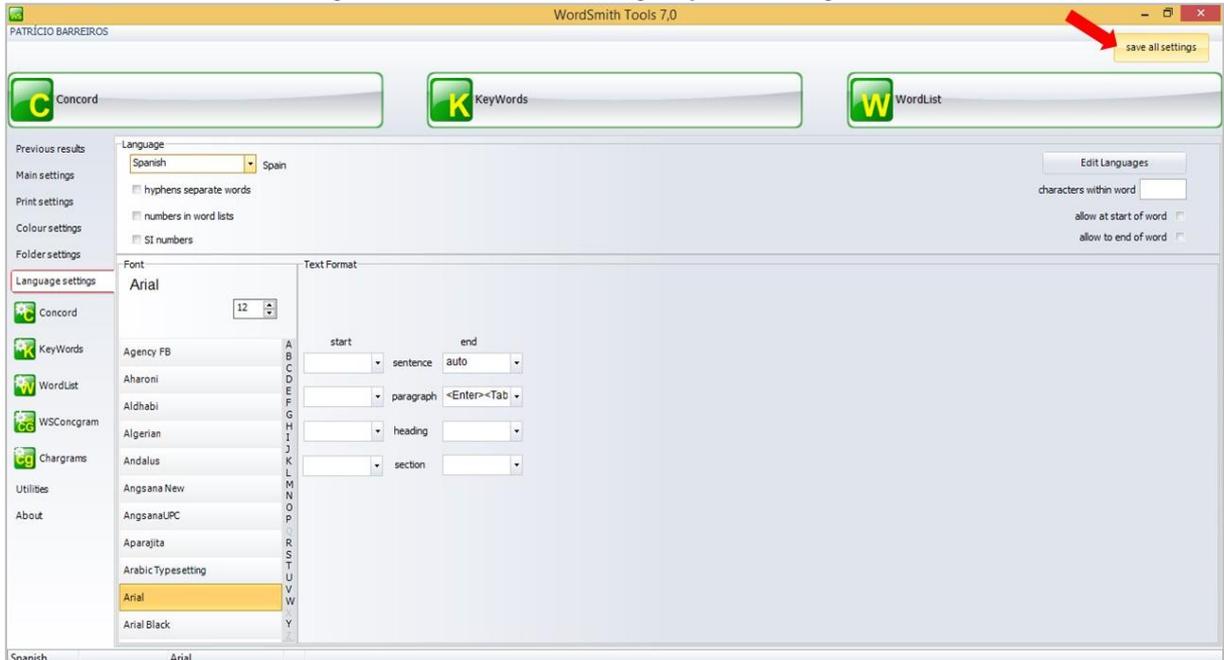
Figura 52 - Escolhendo a língua do programa - II



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- f. no canto superior direito desta tela sobre o botão da ferramenta *WordList* escolha → **Save all settings** para salvar a nova configuração;

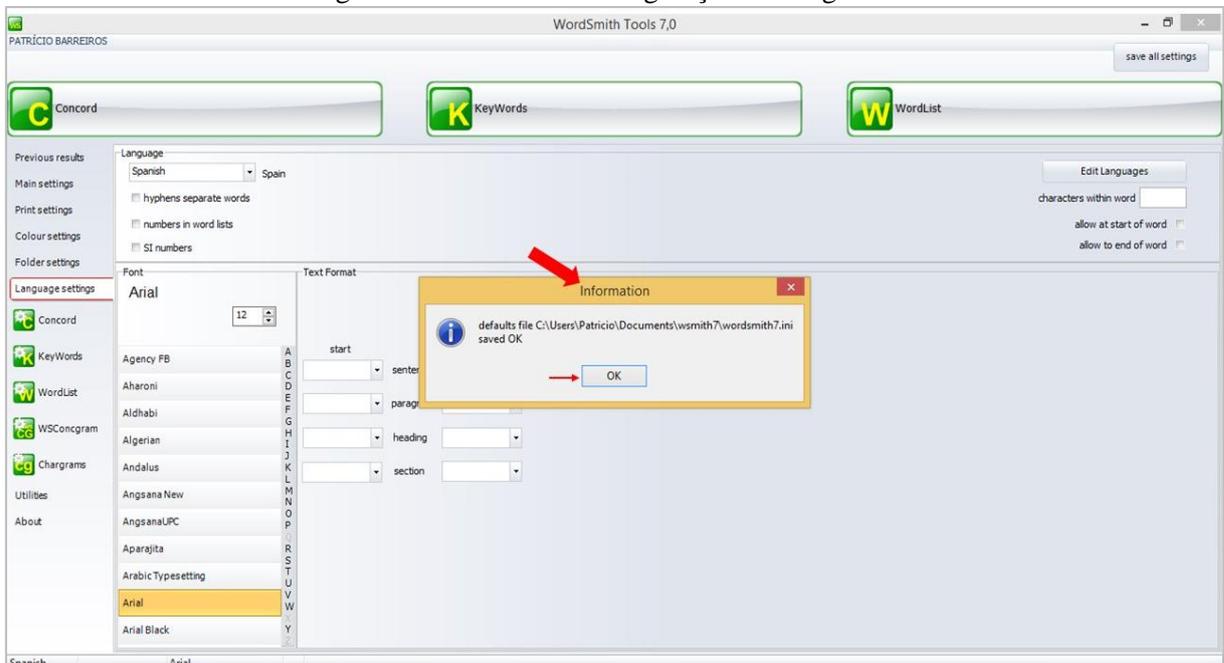
Figura 53 – Salvando Configurações de Língua – II



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- g. aparecerá uma caixa de diálogo com a inscrição → [...] saved **OK**. No caso desta pesquisa → **defaults file C:\Users\Patricio\Documents\wsmith7\wordsmith7.ini saved OK**;
- h. clique em → **OK**.

Figura 54 – Aceitando configurações de língua - II

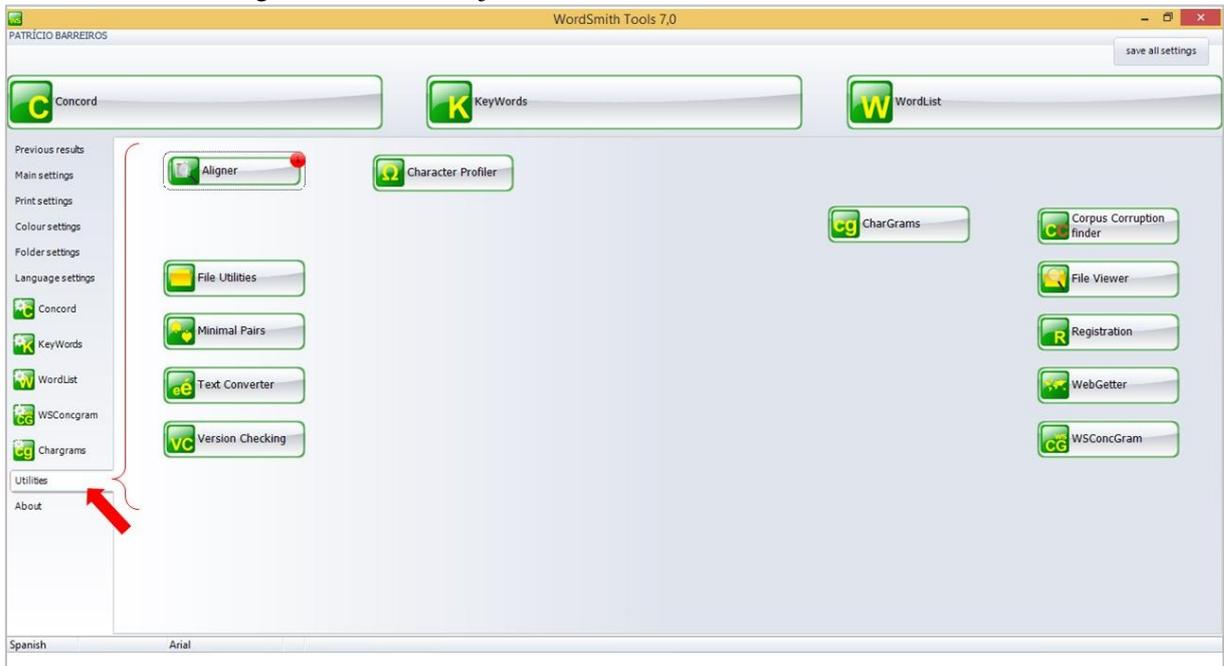


Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

Etapa 6. Voltando ao utilitário – *Aligner* (Alinhador de textos)

- No canto inferior esquerdo da tela do *WordSmith Tools 7.0* clica em → *Utilities*;
- abrirá uma nova tela onde estão os utilitários;

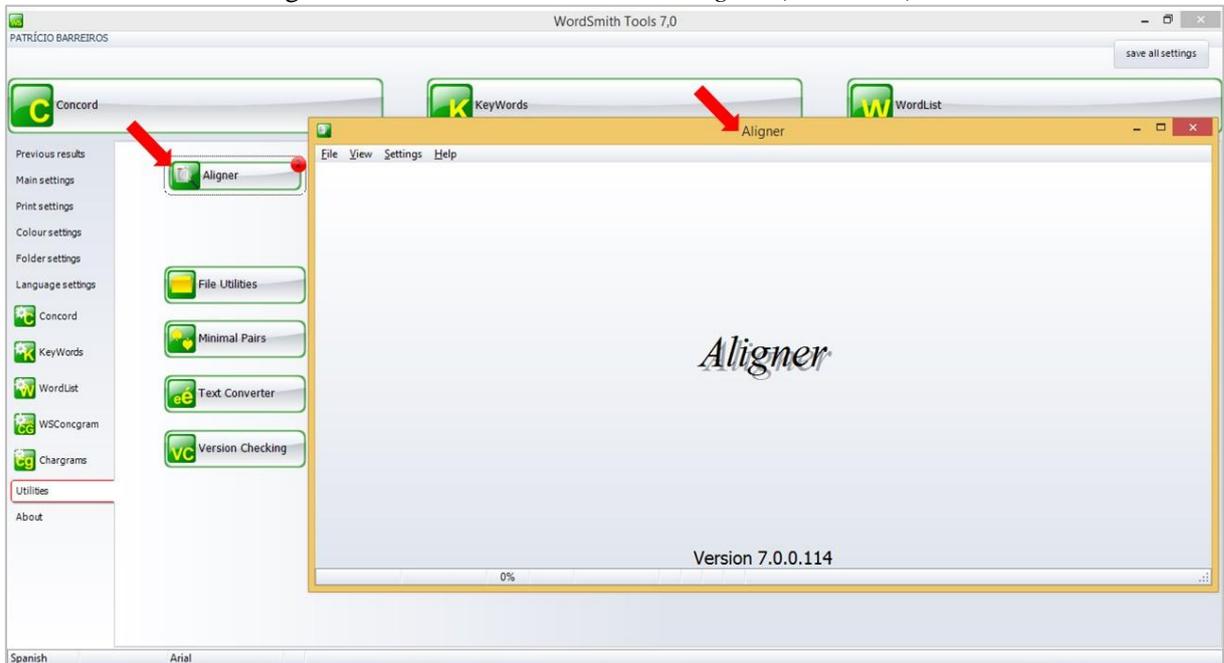
Figura 55 – Abrindo janela dos utilitários do *WordSmith 7.0* – II



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- escolhe o utilitário → *Aligner*;
- abrirá uma nova janela, a do utilitário *Aligner*.

Figura 56 – Escolhendo o utilitário *Aligner* (Alinhador) - II



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

Etapa 7. Escolhendo e abrindo texto 2 (*corpus*) do computador no *Aligner*

- a. No canto superior da tela do utilitário *Aligner* escolha → **File** → **Open**

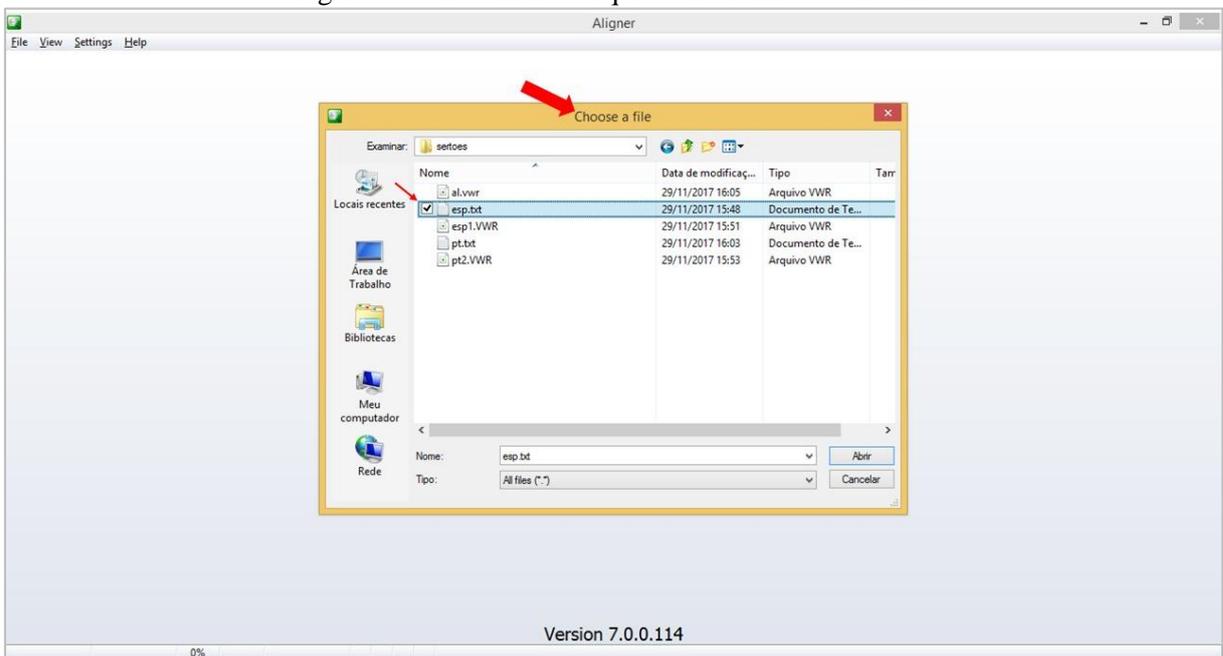
Figura 57 – Abrindo pasta dos arquivos no *Aligner*– II



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- b. abrirá a caixa de diálogo → **Choose a file** para procurar e abrir o texto do computador;
 c. escolha o texto 2 na extensão *.txt que está tratado e armazenado no computador. Na pesquisa em questão, texto em língua espanhola (*esp.txt*);

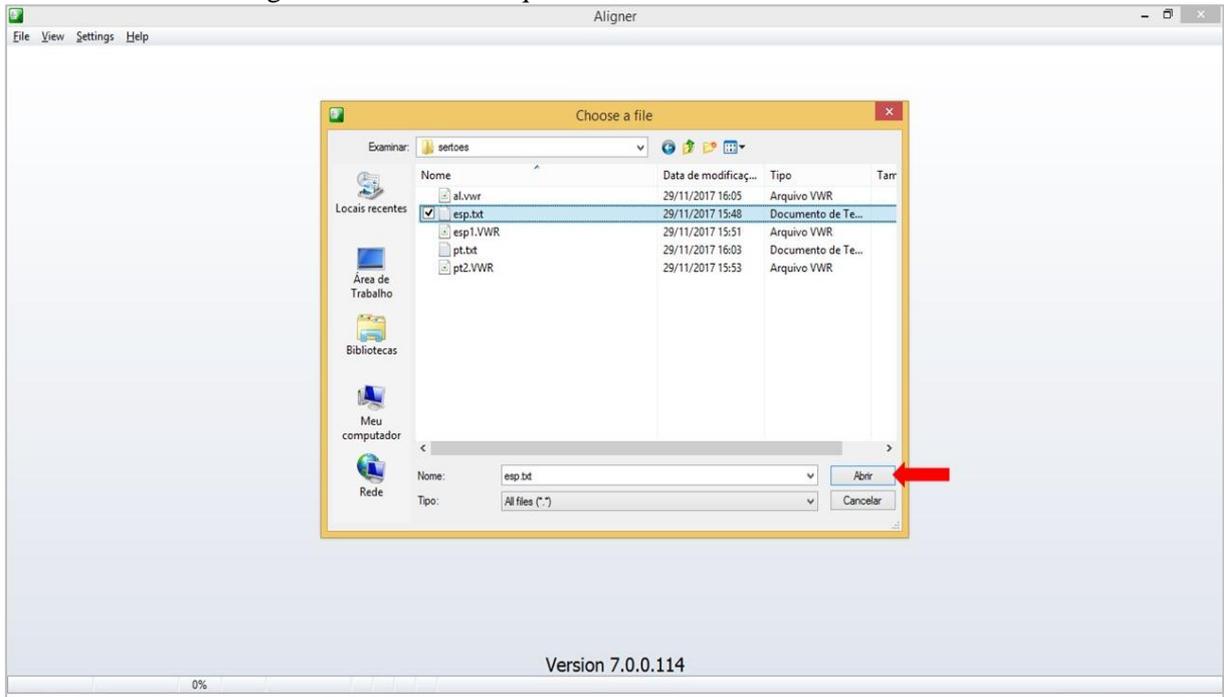
Figura 58 – Escolhendo arquivos no formato *.txt - II



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- d. seleccione **Abrir** no canto inferior direito da janela;

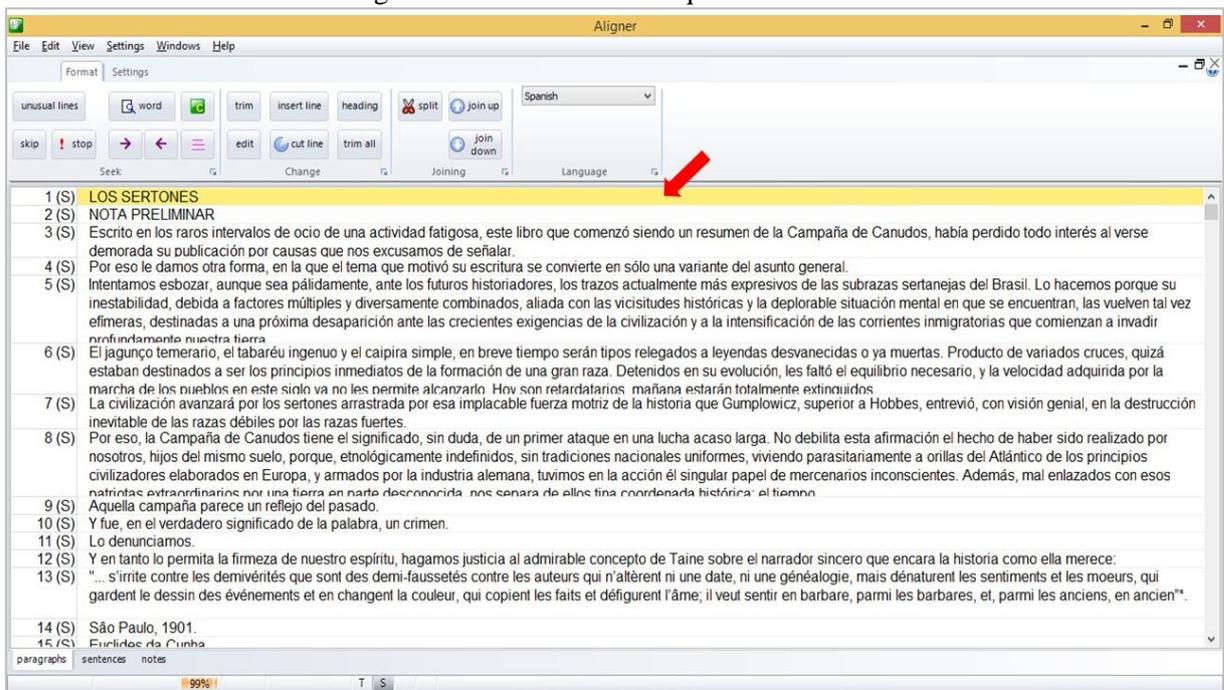
Figura 59 – Abrindo arquivos escolhidos no formato *.txt – II



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- e. aparecerá nova janela com o arquivo aberto separado por parágrafos/sentenças.

Figura 60 – Visualizando arquivo aberto - II

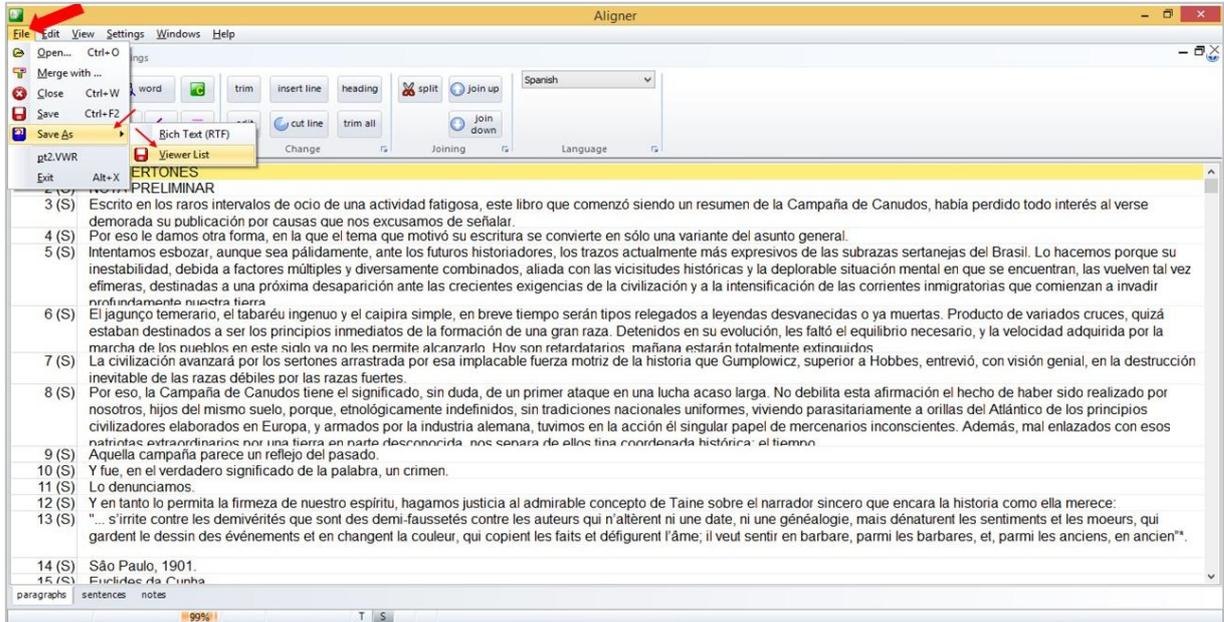


Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

Etapa 8. Salvando o arquivo na extensão *.VWR (Viewer)

- a. Na tela do *Aligner*, vá ao canto superior esquerdo e escolha → *Save as* → *Viewer List*;

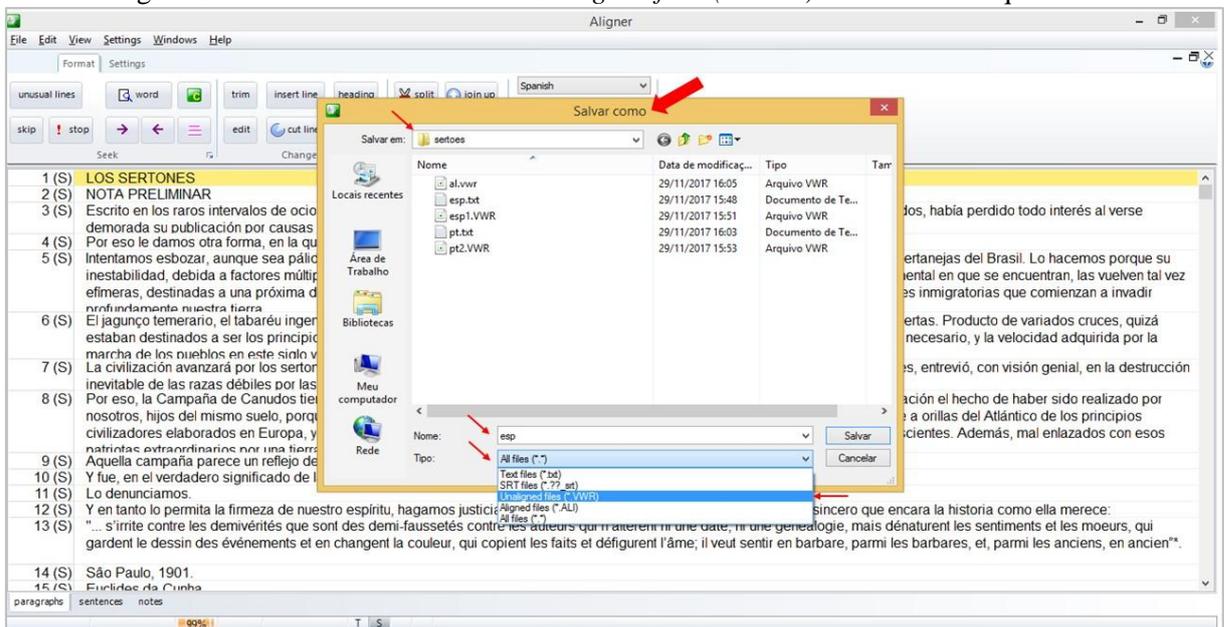
Figura 61 – Escolhendo a extensão *Viewer List* no menu “Salvar como” – II



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- b. abrirá a janela → **Salvar como**. Nela você irá:
- 1) no menu desdobrável → **Salvar em**, buscar uma pasta para salvar o seu novo arquivo. Sugerimos que seja na mesma pasta que o arquivo anterior;
 - 2) no campo → **Nome**, na parte inferior da janela, escolher um nome para o arquivo, e;
 - 3) no menu → **Tipo**, abaixo do campo → **Nome**, escolher → **Unaligned Files (*.VWR)**;

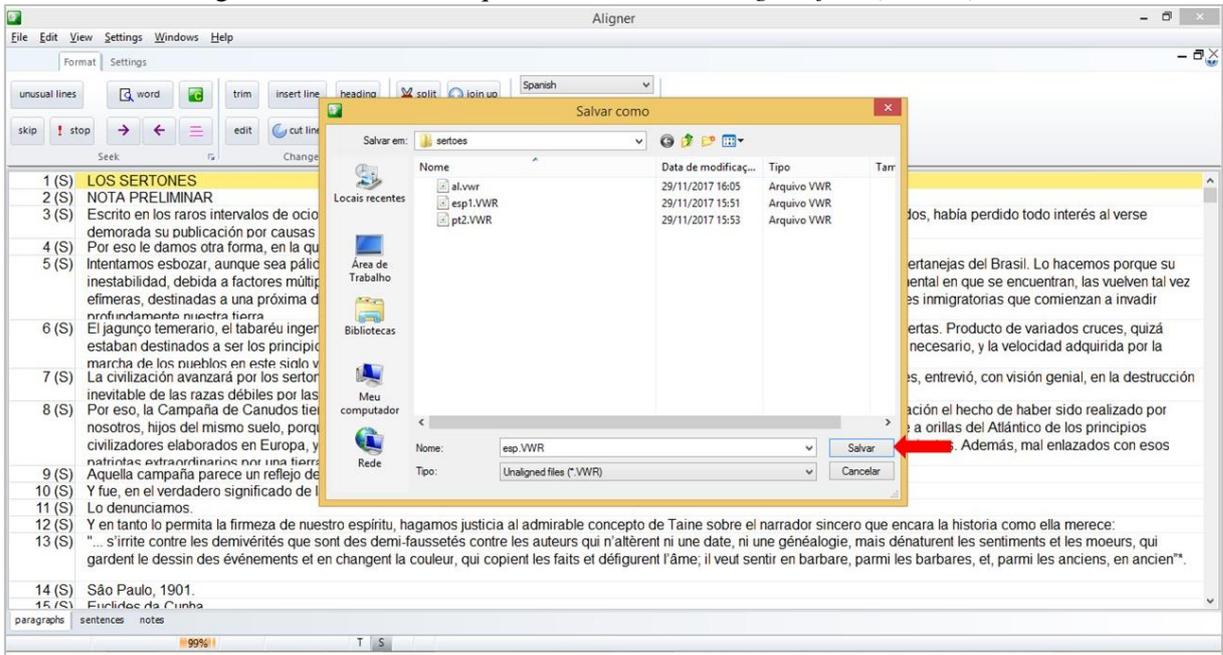
Figura 62 – Escolhendo a extensão *Unaligned files (*.VWR)* e nomeando arquivo - II



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- c. clica em → **Salvar** no canto inferior direito da tela para salvar o arquivo;

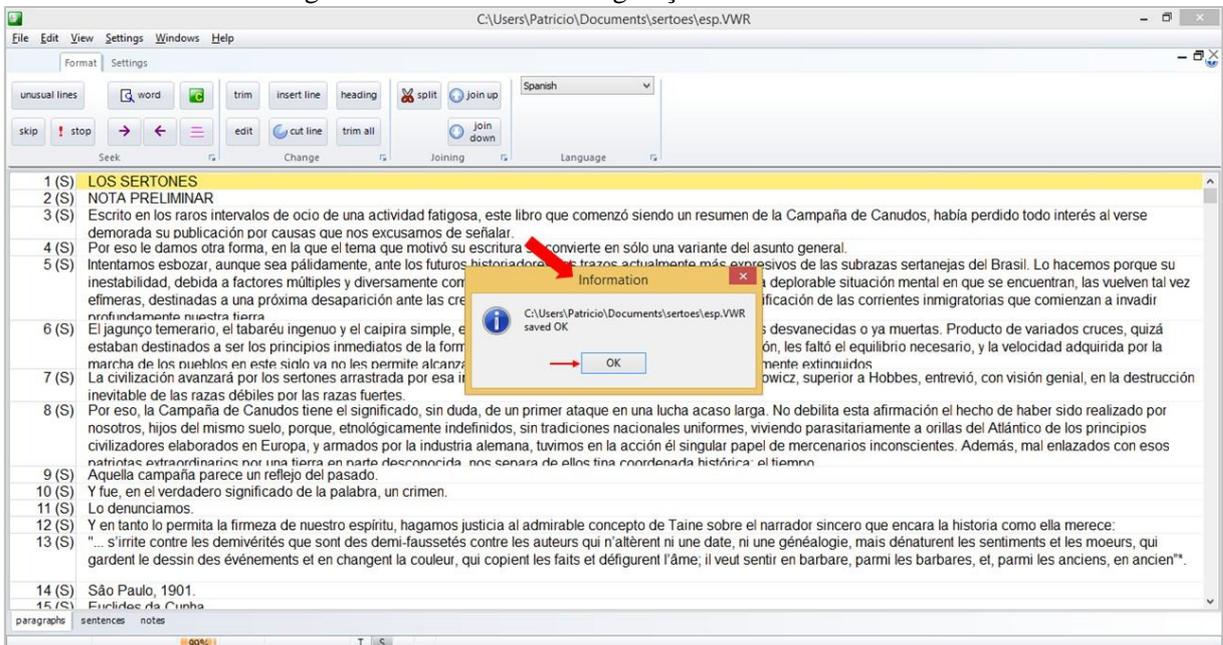
Figura 63 – Salvando arquivo na extensão *Unaligned files (*.VWR)* – II



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- d. aparecerá a caixa de diálogo **Information** com a inscrição [...] *saved OK*. No caso desta pesquisa *C:\Users\Patricio\Documents\pt2.VWR saved OK*;
- e. clica em → **OK**;
- f. feche as telas do *Aligner* para passar para a próxima etapa.

Figura 64 – Aceitando configurações de salvamento - II

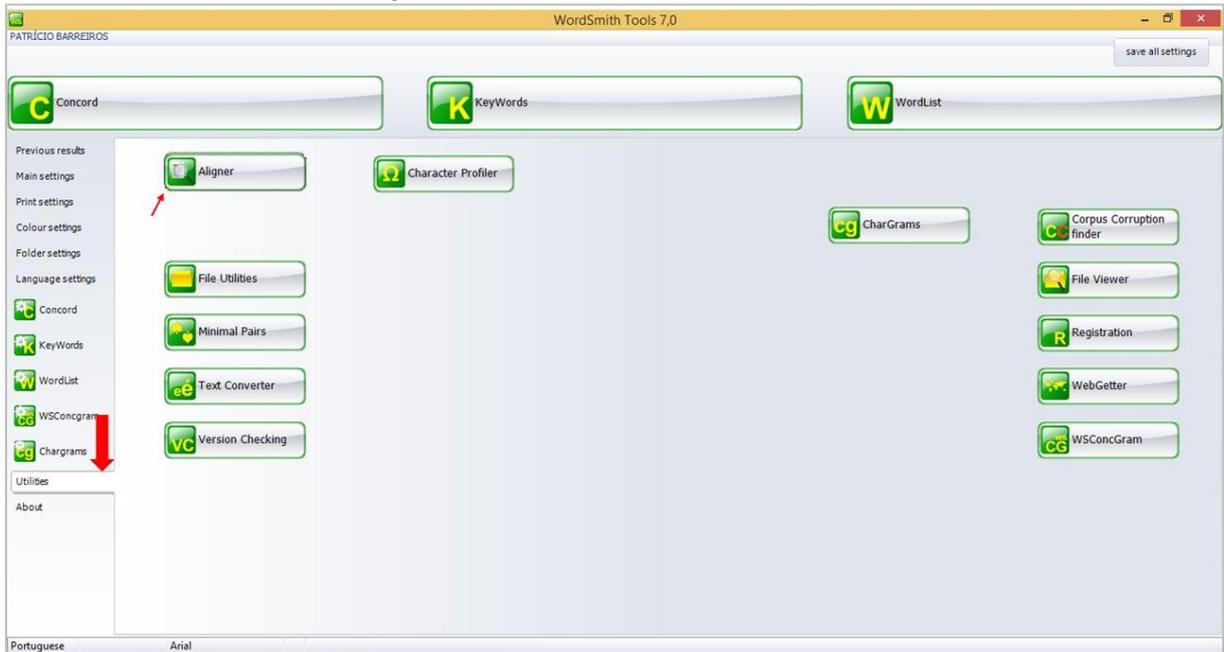


Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

Etapa 9. Abrindo o texto 1 já convertido em *.vwr (viewer) para fundir com texto 2

- Volte à tela inicial do *WordSmith Tools 7.0*, clique no botão *Utilities*;
- escolhe o utilitário → *Aligner*;

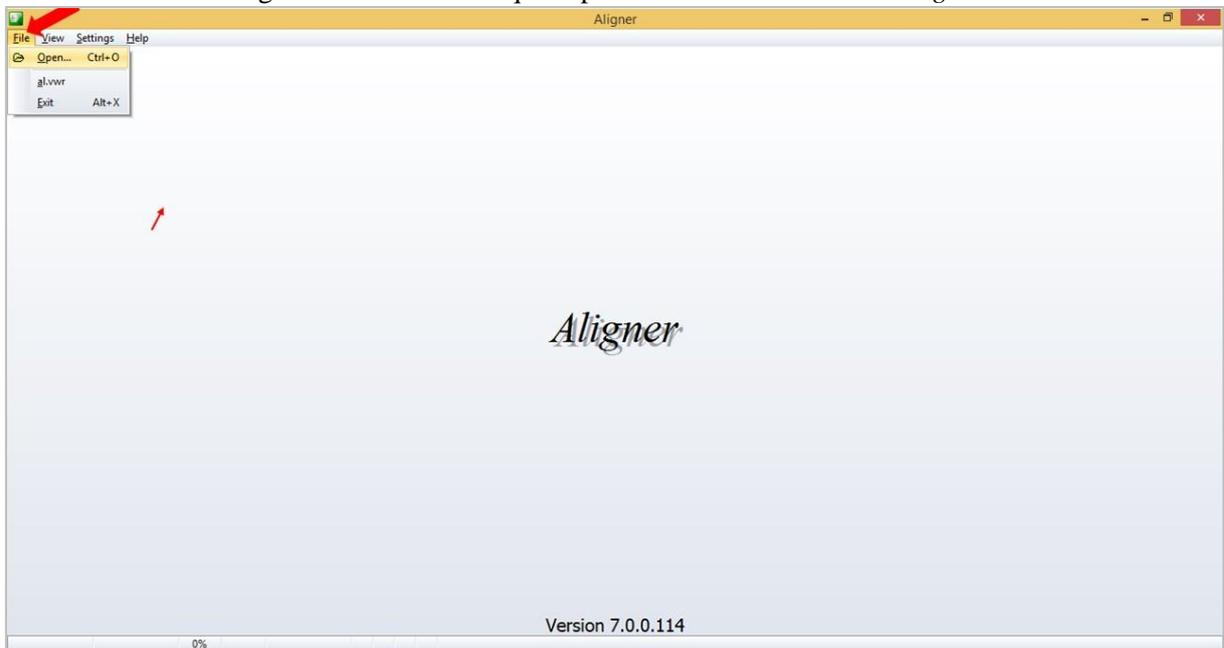
Figura 65 – Voltando ao utilitário *Aligner*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- abrirá uma nova janela, a do utilitário *Aligner*;
- no canto superior da tela do utilitário *Aligner* escolhe → *File* → *Open*;

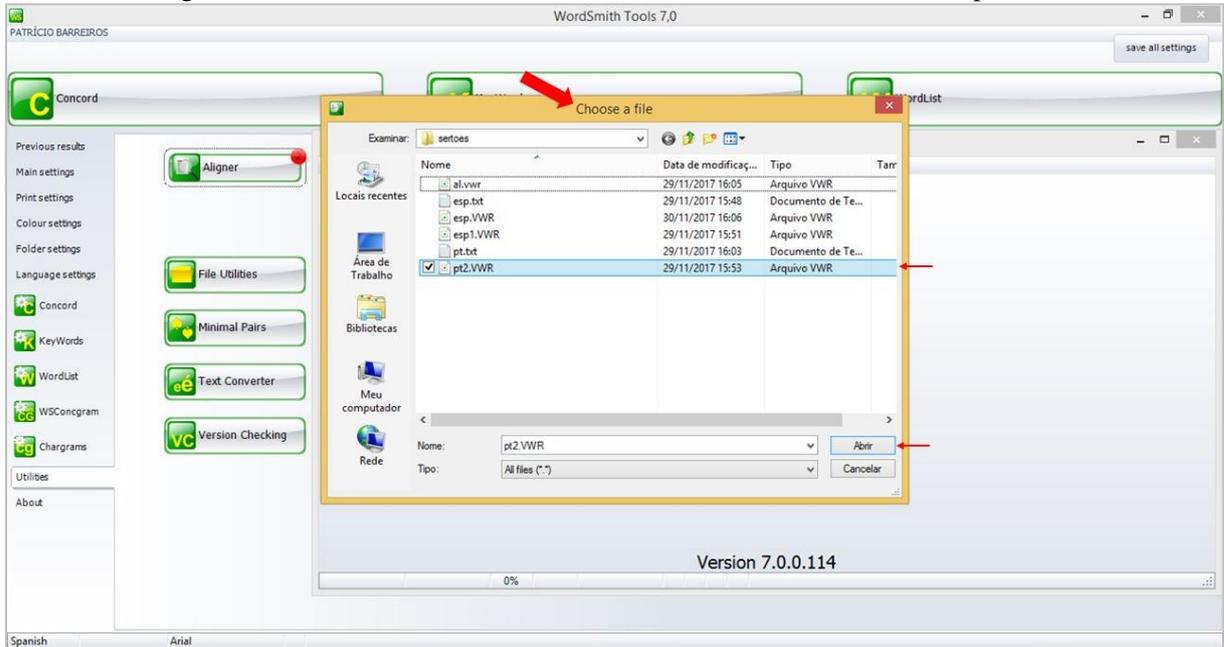
Figura 66 – Abrindo arquivo pelo menu desdobrável do *Aligner*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- e. abrirá a janela → **Choose a file** para procurar e abrir o texto do computador;
- f. escolha o texto 1 que foi convertido anteriormente para a extensão *.vwr e que está armazenado no computador. Na pesquisa em questão, texto em língua portuguesa (*pt2.VWR*);
- g. selecione **Abrir** no canto inferior direito da janela;

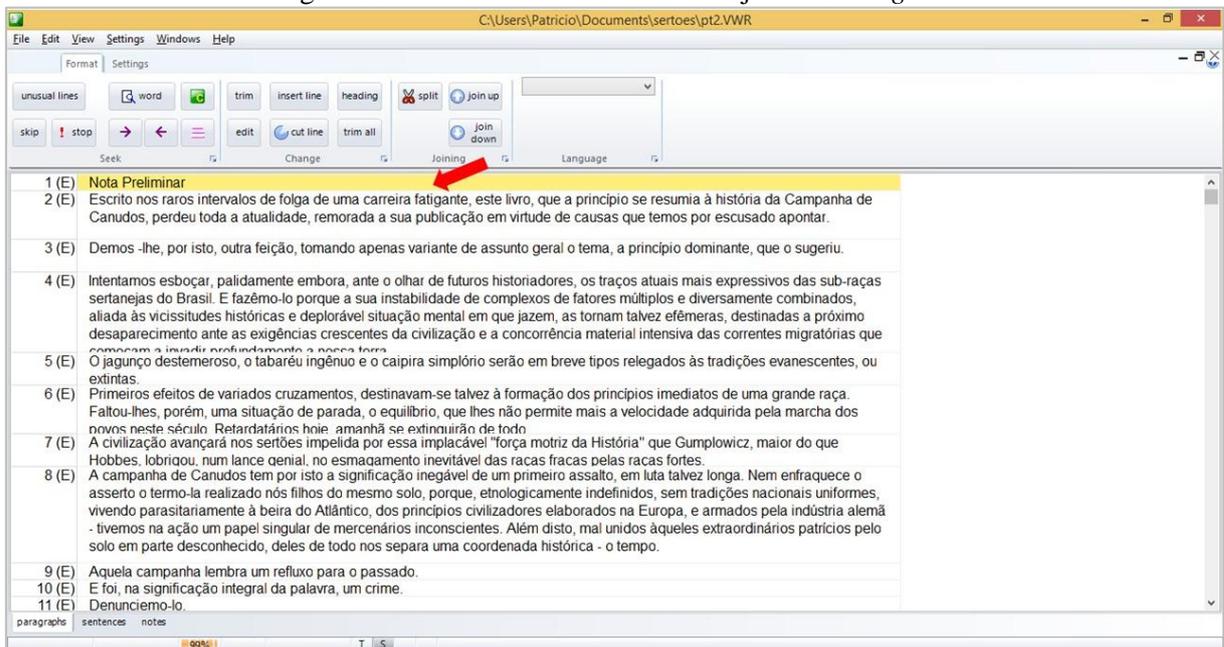
Figura 67 – Procurando e abrindo texto 1 na extensão *.VWR do computador



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- h. aparecerá nova janela com o arquivo aberto separado por parágrafos/sentenças;
- i. não feche essa janela para a próxima etapa.

Figura 68 – Visualizando do texto 1 na janela do *Aligner*

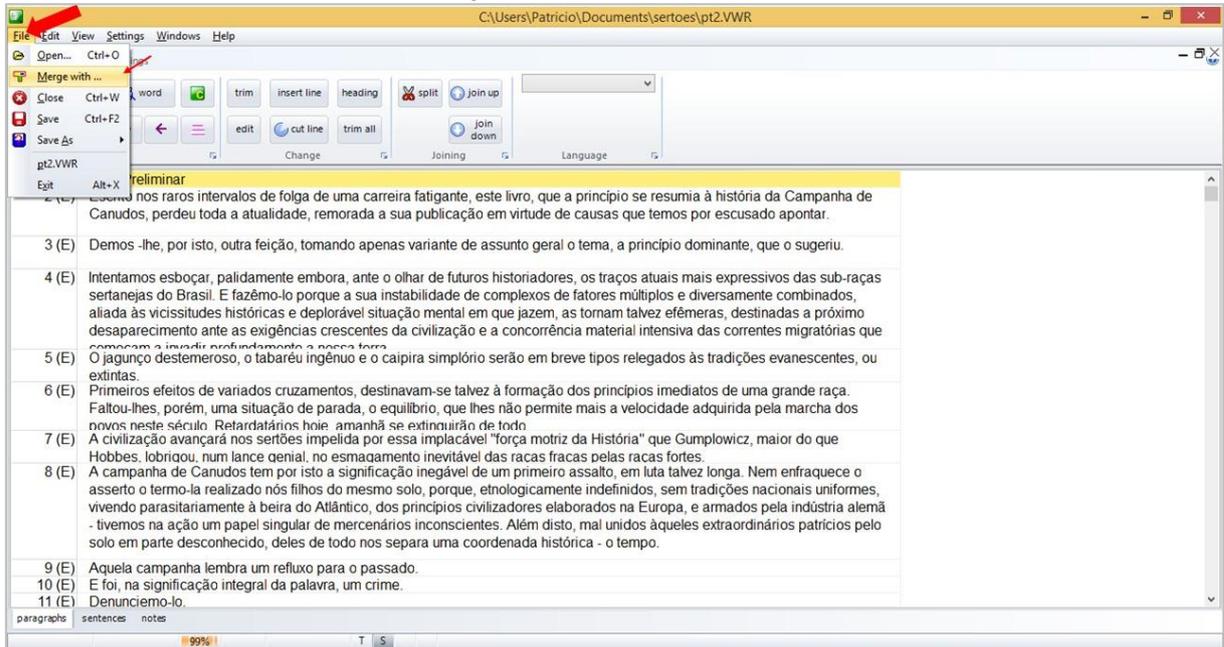


Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

Etapa 10. Fundindo e alinhando o texto 1 com o texto 2 já convertidos em *.vwr (*viewer*)
 Obs.: Na janela do *Aligner*, o texto 1 deve estar aberto já convertido em *.vwr (etapa 9).

- a. No canto superior esquerdo da tela do utilitário *Aligner* escolha → **File** → **Merge With**;

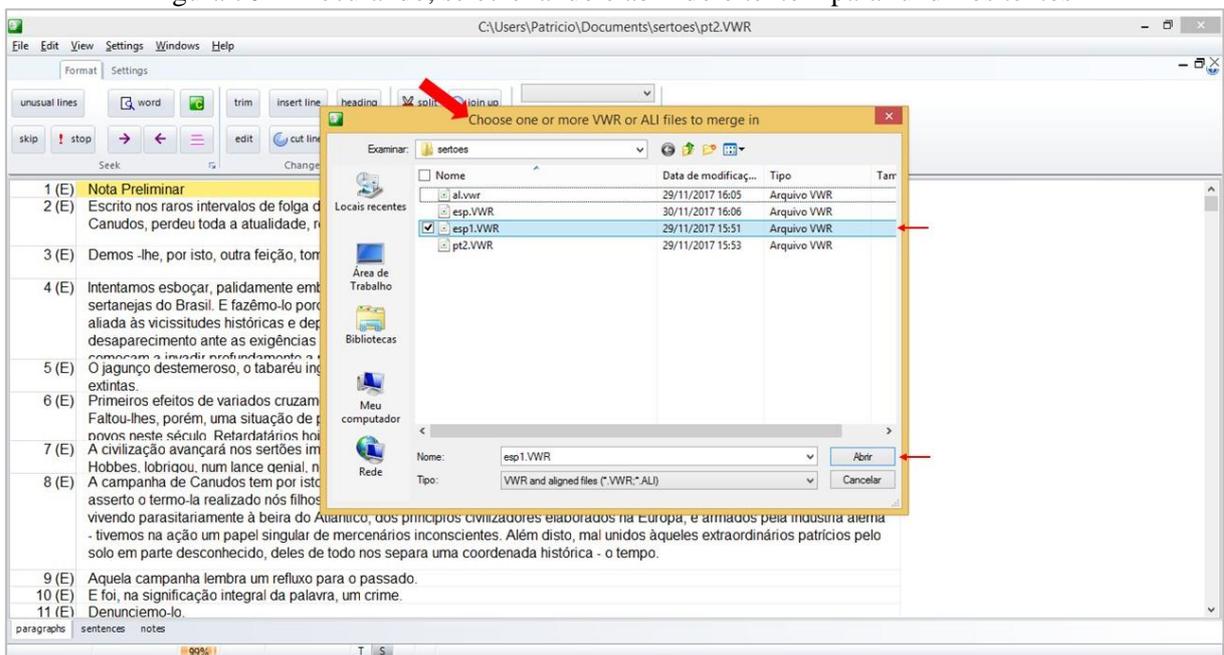
Figura 69 – Fundindo textos



Fonte: WordSmith Tools 7.0

- b. abrirá a janela → **Choose one or more VWR or ALI files to merge in** para procurar, selecionar e abrir o texto 2. Na pesquisa em questão, texto em Espanhol (*esp1.VWR*);

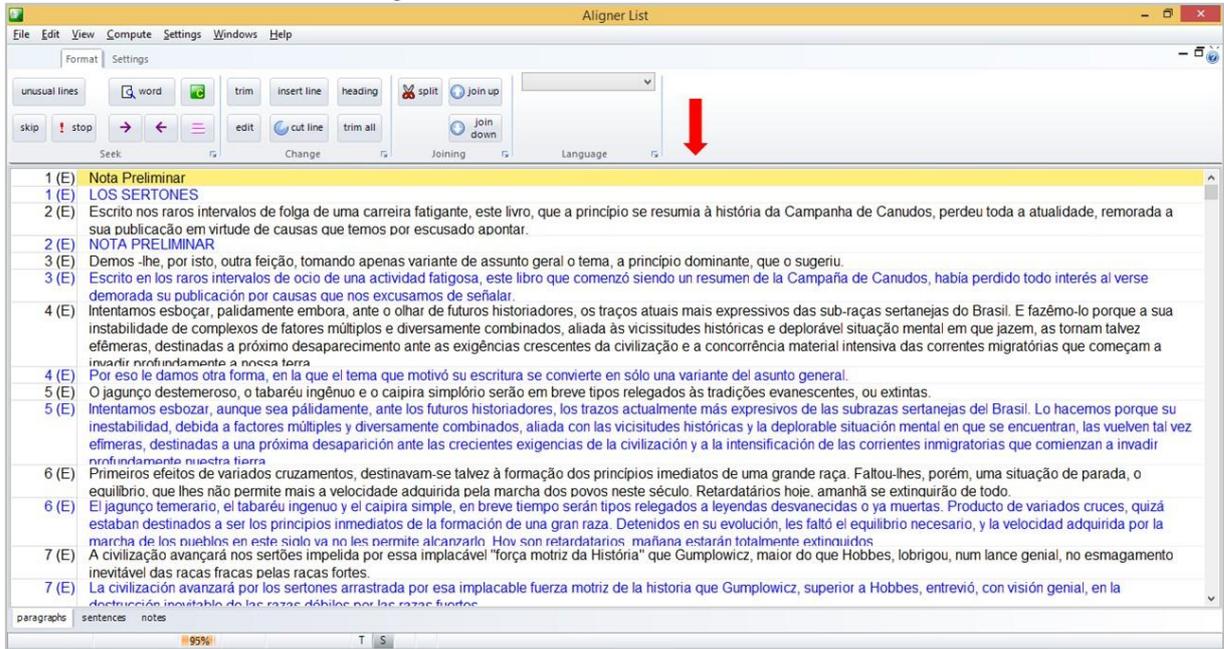
Figura 70 – Procurando, selecionando e abrindo o texto 2 para fundir os textos



Fonte: WordSmith Tools 7.0

- c. aparecerá a janela com os textos fundidos e alinhados em parágrafos/sentenças. Cada texto constará de uma cor diferente;

Figura 71 – Visualizando textos fundidos



Fonte: WordSmith Tools 7.0

- d. para alternar a visualização do alinhamento textual entre parágrafo e sentenças vá ao canto esquerdo inferior da tela e escolha entre → *paragraph* / *sentences*;

Figura 72 – Alternando visualização entre parágrafos e sentenças

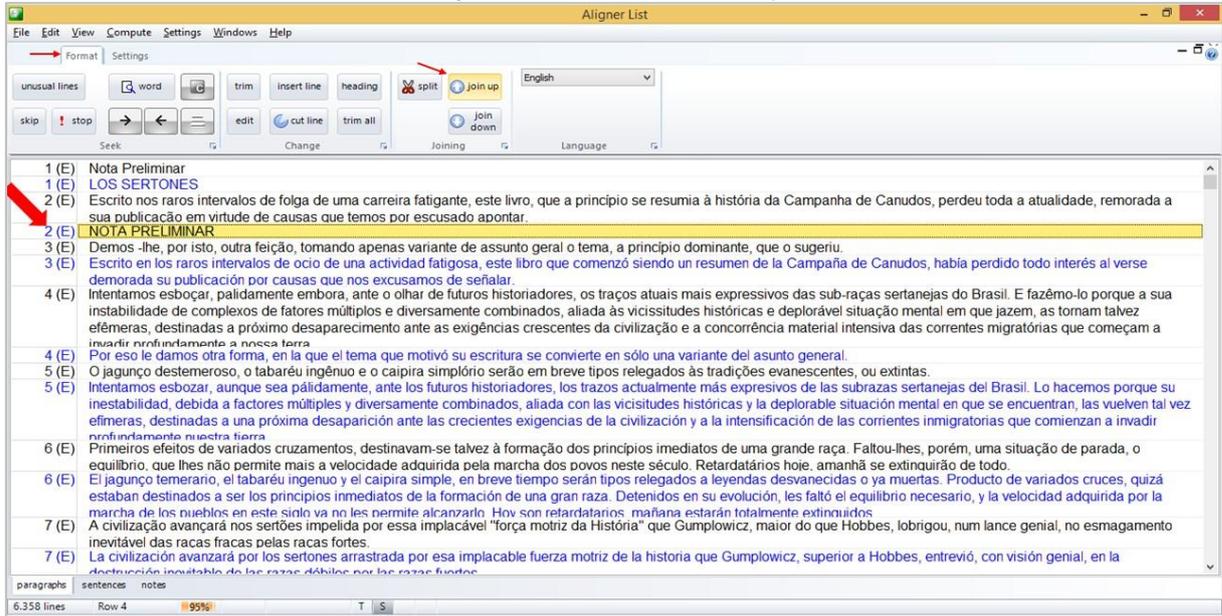


Fonte: WordSmith Tools 7.0

Etapa 11. Resolvendo problemas - movimentando uma sentença (join up / join down)

- Na janela do *Aligner* com os textos abertos, selecione uma sentença que não esteja alinhada a seu correspondente de tradução no *corpus*, clicando uma vez sobre ela;
- na barra de ferramentas do utilitário *Aligner*, na parte superior, escolha → **Format** → **join up** (para mover a sentença para cima); ou → **join down** (mover a sentença para baixo). Na pesquisa em questão, escolhemos → **Join up** como exemplo;

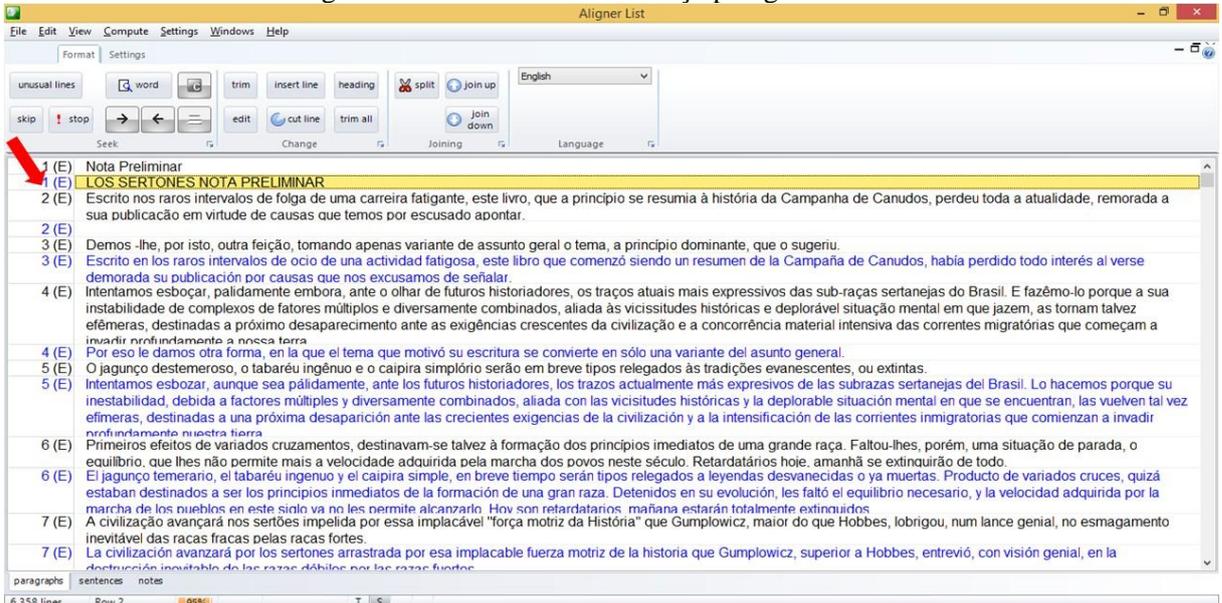
Figura 73 – Movendo sentença



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- a sentença irá mover-se para a linha superior de mesma língua/arquivo que ela;
- se nessa linha já houver alguma outra sentença, elas se juntarão como no exemplo acima; se não houver, ela ocupará o espaço. Isso também acontece com → **join down**.

Figura 74 – Visualizando sentença/parágrafo movido

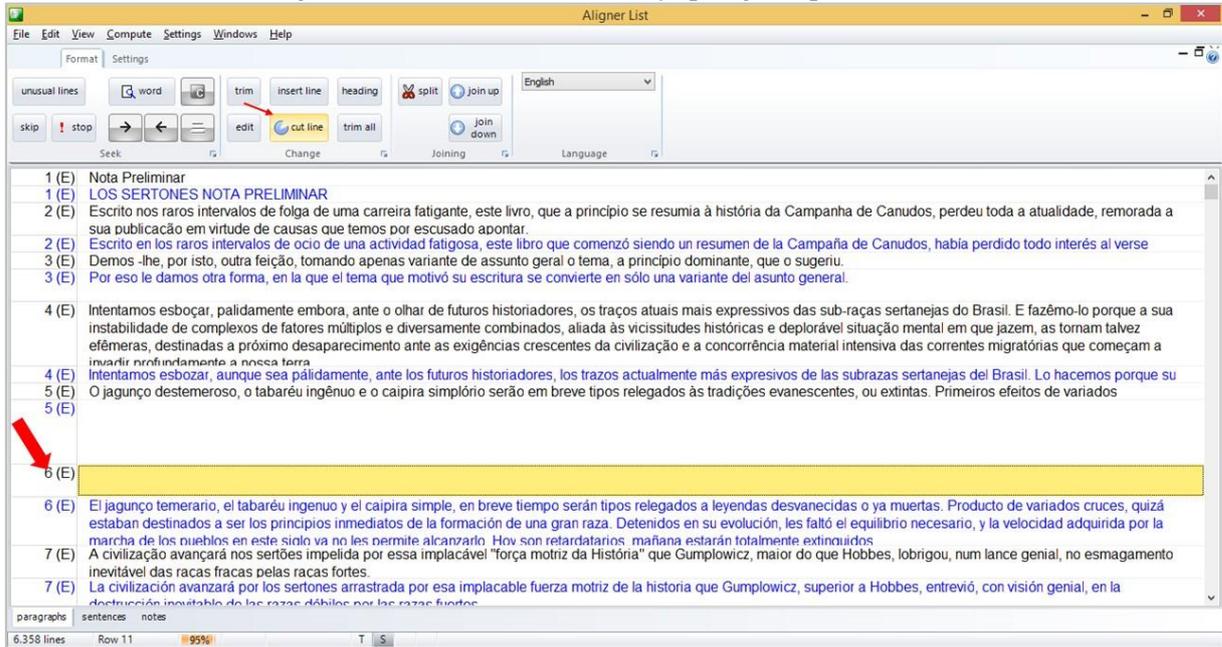


Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

Etapa 12. Apagando linhas em branco ou sentenças indesejadas

- Com a janela do utilitário *Aligner* aberta, selecione a linha em branco que se deseja excluir, clicando uma vez sobre ela;
- na barra de ferramentas do *Aligner*, na parte superior, escolha → **Format** → *cut line*;

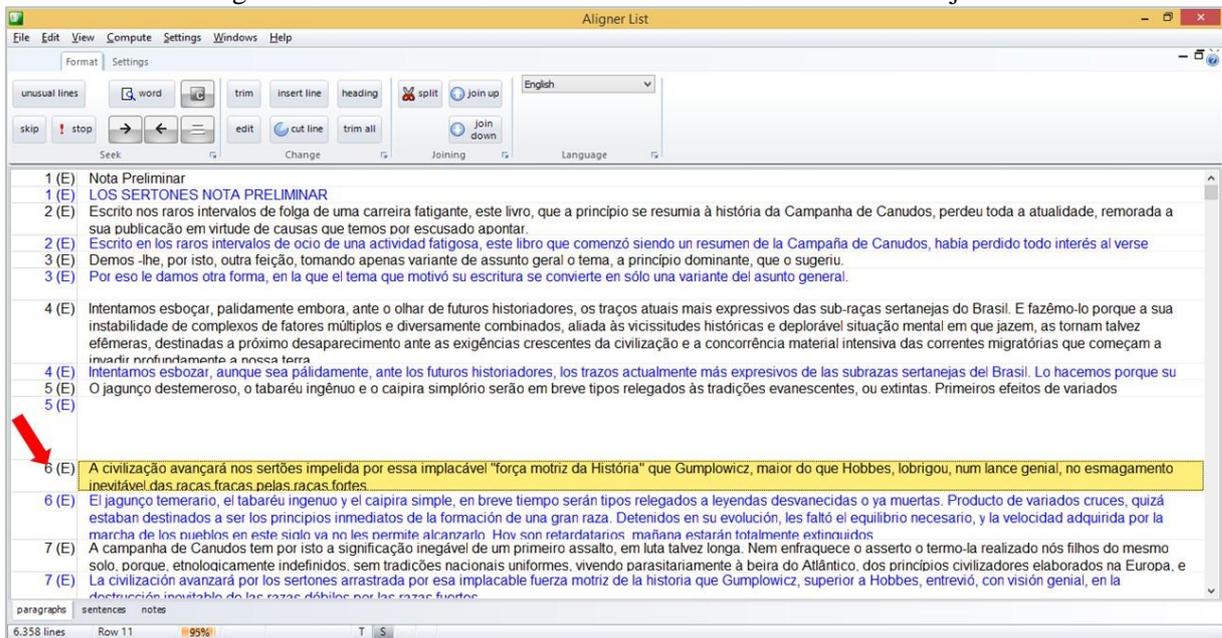
Figura 75 – Selecionando sentença/parágrafo para excluir



Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

- a linha será preenchida com as informações da linha em posição imediatamente inferior de mesma língua/arquivo;
- o mesmo pode ser feito com uma sentença indesejada.

Figura 76 – Visualizando resultado da exclusão de linha indesejada

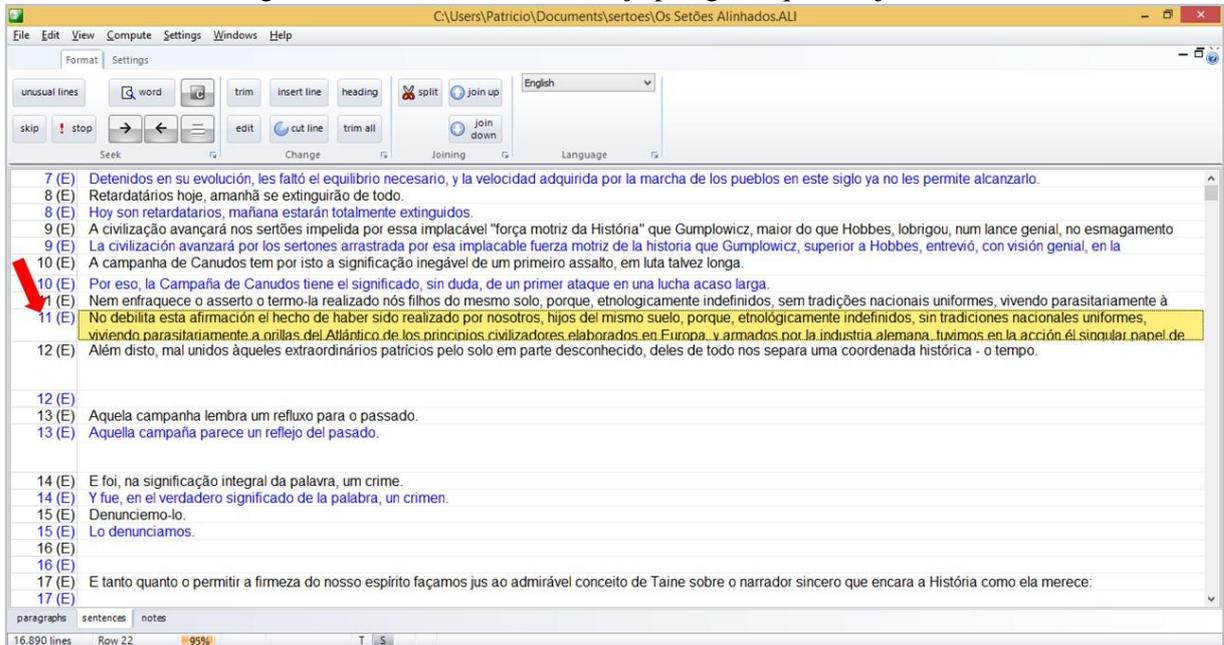


Fonte: *Wordsmith Tools 7.0*

Etapa 13. Dividindo uma sentença

- a. Com a janela do utilitário *Aligner* aberta, selecione a sentença que se deseja dividir, clicando uma vez sobre ela;

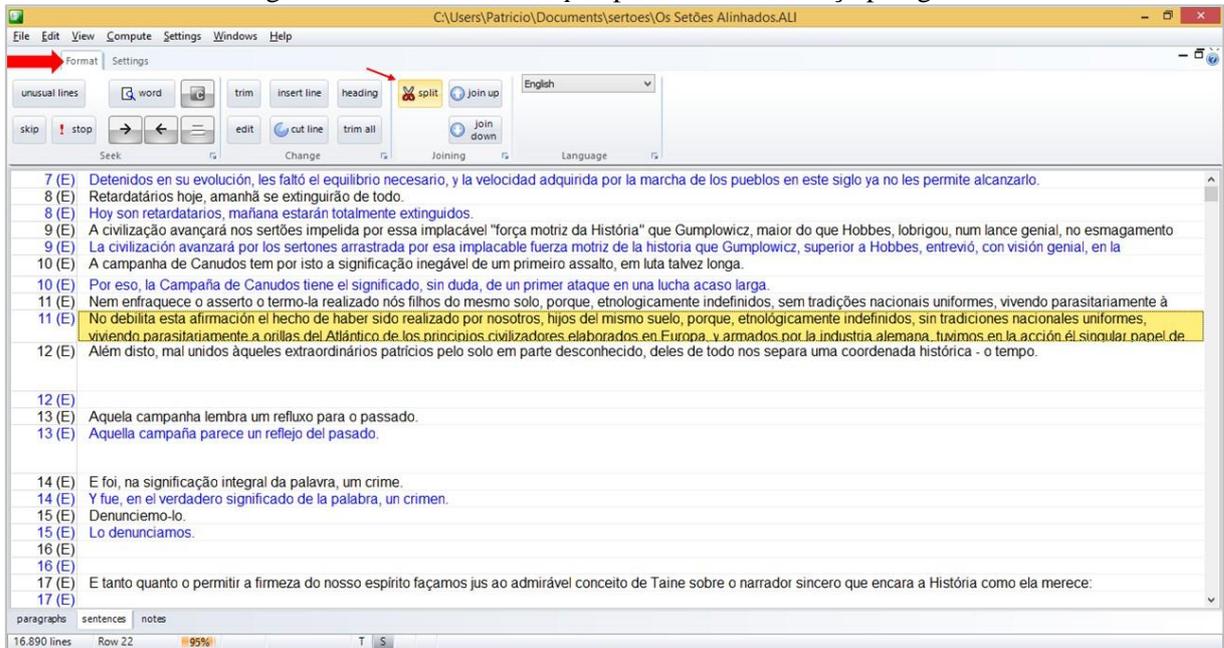
Figura 77 – Selecionando sentença/parágrafo que deseja dividir



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- b. na barra de ferramentas do utilitário *Aligner*, na parte superior, escolha → **Format** → *split*;

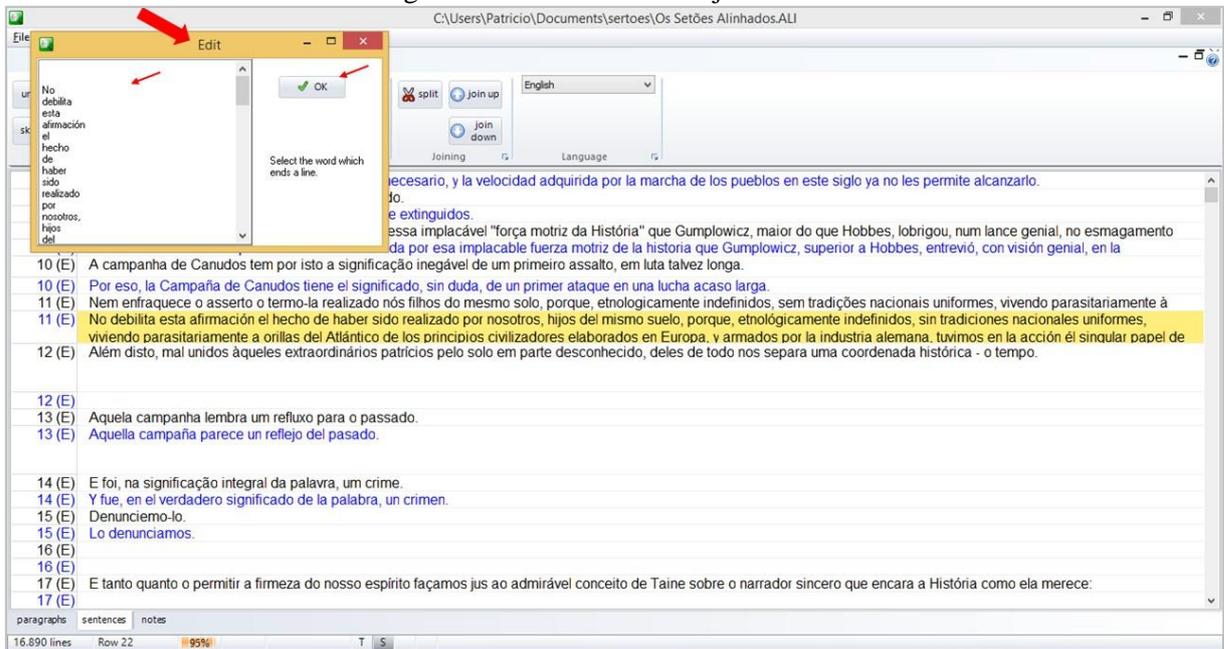
Figura 78 – Selecionando *Split* para dividir sentença/parágrafo



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- c. aparecerá uma caixa de edição → **Edit**;
- d. do lado esquerdo dessa caixa de diálogo estarão listadas todas as palavras e caracteres que compõem a sentença selecionada. Do lado direito, o botão → **OK**;

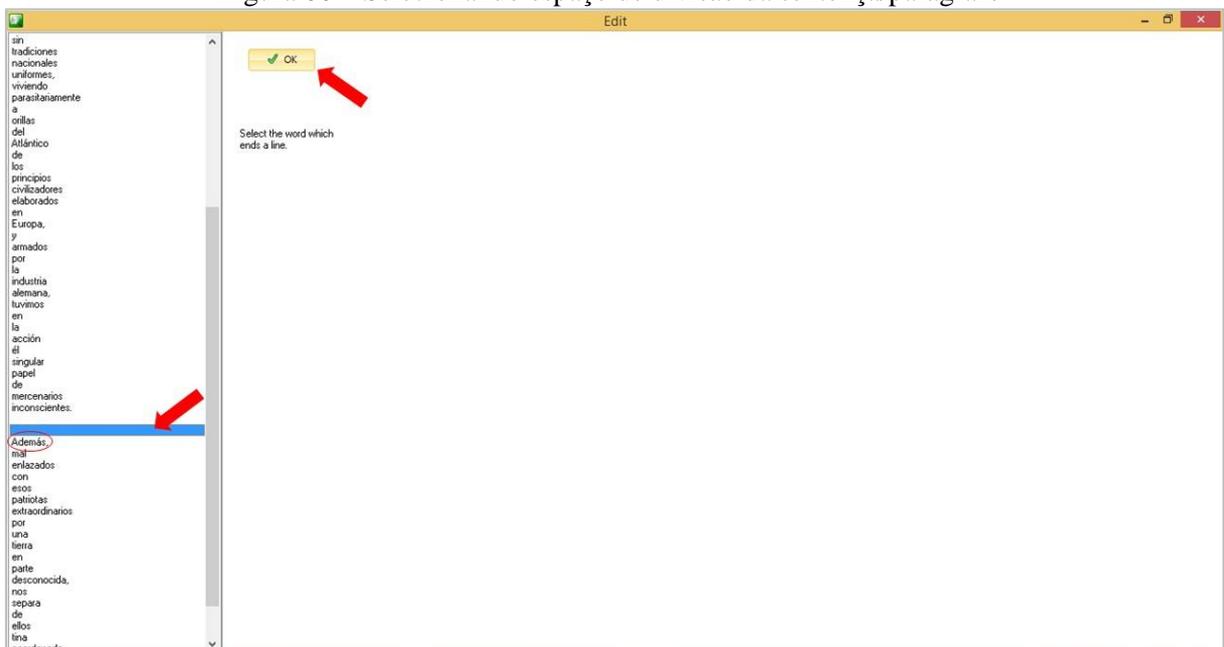
Figura 79 – Trabalhando na janela *Edit*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- e. dessa lista, selecione uma palavra ou caractere que você deseja que seja a última palavra/caractere da sentença que ficará na linha de cima. Na pesquisa em questão, escolhemos um **espaço em branco**;
- f. do lado direito da caixa de diálogo → **Edit** selecione → **OK**.

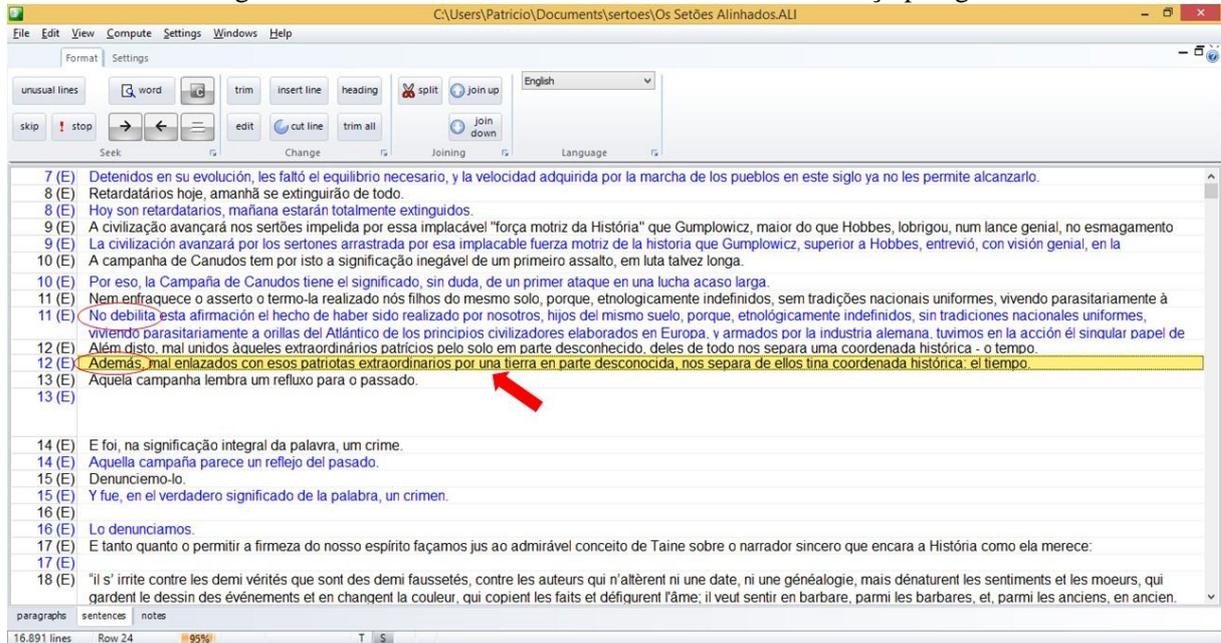
Figura 80 – Selecionando espaço de divisão da sentença/parágrafo



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

g. as palavras que ficarão depois da palavra/caractere escolhido (espaço em branco) farão parte da sentença que ficará na linha em posição imediatamente inferior de mesmo arquivo;

Figura 81 – Visualizando resultado da divisão da sentença/parágrafo

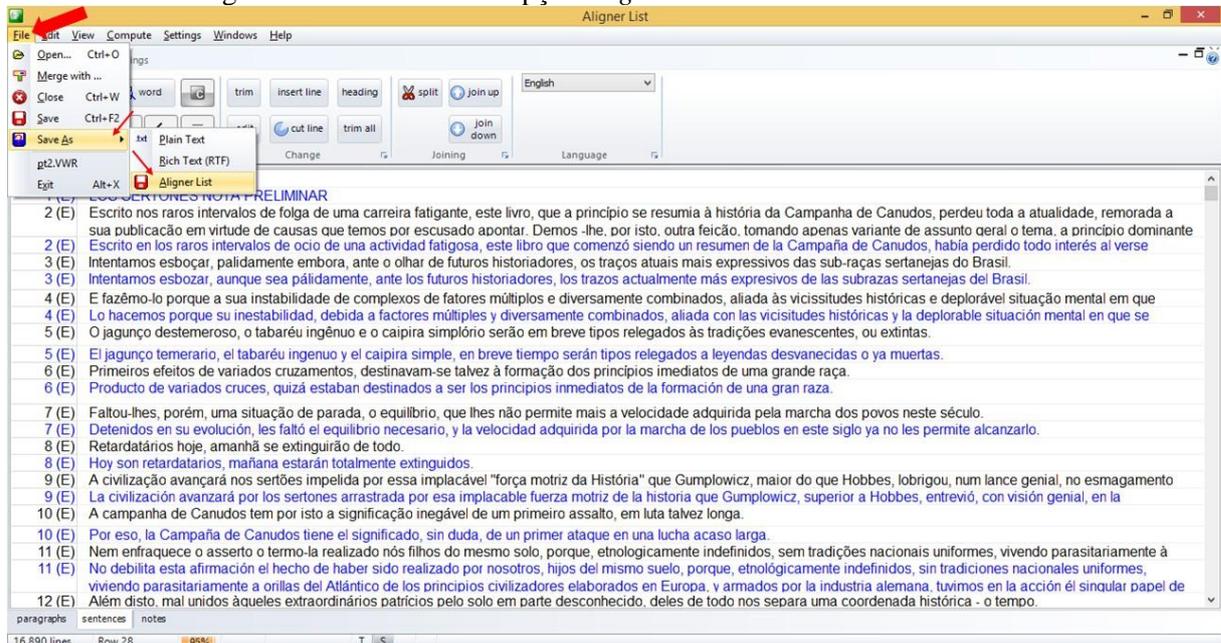


Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

Etapa 14. Salvando o texto na Extensão *.ALI (para continuar com os trabalhos no futuro)

a. Com o texto já alinhado e aberto no utilitário *Aligner*, vá no canto superior esquerdo da janela e escolha → **File** → **Save as** → **Aligner list**;

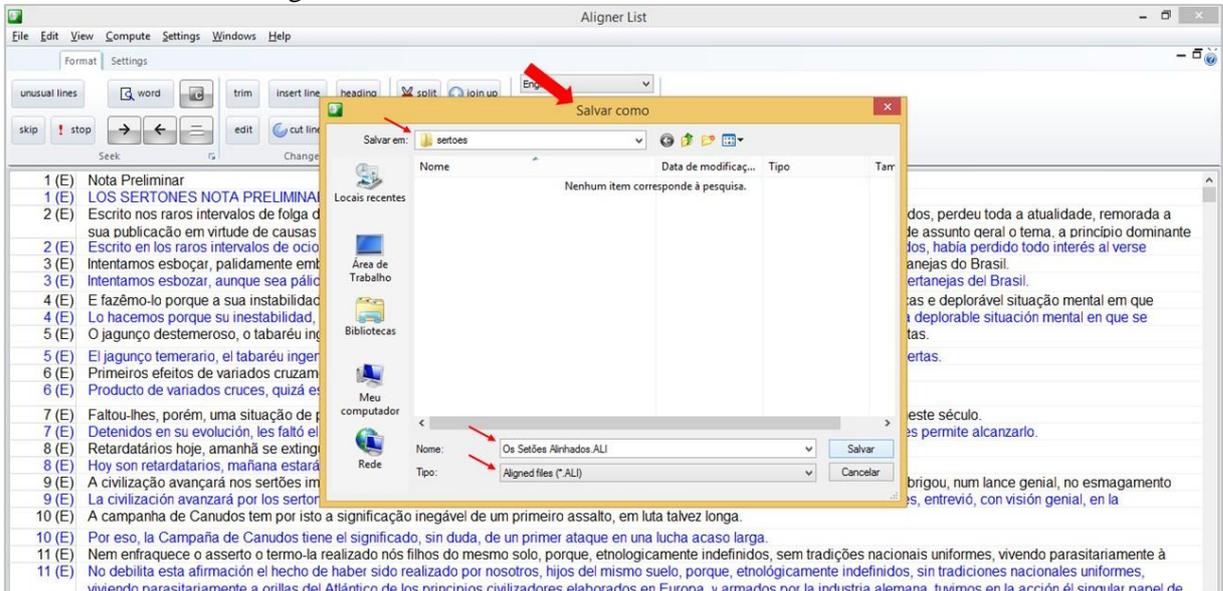
Figura 82 – Escolhendo a opção *Aligner list* no menu desdobrável *File*



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- b. abrirá uma nova janela → **Salvar como**. Nela você irá:
- 1) no menu desdobrável → **Salvar em**, buscar uma pasta para salvar o seu novo arquivo. Sugerimos que seja na mesma pasta que o arquivo anterior;
 - 2) no campo → **Nome**, na parte inferior da janela, dar nome ao seu novo arquivo, e;
 - 3) no menu → **Tipo**, que está abaixo de → **Nome**, escolher → **Aligned Files (*.ALI)**;
- c. clique em → **Salvar** no canto inferior direito da tela para salvar o arquivo;

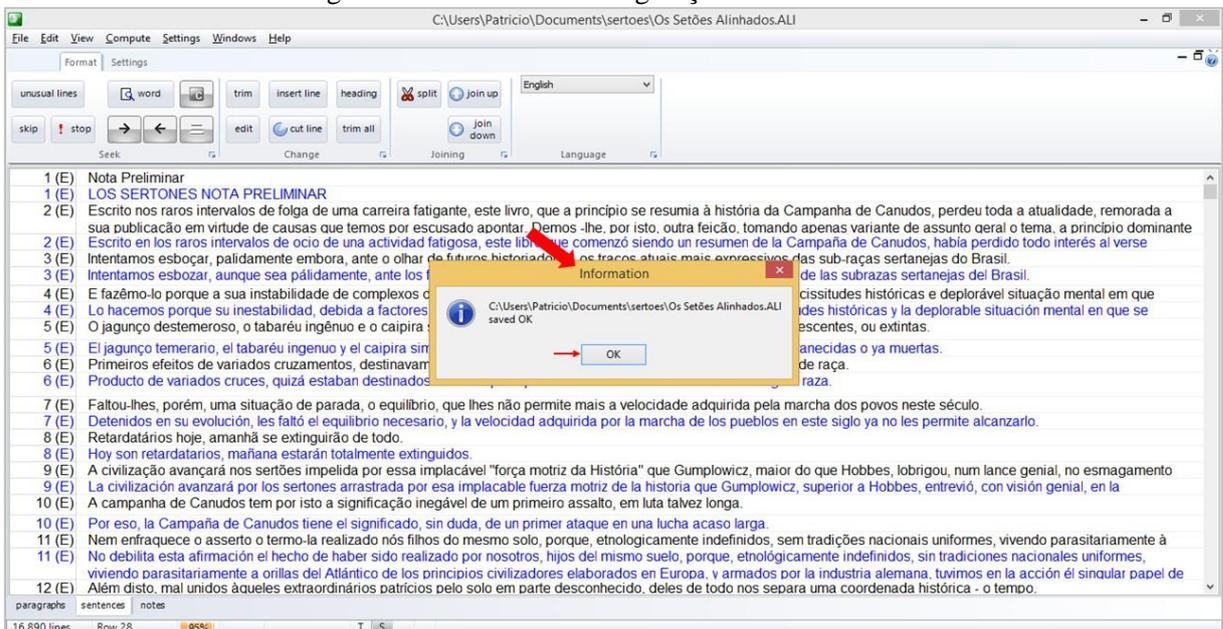
Figura 83 – Nomeando e salvando texto na extensão *.ALI



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- d. aparecerá a caixa de diálogo → **Information** com a inscrição [...] *saved OK*. Na pesquisa em questão *C:\Users\Patricio\Documents\setoes\Os Sertões.Ali saved OK*;
- e. clica em → **OK**;

Figura 84 – Aceitando configurações de salvamento

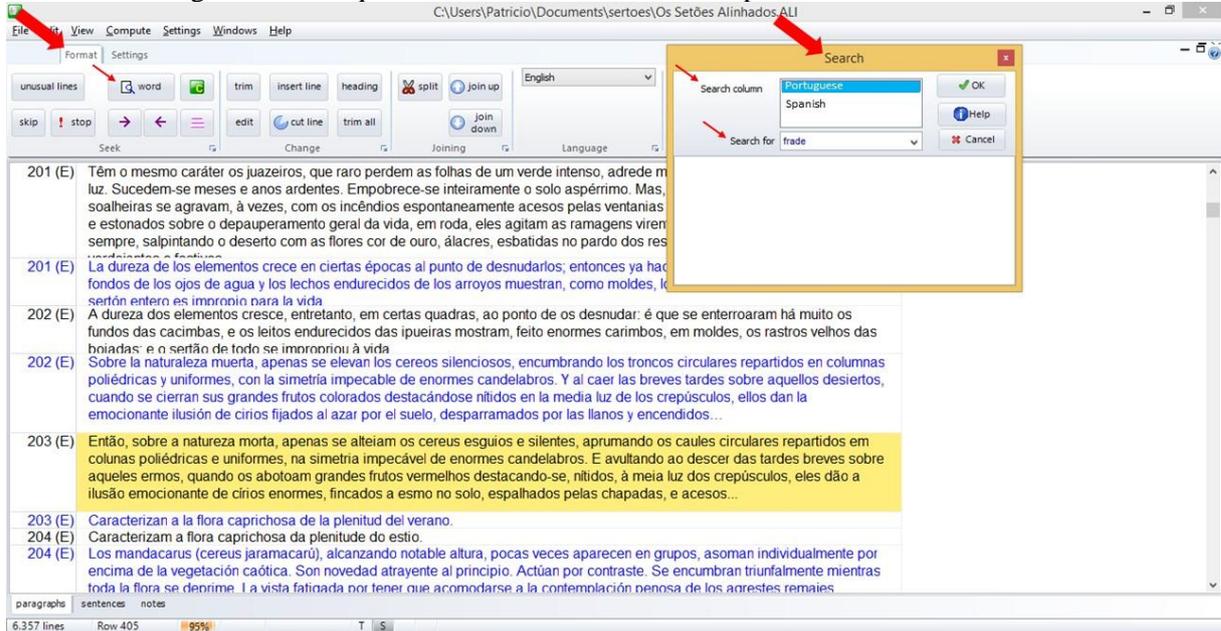


Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

Etapa 15. Buscando palavras em contextos paralelos no texto alinhado

- com o texto aberto no *Aligner*, na parte superior, escolha → **Format** → **word**. Aparecerá a janela → **Search (Busca)**. No centro da janela, aparecerá o campo → **Search column** e dentro, as línguas que você selecionou para cada texto no início do processo de alinhamento.
- Selecione uma das línguas. Na pesquisa em questão, **Portuguese** (Português)
- No campo → **Search** digite a palavra que deseja. Na pesquisa em questão, → **Frade**;

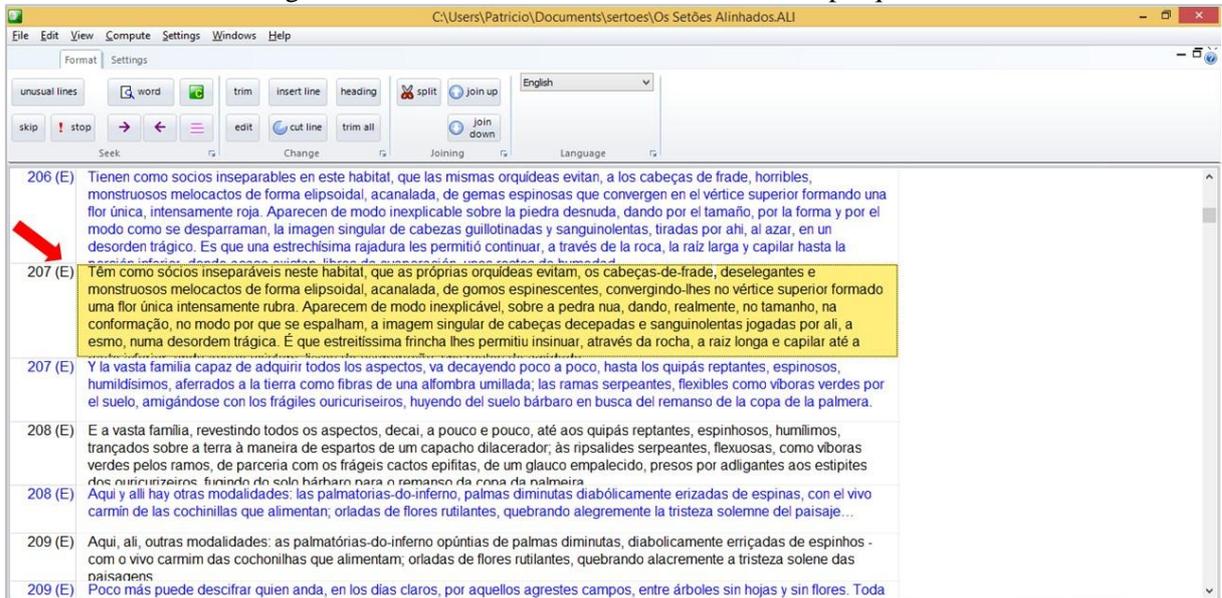
Figura 85 – Pesquisando vocábulo em contextos paralelos no texto alinhado



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

- A sentença aparecerá na língua que você escolheu, e paralelo a ela, a sentença equivalente, traduzida na língua estrangeira.

Figura 86 – Visualizando contexto do vocábulo pesquisado



Fonte: *WordSmith Tools 7.0*

A ferramenta *KeyWord* permite a extração de palavras de uma lista cujas frequências são estatisticamente diferentes (maiores ou menores) do que as frequências das mesmas palavras no *corpus* de referência. O programa calcula as palavras-chave em vários textos de modo comparado. Há dois tipos de palavras-chave: as positivas e as negativas. As palavras-chave positivas são aquelas que têm frequência mais alta no *corpus* de estudo do que no *corpus* de referência. Palavras-chave negativas são aquelas que a frequência é relativamente mais alta no *corpus* de referência do que no de estudo. As palavras-chave positivas e negativas são exibidas separadamente na janela de resultados. As positivas aparecem no começo da lista, em cor amarela. As negativas surgem no final da lista, em cor diferente.

No presente estudo, a ferramenta *KeyWord* é de fundamental importância porque os Marcadores Culturais analisados serão aqueles que apresentarão uma chavidade positiva em relação ao *corpus* de referência. O levantamento estatístico empreendido pela ferramenta *KeyWord*, na comparação entre o *corpus* de estudo e o de referência, fornece dados que permitem perceber a utilização de um determinado vocábulo e sua relação com uma dada realidade linguística.

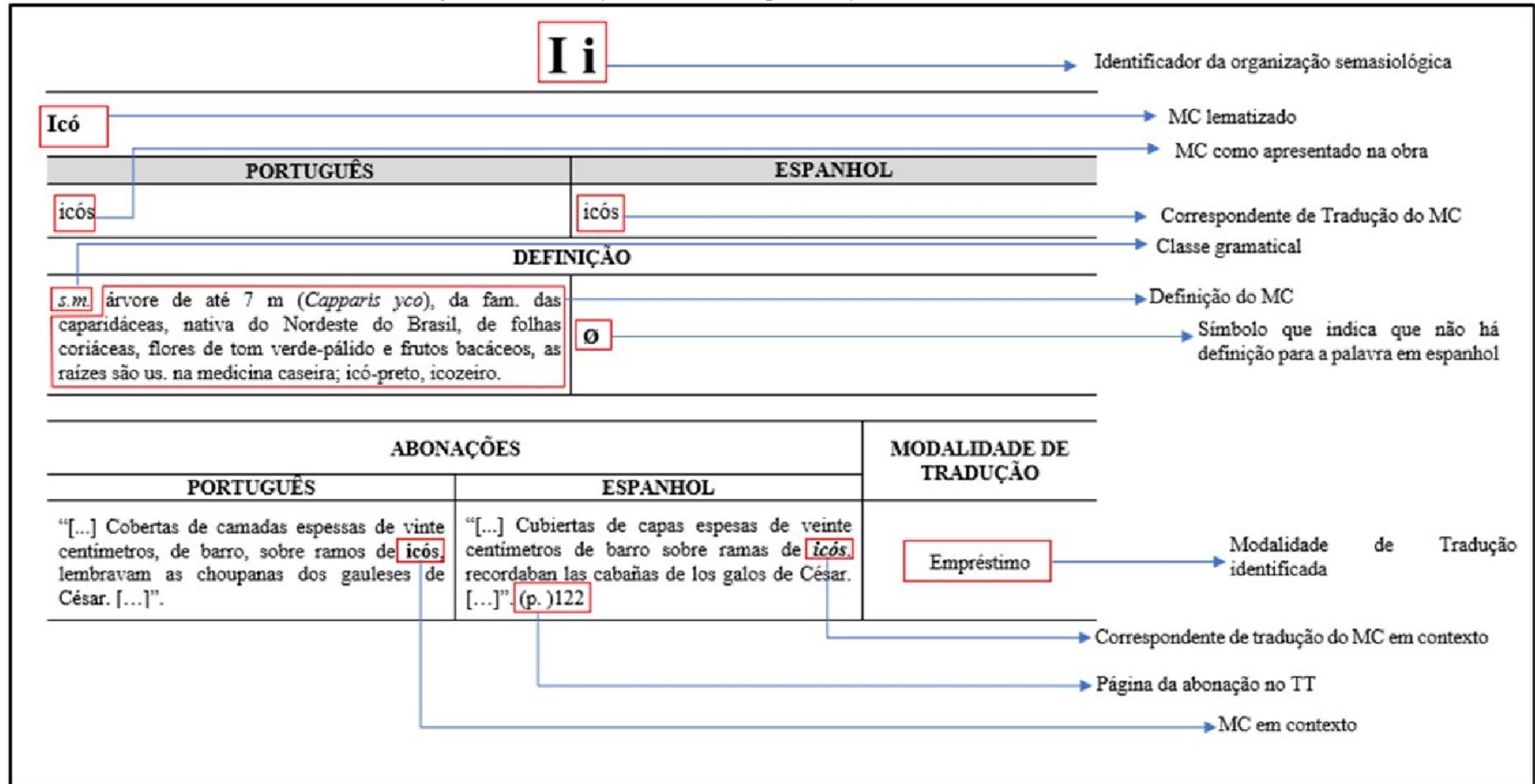
4 OS SERTÕES E SEUS MARCADORES CULTURAIS TRADUZIDOS PARA A LÍNGUA ESPANHOLA

Apresentamos abaixo os resultados da pesquisa: os Marcadores Culturais do Domínio Ecológico presentes na obra *Os Sertões*. Não obstante, selecionamos para a pesquisa em questão os Marcadores Culturais que representassem a fauna e flora da caatinga pelos motivos listados a seguir: a) O que nos instigou a pesquisa, foi, em alguma medida, o *glosário* do TT que apresenta alguns vocábulos que causam dificuldade de entendimento. Desses vocábulos, aproximadamente 54,2% das unidades lexicais, fazem parte do domínio ecológico e, desses, 93,1% tem suas marcas culturais na fauna e flora da região como discutido no capítulo 2.1; b) a quantidade dos Marcadores Culturais presentes na obra e que pertencem ao domínio ecológico é muito extensa.

Dito isso, vale explicitar que catalogamos um total de 198 marcadores. Desses, 94 foram utilizados para as reflexões da pesquisa em questão e os outros 104 apresentamos em uma lista ao final da dissertação. Essa lista traz os MCs, porém, devido as questões relativas a tempo e espaço nesta pesquisa, não construímos a sua análise, tratamento e devida apresentação na ficha. Todos os MCs desta lista possuem marca cultural na toponímia (topografia, hidrografia etc.), que também faz parte do domínio ecológico (objetos, eventos naturais, clima dentre outros, em seu estado natural sem interferência humana a ponto de modificá-lo) (AUBERT, 2006a; MARTINS e CAMARGO, 2008); e, por fim, a relação de tudo isso com o tempo mesmo de pesquisa.

De toda essa reflexão, extraímos os resultados da pesquisa. Esses resultados estão estruturados em fichas que construímos para esta investigação. Essa ficha apresenta uma análise comparativa na direção Português → Espanhol e todas as fichas estão organizadas uma após a outra semasiologicamente. Tendo em vista esta informação, toda a organização do vocabulário será orientada a partir dos dados em Português, quando não houver óbice para isso. Abaixo apresentamos uma figura que representa a organização da ficha.

Figura 87 – Descrição da Ficha de apresentação dos Marcadores Culturais



Fonte: Elaborada pelo pesquisador

No topo da ficha apresentamos as letras iniciais em maiúscula e minúscula do Marcador que ali está representado. Na linha abaixo, o Marcador aparece lematizado, ou seja, “as palavras flexivas eleitas como entrada de verbete passam pelo processo de lematização, que consiste na redução para uma forma canônica que represente todas as variantes de flexão” (BARREIROS, 2017, p. 139). Assim, no exemplo acima, no TO aparece “icós” que está, na ficha, lematizado como “icó”, sem a flexão de número.

Posteriormente, os marcadores aparecem da maneira que ocorrem no TO e no TT, lado a lado, separados em colunas indicando a língua a que se relaciona. A continuação, apresentamos as definições que construímos com a ajuda de alguns dicionários e vocabulário tais como Houaiss (2001) e o dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas e cultivadas (PIO CORRÊA, 1926, 1931, 1978, 1984) com 11 volumes, Zacharias (2001) para as acepções em Português. Para as acepções em espanhol, o dicionário da RAE¹ com suas várias ferramentas como o *CORPES XXI* e *Diccionario de Americanismo*.

Finalmente, mais abaixo, apresentamos as abonações que comprovam o uso do MC num contexto discursivo real dentro do TO. Além disso, o correspondente de tradução do mesmo trecho onde se encontra o correspondente de tradução do Marcador Cultural no TT. Dentro das abonações, tanto o MC quanto o seu correspondente de tradução são apresentados em negrito. Essa foi uma escolha nossa para dar destaque ao Marcador e seu correspondente de tradução. As marcações em itálico são marcas originárias do TO ou do TT. Ao lado, a Modalidade de Tradução identificada no cotejo dos textos.

Vale ressaltar que há nas fichas o uso do símbolo Ø. Ele é usado em dois lugares: no espaço reservado ao correspondente de tradução do Marcador Cultural e/ou no espaço reservado à definição do corresponde de tradução. O seu uso indica que não há registro de correspondente de tradução devido a sua omissão, ou que não há registro nos dicionários em espanhol consultados da unidade léxica que o tradutor registrou na sua tradução.

Abaixo, apresentamos o resultado do cotejo e análise dos Marcadores Culturais organizados na ficha anteriormente mencionada.

¹ On line: <http://www.rae.es/> (Diccionario de la lengua española: <http://dle.rae.es/> ; Diccionario de americanismos: lema.rae.es/damer/; Dorpes XXI: <http://bit.ly/2DlmNmm>).

A a

Alecrim-do-tabuleiro

PORTUGUÊS	ESPANHOL
alecrim-dos-tabuleiros alecrins-dos-tabuleiros	romero romero del campo romero de los campos

DEFINIÇÃO

<p><i>s.m</i> planta da Caatinga, da família das <i>Verbenaceae</i>, e da espécie <i>Lippia gracilis</i>. O alecrim de tabuleiro, alecrim da chapada ou alecrim do mato tem potencial de uso para diversas finalidades, mas principalmente medicinal.</p>	<p>Romero: <i>s. m.</i> Del lat. <i>ros maris</i>. Arbusto de la familia de las labiadas, con tallos ramosos de un metro aproximadamente de altura, hojas opuestas, lineales, gruesas, coriáceas, sentadas, enteras, lampiñas, lustrosas, verdes por el haz y blanquecinas por el envés, de olor muy aromático y sabor acre, flores en racimos axilares de color azulado, y fruto seco con cuatro semillas menudas. Es común en España y se utiliza en medicina y perfumería.</p> <p>Romero del campo/Romero de los campos: Ø</p>
---	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
“[...] os alecrins-dos-tabuleiros , e os canudos-de-pito, heliotrópios arbustivos de caule oco, pintalgado de branco e flores em espiga [...]”.	“[...] también los romeros de los campos , y los <i>canudos de pito</i> , heliotropos arbustivos de tronco hueco, pintados de blanco y de flores en espigas [...]” (p. 30).	Modulação + Transposição
“[...] ondeiam, móveis, avivando a paisagem, acamando-se nos plainos, arredondando as encostas, as moitas floridas do alecrim-dos-tabuleiros , de caules finos e flexíveis [...]”.	“[...] se mueven dando vida al paisaje, echadas sobre los llanos, redondeando las colinas, las motas floridas del romero del campo , de troncos finos y flexibles [...]” (p. 32)	Modulação + Tradução palavra por palavra
“[...] O primeiro pouso em que parara, o Tanquinho, prefigurara os demais. Era o melhor e era inaturável: um sítio meio destruído, duas casas em abandono, imersas na galhada fina do alecrim-dos-tabuleiros , de onde irrompiam cereus esguios e melancólicos [...]”.	“[...] El primer rancho en que se detuvieron, el Tanquinho, prefiguraba los demás. Era el mejor y era insoportable: un sitio medio destruido, dos casas abandonadas, en medio de los gajos finos del romero y de los cereus melancólicos [...]” (p. 331).	Modulação

Ananás bravos

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
ananases bravos	ananás salvajes

DEFINIÇÃO

<p><i>s.m.</i> planta herbácea, da família das bromeliáceas (<i>Ananus sativus</i>). Tem o caule reduzidíssimo e folhas rígidas, serreadas, longas e estreitas, unidas na base, e que se abrem, separando-se superiormente. Do centro delas brota uma haste alongada, em cujo extremo superior surge a inflorescência, em forma de espiga e de coloração purpurina. Dessa inflorescência é que nasce o fruto, volumosa baga de forma cilíndrica e superfície escamosa, medindo entre 15 a 30 cm de altura e pesando dois ou mais quilos, que tem o mesmo nome da planta e do qual o conhecimento abacaxi é uma variedade.</p>	∅
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] os caroás verdoengos, de flores triunfais e altas; os gravatás e ananases bravos, trançados em touceiras impenetráveis, copiam-lhe a mesma forma, adrede feita àquelas paragens estéreis. As suas folhas ensiformes, lisas e lustrosas, como as da maioria dos vegetais sertanejos, facilitam a condensação dos vapores escassos trazidos pelos ventos, por maneira a debelar-se o perigo máximo à vida vegetativa, resultante de larga evaporação pelas folhas, esgotando e vencendo a absorção pelas radículas. [...]”</p>	<p>“[...] Los <i>caroás</i> verdosos, de flores triunfales y elevadas; los <i>gravatás</i> y los ananás salvajes, cerrados en tortuosidades impenetrables, copian las mismas formas, hechas adrede para esos parajes estériles. Sus hojas lisas y lustrosas, como las de la mayor parte de los vegetales sertanejos, facilitan la condensación de los escasos vapores traídos por los vientos, para vencer el peligro máximo de la vida vegetativa, que resulta de la evaporación por las hojas, agotando la absorción hecha por las raíces.[...]”</p>	<p>Tradução palavra por palavra + Modulação</p>

Angico

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
angico angicos	angico angicos

DEFINIÇÃO

<p><i>s.m.</i> design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, subfam. mimosoídea, esp. dos gêneros <i>Piptadenia</i>, <i>Parapiptadenia</i> e <i>Anadenanthera</i>, nativas da América tropical, a maioria do Brasil, freq. exploradas ou cultivadas pela boa madeira. Mede até 12 m, nativa do Brasil, de folhas com folíolos ovados e frutos oblongos, membranosos, internamente brancos. Floresce nos lugares onde são encontrados espinheiros, cardos, gravatás dentre outras. Folhas miúdas, opostas, em forma de pequenas palmas; flores de cor branca, pequenas arredondadas e ligeiramente cheirosas; frutos que são vagens pequenas comprimidas, escuras, contendo sementes miúdas.</p>	∅
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...]refrondam os marizeiros raros — misteriosas árvores que pressagiam a volta das chuvas e das épocas aneladas do “verde” e o termo da “magrém” - quando, em pleno flagelar da seca, lhes porejam na casca ressequida dos troncos algumas gotas d’água; reverdecem os angicos; [...]”.</p>	<p>“[...] trepan por los escasos <i>mariseiros</i>, —misteriosos árboles que presagian la vuelta de las lluvias y de las anheladas épocas del <i>verde</i> o el término de la <i>magrem</i>* — cuando el flagelo de la sequía está en su plenitud, transpiran en la cáscara reseca de los árboles, algunas gotas de agua; reverdecen los angicos. [...] (p. 33)</p> <p>* Verde y magrem, términos con que los matutos denominan las épocas de lluvias y de sequía.</p>	Empréstimo
<p>“[...] Um pormenor doloroso completou esta encenação cruel: a uma banda avultava, empalado, erguido num galho seco, de angico, o corpo do coronel Tamarindo. [...]”</p>	<p>“[...] Un pormenor doloroso completó esta escenificación cruel: a un costado sobresalía, empalado, erguido en una rama seca de angico, el cuerpo del coronel Tamarinho... [...]”(p. 225)</p>	Empréstimo

<p>“[...] Perto do riacho do Vigário, por um requinte de lúgubre ironia, os jagunços cobriram de floração fantástica a flora tolhiça e decídua: dos galhos tortos dos angicos pendiam restos de divisas vermelhas, trapos de dólman azuis e brancos, molambos de calças carmesins ou negras, e pedaços de mantas rubras – como se a ramaria morta desabotoasse toda em flores sanguinolentas. [...]”</p>	<p>“[...] Cerca del Rancho do Vigário, con su rasgo de lúgubre ironía, los jagunços habían cubierto de fantástica floración la vegetación raquítica y marchita: de los gajos torcidos de los angicos pendían restos de uniformes, colorados y azules, pantalones carmesí o negros, pedazos de mantas, como si el ramaje muerto se desarrollara en flores sangrientas. [...]” (p. 303)</p>	<p>Empréstimo</p>
---	--	-------------------

Araquã

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
araquã	araña

DEFINIÇÃO

<p><i>s. f.</i> design. comum às aves galiformes, da fam. dos cracídeos, gên. <i>Ortalis aracuan aracuan</i>, com sete spp. no Brasil, encontradas em matas ciliares, da Bolívia até a Argentina; de cor clara acinzentada tendo o peito mais claro que o dorso. Vive em bandos a maior parte do tempo sobre as árvores. Destaca-se pela gritaria que costuma fazer tanto pela manhã como ao cair da noite. Alimenta-se, sobretudo, de pequenos frutos e vegetais. Assemelha-se ao jacu do qual se distingue por apresentar uma linha de penas no pescoço quase que inteiramente nu.</p>	<p><i>s. f.</i> arácnido con tráqueas en forma de bolsas comunicantes con el exterior, con cefalotórax, cuatro pares de patas, y en la boca un par de uñas venenosas y otro de apéndices o palpos que en los machos sirven para la cópula. En el extremo del abdomen tiene el ano y las hileras u órganos productores de la seda con la que tapiza su vivienda, caza sus presas y se traslada de un lugar a otro; Planta gramínea de las Antillas, de cañas derechas y lampiñas de 30 a 60 cm de alto, nudos muy vellosos, hojas largas, lineares, agudas y ásperas por los bordes, y flores en espigas casi alternas y delgadas, en racimos terminales; Lámpara de techo con varios brazos, de los que cuelgan piezas de cristal, sueltas o enlazadas, de diversas formas; Red para cazar pájaros; prostituta; Conjunto de cabos delgados que desde un punto común se separan para afianzarse convenientemente, pasando a veces por los agujeros de una telera.</p>
--	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] origina o incidente mais trivial - o súbito vôo rasteiro de uma araquã ou a corrida de um mocó esquivo. [...]”.	“[...] Se origina en el incidente más trivial, puede ser el paso de una araña o la corrida de una rata de campo. [...]” (p. 84)	Erro

Araticum

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
araticuns araticum	araticuns araticum

DEFINIÇÃO

<p><i>s.m.</i> nome comum às seguintes espécies da família das Anonaceas, todas brasileiras: <i>Anona cauliflora M.</i>, <i>A. crotonifolia M.</i>, <i>A. hypoglauca M.</i>, <i>A. monticola M.</i>, <i>A. mitida</i>, <i>A. nutans R. e. Fries</i> (<i>A. cornifolia Morong</i>, <i>A. spinescens var. nutans R.E.Fries</i>), <i>A. phaeoclados M.</i>, <i>Sphaerocarpa Splitg.</i></p> <p>Uma dessas espécies produz o vulgaríssimo e apreciado Araticum, fruto que o povo em geral gosta de comer.</p>	∅
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] lourejam os juás em moitas, e as baraúnas de flores em cachos, e os araticuns à orela dos banhados... [...]”.	“[...]se enrubian en motas los <i>juás</i> ; y las <i>baraúnas</i> con sus flores en cascada, los araticuns a la orilla de los charcos [...]” (p. 33)	Empréstimo
“[...] O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum , ouricuri virente, a mari elegante, a quixaba de frutos pequeninos, alimentam-no a fartar; [...]”.	“[...] El <i>umbu</i> le da la escasa sombra de sus últimas hojas, el araticum , el <i>ouricuri</i> verde, la <i>mari</i> elegante, la <i>quixába</i> de frutos pequeñitos, lo alimentaban hasta el hartazgo [...]” (p. 160)	Empréstimo

Azêmola

PORTUGUÊS		ESPANHOL
azêmolas		mulas
DEFINIÇÃO		
s. f. besta de carga, animal muar ou cabalar, que nas viagens cargueiras, transporta cangalhas.		s. f. hijo de caballo y burra o de asno y yegua, casi siempre estéril.
ABONAÇÕES		
PORTUGUÊS	ESPANHOL	MODALIDADE DE TRADUÇÃO
“[...] Dispensava o heroísmo, desdenhava o gênio militar, excluía o arremesso das brigadas, e queria tropeiros e azêmolas . [...]”.	“[...] Dispensaba el heroísmo, desdeñaba el genio militar, excluía los ataques de las brigadas, sólo quería troperos y mulas . [...]” (p. 321)	Modulação

B b

Balsedo

PORTUGUÊS		ESPAÑHOL	
balsedos		arboleda	
DEFINIÇÃO			
<i>s.m.</i> terreno pantanoso repleto de plantas sarmentáceas.		<i>s.f.</i> del lat. arborēta, pl. de arborētum 'arboledo'. Sitio poblado de árboles, principalmente el sombrío y ameno.	
ABONAÇÕES			MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS		ESPAÑHOL	
“[...] e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balsedos , à fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote, brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga, derribando árvores. [...]”.		“[...] y las <i>seriemas</i> de voces quejosas y las <i>sericóias</i> vibrantes cantando en la arboleda , a la orilla de los bañados donde van a beber y el tapir deteniéndose un instante en su trote brutal, inflexiblemente rectilíneo, derribando árboles por la <i>caatinga</i> [...]” (p. 321)	Adaptação

Baraúna

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
baraúnas	baraúnas

DEFINIÇÃO

<i>s.f. Schinopsis brasiliensis</i> Engl., Da família das Anacardiaceas. – Arvore de folhas ânguloso-pecioladas, subcoriáceas, verde-escuras na página superior e pálidas na inferior, compostas, 10-multijugas; folíolos oblongos, obtusos no ápice, emarginados, oblíquos-agudos na base, fruto castanho pálido, de 3cts. – tem a variedade <i>glabra</i> . – Bahia.	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Os mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias, estafolhas; as caraíbas e baraúnas altas refrendescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves; assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix [...]”	“[...] Las <i>juremas</i> , predilectas de los <i>caboclos</i> —es su hachís, les proporciona púrpura de sus flores sin esperar a las hojas; las <i>caraíbas</i> y <i>baraúnas</i> altas se recrean en las márgenes de los arroyos; echan brotes los <i>mariseiros</i> cuyas ramas resuenan al paso de la brisa; asoman vivaces, disimulando los tajos de las quebradas, las <i>quixabeiras</i> de hojas pequenísimas y frutos que recuerdan cuentas de ónix; [...]” (p. 32)	Empréstimo
“[...] lourejam os juás em moitas, e as baraúnas de flores em cachos, e os araticuns à ourela dos banhados... [...]”	“[...] se enrubian en motas los <i>juás</i> ; y las <i>baraúnas</i> con sus flores en cascada, los <i>araticuns</i> a la orilla de los charcos... [...]” (p. 33)	Empréstimo
“[...] Então - nas quadras indecisas entre a "seca" e o "verde", quando se topam os últimos fios de água no lodo das ipueiras e as últimas folhas amarelecidas nas ramas das baraúnas , e o forasteiro se assusta e foge ante o flagelo iminente [...]”	“[...] Es entonces, en las épocas indecisas entre la sequía y el florecimiento, cuando se encuentran los últimos hilos de agua en el lodo de las <i>ipueiras</i> y en las últimas hojas amarillentas en las ramas de las <i>baraúnas</i> , y el forastero se asusta y huye ante el flagelo inminente, [...]” (p. 159-160)	Empréstimo

<p>“[...] Assim, a partir das dez horas da manhã, estacionavam as caravanas nos lugares menos impróprios ao descanso, à beira dos cursos d’água ganglionados em poças esparsas, onde a umidade remanente alentava a folhagem das <i>caraiabas</i> e baraúnas altas; junto aos tanques ainda cheios, perto dos sítios em abandono; ou em falta destes, à fímbria das <i>ipueiras</i> rasas salpicando pequenas várzeas sombreadas pelas ramagens virentes dos <i>icozeiros</i> [...]”</p>	<p>“[...] A partir de las diez de la mañana, la caravana se detenía en los sitios más adecuados para el descanso, a la orilla de algún curso de agua invisible pero donde la humedad remanente todavía alimentaba el follaje de las <i>caraiabas</i> y baraúnas altas, junto a los tanques todavía llenos de los corrales abandonados, o a falta de éstos, a la sombra de <i>ipueiras</i> rasas que salpicaban pequeños sitios sombreados por las ramas verdes de los <i>icozeiros</i>. [...]” (p. 302)</p>	<p>Empréstimo</p>
---	--	-------------------

Bignônia

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
bignônias	begonias

DEFINIÇÃO

<i>s.f.</i> design. comum às plantas do gên. <i>Bignonia</i> , da fam. das bignoniáceas	<i>s.f.</i> Del lat. cient. <i>begonia</i> o del fr. <i>bégonia</i> , der. de M. <i>Bégon</i> , 1638–1710, gobernador francés de Santo Domingo y promotor de la botánica. f. Planta perenne, originaria de América, de la familia de las begoniáceas, de unos 40 cm de altura, con tallos carnosos, hojas grandes, acorazonadas, dentadas, de color verde bronceado por encima, rojizas y con nervios muy salientes por el envés, y flores monoicas, con pedúnculos largos y dicótomos, sin corola y con el cáliz de color de rosa.
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Sucodem-se manhãs sem par, em que o irradiar do levante incendiado retinge a púrpura das eritrinas e destaca melhor, engrinaldando as umburanas de casca arroxeadas, os festões multicores das bignônias . [...]”	“[...] Se suceden mañanas sin par en las que la irradiación del levante encendido tiñe de púrpura las <i>eritrinas</i> y destaca los festones multicolores de las begonias , adornando con guirnaldas las <i>umburanas</i> de roja corteza. [...]” (p. 34)	Modulação

Bromélia

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
bromélias	bromelias bromeliáceas

DEFINIÇÃO

<p><i>s.f.</i> Design. comum às plantas do gên. <i>Bromelia</i>, da fam. das bromeliáceas, com 48 spp. terrestres, nativas da América tropical, das quais algumas têm fruto comestível e/ou fornecem fibra, mas são esp. cultivadas como ornamentais. São plantas que possuem particularidades interessantes, tais como ter o fruto mais aromático que as flores, como no Ananás e no Gravatá. Comumente vistas como parasitas pela população leiga, estudos demonstram que apesar de viverem sobre outras plantas elas não se alimentam de suas seivas. É planta herbácea de cultura delicada de caule curto e folhas estreitas e compridas, flores em espigas ou cachos e fruto capsular. Essa família tem grande número de espécies, aprox. 400. Nasce geralmente em terrenos áridos do dos campos e sertões</p>	<p><i>s. f.</i> Del lat. cient. <i>Bromeliaceus</i>, y este de <i>Bromelia</i>, nombre de un género de plantas, por O. <i>Bromel</i>, 1639-1705, botánico sueco al que se le dedicó, y el lat. <i>-aceus</i> '-áceo'. adj. Bot. Dicho de una hierba o de una mata del grupo de las angiospermas monocotiledóneas, por lo común anual y de raíz fibrosa, casi siempre parásita, con las hojas reunidas en la base, envainadoras, rígidas, acanaladas, dentadas o espinosas por el margen, con flores en espiga, racimo o panoja y con una bráctea, y por frutos, bayas o cápsulas con semillas de albumen amiláceo; p. ej., el ananás.</p>
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] e estas mesmo, aqui e ali, cada vez mais raras, ilham-se ou avançam em promontório nas planuras desnudas dos campos, onde uma flora característica - arbustos flexuosos entrecassados de bromélias rubras - prepondera exclusiva em largas áreas, mal dominada pela vegetação vigorosa irradiante da Pojuca sobre o massapé férz das camadas cretáceas decompostas. [...]”.</p>	<p>“[...] e incluso éstos, aquí y allá, cada vez más escasos, se separan o avanzan en promontorios por los llanos desnudos, donde una flora característica —arbustos flexibles mezclados con rubias bromelias— predomina exclusiva en anchas áreas, mal dominada por la vegetación vigorosa irradiante de la Pojuca sobre el <i>massapé</i> fértil de las capas cretáceas descompuestas. [...]”. (p. 10-11)</p>	<p>Decalque</p>

<p>“[...] As águas que fogem no volver selvagem das torrentes, ou entre as camadas inclinadas dos xistos, ficam retidas, longo tempo, nas espatas das bromélias, aviventando-as. No pino dos verões, um pé de macambira é para o matuto sequioso um copo d’água cristalina e pura. [...]”.</p>	<p>“[...] Las aguas que huyen en el correr salvaje de los torrentes, o entre las capas inclinadas de pizarra, quedan retenidas por largo tiempo en las membranas de las bromeliáceas, avivándolas*. Los <i>caroás</i> verdosos, de flores triunfales y elevadas; [...]”. (p. 29)</p> <hr/> <p>* En el pináculo del verano, una planta de <i>macambira</i> es para el <i>matuto</i> sediento como un vaso de agua cristalina y pura. (N. de T.).</p>	<p>Modulação</p>
<p>“[...] Apenas, de longe em longe, nas raras encamisadas em que aos descantes da viola o matuto deslembra as horas fatigadas, surge uma novidade - um colete vistoso de pele de gato do mato ou de suçuarana, com o pelo mosqueado virado para fora, ou uma bromélia rubra e álaçre fincada no chapéu de couro. [...]”.</p>	<p>“[...] Apenas, de tanto en tanto, en las escasas fiestas en que el <i>matuto</i> olvida sus pesares escuchando la guitarra surge una novedad, un chaleco vistoso de gato salvaje o de <i>suçuarana</i>, con el pelo del lado de afuera, o una bromelia rubia y fresca prendida en el sombrero de cuero. [...]”. (p. 79)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] Restam-lhe, para desalterar e sustentar os filhos, os talos tenros, os mangarás das bromélias selvagens. [...]”.</p>	<p>“[...] Le quedan para alimentar a sus hijos los tallos tiernos, los <i>mangarás</i> de las bromelias salvajes. Los engaña con esos manjares bárbaros. [...]”. (p. 90)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] Emoldurava-o uma natureza morta: paisagens tristes; colinas nuas, uniformes, prolongando-se, ondeantes, até às serranias distantes, sem uma nesga de mato; rasgadas de lascas de talcoxisto, mal revestidas, em raros pontos, de acervos de bromélias, encimadas, noutros, pelos cactos esguios e solitários. [...]”.</p>	<p>“[...] La rodeaba una naturaleza muerta: paisajes tristes, colinas desnudas, uniformes, que se prolongaban, ondulando, hasta las distantes serranías, sin una sola mata; rasgadas por lajas apenas revestidas en pocos lugares por un montón de bromelias y en algunos otros por cactos erguidos y solitarios. [...]”. (p. 123)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] E quem segue pelo caminho de Queimadas, atravessando um esboço do deserto, onde agonize uma flora de gravetos - arbustos que nos esgalhos revoltos retratam contorções de espasmos, cardos agarrados a pedras ao modo de tentáculos constrictores, bromélias desabotoando em floração sanguinolenta - avança rápido, ansiando pela paragem que o arrebatá. [...]”.</p>	<p>“[...] El que sigue por el camino de Queimadas, atravesando un esbozo de desierto donde agoniza una flora de <i>gravetos</i> —arbustos cuyos gajos retratan contorsiones de espasmos, cardos agarrados a las piedras a manera de tentáculos, bromelias abriéndose en floración sanguinolenta— avanza rápidamente, con la ansiedad del paraje que lo arrebatá. [...]”. (p.165)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] Desentupiam as suas juntas e as largas brechas, onde viçavam cardos e bromélias; abriam-nas como postigos estreitos, mascarados de espessos renques de gravatás [...]”.</p>	<p>“[...] Descubrían un cerro coronado por cantidades de grandes bloques redondos, libaban las juntas y brechas donde vegetaban cardos y bromelias, enmarcados por espesas hileras de <i>gravatás</i> [...]”. (p. 197)</p>	<p>Decalque</p>

<p>“[...] Alcançavam a região característica dos arredores de Canudos: fortemente riçada de serranias vestidas de vegetação raquítica, de cardos e bromélias; recortada de regatos derivando em torcicolos - num crescente enrugamento da terra cada vez mais adversa, onde a vinda recente das chuvas ainda não estendera a vestimenta efêmera da flora revivente, velando-lhe os pedreiros e os algares. [...]”.</p>	<p>“[...] Llegaron a la región característica de los alrededores de Canudos: serranías cubiertas de una vegetación raquítica de cardos y bromelias, riachos derivados por tierras cada vez más abruptas, por las que la reciente llegada de las lluvias todavía no había extendido las vestiduras efímeras de la flora renacida, cubriéndole las piedras. [...]”. (p. 203-204)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] Soldados vestidos de pano, rompendo aqueles acervos de espinheirais e bromélias, mal arriscariam alguns passos, deixando por ali, esgarçados, os fardamentos, em tiras. [...]”.</p>	<p>“[...] Soldados de ropas de paño, cortando las bromelias y los espinos, apenas iban a arriesgar unos pasos para dejar por allí enganchados sus uniformes en jirones. [...]”. (p. 240)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] Raros arbúsculos, esmirrados e sem folhas, raríssimos cereus ou bromélias esparsas, despontam-lhe no cimo sobre o chão duro, entre as juntas das placas xistosas justapostas em planos estratigráficos, nitidamente visíveis, expondo, sem o disfarce da mais tênue camada superficial, a estrutura interior do solo. [...]”.</p>	<p>“[...] Pocos arbustos, esmirrados y sin hojas, raros cereos o bromelias esparcidas despuntan sobre el suelo duro, entre las juntas de los bloques yuxtapuestos en planos estratigráficos, exponiendo sin el disfraz de la más leve capa superficial, la estructura interior del suelo. [...]”. (p. 251)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] Batia-os de chapa o sol ofuscante e ardente; viam-se-lhes os mínimos acidentes da estrutura; podiam contar-se-lhes um a um os grandes blocos, que por ali se espalham, a esmo, mal equilibrados em bases estreitas ao modo de loghans oscilantes e prestes a caírem uns, outros acumulados em acervos imponentes; e distinguiam-se, intermeando-os, em touceiras, ou encimando-os, esparsas, as bromélias resistentes, caroás e macambiras de espadas lustrosas, retilíneas e longas, rebrilhando à luz como espadas; viam se, mais raros, cactos esguios e desolados [...]”.</p>	<p>“[...] El sol ardiente los bañaba, mostrando los mínimos accidentes de su estructura, uno a uno se podían contar sus grandes bloques, desparramados al azar, mal equilibrados sobre bases estrechas, oscilantes y prontos a caer algunos, otros acumulados en montones imponentes, y se distinguían las bromelias resistentes, las <i>caroás</i> y <i>macambiras</i>, rectilíneas y largas, brillando a la luz como espadas, y se veían los cactus desolados, y más lejos, un tumulto de picos, igualmente desiertos. [...]”. (p. 262-263)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] Viam-se já, esparsas, pelo teso dos outeiros, as choupanas colmadas, de disposição especial anteriormente descrita: surgindo dentre trincheiras ou fossos mascarados de touceiras de bromélias, feitas a um tempo lares e redutos. [...]”.</p>	<p>“[...] Ya se veían, desparramadas por los picos de las colinas, las cabañas de disposición ya descrita: surgían entre trincheras o fosos enmascarados por bromelias, a un mismo tiempo hogares y reductos. [...]”. (p. 266)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] Doze rostos apenas de homens ainda jacentes, de rastro, nos tufos das bromélias. [...]”.</p>	<p>“[...] Doce caras solamente, de hombres todavía agachados, en medio de las bromelias. [...]”. (p. 313)</p>	<p>Decalque</p>

C c

Caatinga²

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
caatingas caatinga	caatingas caatinga	
DEFINIÇÃO		
s. f. vegetação típica do Nordeste brasileiro e de parte do Norte de MG, em que predominam plantas xerófilas, como árvores e arbustos decíduos durante a estação seca, freq. armados de espinhos, e tb. cactáceas, bromeliáceas e ervas anuais; área ou região que apresenta este tipo de vegetação, esp. a região morfoclimática do Nordeste brasileiro, de clima árido e fauna típica, e que tem fronteiras e áreas de interseção com a região do cerrado.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] III. O clima. Higrômetros singulares.; IV. As secas. Hipóteses sobre a sua gênese. As caatingas . [...]”	“[...] III.—El clima. Higrómetros singulares. IV.—La sequía. Hipótesis sobre sus causas. Las caatingas . [...]” (p. 5)	Empréstimo
“[...] Ali estavam os mesmos acidentes e o mesmo chão, embaixo, fundamente revolto, sob o indumento áspero dos pedregais e caatingas estonadas... [...]”	“[...] Allí estaban los mismos accidentes y el mismo suelo, abajo, en revoltijo, bajo el ropaje áspero de los padregales y las caatingas ... [...]” (19)	Empréstimo
“[...] e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos baledos, à fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote, brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga , derrubando árvores [...]”	“[...] y las seriemas de voces quejosas y las sericóias vibrantes cantando en la arboleda, a la orilla de los banhados donde van a beber y el tapir deteniéndose un instante en su trote brutal, inflexiblemente rectilíneo, derrubando árboles por la caatinga ; [...]” (p. 34)	Empréstimo

² Apresentamos nessa ficha, para o MC **caatinga**, o valor de 10 ocorrências. Porém, sua ocorrência total no TO e no TT é de 93. Decidimos, por essa redução por analisarmos mais viável. Porém, todas as análises posteriores levarão em consideração o valor total de ocorrências e traduções, ou seja, 93. Vale salientar que para todas as ocorrências foi identificada a Modalidade de Tradução Empréstimo.

<p>“[...] O gado vive e multiplica-se à gandaia. Ferrados em junho, os garrotes novos perdem-se nas caatingas, com o resto das malhadas. [...]”</p>	<p>“[...] El ganado vive y se multiplica al azar. Marcados en junio, los animales nuevos se pierden en las caatingas con el resto de las manadas. [...]” (p. 82)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Um pelotão escasso de infantaria que os aguardasse, distribuído pelas caatingas envolventes, dispersá-los-ia em alguns minutos. [...]”</p>	<p>“[...] Un pelotón escaso de infantería que los aguardase, distribuido por las caatingas, los hubiese podido dispersar en contados minutos. [...]” (p. 152 - 153)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...]Os atiradores e flanqueadores, na vanguarda, batiam o caminho e embrenhavam-se nas caatingas, rastreando os espías que acaso por ali houvesse, desinçando-as das tocaias prováveis, ou procurando alcançar os fugitivos que endireitavam para Canudos. [...]”</p>	<p>“[...] Los tiradores y sus flancos, a la vanguardia, hacían el camino metiéndose en las caatingas, rastreando a los espías que por acaso hubiese, deshaciendo las probables trampas o buscando alcanzar a los fugitivos que enderezaban hacia Canudos [...]”. (p. 206 - 207)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] ”Tais eram o grande movimento de terras a fazer-se, o cerrado da caatinga, os pesados lajedos a remover-se, além dos acidentes do terreno para a descida e subida dos veículos”. [...]”</p>	<p>“[...] “Tales eran el gran movimiento de tierras a hacerse, lo cerrado de la caatinga, los pesados bloques de piedra a removerse, además de los accidentes del terreno para la subida y bajada de los vehículos” [...]” (p. 245)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] enquanto outros, aguilhoados pela sede, mal extinta nas águas impuras das almácegas sertanejas e impelidos pela fome, torcendo o rumo, batiam afanosamente os desvios multívios das caatingas apelando para os recursos da flora singular transbordante de frutos e de espinhos [...]”</p>	<p>“[...] mientras otros, agujoneados por la sed, mal saciada por las aguas impuras del sertón y arrastrados por el hambre, torcían el rumbo y se metían por las caatingas en busca de la flora singular abundante de frutos y espinos. Y arancando tubérculos de <i>umbuzeiros</i>, chupando los tallos húmedos de los cardos espinosos [...]” (302)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] O combate seria inexequível em tal lugar, onde caminantes tranqüilos só conseguiam avançar a um de fundo, por uma trilha intermédia levando à Várzea, embaixo - ampla bacia lastrada de fragmentos de sílex e cingida de caatingas espessas. [...]”</p>	<p>“[...] En semejante sitio el combate sería imposible, pues caminantes tranquilos apenas consiguen avanzar de uno en fondo por una huella intermedia que lleva a la Várzea, allá abajo, amplia hondura pesada, con fragmentos de sílex y rodeada de caatingas espesas [...]” (p. 338)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...]o infeliz perdeu-se com os sinistros companheiros que o ladeavam no seio misterioso da caatinga. [...]”</p>	<p>“[...]el infeliz se perdió con sus siniestros acompañantes en el seno misterioso de la caatinga [...]” (p. 353)</p>	<p>Empréstimo</p>

Cabeça-de-frade

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
cabeças-de-frade cabeça-de-frade	cabeças-de-frade cabeça-de-frade

DEFINIÇÃO

<i>s.m.</i> erva (<i>Pithecoseris pacourinoides</i>), da fam. das compostas, nativa do Nordeste do Brasil, de folhas membranosas, irregularmente penatlobadas, e flores em capítulos globosos.	Ø
--	---

ABONAÇÕES

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Têm como sócios inseparáveis neste habitat, que as próprias orquídeas evitam, os cabeças-de-frade , deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado uma flor única intensamente rubra. [...]”	“[...] Tienen como socios inseparables en este habitat, que las mismas orquídeas evitan, a los cabeças de frade , horribles, monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gemas espinosas que convergen en el vértice superior formando una flor única, intensamente roja. [...]” (p. 31)	Empréstimo
“[...] “Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade , culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas. [...]”	“[...] “Al <i>xique-xique</i> , palmatoria, cola de zorro, <i>mandacarus</i> , <i>caroás</i> , cabeça de frade , <i>culumbi</i> , <i>cansação</i> , <i>favela</i> , <i>quixaba</i> y la respetabilísima <i>macarnbira</i> , se unió el muy conocido y temido <i>cumanã</i> , especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas. [...]” (p.246)	Empréstimo

Cabrito

PORTUGUÊS	ESPANHOL
cabrito	Ø cabrito
DEFINIÇÃO	
<i>s. m.</i> bode jovem	<i>s. m.</i> cría de la cabra desde que nace hasta que deja de mamar.

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
“[...] Cinzas de fogueiras a cada passo encontradas e algumas ainda mornas; restos de repastos em que eram preexcelente vitualha jabutis assados e quartos de cabrito ; rastros frescos na areia, entranhando-se tortuosamente nas caatingas, [...]”	“[...] Y reanudaba la marcha en la madrugada, reconocieron que estaban en la zona peligrosa. A cada paso encontraban restos de asados, cenizas de hogueras; rostros frescos en la arena que seguían tortuosamente en las <i>caatingas</i> [...]” (p.202)	Omissão
“[...] caçando cabritos quase selvagens por ali desgarrados, em abandono desde o começo da guerra;” [...]”	“[...] cazando cabritos casi salvajes por allí sueltos, abandonados desde el comienzo de la guerra [...]” (p. 274)	Tradução palavra por palavra
“[...] “As lides afanosas das caçadas aos cabritos ariscos ou das colheitas de frutos avelados nos arbustos mortos [...]”	“[...] Las lides afanosas de la caza de los cabritos ariscos o la búsqueda de los frutos de los arbustos muertos. [...]” (p. 345)	Tradução palavra por palavra

Caçatinga

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
caçatinga	caatingas

DEFINIÇÃO

<i>s.f.</i> planta da família das flacurtiáceas, gênero <i>Casearia</i> de que existem variadas espécies no Brasil. É também chamada <i>Guaçatinga</i> e <i>Guaçatunga</i> . Trata-se de um arbusto ou pequena árvore aromática, de ramos alongados e sinuosos, folhas persistentes e abundantes flores amareladas.	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Esta, entressachada de ramas aromáticas de caçatinga , tinha, extremado-a, à porta do santuário, uma pequena mesa de pinho coberta de toalha alvíssima [...]”	“[...] El cercado, en el que abundaban las ramas aromáticas de las caatingas , tenía al medio, frente a la puerta del Santuario, una pequeña mesa de pino cubierta con un mantel blanco. [...]” (p. 198)	Erro

Cacto

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
cactus cacto	cactos Ø

DEFINIÇÃO

<i>s.m.</i> design. comum às plantas do gênero-tipo da fam. das <i>cactáceas</i> , <i>Cactus</i> , incluído no gên. <i>Mammillaria</i> . Design. comum às plantas pertencentes aos diversos outros gên. da fam. das <i>cactáceas</i> .	<i>s.m.</i> del lat. <i>cactus</i> ' <i>cardo</i> ', y este del gr. <i>κάκτος</i> <i>káktos</i> . <i>Cactus</i> . Planta de la familia de las <i>cactáceas</i> , de tallo globoso con espinas, propia de climas desérticos.
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] As nopaleas e cactus , nativas em toda a parte, entram na categoria das fontes vegetais, de Saint-Hilaire. [...]”	“[...] Los nopales y cactos , nativos de la región, entran en la categoría de las fuentes vegetales de Saint-Hilaire.[...]” (p. 29)	Modulação
“[...] E a vasta família, revestindo todos os aspectos, decai, a pouco e pouco, até aos quipás reptantes, espinhosos, humildísimos, trançados sobre a terra à maneira de espartos de um capacho dilacerador; às ripsalides serpentes, flexuosas, como víboras verdes pelos ramos, de parceria com os frágeis cactos epífitas, de um glauco empalecido, presos por adligantes aos estípites dos ouricurizeiros, fugindo do solo bárbaro para o remanso da copa da palmeira. [...]”	“[...] Y la vasta familia capaz de adquirir todos los aspectos, va decayendo poco a poco, hasta los <i>quipás</i> reptantes, espinosos, humildísimos, aferrados a la tierra como fibras de una alfombra humillada; las ramas serpentes, flexibles como víboras verdes por el suelo, amigándose con los frágiles <i>ouricuriseiros</i> , huyendo del suelo bárbaro en busca del remanso de la copa de la palmera. [...]” (p. 32)	Omissão
“[...] Emoldurava-o uma natureza morta: paisagens tristes; colinas nuas, uniformes, prolongando-se, ondeantes, até às serranias distantes, sem uma nesga de mato; rasgadas de lascas de talcoxisto, mal revestidas, em raros pontos, de acervos de bromélias, encimadas, noutros, pelos cactos esguios e solitários. [...]”	“[...] La rodeaba una naturaleza muerta: paisajes tristes, colinas desnudas, uniformes, que se prolongaban, ondulando, hasta las distantes serranías, sin una sola mata; rasgadas por lajas apenas revestidas en pocos lugares por un montón de bromelias y en algunos otros por cactos erguidos y solitarios. [...]” (p. 123)	Tradução palavra por palavra

<p>“[...] No descair de encosta agreste, porém, escancela-se um sulco de quebrada que é preciso transpor. Felizmente as barrancas, esterilizadas dos enxurros, estão limpas: escassos restolhos de gramíneas; cactos esguios avultando raros, entre blocos em monte; ramalhos mortos de umbuzeiros alvejando na estonadura da seca. [...]”</p>	<p>“[...] Por la agreste cuesta les cierra el paso una quebrada que es preciso trasponer. Felizmente, las barrancas están limpias, escasas gramíneas, algunos cactos, ramas secas de <i>umbuzeiros</i> blanquean por la sequía.[...]” (p. 159)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
<p>“[...] E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas aquém - estaca: volve em cheio pare o levante a vista deslumbrada, e acredita que o ondular dos ares referventes e a fascinação da luz lhe alteiam defronte, entre o firmamento claro e as chapadas amplas, uma miragem estonteadora e grande. [...]”</p>	<p>“[...] Y hoy, el que sigue por el camino de Queimadas, rastreando un suelo erizado de cactos y piedras, al divisarla, a unas dos leguas desde las cercanías de Quirinquinquá, se detiene; vuelve los ojos deslumbrados al levante y cree que el aire caliente y la fascinación de la luz le presentan allá, entre el firmamento claro y las planicies amplias, un panorama perturbador y grandioso. [...]” (p. 164)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
<p>“[...] e distinguiam-se, intermeando-os, em touceiras, ou encimando-os, esparsas, as bromélias resistentes, caroás e macambiras de espatas lustrosas, retilíneas e longas, rebrilhando à luz como espadas; viam se, mais raros, cactos esguios e desolados. [...]”</p>	<p>“[...] y se distinguían las bromelias resistentes, las <i>caroás</i> y <i>macambiras</i>, rectilíneas y largas, brillando a la luz como espadas, y se veían los cactos desolados, y más lejos, un tumulto de picos, igualmente desiertos.[...]” (p. 262 - 283)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
<p>“[...] catavam cocos dos ouricuris, ou talhavam os caules moles dos mandacarus, alimentando-se de cactos que a um tempo lhes disfarçavam ou iludiam a fome e a sede. [...]”</p>	<p>“[...] tomaban los cocos de los <i>ouricuris</i> y cortaban los troncos blandos de los <i>mandacarus</i>. Se alimentaban de cactos que les engañaban a un mismo tiempo el hambre y la sed. [...]” (p. 276)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
<p>“[...] Pronto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas eriçadas de cactos e pedras, casalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento. [...]”</p>	<p>“[...] Rápido. Sobre la tragedia anónima, oscura, que se desarrollaba sobre el escenario pobre y triste de las colinas erizadas de cactos y piedras, estallaban carcajadas lúgubres y los matadores volvían al campamento. [...]” (p. 354)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>

Caititu

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
caititu	caititu

DEFINIÇÃO

<p><i>s.f.</i> Do tupi taité' tu. Mamífero artiodátilo da fam. dos taiaguídeos (<i>Tayassu tajacu</i>), diurno e florestal, encontrado dos E.U.A. ao Norte da Argentina, com cerca de 90 cm de comprimento e pelagem áspera cinza-escura com uma faixa branca no pescoço, em forma de colar; pernas longas e patas com dedos pares e cascos curtos. Catete, cateto, pecari, porco-do-mato, tateto Vive em bandos de até 20 indivíduos.</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos;	Al mismo tiempo surge la fauna resistente de las <i>caatingas</i> , disparan por las cuevas húmedas los caititus esquivos; (p. 34)	Empréstimo
E as suas crenças singulares traduzem essa aproximação violenta de tendências distintas. E desnecessário descrevê-las. As lendas arrepiadoras do caapora travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco, as chapadas desertas, nas noites misteriosas de luas claras;	Y sus singulares creencias traducen esa violenta aproximación de tendencias diferentes. Es innecesario describirlas. Las leyendas escalofrantes del <i>caapora</i> maldito que atraviesa veloz, montado en un caititu arisco, las planicies desiertas, en las misteriosas noches de luna llena; (p. 91)	Empréstimo

Cajueiro anão

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
cajueiros anões	cajueiros anuales

DEFINIÇÃO

<p><i>s.m.</i> pertence – supostamente – à família <i>Anacardium occidentale</i>, <i>L. var. nanum</i> (cajueiro precoce ou cajueiro anão). A palavra caju parece vir do termo "Acâi-ou" (língua tupi), que significa pomo amarelo; em línguas estrangeiras é conhecido como marañom (espanhol), cajou, anacardier (francês), cashew (inglês), anacardio (italiana). O cajueiro precoce é também conhecido como cajueiro anão, cajueiro-anão-precoce, cajueiro-do-ceará, cajueiro-do-ceará-de-seis-meses. Planta de porte baixo (2 a 4m.), copa compacta (em torno de 7 metros de envergadura), ereta, entra em floração aos seis meses,</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] São os cajueiros anões , os típicos <i>anacardia humilis</i> das chapadas áridas, os cajuís dos indígenas [...]”	“[...] Son los cajueiros anuales , los típicos <i>anacardia humilis</i> de los llanos áridos, los <i>cajuis</i> de los indígenas. [...]” (p. 28)	Empréstimo + Erro

Cajuí

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
cajuís	cajuís

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> tupi <i>akayu'i</i>, de <i>aka'yu</i> 'caju' + 'i' 'pequeno'; ver <i>caju-</i>. Arvore de até 6 m (<i>Anacardium microcarpum</i>) da fam. das <i>anacardiáceas</i>, nativa do Brasil (AMAZ, esp. PA), muito semelhante ao cajueiro (<i>A. occidentale</i>), com frutos menores; caju-do-campo. 2 m.q. cajueiro-do-campo (<i>Anacardium nanum</i>, <i>A. humile</i>)</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...]São os cajueiros anões, os típicos <i>anacardia humilis</i> das chapadas áridas, os cajuís dos indígenas. [...]”	“[...] Son los <i>cajueiros</i> anuales, los típicos <i>anacardia humilis</i> de los llanos áridos, los cajuís de los indígenas. [...]” (p. 28)	Empréstimo

Cansação

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
cansação	cansañão

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> nome com que popularmente se designam vários gêneros e espécies de plantas arbustivas e herbáceas, da família das euforbiáceas (<i>Jatropha vitifolia</i>, <i>Loasa parviflora</i>, <i>Urera baccifera</i>), as quais têm em comum estarem providas de abundantes pelos urticantes. Estes em contato com a pele, quebra-se facilmente dando saída a um líquido cáustico, urente, pruriginoso, capaz de lesionar a região afetada.</p>	∅
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] "Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas. [...]”</p>	<p>“[...]“Al <i>xique-xique</i>, palmatoria, cola de zorro, <i>mandacarus</i>, <i>caroás</i>, <i>cabeça de frade</i>, <i>culumbi</i>, <i>cansañão</i>, <i>favela</i>, <i>quixaba</i> y la respetabilísima <i>macarnbira</i>, se unió el muy conocido y temido <i>cumanã</i>, especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas.” [...]” (p. 246)</p>	Empréstimo

Candombá

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
candombá	candombá

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> Da família das <i>Velloziaceae</i>, é um Arbusto ramificado cujas folhas, compridas e numerosas, nascem nas pontas dos ramos e não se desprendem nem quando secas. As folhas secas se voltam para baixo formando uma espécie de saia. Espécie bastante típica do Cerrado brasileiro possui ramos cilíndricos, suas flores são hermafroditas, tem estames múltiplos, brancas, grandes, estames amarelos. Seu caule libera uma seiva que entra facilmente em combustão. Esta resina é vista com facilidade na planta: é grossa, escura e, infelizmente, faz com que as queimadas se propaguem com facilidade nas regiões onde se encontram.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] E se é preciso avançar a despeito da noite, e o olhar afogado no escuro apenas lobriga a fosforescência azulada das cumanãs dependurando-se pelos galhos como grinaldas fantásticas, basta-lhe partir e acender um ramo verde de candombá e agitar pelas veredas, espantando as suçuaranas deslumbradas, um archote fulgurante... [...]”</p>	<p>“[...] Y si es necesario avanzar a despecho de la noche, y la mirada ahogada en la oscuridad, apenas descubre la fosforescencia azulada de las <i>cumanás</i>, colgando de las ramas como guirnaldas fantásticas, le basta con partir y encender una rama verde de <i>candombá</i> y agitarla por los caminos, espantando a las <i>suçuaranas</i> deslumbradas con antorcha fulgurante... [...]” (p. 160)</p>	Empréstimo

Canguçu

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
canguçu canguçus	∅ cangaçus

DEFINIÇÃO

s. m. mastozoologia. Regionalismo brasileiro. onça-pintada (<i>Panthera onca</i>) da família <i>Felidae</i> é um mamífero carnívoro das Américas.	∅
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Afogado nos recessos de uma flora estupenda que lhe escurentava as vistas e sombreava perigosamente as tocaias do tapuia e as tocas do canguçu temido, dilacerou-a golpeando-a de chamas, para desafogar os horizontes e destacar bem perceptíveis, tufando nos descampados limpos, as montanhas que o norteavam, balizando a marcha das bandeiras. [...]”	“[...] Ahogada por una flora que le oscurecía el horizonte y dificultaba peligrosamente las trampas tendidas al indio, necesitado de ver claramente las montañas que lo guiaban, va derribando a su paso y quemando, dejando la huella destructora en la marcha de las bandeiras. [...]” (p. 38)	Omissão
“[...] Eram uma usança avoenga aqueles mirantes singulares com os quais desde muito vezavam tocaiar os canguçus bravios. [...]”	“[...] Respondían a una usanza antigua, esos tiradores singulares desde los cuales trampeaban a los cangaçus bravios. [...]” (p. 197)	Empréstimo

Canudo-de-pito

PORTUGUÊS	ESPANHOL
canudos-de-pito	canudos-de-pito canudos de pito

DEFINIÇÃO

<p><i>s.m.</i> Design. comum a algumas árvores e arbustos do gên. <i>Mabea</i>, da fam. das euforbiáceas, de que ger. se usam os ramos na confecção de tubos para cachimbos. Arbusto (<i>Mabea fistulifera</i>) nativo do Brasil (MG, RJ, SP), de casca adstringente, folhas verde-escuras, luzidias, com a página inferior pardo-glaucosa, flores ferrugíneas e frutos capsulares, com sementes de que se extrai óleo medicinal; canudeiro, canudo-de-cachimbo, mamoneira-do-mato, raiz-de-tiú.</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
<p>“[...] “cuja ocupação, quase exclusiva, consistia em beber aguardente e pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão”, de tubos naturalmente fornecidos pelas solanáceas (canudos-de-pito), vicejantes em grande cópia à beira do rio. [...]”.</p>	<p>“[...] “cuya ocupación casi exclusiva consistía en beber aguardiente y pitar unos exquisitos cigarros de un metro de extensión”* de tabaco naturalmente provisto por las solanáceas (canudos-de-pito) exuberantes y abundantes a orillas del río. [...]”. (p. 120)</p>	Empréstimo
<p>“[...] São deste número todas as cesalpinas e as catingueiras, constituindo, nos trechos em que aparecem, sessenta por cento das caatingas; os alecrins-dos-tabuleiros, e os canudos-de-pito, heliotrópios arbustivos de caule oco, pintalgado de branco e flores em espiga, destinados a emprestar o nome ao mais lendário dos vilarejos... [...]”.</p>	<p>“[...] De esta clase son todas las plantas cesalpíneas y las <i>caatingueiras</i>, constituyendo en los trechos en que aparecen, el sesenta por ciento de las <i>caatingas</i>; también los romeros de los campos, y los canudos de pito, heliotropos arbustivos de tronco hueco, pintados de blanco y de flores en espigas, destinados a dar su nombre a la más legendaria de las aldeas... [...]”.(p. 30)</p>	Empréstimo

Caraíba

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
caraiabas	caraiabas

DEFINIÇÃO

s. f. também conhecida como caraíva, ou claraíba, são conhecidas as seguintes espécies (1.) *Cordia calocephala* Cham. e (2.) *Cordia insignis* Cham. da família das *Borraginaceas*. (1.) árvore de ramos hirsutos e folhas pecioladas, largo-ovadas, flores pequenas, brancas, campanuladas, dispostas em capítulos oblongos, cálice campanulado, fructo drupa. Fornece madeira para a construção civil e carpintaria (BA - MG). (2.) árvore alta de folhas pecioladas, ovado-oblongas ou elíptico-agudas, até 20 cm. de comprimento e 10 cm. de largura, flores infundibuliformes, grandes, dispostas em cymeiras terminais multifloras e densas; cálice cilíndrico alongado, fructo dupra. Fornece madeira e frutos comestíveis.

Ø

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] as caraiabas e <i>baraúnas</i> altas rebrandescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves; [...]”.	“[...] las caraiabas y <i>baraúnas</i> altas se recrean en las márgenes de los arroyos; echan brotes los <i>mariseiros</i> cuyas ramas resuenan al paso de la brisa [...]”. (p. 32)	Empréstimo
“[...] Assim, a partir das dez horas da manhã, estacionavam as caravanas nos lugares menos impróprios ao descanso, à beira dos cursos d’água ganglionados em poças esparsas, onde a umidade remanente alentava a folhagem das caraiabas e <i>baraúnas</i> altas; [...]”.	“[...] A partir de las diez de la mañana, la caravana se detenía en los sitios más adecuados para el descanso, a la orilla de algún curso de agua invisible pero donde la humedad remanente todavía alimentaba el follaje de las caraiabas y <i>baraúnas</i> altas [...]”. (p. 302)	Empréstimo

Caravatá

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
caravatá	caravatá

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> gravatá (designação comum) design. comum às plantas pertencentes a vários gên. da fam. das <i>bromeliáceas</i>, epífitas e terrestres, bastante cultivadas como ornamentais; caraguatá, caravatá, caroá, carotá, caruatá, caruatá-de-pau, coroá, corotá, coroá-verdadeiro, craguatá, crauaçu, crauatá, crautá, cravatá, croá, curauá, curuá, curuatá, erva-do-gentio, erva-piteira, gragoatá</p>	<p><i>s. f.</i> caraguatá de or. guar. (Arg., Bol., Cuba, Par. y Ur.) Especie de agave o pita del Río de la Plata y otros lugares de América. Es buena planta textil; Filamento producido por la caraguatá.</p>
--	---

ABONAÇÕES

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] E falam nos "campos frios" (certamente à noite, pela irradiação intensa do solo desabrigado) cortando léguas de caatinga sem água nem caravatá que a tivesse e com raízes de umbu e mandacaru, remediando a gente" no penoso desbravar das veredas [...].”</p>	<p>“[...] Y hablan de los "campos fríos (ciertamente a la noche por la irradiación intensa del suelo desprotegido) cortando leguas de <i>caatinga</i> sin agua ni caravatá que la tuviese y remediando a la gente sólo con raíces de <i>umbu</i> y <i>mandacaru</i>” en la penosa apertura de las picadas *. [...]” (p. 39)</p> <p>* Carta de Pedro Barbosa Leal al Conde de Sabugosa 92.</p>	<p>Empréstimo</p>

Cardo

PORTUGUÊS	ESPANHOL
cardos	cardos

DEFINIÇÃO

<i>s.m. centaurea melitensis L.</i> da família das Compostas. Planta anual ereta, até 80 cm de altura, áspera, revestida de pelos aracnídeos, ramos com folhas decorrentes, alados na base, folhas amarelas dispostas em capítulos terminais medíocres, agregados pelas pequenas folhas superiores. O mesmo nome é comumente dado a outras plantas, designadamente à Alcachofra Brava (<i>Cynara Cardunculus</i>).	<i>s. m.</i> Planta anual, de la familia de las compuestas, que alcanza un metro de altura, de hojas grandes y espinosas como las de la alcachofa, flores azules en cabezuela, y pencas que se comen crudas o cocidas, después de aporcada la planta para que resulten más blancas, tiernas y sabrosas. (Bol., Cuba y Ec.) caraguatá.
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
“[...] E quem segue pelo caminho de Queimadas, atravessando um esboço do deserto, onde agonize uma flora de gravetos - arbustos que nos esgalhos revoltos retratam contorções de espasmos, cardos agarrados a pedras ao modo de tentáculos constritores, bromélias desabotoando em floração sanguinolenta - avança rápido, ansiando pela paragem que o arrebatá [...]”.	“[...] El que sigue por el camino de Queimadas, atravesando un esbozo de desierto donde agoniza una flora de gravetos —arbustos cuyos gajos retratan contorsiones de espasmos, cardos agarrados a las piedras a manera de tentáculos, bromelias abriéndose en floración sanguinolenta a— avanza rápidamente, con la ansiedad del paraje que lo arrebatá. [...]” (p. 164)	Tradução palavra por palavra
“[...] Desentupiam as suas juntas e as largas brechas, onde viçavam cardos e bromélias [...]”.	“[...] Descubrían un cerro coronado por cantidades de grandes bloques redondos, libraban las juntas y brechas donde vegetaban cardos y bromelias [...]” (p. 197)	Tradução palavra por palavra
“[...] Alcançavam a região característica dos arredores de Canudos: fortemente riçada de serranias vestidas de vegetação raquítica, de cardos e bromélias; [...]”.	“[...] Llegaron a la región característica de los alrededores de Canudos: serranías cubiertas de una vegetación raquítica de cardos y bromelias, [...]” (p. 203)	Tradução palavra por palavra

<p>“[...] Alguns, quando os demais abalavam dos pousos transitórios, se deixavam ficar, quietos, à sombra dos arbustos murchos, de todo sucumbidos de fadigas - enquanto outros, aguilhoados pela sede, mal extinta nas águas impuras das almácegas sertanejas e impelidos pela fome, torcendo o rumo, batiam afanosamente os desvios multívios das caatingas apelando para os recursos da flora singular transbordante de frutos e de espinhos - e desgarravam, desarraigando tubérculos de umbuzeiros, sugando os cladódios túmidos dos cardos espinescentes, catando os últimos frutos das árvores desfolhadas. [...]”.</p>	<p>“[...]Algunos, cuando encontraban algún rancho, se dejaban estar, quietos, a la sombra de los arbustos marchitos, transidos de fatigas, mientras otros, aguijoneados por la sed, mal saciada por las aguas impuras del sertón y arrastrados por el hambre, torcían el rumbo y se metían por las caatingas en busca de la flora singular abundante de frutos y espinos. Y arancando tubérculos de umbuzeiros, chupando los tallos húmedos de los cardos espinosos, bajando los últimos frutos de los árboles deshojados, se separaban del camino. [...]”. (p. 302)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
---	---	-------------------------------------

Carnaúba

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
carnaúba	carnaúba

DEFINIÇÃO

<p>s. f. de origen tupi. Palmeira solitária de até 15 m (<i>Copernicia prunifera</i>), nativa do Nordeste do Brasil, de folhas palmadas e bagas ovóides; carandá, carandaúba, carnaíba, carnaubeira, coqueiro-carandaí, pau-do-bebedouro [Seu produto mais importante é a cera, obtida das folhas; a madeira é us. na construção; o fruto tem polpa comestível, us. em doces e farinha; da amêndoa extrai-se óleo; as raízes têm propriedades depurativas e, reduzidas a cinzas, substituem o sal de cozinha.</p>	<p>s. f. Especie de palmera alta, originaria del Brasil y muy abundante en toda América del Sur, cuya madera se emplea en construcción y de cuyas hojas, en forma de abanico, se hacen pantallas y sombreros, y que además produce una cera excelente.</p>
---	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] refêrve o samba turbulento; vibram nos ares, fortes, as coplas dos desafios; enquanto, a uma banda, entre duas velas de carnaúba, coroadado de flores, o anjinho exposto espelha, no último sorriso paralisado, a felicidade suprema da volta para os céus, para a felicidade eterna - que é a preocupação dominante daquelas almas ingênuas e primitivas. [...]”</p>	<p>“[...] resuena el samba turbulento, vibran en el aire las coplas de los desafíos, y a un costado, entre dos velas de carnaúba, coronado de flores, el angelito expone en su última sonrisa endurecida la felicidad suprema de volver al cielo, a la felicidad eterna, que es la preocupación dominante de esas almas ingenuas y primitivas.[...]” (p. 94)</p>	Empréstimo
<p>“[...] A tropa ali chegou em plena manhã. Os dois corpos do Pará, disciplinados como os melhores de linha, e o do Amazonas, com o uniforme característico que adotara desde a Bahia: cobertos, oficiais e soldados, de grandes chapéus de palha de carnaúba, desabados, dando-lhes aparência de numeroso bando de mateiros. [...]”</p>	<p>“[...] La tropa llegó allí en plena mañana. Los dos cuerpos de Pará, disciplinados como los mejores de la línea y el del Amazonas, con el uniforme característico que adoptaron desde su llegada: grandes sombreros de paja de carnaúba, que les daba un aspecto de hombres del monte.[...]” (p. 340)</p>	Empréstimo

Carnaubal

PORTUGUÊS		ESPANHOL
caraubais		caraubais
DEFINIÇÃO		
s. m. extenso aglomerado de carnaúbas ou carnaubeiras em determinada área; carandazal, carnaibal		∅
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
“[...] E reparte-as com o homem. Se não existisse o umbuzeiro aquele trato de sertão, tão estéril que nele escasseiam os caraubais tão providencialmente dispersos nos que o convizinhos até ao Ceará, estaria despovoado. O umbu é para o infeliz matuto que ali vive o mesmo que a mauritia para os garaunos dos llanos. [...]”	“[...] Y las reparte con el hombre. Si no existiese el <i>umbuzeiro</i> , aquel pedazo de sertón, tan estéril que en él escasean los caraubais tan providencialmente dispersos hasta las vecindades de Ceará, estaría despoblado. El <i>umbu</i> es para el pobre <i>matuto</i> que allí vive lo mismo que la <i>mauritía</i> para los <i>garaúnos</i> de los llanos [...]” (p. 33)	Empréstimo

Caroá

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
caroás	caroás caroá caraoá Ø

DEFINIÇÃO

<i>s. m. gravatá</i> (designação comum) planta terrestre ou saxícola (<i>Neoglaziovia variegata</i>), da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil (NE), de poucas folhas lineares e acuminadas, dispostas em roseta, inflorescência laxa com 25 cm de comprimento e com até 60 flores, de sépalas vermelhas e pétalas purpúreas; as folhas fornecem longas fibras, de grande resistência e durabilidade; carauá, caruá, caroá-verdadeiro, coroá, corootá, crauá, croá, gravatá; fibra das folhas dessa planta, us. na produção de cordas, tecido grosseiro e papel.	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Os caroás verdoengos, de flores triunfais e altas; os gravatás e ananases bravos, trançados em touceiras impenetráveis, copiam-lhe a mesma forma, adrede feita àquelas paragens estéreis. As suas folhas ensiformes, lisas e lustrosas, como as da maioria dos vegetais sertanejos, facilitam a condensação dos vapores escassos trazidos pelos ventos, por maneira a debelar-se o perigo máximo à vida vegetativa, resultante de larga evaporação pelas folhas, esgotando e vencendo a absorção pelas radículas. [...]”	“[...] Los caroás verdosos, de flores triunfales y elevadas; los <i>gravatás</i> y los ananás salvajes, cerrados en tortuosidades impenetrables, copian las mismas formas, hechas adrede para esos parajes estériles. Sus hojas lisas y lustrosas, como las de la mayor parte de los vegetales sertanejos, facilitan la condensación de los escasos vapores traídos por los vientos, para vencer el peligro máximo de la vida vegetativa, que resulta de la evaporación por las hojas, agotando la absorción hecha por las raíces. [...]” (p. 29)	Empréstimo

<p>“[...] Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustenta-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira — estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção — "escanchado no rastro" do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela [...]”</p>	<p>“[...] Es el jinete fuerte que da vigor al caballo pequeño y frágil, sosteniéndolo con las riendas improvisadas de <i>caroá</i>, frenándolo con las espuelas, arrojándolo a la carrera —estribando corto, las piernas encogidas, las rodillas levantadas hacia adelante, el cuerpo pegado al arzón — desatado en el rastro del novillo esquivo; aquí se dobla ágil bajo un matorral que le llega casi hasta la silla [...]” (p. 77)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] pares de caçuás (jacás de cipó) e os aiós, bolsa de caça, feita das fibras de caroá. [...]”</p>	<p>“[...] un par de cestas de cipó y la bolsa de caza hecha con fibras de <i>caraoá</i>. [...]” (p. 122)</p>	<p>Erro</p>
<p>“[...] A breve trecho passam-lhe à porta oito defuntos levados sem sinal algum religioso para o cemitério ao fundo da igreja velha: oito redes de caroá sob que arcavam carregadores ofegantes passando, rápidos, ansiosos por alijá-las, como se na cidade sinistra o morto fosse um desertor do martírio, indigno da atenção mais breve. [...]”</p>	<p>“[...] A poca distancia de la puerta pasan ocho difuntos llevados sin señal religiosa alguna hacia el cementerio que quedaba al fondo de la iglesia vieja: ocho redes bajo las que sudaban cargadores sin aliento pasando, rápidos, ansiosos por desprenderse de ellas, como si en la siniestra ciudad el muerto fuese un desertor del martirio, indigno de la más breve atención. [...]” (p. 138 – 139)</p>	<p>Omissão</p>
<p>“[...] os caroás fibrosos fazem-se cordas flexíveis e resistentes... [...]”</p>	<p>“[...] los <i>caroás</i> fibrosos le dan cuerdas flexibles y resistentes... [...]” (p. 160)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] e distinguiam-se, intermeando-os, em touceiras, ou encimando-os, esparsas, as bromélias resistentes, caroás e macambiras de espadas lustrosas, retilíneas e longas, rebrilhando à luz como espadas; [...]”</p>	<p>“[...] y se distinguían las bromelias resistentes, las <i>caroás</i> y <i>macambiras</i>, rectilíneas y largas, brillando a la luz como espadas [...]” (p. 263)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Diariamente, em sucessivas levas, abalaram dali, em inúmeros bandos, todos os desfalecidos e todos os inúteis, em redes de caroá ou jiraus de paus roliços os enfermos mais graves, outros cavalgando penosamente cavalos imprestáveis e regues, ou apinhados em carroças ronceiras. [...]”</p>	<p>“[...] Diariamente, en sucesivas levas, salían de allí los agonizantes y los lisiados, en redes de <i>caroá</i> o camillas hechas con palos, los enfermos más graves, otros cabalgando penosamente sobre animales rengos y temblorosos, o apiñados en carros lerdos. [...]” (p. 301)</p>	<p>Empréstimo</p>

Carrascal

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
carrascais	Ø

DEFINIÇÃO

<i>s.m</i> formação vegetal muito densa, relacionada com a caatinga, que ocorre na fronteira entre o Ceará e o Piauí, constituída por arbustos entrelaçados e de ramos duros, difícil de varar; carrascal, carrascão, carrasqueiro, carrasquenho.	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] O aborígene prosseguia abrindo novas roças, novas derrubadas, novas queimas, alargando o círculo dos estragos em novas caapueras, que ainda uma vez deixava para formar outras noutros pontos, aparecendo maninhas, num evolver enfezado, inaptas para reagir com os elementos exteriores, agravando, à medida que se ampliavam, os rigores do próprio clima que as flagelava, e entretecidas de carrascais , afogadas em macegas, espelhando aqui o aspecto adoentado da catanduva sinistra, além a braveza convulsiva da caatinga brancacenta. [...]”	“[...] El aborígen seguía abriendo campos, tierras de cultivo, con nuevos árboles derribados y nuevas quemazones, extendiendo el círculo de los estragos en nuevas <i>caapueras</i> , que una vez más dejaba para formar otras en diferentes puntos, quedando estériles e ineptas para reaccionar con los elementos exteriores que se agravaban a medida que se ampliaban: la tierra se volvía piedra, los rigores del clima la flagelaban, se ahogaba en duros pastizales, espejando aquí y allá la figura doliente de la <i>caatanduva</i> siniestra, y más allá la <i>caatinga</i> bravia. [...]” (p. 38)	Omissão

Catanduva

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
catanduva catanduvras	caatanduva caatanduvras

DEFINIÇÃO

s.f. da família das fabaceae tem origem e habitat na caatinga e na mata atlântica. No nordeste do Brasil ocorre principalmente em solos arenosos. Sua inflorescências são reunidas em espigas, formadas por flores pequenas, perfumadas e com coloração amarelo claro.	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
É a catanduva , mato doente, da etimologia indígena, dolorosamente caída sobre o seu terrível leito de espinhos.	“[...] Es la <i>caatanduva</i> , mata enferma en la etimología indígena, dolorosamente volcada sobre su terrible lecho de espinas. (p. 31)	Empréstimo + explicitação
“[...] e entretecidas de carrascais, afogadas em macegas, espelhando aqui o aspecto adoentado da catanduva sinistra, além a braveza convulsiva da caatinga brancacenta. [...]”.	“[...] los rigores del clima la flagelaban, se ahogaba en duros pastizales, espejando aquí y allá la figura doliente de la <i>caatanduva</i> siniestra, y más allá la <i>caatinga</i> bravia. [...]” (p. 38)	Empréstimo + explicitação
“[...] E uma melhor caracterização da flora sertaneja, segundo os vários cambiantes que apresenta acarretando denominações diversas, talvez a definisse mais acertadamente como a paragem clássica das catanduvras , progredindo, extensa, para o levante e para o sul até às cercanias de Monte Santo. [...]”.	“[...] Una mejor caracterización de la flora sertaneja, tal vez la definiese con más acierto, como el paraje clásico de las <i>caatanduvras</i> ** que avanzan hacia el este y el sur hasta las cercanías de Monte Santo. [...]” (p. 150) **Gaatanduva, de cahiva, monte malo (caá: monte; ahiva: malo). Beaurepaire Rohán, Dicionário de vocábulos brasileiros. (p. 150)	Empréstimo + explicitação

<p>“[...] E como as maiores chuvas ao caírem, longamente intervaladas, mal o embebem, prestes desaparecendo sorvidas pelos areais, cobre-o flora mais rarefeita transmudando-se as caatingas em catanduvas. [...]”.</p>	<p>“[...] Y como al caer las mayores lluvias, largamente intercaladas, apenas lo embeben, desapareciendo con rapidez, sorbidas por las arenas, la cubre una flora rala que transforma a las <i>caatingas</i> en <i>caatanduvas</i>. [...]” (p. 200)</p>	<p>Empréstimo + explicitação</p>
--	---	----------------------------------

Catinga

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
catinga	caatinga
DEFINIÇÃO	
<i>s. f</i> ver caatinga; ('vegetação', 'área', 'formação', <i>Tecoma catinga</i>). .	Ø

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
A catinga , mirrada e nua, apareceu repentinamente desabrochando numa florescência extravagantemente colorida no vermelho forte das divisas, no azul desmaiado dos dólmãs e nos brilhos vivos das chapas dos talins e estribos oscilantes	La caatinga , esmirriada y desnuda, apareció repentinamente adornada por una florescencia extravagante y colorida, por el colorado fuerte de las divisas, el azul de las chaquetas y los brillos vivaces de las chapas de los estribos. (p. 225)	Empréstimo + explicitação

Catingueira

PORTUGUÊS	ESPANHOL
catingueiras	Caatingueiras Ø

DEFINIÇÃO

s.f. design. comum a algumas árvores e arbustos do gên. <i>Caesalpinia</i> , da fam. das leguminosas, de folhas bipenadas e flores amarelas, nativa do Brasil (PI a AL) ger. em lugares pedregosos e cultivada pela casca, de que se extrai tintura amarela, e como ornamental; catinga-de-porco, pau-de-porco, pau-de-rato tal; caatinga, catinga, marmeleiro-branco;	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
“[...] São deste número todas as cesalpinas e as catingueiras , constituindo, nos trechos em que aparecem, sessenta por cento das caatingas; os alecrins-dos-tabuleiros, e os canudos-de-pito, heliotrópios arbustivos de caule oco, pintalgado de branco e flores em espiga, destinados a emprestar o nome ao mais lendário dos vilarejos... [...]”.	“[...] De esta clase son todas las plantas cesalpíneas y las caatingueiras , constituyendo en los trechos en que aparecen, el sesenta por ciento de las caatingas; también los romeros de los campos, y los <i>canudos de pito</i> , heliotropos arbustivos de tronco hueco, pintados de blanco y de flores en espigas, destinados a dar su nombre a la más legendaria de las aldeas... [...]”. (p. 30)	Empréstimo + explicitação
“[...] A deiscência das vagens das catingueiras , abrindo-se com estalidos secos e fortes, soava-lhes feito percussão de gatilhos ou estalos de espoletas, dando a ilusão de súbitas descargas de alguma algara noturna repentina; e as grinaldas fosforescentes das cumanáns irradiavam, ao longe, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras, em torno às quais velassem, em silêncio, expectantes, tocaias inumerosas... [...]”.	“[...] Los torturaban alucinaciones crueles. Cualquier estallido en la vegetación les parecía la percusión de gatillos haciéndoles pensar en súbitas descargas, mientras las guirnaldas fosforescentes de los <i>cumanãs</i> irradiaban en las sombras, a lo lejos, como restos de fogatas alrededor de las cuales podían aguardarlos numerosas emboscadas... [...]”.(p. 304)	Omissão

Coco de ouricuri

PORTUGUÊS		ESPANHOL
cocos dos ouricuris		cocos de los ouricuris
DEFINIÇÃO		
s. m. ver também ouricuri; fruto do Ouricuri ou ourricurizeiro, formato globoso, de tom ocre-escuro, comestíveis, us. como ração, para extrair cera e o óleo da semente, que cura feridas produzidas por araias		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
“[...] Cavavam os umbuzeiros em roda, arrancando-lhes os tubérculos túmidos; catavam cocos dos ouricuris , ou talhavam os caules moles dos mandacarus, alimentando-se de cactos que a um tempo lhes disfarçavam ou iludiam a fome e a sede. [...]”.	“[...] Como los nativos infelices, los soldados apelaron a la flora providencial. Cavaban alrededor de los <i>umbuzeiros</i> para arrancarles los tubérculos; tomaban los cocos de los ouricuris y cortaban los troncos blandos de los <i>mandacarus</i> . Se alimentaban de cactos que les engañaban a un mismo tiempo el hambre y la sed. [...]”.(p. 276)	Empréstimo + transposição

Croá

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
croás	caroás

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m. gravatá (designação comum)</i>; planta terrestre ou saxícola (<i>Neoglaziovia variegata</i>), da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil (NE), de poucas folhas lineares e acuminadas, dispostas em roseta, inflorescência laxa com 25 cm de comprimento e com até 60 flores, de sépalas vermelhas e pétalas purpúreas; as folhas fornecem longas fibras, de grande resistência e durabilidade; carauá, caruá, caroá-verdadeiro, coroá, coroatá, crauá, croá, gravatá; fibra das folhas dessa planta, us. na produção de cordas, tecido grosseiro e papel.</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas. [...]”.</p>	<p>“[...] Al <i>xique-xique</i>, palmatoria, cola de zorro, <i>mandacarus</i>, caroás, <i>cabeça de frade</i>, <i>culumbi</i>, <i>cansação</i>, <i>favela</i>, <i>quixaba</i> y la respetabilísima <i>macarnbira</i>, se unió el muy conocido y temido <i>cumanã</i>, especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas.[...]”.(p. 246)</p>	Empréstimo

Culumbi

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
culumbi	culumbi

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> Planta arbustiva da família das leguminosas mimosáceas (<i>Mimosa malacocentra</i>), tipo de espinheiro que cresce em grupos, formando moitas intransponíveis pelo emaranhado denso dos caules e ramos, providos, ademais, de espinhos rígidos e agudos. No Nordeste, onde medra com abundância, é também conhecida pelo nome de calumbi, e de rompe-gibão.</p>	<p>Ø</p>
---	----------

ABONAÇÕES

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...]Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumaná, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas. [...]”.</p>	<p>“[...]Al <i>xique-xique</i>, palmatoria, cola de zorro, <i>mandacarus</i>, <i>caroás</i>, <i>cabeça de frade</i>, <i>culumbi</i>, <i>cansação</i>, <i>favela</i>, <i>quixaba</i> y la respetabilísima <i>macambira</i>, se unió el muy conocido y temido <i>cumanã</i>, especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas.[...]”.(p. 246)</p>	<p>Empréstimo</p>

Cumanã

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
cumanãs cumanã	cumanãs cumanã

DEFINIÇÃO

s. f. arbusto afilo (*Euphorbia phosphorea*), da fam. das euforbiáceas, nativo do Brasil (PI, BA), de caules e ramos numerosos, esparsos e articulados, flores em cimeiras e cápsulas angulosas; cipó-de-breú, cipó-de-cumanã, cipó-de-cunanã, cipó-de-leite, cunanã, pau-de-cunanã [Planta xerófila que vegeta nas caatingas, onde forma aglomerados intransponíveis, com aspecto de trepadeiras; é cerácea, resinosa e combustível, us. pelo sertanejo como alternativa ao querosene, na iluminação caseira; a seiva é um látex urticante e seu resíduo tem a particularidade de brilhar com luz fosforescente.]

Ø

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] E se é preciso avançar a despeito da noite, e o olhar afogado no escuro apenas lobriga a fosforescência azulada das cumanãs dependurando-se pelos galhos como grinaldas fantásticas, basta-lhe partir e acender um ramo verde de candombá e agitar pelas veredas, espantando as suçuaranas deslumbradas, um archote fulgurante... [...]”.	“[...] Y si es necesario avanzar a despecho de la noche, y la mirada ahogada en la oscuridad, apenas descubre la fosforescencia azulada de las cumanãs , colgando de las ramas como guirnaldas fantásticas, le basta con partir y encender una rama verde de <i>candombá</i> y agitarla por los caminos, espantando a las <i>suçuaranas</i> deslumbradas con antorcha fulgurante... [...]”. (p. 160)	Empréstimo
“[...] “Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumanã , espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas.” [...]”.	“[...] “Al <i>xique-xique</i> , palmatória, cola de zorro, <i>mandacarus</i> , <i>caroás</i> , <i>cabeça de frade</i> , <i>culumbi</i> , <i>cansação</i> , <i>favela</i> , <i>quixaba</i> y la respetabilísima <i>macarnbira</i> , se unió el muy conocido y temido cumanã , especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas.” [...]”. (p.246)	Empréstimo

<p>“[...] Assim concluiu-se com alegria geral e contentamento, das oito para nove horas da noite, este último trecho, em que a cumanã se dissolveu em mais benigna vegetação ao sair das Queimadas de que já falamos. [...]”.</p>	<p>“[...] Así se concluyó con alegría general entre las ocho y las nueve de la noche el último trecho en el que el cumanã desapareció dando paso a una vegetación más benigna al salir de Queimadas, de lo que ya hablamos... [...]”. (p. 246)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] e as grinaldas fosforescentes das cumanãs irradiavam, ao longe, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras, em torno às quais velassem, em silêncio, espectadores, tocaias inúmeras... [...]”.</p>	<p>“[...] mientras las guiraldas fosforescentes de los cumanãs irradiaban en las sombras, a lo lejos, como restos de fogatas alrededor de las cuales podían aguardarlos numerosas emboscadas... [...]”. (p. 304)</p>	<p>Empréstimo</p>

E e

Ema

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
emas ema	avestruces avestruz

DEFINIÇÃO

<p><i>s. f.</i> ave reiforme da fam. dos reídeos (<i>Rhea americana</i>), que vive em regiões campestres e cerrados no Paraguai, Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil; com até 170 cm de altura, é a maior e mais pesada ave brasileira, de cabeça e pescoço cinza-pardacentos, partes inferiores brancas, cauda ausente e pés com três dedos; o macho possui a base do pescoço e o peito negros; churi, guaripé, nandu, nhandu, nhanduguaçu, xuri [O macho é responsável pela incubação de vários ovos, postos por diferentes fêmeas em um ninho escavado no solo, e também pelo cuidado com os filhotes.]</p>	<p><i>s. m.</i> Ave del orden de las estrucioniformes, de gran tamaño, que llega a los dos metros de altura, alas cortas no aptas para el vuelo, cuello largo y desnudo, largas patas que le permiten correr a gran velocidad, y que habita en África y en Arabia.</p>
---	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] passam, em varas, pelas tigüeras num estrídulo estrepitar de maxilas percutindo, os queixadas de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de sob as asas, as emas velocíssimas [...]”.</p>	<p>“[...] pasan en manadas por las <i>tigüeras</i> con el estruendoso estrépito de maxilares que se mueven, los jabalíes de rubia canela; corren por las mesetas altas, en bandadas, ensuciándose en los charcos los avestruces velocísimos [...]”. (p. 34)</p>	Erro
<p>“[...] e tiveram, ampliando os seus atributos ancestrais, uma rude escola de força e de coragem naqueles gerais amplíssimos, onde ainda hoje ruge impune o jaguar e vagueia a ema velocíssima, ou nas serranias de flancos despedaçados pela mineração superficial, quando as lavras baianas, mais tarde, lhes deram esse derivativo à faina dos rodeios. [...]”.</p>	<p>“[...] y tuvieron, ampliando sus atributos ancestrales, una ruda escuela de fuerza y coraje en aquellos campos gerais tan amplios, donde todavía hoy surge impune el jaguar y se desplaza veloz el avestruz, o en las serranías de flancos destrozados por la búsqueda del mineral superficial, cuando las minas bahianas, más tarde, les dieron esa derivación a la faena de los rodeos. [...]” (p. 66).</p>	Erro

Eritrina

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
eritrinas	eritrinas

DEFINIÇÃO

<p><i>s. f.</i> design. comum às plantas do gên. <i>Erythrina</i>, da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, com 112 spp., que ocorrem em regiões de clima tropical, subtropical ou temperado-quente, da Ásia, África e esp. da América [Cultivadas como ornamentais, como quebra-vento ou para proteger plantações, como a de café; algumas fornecem madeira; as flores, alaranjadas ou vermelhas, têm néctar abundante e, esp. na Ásia, são importante fonte de água para pássaros e esquilos.]</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Sucodem-se manhãs sem par, em que o irradiar do levante incendiado retinge a púrpura das eritrinas e destaca melhor, engrinaldando as umburanas de casca arroxeadas, os festões multicores das bignônias. [...]”.</p>	<p>“[...] Se suceden mañanas sin par en las que la irradiación del levante encendido tiñe de púrpura las <i>eritrinas</i> y destaca los festones multicolores de las begonias, adornando con guirnaldas las <i>umburanas</i> de roja corteza. (p. 34) [...]”.</p>	Empréstimo

F f

Favela

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
favelas favela	favelas favela

DEFINIÇÃO

s. f. arbusto ou árvore (<i>Jatropha phyllacantha</i>) da fam. das euforbiáceas, que ocorre no Brasil (N.E. e S.E.), de ramos lenhosos, folhas repandas ou sinuosas e denteadas, flores brancas, em cimeiras, e cápsulas escuras, verrucosas, com sementes oleaginosas e de que se faz farinha rica em proteínas e sais minerais; faveleira, faveleiro, mandioca-brava.	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] As favelas , anônimas ainda na ciência - ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos <i>tabaréus</i> – talvez um futuro gênero <i>cauterium</i> das leguminosas, têm, nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa. [...]”	“[...] Las favelas , todavía anónimas para la ciencia — ignoradas de los sabios, en demasía conocidas por los <i>tabaréus</i> — quizá un futuro género <i>cauterium</i> de las leguminosas, tienen en las hojas de células alargadas en vellosidades, notables aprestos de condensación, absorción y defensa. [...]” (p. 29)	Empréstimo
“[...] “Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela , quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas” [...]”	“[...] “Al <i>xique-xique</i> , palmatoria, cola de zorro, <i>mandacarus</i> , <i>caroás</i> , <i>cabeça de frade</i> , <i>culumbi</i> , <i>cansação</i> , favela , <i>quixaba</i> y la respetabilísima <i>macarnbira</i> , se unió el muy conocido y temido <i>cumanã</i> , especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas. [...]” (p.246)	Empréstimo

G g

Gato do mato

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
gato do mato	gato salvaje

DEFINIÇÃO

s.m. design. comum a diversos mamíferos neotropicais, da fam. dos felídeos, do gên. *Felis*, esp. aqueles de porte médio ou pequeno. Seu comprimento total não ultrapassa a um metro e seu pelo é pitado como o da onça. Encontrados ger. em áreas florestadas; maracajá [A maioria das spp. envolvidas sofre algum tipo de ameaça, causada esp. pela caça indiscriminada e pelo desmatamento.]

Ø

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Apenas, de longe em longe, nas raras encamisadas em que aos descantes da viola o matuto deslembra as horas fatigadas, surge uma novidade - um colete vistoso de pele de gato do mato ou de suçuarana, com o pelo mosqueado virado para fora, ou uma bromélia rubra e álcere fincada no chapéu de couro. [...]”	“[...] Apenas, de tanto en tanto, en las escasas fiestas en que el <i>matuto</i> olvida sus pesares escuchando la guitarra surge una novedad, un chaleco vistoso de gato salvaje o de <i>sucuarana</i> , con el pelo del lado de afuera, o una bromelia rubia y fresca prendida en el sombrero de cuero. [...]”. (p. 79)	Transposição + Modulação

Gravatá

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
gravatás	gravatás Ø

DEFINIÇÃO

s. f. design. comum às plantas pertencentes a vários gên. da família das bromeliáceas, epífitas e terrestres, bastante cultivadas como ornamentais; caraguatá, caravatá, caroá, caroatá, caruatá, caruatá-de-pau, coroá, coroatá, coroá-verdadeiro, craguatá, crauaçu, crauatá, crautá, cravatá, croá, curauá, curuá, curuatá, erva-do-gentio, erva-piteira, gragoatá	Ø
---	---

ABONAÇÕES

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	MODALIDADE DE TRADUÇÃO
“[...] Os caroás verdoengos, de flores triunfais e altas; os gravatás e ananases bravos, trançados em touceiras impenetráveis, copiam-lhe a mesma forma, adrede feita àquelas paragens estéreis. As suas folhas ensiformes, lisas e lustrosas, como as da maioria dos vegetais sertanejos, facilitam a condensação dos vapores escassos trazidos pelos ventos, por maneira a debelar-se o perigo máximo à vida vegetativa, resultante de larga evaporação pelas folhas, esgotando e vencendo a absorção pelas radículas. [...]”.	“[...] Los <i>caroás</i> verdosos, de flores triunfales y elevadas; los gravatás y los ananás salvajes, cerrados en tortuosidades impenetrables, copian las mismas formas, hechas adrede para esos parajes estériles. Sus hojas lisas y lustrosas, como las de la mayor parte de los vegetales sertanejos, facilitan la condensación de los escasos vapores traídos por los vientos, para vencer el peligro máximo de la vida vegetativa, que resulta de la evaporación por las hojas, agotando la absorción hecha por las raíces. [...]”.(p. 29)	Empréstimo

<p>“[...] Construções ligeiras, distantes do núcleo compacto da casaria, pareciam obedecer ao traçado de um plano de defesa. Sucediavam-se escalonadas, ladeando os caminhos. Marginavam o de Jeremoabo, eretas numa e outra margem do Vaza-Barris, para jusante, até Trabubu e o ribeirão de Macambira. Pontilhavam o do Rosário, transpondo o rio e contornando a Favela. Espalhavam-se pelos cerros que se sucediam inúmeros seguindo o rumo de Uauá. Inscritas em cercas impenetráveis de gravatás, plantados na borda de um fosso envolvente. [...]”.</p>	<p>“[...] Construcciones ligeras, distantes del núcleo compacto del caserío, que parecían obedecer a un plan de defensa. Se sucedían escalonadas, bordeando los caminos. Marginaban el de Jeremoabo, se erigían en una y otra margen del Vaza-Barris, puntilleaban el del Rosario, trasponiendo el río y contorneando la Favela. Se desparramaban por los cerros que se sucedían innumemrables siguiendo el rumbo de Uauá. Cada una era una casa y un reducto. Se disponían formando líneas irregulares de baluartes. [...]” (p. 123)</p>	<p>Omissão</p>
<p>“[...] Desentupiam as suas juntas e as largas brechas, onde viçavam cardos e bromélias; abriam-nas como postigos estreitos, mascarados de espessos renques de gravatás [...]”.</p>	<p>“[...] libran las juntas y brechas donde vegetaban cardos y bromelias, enmarcados por espesas hileras de gravatás (p. 197)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] A estrada de Jeremoabo entrando, duzentos metros antes, pelo leito seco do Vaza-Barris, metia-se entre duas trincheiras, que lhe orlavam uma e outra margem, mascaradas de sebes contínuas de gravatás bravios. [...]”.</p>	<p>“[...] El camino de Jeremoabo que entraba doscientos metros antes, por el lecho seco del Vaza-Barris, se metía entre dos trincheras que le orlaban una y otra margen, disimuladas de setos de gravatás bravios. [...]” (p. 254)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Não se podem individuar os episódios parciais desta fase obscura e terrível da campanha. O soldado faminto, cevada a cartucheira de balas, perdia-se nas chapadas, presumindo-se de resguardos como se fosse à caça de leões. Atufava-se no bravio das moiteiras... Rompia a galhada inflexa, entressachada de gravatás mordentes. E - olhos e ouvidos armados aos mínimos contornos e aos mínimos rumores - atravessava longas horas na perquisição exaustiva... [...]”.</p>	<p>“[...] No se pueden individualizar los episodios parciales de esta fase oscura y terrible de la campaña. El soldado hambriento, llena de balas la cartuchera, se perdía por las planicies, resguardándose como si fuese a cazar leones. Los ojos y oídos aguzados para captar los mínimos movimientos y los mínimos rumores, pasaba largas horas en su exploración exhaustiva. [...]” (p. 275)</p>	<p>Omissão</p>

I i

Icó

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
icó	icó

DEFINIÇÃO

s. m. árvore de até 7 m (<i>Capparis yco</i>), da fam. das caparidáceas, nativa do Nordeste do Brasil, de folhas coriáceas, flores de tom verde-pálido e frutos bacáceos, as raízes são us. na medicina caseira; icó-preto, icozeiro.	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Cobertas de camadas espessas de vinte centímetros, de barro, sobre ramos de icó , lembravam as choupanas dos gauleses de César. [...]”.	“[...] Cubiertas de capas espesas de veinte centímetros de barro sobre ramas de icó , recordaban las cabañas de los galos de César. [...]”. (p.)122	Empréstimo

Icozeiro

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
icozeiros	iozeiros

DEFINIÇÃO

s. m. árvore de até 7 m (<i>Capparis yco</i>), da fam. das caparidáceas, nativa do Nordeste do Brasil, de folhas coriáceas, flores de tom verde-pálido e frutos bacáceos, as raízes são us. na medicina caseira; icó-preto, icó.	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Pequenos arbustos, icozeiros virentes viçando em tufos intermeados de palmatórias de flores rutilantes, davam ao lugar a aparência exata de algum velho jardim em abandono. [...]”.	“[...] Pequeños arbustos, icozeiros verdes creciendo en ramas entremezcladas con palmas de flores rutilantes, le daban al lugar la exacta apariencia de un viejo jardín abandonado. [...]”. (p. 22)	Empréstimo
“[...] mais virentes, adensam-se os icozeiros pelas várzeas, sob o ondular festivo das copas dos ouricuris: [...]”.	“[...] más verdes, se adensan los icozeiros bajo el ondular festivo de las copas de los <i>ouricuris</i> ; [...]”. (p. 32)	Empréstimo
“[...] ou em falta destes, à fimbria das ipueiras rasas salpicando pequenas várzeas sombreadas pelas ramagens virentes dos icozeiros ..[...]”.	“[...] o a falta de éstos, a la sombra de <i>ipueiras</i> rasas que salpicaban pequeños sitios sombreados por las ramas verdes de los icozeiros . [...]”. (p. 302)	Empréstimo

Ingarana

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
ingaranas	ingaranas

DEFINIÇÃO

<p><i>s. f.</i> design. comum a árvores do gên. <i>Marmaroxylon</i> e a várias do gên. <i>Pithecellobium</i>, incluídas ou em processo de inclusão no gên. <i>Zygia</i>, da fam. das leguminosas, subfam. Mimosóidea; árvore (<i>Marmaroxylon racemosum</i>) nativa do Suriname, Guiana Francesa e Brasil (PA), com madeira de qualidade, amarelo-pardacenta, e flores amarelo-pálidas; angelim-pintado, angelim-rajado, ingarana-da-terra-firme, urubuzeiro, xixi; <i>Ararandéua</i> (<i>Zygia cauliflora</i>); <i>jarandéua</i> (<i>Zygia latifolia</i>).</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Pelas margens do rio alteavam-se ingaranas altas, cruzando-lhe as ramagãs ainda enfolhadas sobre o leito. [...]”.	“[...] Por las márgenes del río, se alzaban altas ingaranas que cruzaban con su ramaje, todavía con hojas, por encima del lecho del río.[...]” (p. 340)	Empréstimo

J j

Jabuti

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
jabutis	∅

DEFINIÇÃO

<p><i>s.m.</i> design. comum aos quelônios, terrestres e herbívoros, da fam. dos testudinídeos, de carapaça alta, em forma de domo, patas posteriores tubulares, semelhantes às dos elefantes, dedos curtos, com garras e movimentos lentos; grande quelônio florestal da fam. dos testudinídeos (<i>Geochelone denticulata</i>), encontrado na Amazônia e no Leste do Brasil, com carapaça marrom, de até 82 cm de comprimento e centro dos escudos e escamas dos membros anteriores amarelas ou alaranjadas; cágado, carumbé, jabuti-carumbé, jabutitinga.</p>	∅
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Cinzas de fogueiras a cada passo encontradas e algumas ainda mornas; restos de repastos em que eram preexcelente virtualha jabutis assados e quartos de cabrito; rastros frescos na areia, entranhando-se tortuosamente nas caatingas, diziam que os sertanejos ali tinham estado, e passado também a noite, rodeando-os, invisíveis, nas rondas cautelosas. [...]”.</p>	<p>“[...] Y reanudaba la marcha en la madrugada, reconocieron que estaban en la zona peligrosa. A cada paso encontraban restos de asados, cenizas de hogueras; rostros frescos en la arena que seguían tortuosamente en las <i>caatingas</i>; todo decía que los sertanejos habían pasado allí la noche, rodeándolos, invisibles, en rondas cautelosas. [...]” (p. 340).</p>	Omissão

Jaguar

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
jaguar	jaguar

DEFINIÇÃO

<i>s.m.</i> tupi <i>ya'gwara</i> 'nome comum dos grandes mamíferos carnívoros da família dos felídeos, particularmente os do gên. <i>Felis</i> ; ² onça; jaguretê'; em WCol registra-se: "do guarn. <i>yaguara</i> & tupi <i>jaguara</i> ".	<i>s. m.</i> del port. o del fr. jaguar, y estos del tupí <i>yaguará</i> ; felino americano de hasta dos metros de longitud y unos 80 cm de alzada, pelaje de color amarillo dorado con manchas en forma de anillos negros, garganta y vientre blanquecinos, que vive en zonas pantanosas de América, desde California hasta la Patagonia.
--	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...]e tiveram, ampliando os seus atributos ancestrais, uma rude escola de força e de coragem naqueles gerais amplíssimos, onde ainda hoje ruge impune o jaguar e vagueia a ema velocíssima, ou nas serranias de flancos despedaçados pela mineração superficial, quando as lavras baianas, mais tarde, lhes deram esse derivativo à faina dos rodeios. [...]”	“[...] y tuvieron, ampliando sus atributos ancestrales, una ruda escuela de fuerza y coraje en aquellos campos gerais tan amplios, donde todavía hoy surge impune el jaguar y se desplaza veloz el avestruz, o en las serranías de flancos destrozados por la búsqueda del mineral superficial, cuando las minas bahianas, más tarde, les dieron esa derivación a la faena de los rodeos. [...]” (p. 66).	Tradução palavra por palavra

Jandaia

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
jandaias	jandaias

DEFINIÇÃO

<p>s. f. ave da fam. dos psitacídeos (<i>Aratinga solstitialis</i>) que possui três raças distintas, encontradas na Amazônia e em várias regiões do Brasil, com cerca de 31 cm de comprimento, bico negro e plumagem laranja, amarela e verde; cacaué, nandaia, nhandaia, queci-queci, quijuba; ave florestal (<i>Aratinga solstitialis auricapilla</i>) que ocorre do Sul da Bahia ao Norte do Paraná, com cerca de 31 cm de comprimento, plumagem verde-escura, fronte e abdome vermelhos e cauda olivácea; ajurujubacanga, jubacanga. <i>periquito-rei</i> (<i>Aratinga aurea</i>); <i>paru</i> (<i>Pomacanthus paru</i> e <i>P. arcuatus</i>)</p>	<p>Ø.</p>
---	-----------

ABONAÇÕES

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] A natureza não o combate apenas com o deserto. Povo-a, contrastando com a fuga das seriemas, que emigram para outros “tabuleiros”, e jandaias, que fogem para o litoral remoto, uma fauna cruel. [...]”.</p>	<p>“[...] La naturaleza no lo combate sólo con el desierto. En contraste con la fuga de las <i>seriemas</i> que emigran, y de las jandaias que huyen hacia el remoto litoral, puebla ese desierto con una fauna cruel. [...]” (p. 89).</p>	<p>Empréstimo</p>

Jerimum

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
jerimum	jerimum

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m</i> fruto da aboboreira, é uma designação popular atribuída a diversas espécies de plantas da família Cucurbitaceae, nomeadamente às classificadas nos géneros: Abobra - uma única espécie, nativa da América do Sul; Cucurbita - género que inclui os tipos de abóbora mais comuns e a abobrinha (courgette/zucchini).</p>	<p>Ø.</p>
--	-----------

ABONAÇÕES

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Volvem os vaqueiros ao pouso e ali, nas redes bamboantes, relatando as peripécias da vaquejada ou famosas aventuras de feira, passam as horas matando, na significação completa do termo, o tempo, e desalterando-se com a umbuzada saborosíssima, ou merendendo a iguaria incomparável de jerimum com leite. [...]”</p>	<p>“[...] De vuelta al rancho, los vaqueros descansan en las redes colgantes, mientras relatan las peripecias del rodeo o las famosas aventuras de las ferias, matando las horas, en la significación total del término, tranquilizándose con la <i>umbuzada</i> sabrosa o comiendo el manjar incomparable de <i>jerimum</i> con leche. [...]” (p. 85).</p>	<p>Empréstimo</p>

Juá

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
juás	juás

DEFINIÇÃO

s. f. tupi <i>yu'a</i> 'designação comum a diversas plantas da família das solanáceas; o próprio juazeiro.	Ø.
--	----

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] reverdecem os angicos; lourejam os juás em moitas, e as baraúnas de flores em cachos, e os araticuns à orela dos banhados...[...].”	“[...] reverdecen los <i>angicos</i> , se enrubian en motas los juás ; y las <i>baraúnas</i> con sus flores en cascada, los <i>araticuns</i> a la orilla de los charcos... [..]”. (p. 33)	Empréstimo
“[...] E nem um cereus avulta mais em torno; foram ruminadas as últimas ramas verdes dos juás ... [..]”.	“[...] Y ni un cereo en torno; ya se comieron las últimas ramas verdes de los juás . [..]”. (p. 90)	Empréstimo
“[...] as palmatórias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás - sustentam-lhe o cavalo [..]”.	“[...] las palmatorias desnudas en combustión rápida de sus numerosas espinas, los mandacarus tallados a facón o las hojas de los juás sustentan a su caballo [..]”. (p. 160)	Empréstimo

Juazeiro

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
juazeiro juazeiros	Ø. juazeiro juazeiros

DEFINIÇÃO

<p>s. m. árvore da família das ramnáceas (<i>Zizyphus joazeiro</i>), característica das caatingas nordestinas. De porte mediano e bem copada, tem o caule carregado de fortes espinhos e os ramos bastante retorcidos e esgalhados. de folhas serreadas e trinérveas, inflorescências em cimeiras globosas, drupas amarelas e comestíveis, casca amarga, adstringente e febrífuga; conserva-se sempre verde mesmo no rigor das secas, oferecendo boa sombra que protege o sertanejo. A folhagem densa serve de cobertura para os casebres e de alimento para o gado nos períodos de estiagem.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
O juazeiro	Ø (p. 30)	Omissão
“[...] Têm o mesmo caráter os juazeiros , que raro perdem as folhas de um verde intenso, adrede modeladas às reações vigorosas da luz. Sucodem-se meses e anos ardentes. Empobrece-se inteiramente o solo aspérrimo. [...]”.	“[...] Tienen el mismo carácter los juàzeiros , que pocas veces pierden las hojas de un verde intenso, adrede modeladas por las reacciones vigorosas de la luz. Se suceden los meses y los años ardentes. Se empobrece completamente el suelo áspero. [...]”. (p. 30)	Empréstimo + Erro
“[...] Ali está, em torno, a caatinga, o seu celeiro agreste. Esquadrinha-o. Talha em pedaços os mandacarus que desalteram, ou as ramas verdoengas dos juazeiros que alimentam os magros bois famintos [...]”.	“[...] Allí está, a su alrededor, la <i>caatinga</i> , su agreste proveedor de cereales. La escudriña. Corta en pedazos los mandacarus o las ramas verdes de los juàzeiros que alimentan a los magros animales hambrientos [...]”. (p. 89)	Empréstimo + Erro

<p>“[...] Os mais ditosos alcançavam por fim, depois de quatro dias de marcha, na trifurcação das estradas do Rosário, Monte Santo e Calumbi, o sítio de Juá, outra casinha de taipas no recosto de uma lomba, pela qual descai o terreno sombreado de juazeiros altos, tendo na frente os sem-fins das chapadas. [...]”.</p>	<p>“[...] los más dichosos llegaban a la trifurcación de los caminos del Rosario, Monte Santo y Calumbi, el sitio de Juá, compuesto por otra tapera de barro en la ladera de una loma, por la cual baja el campo sombreado de <i>juàzeiros</i> altos. [...]”. (p. 306)</p>	<p>Empréstimo + Erro</p>
<p>“[...] De uma e outra banda do caminho, eretas ao viés das encostas, arruadas ou acumuladas pelos vales diminutos, pintalgando, numerosas e esparsas, o tom pardo dos abarracamentos, sucediam-se pequenas casas de aspecto original e festivo - feitas todas de folhagens, tetos e paredes verdes de ramas de juazeiros, de forma singularmente imprópria aos habitantes. [...]”.</p>	<p>“[...] A uno y otro lado del camino, erigidas al sesgo de las colinas, a la calle, o dispuestas por los valles diminutos, numerosas y desparramadas, se sucedían pequeñas casas de aspecto original y festivo: hechas de follaje, techos y paredes de ramas de <i>juàzeiros</i>, de forma singularmente inadecuada para vivir en ellas [...]”. (p. 342)</p>	<p>Empréstimo + Erro</p>
<p>“[...] Na farmácia militar, estudantes em férias forçadas riam ruidosamente e recitavam versos; e pelas paredes ralas de todas as choupanas ridentes, de folhagens pintalgadas de flores murchas de juazeiros, transudavam vezes e risos dos que lá dentro não tinham temores, que lhes agourentassem as horas ligeiras e tranqüilas. [...]”.</p>	<p>“[...] En la farmacia militar, estudiantes en días festivos forzados, reían ruidosamente y recitaban versos y por las paredes ralas de todos los ranchos rientes, de follajes salpicados de flores marchitas de <i>juàzeiros</i>, salían voces y risas de los que allí adentro no tenían temores que les ennegrecieran las horas ligeras y tranquilas. [...]”. (p. 344)</p>	<p>Empréstimo + Erro</p>

Jurema

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
jurema juremas	Ø. juremas

DEFINIÇÃO

<p>s. f. arbusto árvore (<i>Pithecellobium tortum</i>) da fam. das leguminosas, subfamília Mimosóidea (<i>Mimosa nigra</i>), nativa do Brasil (PA ao RJ), de caule tortuoso, com casca malhada, ramos em ziguezagues, armados, madeira us. em marcenaria e obras internas, folíolos delicados, flores esverdeadas e vagens coriáceas, escuras e arqueadas; angico-branco, jacaré, vinhático-de-espinho, características da caatinga. Os frutos são pequenos legumes (vagens) recurvados. Com suas raízes, índios e habitantes do sertão preparam uma bebida embriagante, de efeitos alucinógenos.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] A jurema “[...]”	Ø (p. 33)	Omissão
“[...] As juremas , prediletas dos caboclos - o seu haxixe capitoso, fornecendo-lhes, grátis, inestimável beberagem, que os revigora depois das caminhadas longas, extinguindo-lhes as fadigas em momentos, feito um filtro mágico - derramam-se em sebes, impenetráveis tranqueiras disfarçadas em folhas diminutas. [...]”.	“[...] Las juremas , predilectas de los caboclos —es su hachís, les proporciona gratuitamente un inestimable brebaje que les da vigor para las largas caminatas y les quita la fatiga en instantes, como una bebida mágica— se extienden formando tapias, impenetrables muros disfrazados en diminutas hojas [...]”. (p. 33)	Empréstimo

<p>“[...] Mas se uma rês “alevantada” envereda, esquiva, adiante, pela caatinga garranchenta, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas. [...]”.</p>	<p>“[...] Pero si una res se rebela y huye a través de la <i>caatinga</i> o si una punta de ganado se atropella a lo lejos, lo vemos transformado, clavando las espuelas en los ijares de su montura y partiendo como un dardo, atravesando velozmente los dédalos inextricables de las juremas. [...]”. (p. 76)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] As seções precipitam-se para os pontos onde estalam os estampidos e estacam ante uma barreira flexível, mas impenetrável, de juremas. [...]”.</p>	<p>“[...] Las secciones se precipitan hacia los puntos donde estallan las balas y se encuentran con una barrera flexible pero impenetrable de juremas. [...]”. (p. 158)</p>	<p>Empréstimo</p>

M m

Macambira

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
macambiras macambira	macambiras macambira

DEFINIÇÃO

s. f. planta da fam. das bromeliáceas (<i>Bromelia laciniosa</i>), nativa do Brasil, encontrada nas caatingas do Nordeste, de folhas verdes com linhas róseas, armadas de espinhos curvos, us. para extração de fibras ou como ração. Com ela se produz uma fécula que serve como substituto da farinha de mandioca e de suas folhas se extrai um suco que dessedenta a sede do sertanejo.	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Trançam-se, porém, ao lado, impenetráveis renques de macambiras . [...]”.	“[...] A su vera se cierran, impenetrables, las filas de macambiras . [...]”. (p. 90)	Empréstimo
“[...] Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam a distancia. [...]”.	“[...] Cubiertos por lajas de piedra y ramajes de macambiras , no se revelaban a la distancia. [...]”. (p. 124)	Empréstimo
“[...] Debatem-se desesperadamente até deixarem em pedaços as fardas, entre as garras felinas de acúleos recurvos das macambiras ... [...]”.	“[...] Se debaten desesperadamente hasta dejar entre las garras felinas de las macambiras pedazos de sus ropas... [...]”. (p. 158)	Empréstimo
“[...] “Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira , reuniu-se a muito falada e temida cumanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas.” [...]”.	“[...] “Al <i>xique-xique</i> , palmatoria, cola de zorro, <i>mandacarus</i> , <i>caroás</i> , <i>cabeça de frade</i> , <i>culumbi</i> , <i>cansação</i> , <i>favela</i> , <i>quixaba</i> y la respetabilísima macambira , se unió el muy conocido y temido <i>cumanã</i> , especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas.” [...]”. (p.246)	Empréstimo

<p>“[...] e distinguiam-se, intermeando-os, em touceiras, ou encimando-os, esparsas, as bromélias resistentes, caroás e macambiras de espadas lustrosas, retilíneas e longas, rebrilhando à luz como espadas [...]”.</p>	<p>“[...] y se distinguían las bromelias resistentes, las <i>caroás</i> y macambiras, rectilíneas y largas, brillando a la luz como espadas, y se veían los cactus desolados, y más lejos, un tumulto de picos, igualmente desiertos. [...]”. (p. 262 - 283)</p>	<p>Empréstimo</p>
---	---	-------------------

Mandioca

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
mandioca	mandioca

DEFINIÇÃO

<i>s. f.</i> Planta da família das euforbiáceas (<i>Manihot utilissima</i>), cujos grossos tubérculos radiculares, ricos e, amido, são de largo emprego na alimentação; o próprio tubérculo desta planta; aipim, macaxeira.	<i>s. f.</i> 1. f. arbusto de la familia de las euforbiáceas, que se cría en las regiones cálidas de América, de dos a tres metros de altura, con una raíz muy grande y carnosa, hojas profundamente divididas y flores dispuestas en racimo. Raíz, en forma de tubérculo, de la mandioca.
---	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Vivía-se à aventura, de expedientes. De moto próprio, sem a formalidade, na emergência dispensável, de uma licença qualquer, os soldados principiaram a realizar, isolados ou em pequenos grupos, excursões perigosas pelas cercanias talando as raras roças de milho ou mandioca , que existiam; caçando cabritos quase selvagens por ali desgarrados, em abandono desde o começo da guerra; e arrebanhando o gado. [...]”	“[...] Se vivía a la aventura. De motu proprio, sin la formalidad, dispensable en la emergencia, de una licencia, los soldados realizaban, separados en pequeños grupos, peligrosas excursiones por las cercanías, talando los escasos cultivos de maíz o mandioca que había, cazando cabritos casi salvajes por allí sueltos, abandonados desde el comienzo de la guerra, o robando ganado. [...]”. (p. 274 - 275)	Tradução palavra por palavra
“[...] As pequenas roças de milho, feijão da vazante e mandioca , que atenuavam a princípio a sensoria dessa alimentação de feras, exauriram-se prestes. [...]”	“[...] Las pequeñas zonas con cultivos de maíz, poroto y mandioca que, al principio, atenuaron esa alimentación de fieras, se habían terminado prontamente. [...]”. (p. 276)	Tradução palavra por palavra

Mandioca brava

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
mandioca brava	mandioca brava
DEFINIÇÃO	
s. f. variedade de mandioca, cujas raízes são venenosas.	Ø

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Como os “retirantes” infelizes, os soldados apelaram para a flora providencial. Cavavam os umbuzeiros em roda, arrancando-lhes os tubérculos tímidos; catavam cocos dos ouricuris, ou talhavam os caules moles dos mandacarus, alimentando-se de cactos que a um tempo lhes disfarçavam ou iludiam a fome e a sede. Não lhes bastava, porém, este recurso, que para os mais inexpertos mesmo era perigoso. Alguns morreram envenenados pela mandioca brava e outras raízes, que não conheciam. [...]”.	“[...] Como los nativos infelices, los soldados apelaron a la flora providencial. Cavaban alrededor de los <i>umbuzeiros</i> para arrancarles los tubérculos; tomaban los cocos de los <i>ouricuris</i> y cortaban los troncos blandos de los <i>mandacarus</i> . Se alimentaban de cactos que les engañaban a un mismo tiempo el hambre y la sed. Pero este recurso no bastaba. Para los inexpertos era incluso peligroso. Algunos murieron envenenados por la <i>mandioca brava</i> y otras raíces que no conocían. [...]”.(p. 276)	Empréstimo

Mandacaru

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
mandacarus mandacaru	Ø mandacarus mandacaru

DEFINIÇÃO

<p>s. f. design. comum a várias plantas do gên. <i>Cereus</i>, da fam. das cactáceas; planta arborescente (<i>Cereus jamacaru</i>), de ramos cobertos nas extremidades por uma lanugem branca e flores que se abrem à noite, nativa do Brasil, cultivada como ornamental e por propriedades antiescorbúticas e peitorais, seu fruto é uma baga vermelha espinhosa serve como alimentação para o gado; cardeiro, facheiro, jamacaru, manacaru, mandacaru-de-boi; planta arborescente (<i>C. peruvianus</i>), nativa do Brasil, de ramos lenhosos, candelabrifórmes, flores brancas ou róseas e bagas purpúreas e comestíveis; jamacaru, urumbeba, urumbeva; jamacaru (<i>Cereus hildmmanianus</i>); jaramacaru (<i>Cereus triangularis</i>); urumbeba (<i>Cereus giganteus</i>)</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Verdadeiros oásis, têm contudo, não raro, um aspecto lúgubre: localizadas em depressões, entre colinas nuas, envoltas pelos mandacarus despídos e tristes, como espectros de árvores; ou num colo de chapada, recortando-se com destaque no chão poento e pardo, graças à placa verde-negra das algas unicelulares que as revestem. [...]”.</p>	<p>“[...] Verdaderos oasis, tienen sin embargo, un aspecto lúgubre; localizadas en depresiones, que son como espectros de árboles; o en los desfiladeros que se recortan en el suelo polvoriento y pardo gracias a la placa verde negra de las algas unicelulares que las cubren. [...]”. (p. 12)</p>	Omissão
<p>“[...] Os mandacarus (<i>cereus jaramacaru</i>), atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente, a princípio. [...]”.</p>	<p>“[...] Los mandacarus (<i>cereus jaramacarú</i>), alcanzando notable altura, pocas veces aparecen en grupos, asoman individualmente por encima de la vegetación caótica. Son novedad atrayente al principio. [...]”. (p. 30)</p>	Empréstimo

<p>“[...] E falam nos “campos frios’ (certamente à noite, pela irradiação intensa do solo desabrigado) cortando léguas de caatinga sem água nem caravatá que a tivesse e com raízes de umbu e mandacaru, remediando a gente” no penoso desbravar das veredas[...].”</p>	<p>“[...] Y hablan de los "campos fríos (ciertamente a la noche por la irradiación intensa del suelo desprotegido) cortando leguas de <i>caatinga</i> sin agua ni <i>caravatá</i> que la tuviese y remediando a la gente sólo con raíces de <i>umbu</i> y <i>mandacaru</i>” en la penosa apertura de las picadas *. [...]”. (p. 39)</p> <p>_____</p> <p>* Carta de Pedro Barbosa Leal al Conde de Sabugosa 92.</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Ali está, em torno, a caatinga, o seu celeiro agreste. Esquadrinha-o. Talha em pedaços os mandacarus que desalteram, ou as ramas verdoengas dos juazeiros que alimentam os magros bois famintos; derruba os estípites dos ouricuris e rala-os, assa-os, cozinha-os, fazendo um pão sinistro, o "bró", que incha os ventres num enfarte ilusório, empanzinando o faminto [...]”.</p>	<p>“[...] Allí está, a su alrededor, la <i>caatinga</i>, su agreste proveedor de cereales. La escudriña. Corta en pedazos los <i>mandacarus</i> o las ramas verdes de los <i>juázeiros</i> que alimentan a los magros animales hambrientos; derriba los troncos de los <i>ouricuris</i> y los ralla, los amasa y los cocina haciendo un pan, el <i>bró</i>, que le hincha el vientre en una hartura ilusoria, empachando al hambriento; (p.89)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum, ouricuri virente, a mari elegante, a quixaba de frutos pequeninos, alimentam-no a fartar; as palmatórias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás - sustentam-lhe o cavalo; os últimos lhe dão ainda a cobertura para o rancho provisório; os caroás fibrosos fazem-se cordas flexíveis e resistentes... [...]”.</p>	<p>“[...] El <i>umbu</i> le da la escasa sombra de sus últimas hojas, el <i>araticum</i>, el <i>ouricuri</i> verde, la <i>mari</i> elegante, la <i>quixaba</i> de frutos pequeñitos, lo alimentaban hasta el hartazgo, las palmatorias desnudas en combustión rápida de sus numerosas espinas, los <i>mandacarus</i> tallados a facón o las hojas de los <i>juás</i> sustentan a su caballo; asimismo, estos últimos le dan cobertura para el rancho provisorio; los <i>caroás</i> fibrosos le dan cuerdas flexibles y resistentes... [...]”. (p. 160)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] “Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas”. [...]”.</p>	<p>“[...] “Al xique-xique, palmatoria, cola de zorro, mandacarus, caroás, cabeça de frade, culumbi, cansação, favela, quixaba y la respetabilísima macarnbira, se unió el muy conocido y temido cumanã, especie de cipó de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas.” [...]”. (p.246)</p>	<p>Empréstimo</p>

<p>“[...] Como os "retirantes" infelizes, os soldados apelaram para a flora providencial. Cavavam os umbuzeiros em roda, arrancando-lhes os tubérculos túmidos; catavam cocos dos ouricuris, ou talhavam os caules moles dos mandacarus, alimentando-se de cactos que a um tempo lhes disfarçavam ou iludiam a fome e a sede. Não lhes bastava, porém, este recurso, que para os mais inexpertos mesmo era perigoso. Alguns morreram envenenados pela mandioca brava e outras raízes, que não conheciam. [...]”.</p>	<p>“[...] Como los nativos infelices, los soldados apelaron a la flora providencial. Cavaban alrededor de los <i>umbuzeiros</i> para arrancarles los tubérculos; tomaban los cocos de los <i>ouricuris</i> y cortaban los troncos blandos de los <i>mandacarus</i>. Se alimentaban de cactos que les engañaban a un mismo tiempo el hambre y la sed. Pero este recurso no bastaba. Para los inexpertos era incluso peligroso. Algunos murieron envenenados por la mandioca brava y otras raíces que no conocían. [...]” (p. 276)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Eram mais dezesseis léguas extenuantes, mais seis ou oito dias de amarguras, sob o cautério dos mormaços crestadores, adstritos a escalas inevitáveis à borda das cacimbas, por Quirinquinquá - duas vivendas tristes, circuitadas de mandacarus silentes, eretas sobre larga bossa de granito exposto; pelo Cansação, lugarejo minúsculo - uma dúzia de casas cingidas de poeiras -, pela Serra-Branca, lembrando uma rancharia de tropeiros, de aspecto festivo, ensombrada de ouricurizeiros apendoados[...]”.</p>	<p>“[...] Eran otras dieciséis leguas extenuantes, otros seis u ocho días de amarguras, bajo el cauterio de los calores insoportables, sujetos a las paradas inevitables en los pozos de agua; por Quirinquinquá, dos casas tristes, rodeadas de <i>mandacarus</i>, levantadas sobre una ancha base de granito; por Cansando, lugarejo minúsculo, una decena de casu-chas; por Serra Branca, que parecía una ranchería de troperos, de aspecto festivo, bajo la sombra de los <i>ouricurizeiros</i> [...]” (p. 306 - 307)</p>	<p>Empréstimo</p>

Mangabeira

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
mangabeiras	mangabeiras

DEFINIÇÃO

<p>s. f. árvore de até 7 m (<i>Hancornia speciosa</i>), da fam. das apocináceas, com látex de que se faz borracha rosada, madeira vermelha, rija, folhas ger. elípticas e flores grandes, brancas, tubulosas [Nativa do Peru, Brasil (da Amazônia ao Nordeste, Espírito Santo, Minas Gerais e Centro-Oeste) e Paraguai, tem algumas variedades, todas com frutos conhecidos como mangaba, esférico e amarelado é comestível, servindo para a confecção de doces e um vinho muito apreciado; Variedade dessa árvore, de porte menor, muito pubescente e de folhas maiores.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	MODALIDADE DE TRADUÇÃO
<p>“[...] Estas últimas formações, silurianas talvez, cobrem de todo as demais à medida que se caminha para NE e apropriam-se a contornos mais corretos. Esclarecem a gênese dos tabuleiros rasos, que se desatam, cobertos de uma vegetação resistente, de mangabeiras, até Jeremoabo. . [...]”.</p>	<p>“[...] Estas últimas formaciones, silúricas quizá, cubren completamente a las demás a medida que se marcha hacia el NE y se asimilan a contornos más correctos. Esclarecen la génesis de los llanos rasos que se desatan, cubiertos de una vegetación resistente, de mangabeiras, hasta Jeremoabo. [...]”. (p. 14)</p>	Empréstimo
<p>“[...] As árvores escasseiam. Dominando a vegetação inteira, quase exclusivos em certos trechos, enredam-se, em todos os pontos, mirrados arbúsculos de mangabeiras, único vegetal que ali medra sem decair, graças ao látex protetor que lhe permite, depois das soalheiras e das queimadas, cobrir de folhas e de flores os troncos carbonizados, à volta das estações propicias. [...]”.</p>	<p>“[...] Los árboles escasean. Dominando la vegetación, casi exclusivos en ciertos tramos, se ven arbustos de mangabeiras, único vegetal que puede medrar allí sin morir, gracias al látex protector que le permite, después de los soles y los incendios, cubrir de hojas y de flores sus troncos carbonizados, cuando vuelven las estaciones propicias [...]”. (200)</p>	Empréstimo

Mari

PORTUGUÊS		ESPANHOL
mari		mari
DEFINIÇÃO		
s. f. o mesmo que marizeiro ou marizeira. De origem tupi, oriundo do <i>umari</i> ou <i>ymari</i> , ou ainda, <i>y-mari</i> , uqe significac “árvore que verte água”.		Ø
ABONAÇÕES		
PORTUGUÊS	ESPANHOL	MODALIDADE DE TRADUÇÃO
“[...] O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum, ouricuri virente, a mari elegante, a quixaba de frutos pequeninos, alimentam-no a fartar; as palmatórias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás - sustentam-lhe o cavalo [...]”	“[...] El <i>umbu</i> le da la escasa sombra de sus últimas hojas, el <i>araticum</i> , el <i>ouricuri</i> verde, la mari elegante, la <i>quixába</i> de frutos pequeñitos, lo alimentaban hasta el hartazgo las palmatorias desnudas en combustión rápida de sus numerosas espinas, los <i>mandacarus</i> tallados a facón o las hojas de los <i>juás</i> sustentan a su caballo [...]”. (p. 160)	Empréstimo

Maritaca

PORTUGUÊS		ESPANHOL
maritacas		maritacas
DEFINIÇÃO		
s. f. o mesmo que “jandaia”, espécie de periquito comum na região Nordeste; maitaca; periquito-maracanã		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
“[...] Num tumultuar de desencontrados vôos passam, em bandos, as pombas bravas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes... [...]”	“[...] En un tumulto de vuelos desencontrados pasan, en bandadas, las palomas silvestres que emigran, y ruedan las turbas turbulentas de las maritacas estridentes... [...]” (p. 34)	Empréstimo

Marizeiro

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
marizeiros marizeiras	mariseiros

DEFINIÇÃO

s. f. Planta da família das leguminosas papilionáceas (<i>geofraea superba</i>) também chamada mari. Árvore alta, produz frutos que, embora de sabor desagradável, servem de alimento para o sesrtanejo nordestino. Na entrada do inverno pressagia a chegada das chuvascom o porejar das cascas ressequidas.	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves [...]”	“[...] echan brotes los mariseiros cuyas ramas resuenan al paso de la brisa [...]”. (p. 32)	Decalque
“[...] refrondam os marizeiros raros - misteriosas árvores que pressagiam a volta das chuvas e das épocas aneladas do "verde" e o termo da “magrém” - quando, em pleno flagelar da seca, Ihes porejam na casca ressequida dos troncos algumas gotas d'água [...]”.	“[...] trepan por los escasos mariseiros , —misteriosos árboles que presagian la vuelta de las lluvias y de las anheladas épocas del <i>verde</i> o el término de la <i>magrem</i> * — cuando el flagelo de la sequía está en su plenitud, transpiran en la cáscara reseca de los árboles, algunas gotas de agua [...]”. (p. 33)	Decalque
“[...] A casca das marizeiras não transuda, prenunciando-as. O nordeste persiste intenso, rolando, pelas chapadas, zunindo em prolongações uivadas na galhada estrepitante das caatingas e o Sol alastra, reverberando no firmamento claro, os incêndios inextinguíveis da canícula. [...]”.	“[...] La cáscara de los mariseiros no trasuda anunciándolas. El nordeste persiste intenso, soplando por las planicies, y el sol, reverberando en el firmamento claro, alienta el incendio inextinguible de la canícula. [...]”. (p. 90)	Decalque

Mocó

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
<p>mocós mocó</p>	<p>mocós rata de campo</p>

DEFINIÇÃO

<p>s. m. roedor da fam. dos caviídeos (<i>Kerodon rupestris</i>), encontrado em áreas pedregosas do Leste do Brasil (do PI até MG), do tamanho aproximado de um preá (<i>Cavia</i>), ger. um pouco maior, cauda ausente ou vestigial, e pelagem cinzenta. É us. como alimento, esp. no Nordeste.</p>	<p>Ø</p>
--	----------

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares, nas luras dos fragedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novinhos desgarrados... [...]”</p>	<p>“[...] las <i>suçuaranas</i>, aterrando a los mocós que hacen pareja para anidar en las cuevas de piedra, saltan alegres en los altos pastos, antes de caer en las trampas traicioneras, preparadas para los venados ariscos o los novillos escapados... [...]”. (p. 34)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Origina o incidente mais trivial - o súbito vôo rasteiro de uma araquã ou a corrida de um mocó esquivo [...]”</p>	<p>Se origina en el incidente más trivial, puede ser el paso de una araña o la corrida de una rata de campo. [...]”. (p. 84)</p>	<p>Adaptação</p>

Muar

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
muares	Ø mulas

DEFINIÇÃO

<i>s. m.</i> animal pertencente a raça do <i>mulo</i> produto do cruzamento do jumento com a égua, ou do cavalo com a jumenta; burro, jumento, asno.	<i>s. f.</i> Hijo de caballo y burra o de asno y yegua, casi siempre estéril.
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Seguiam devagar, sem aprumo, empurradas pelos canhões onde se revezavam soldados ofegantes em auxílio aos muares impotentes à tração vingando aqueles declives. [...]”	“[...] Seguían sin aplomo, empujadas por los cañones sostenidos a su vez por soldados sin aliento, auxiliando a las máquinas impotentes a vencer esos declives. [...]” (p. 174)	Omissão
“[...] Tirante este incidente o dia passou em completa paz, tendo vindo à tarde um correio de Monte Santo e cavalos para o esquadrão que até ali viajara em muares imprestáveis. [...]”	“[...] Salvo ese incidente, el día pasó en completa paz, habiendo llegado a la tarde un correo de Monte Santo y caballos para el escuadrón que hasta allí había viajado en mulas inservibles. [...]” (p. 202)	Tradução palavra por palavra
“[...] Estes, entretanto, mal podiam prosseguir. Reduziam-se. Um a um tombavam os soldados da guarnição estoica. Feridos ou espantados, os muares da tração empacavam; torciam de rumo [...]”	“[...] Estos apenas podían seguir. Se reducían. Uno a uno iban cayendo los soldados de la guarnición estoica. Heridas o espantadas, las mulas de tracción se resistían, torcían el rumbo, imposibilitaban la marcha. [...]” (p. 222)	Tradução palavra por palavra
“[...] As brigadas abalaram, deixando de todo esquecido, ao longe, o comboio desguarnecido por completo, porque os seus soldados, já arcando sob grandes fardos, já auxiliando os raros muares que ainda suportavam as cargas, estavam nas mais impróprias condições para o mais ligeiro recontro. [...]”	“[...] Las brigadas se olvidaron totalmente del convoy desguarnecido, allá a lo lejos, con sus soldados arqueados bajo los grandes fardos, apenas auxiliados por las pocas mulas que todavía soportaban las cargas, en las condiciones más improprias para librar el más ligero encuentro. [...]” (p. 248)	Tradução palavra por palavra

<p>“[...] As duas companhias do 25.º Batalhão suportaram valentemente o choque. Desenvolvendo-se em atiradores avançaram, disparando, ao acaso, as armas - enquanto as duas brigadas, que as precediam, se abriram para que passasse a bateria. Esta, jogada violentamente para a frente, arrastada, mais a pulso que pelos muares exaustos e espantados, passou entre elas, em acelerado, ruidosamente. Subiu o cômodo fronteiro. [...]”.</p>	<p>“[...] Las dos compañías del batallón 25º soportaron valientemente el choque. Mientras disparaban al azar sus armas, las dos brigadas se abrieron para dar paso a la batería. Esta, llevada al frente, arrastrada más a mano que por las mulas cansadas y asustadas, pasó ruidosamente. Subió a la cumbre más cercana y se alineó en batalla allá arriba. [...]” (p. 251)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
<p>“[...] Agrupando-se ao acaso em simulacros de formatura; arrastando fardos e cadáveres; retirando os muares, cujas patas entaloadas eram ameaça permanente aos feridos que lhes rastejavam aos pés, não teve esforços convergentes e úteis. [...]”.</p>	<p>“[...] se agrupaban al azar en simulacros de formaciones, arrastraban fardos y cadáveres, retiraban las mulas cuyas patas eran una amenaza permanente para los heridos que se arrastraban a sus pies. Pero no hubo esfuerzos convergentes y útiles. [...]” (p.272)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
<p>“[...] A estância desolada animava-se por algumas horas. Armavam-se redes pelos quartos exíguos, na saleta sem soalho e fora, nos troncos das árvores do terreiro; amarravam-se os muares nas estacas cruzadas do curral deserto. [...]”.</p>	<p>“[...] El rancho desolado se animaba durante algunas horas. Se armaban redes en los cuartos exiguos, en la sala sin piso, y afuera, en los troncos de los árboles del patio, se ataban las mulas en las estacas del corral desierto. [...]” (p. 303)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
<p>“[...] Os cargueiros, animais imprestáveis, velhos e cansados, muares refugados das carroças da Bahia e tropeiros improvisados - rengueavam, tropeçando pelos caminhos, imobilizando os batalhões, e remorando a avançada. [...]”.</p>	<p>“[...] Los cargueros, animales viejos y cansados, mulas escapadas de las carrozas de Bahía y troperos improvisados rengueaban, tropezaban por los caminos, inmovilizaban a los batallones y demoraban el avance. [...]” (p. 315)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
<p>“[...] O marechal Bittencourt, indiferente a tudo isto - impassível dentro da impaciência geral -, organizava comboios e comprava muares... [...]”.</p>	<p>“[...] El mariscal Bittencourt, indiferente a todo esto —imposible dentro de la impaciencia general— organizaba convoyes y compraba mulas. [...]” (p. 321)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>
<p>“[...] e em certo dia de agosto 20 muares da artilharia foram capturados, apesar de estarem sob a guarda de um batalhão aguerrido, o 5.º de Linha, sobre o qual se fez carga da importância da presa. [...]”.</p>	<p>“[...] y cierto día de agosto, 20 mulas de la artillería fueron capturadas, a pesar de estar bajo la protección de un batallón aguerrido, el 5º de línea, sobre el cual cargaron de acuerdo con la importancia de la presa deseada. [...]” (p. 323)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>

Mulungu

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
mulungus	Ø

DEFINIÇÃO

<p>s. m. design. comum a diversas árvores do gên <i>Erythrina</i>, da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, de flores vermelhas ou cor de laranja, muito cultivadas como ornamentais e sombreiras; mulunguzeiro; árvore de até 20 m (<i>Erythrina falcata</i>), com madeira branca, folhas trifolioladas, flores escarlates e vagens lineares, nativa do Brasil (MG, RJ, SP) e muito cultivada como ornamental; bico-de-papagaio, canivete, ceibo, ceipó, corticeiro-do-mato, sanandu, sananduí, sapatinho-de-judeu, seibo, suinã; árvore (<i>Erythrina speciosa</i>) com folhas trifolioladas e flores vermelhas, nativa do Brasil (MG, SP), us. para sombrear cacauzeiros, para extração de celulose e por propriedades antitussígenas e soníferas; amansa-senhor, canivete, capa-homem, mubungu (ANG), murupaúba, muxoxo, muxoxo-vermelho, pau-imortal, sapatinho-de-judeu, suinã; árvore de até 5 m (<i>Erythrina suberifera</i>), nativa da África tropical, com tronco revestido de acúleos, espessa camada suberosa e folhas caducas.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Os mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias, estafolhas; as caraíbas e baraúnas altas refrondescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves; [...]”.</p>	<p>“[...] Las juremas, predilectas de los <i>caboclos</i> —es su hachís, les proporciona púrpura de sus flores sin esperar a las hojas; las <i>caraíbas</i> y <i>baraúnas</i> altas se recrean en las márgenes de los arroyos; echan brotes los <i>mariseiros</i> cuyas ramas resuenan al paso de la brisa; [...]” (p. 32)</p>	Omissão + Erro

Mumbica

PORTUGUÊS		ESPAÑHOL
mumbica		becerro
DEFINIÇÃO		
<i>s. m.</i> bezerro magro, raquíto, sem trato.		<i>s. m.</i> Cría de la vaca hasta que cumple uno o dos años o poco más; novillo (res vacuna).
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	Modulação
“[...] Vai dali mesmo contando as peças destinadas à feira; considera, aqui, um velho boi que ele conhece há dez anos e nunca levou à feira, mercê de uma amizade antiga; além, um mumbica claudicante, em cujo flanco se enterra estrepe agudo, que é preciso arrancar [...]”.	“[...]Allí mismo va contando los animales destinados a la feria, considera el caso de un viejo buey que ya tiene diez años y nunca fue llevado a la feria gracias a una antigua amistad; más allá, un becerro claudicante muge porque se hunde en un desnivel y hay que sacarlo [...]”.(p. 84)	

Murici

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
murici	murici

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> design. comum a plantas da fam. das <i>malpighiáceas</i>, esp. algumas árvores e arbustos do gên. <i>Byrsonima</i>, de frutos comestíveis; muricizeiro; baga-de-pombo (<i>Byrsonima ligustrifolia</i>); fruteira-de-perdiz (<i>Byrsonima variabilis</i>); o fruto destas plantas; árvore (<i>Vochysia goeldii</i>) da fam. das voquisiáceas, nativa do Brasil (RJ), de folhas tomentosas, flores amarelas e cápsulas lenhosas</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Não deliberava. A um oficial, que ansiosamente o interpelara sobre aquele transe, respondera com humorismo triste, rimando um dito popular do Norte: “É tempo de murici cada um cuide de si...” [...].”</p>	<p>“[...] No deliberada. A un oficial que ansiosamente lo interpeló sobre ese transe, le había respondido con triste humorismo, rimando un dicho popular del Norte: “<i>E tempo de murici cada um cuide de si...</i>” [...].” (p. 219)</p>	Empréstimo

O o

Oiticica

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
oiticica	oiticica

DEFINIÇÃO

<p><i>s. f.</i> árvore da família das rosáceas (<i>Licania rigida</i>), nativa no Nordeste. Alta (até 15 m) de porte majestoso, tem tronco grosso e muito ramificado, formando enorme copa. Suas folhas, perenes, são alternas, grandes e largas. Suas flores, amarelas, dispõem-se em panículas (inflorescências em cacho). Seu fruto é uma drupa (baga) ovalada, de cor verde, encerrando semente rica em óleo secante, explorado na indústria de tintas e vernizes. Com seus ramos de densas folhagens cobrem-se as casas rústicas e as latadas.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] O forajido, porém, emérito batedor de matas, seguido na fuga por uma irmã, iludiu por algum tempo a escolta perseguidora chefiada por Pedro Martins Veras; e no sítio da Passagem, perto de Quixeramobim, ocultou-se exausto, numa choupana abandonada, coberta de ramos de oiticica. [...]”.</p>	<p>“[...] Pero el forajido, gran conocedor de los montes, seguido en su fuga por una hermana, pudo eludir durante algún tiempo la persecución comandada por Pedro Martins Veras. En el sitio de “Passagem”, cerca de Quixeramobim se ocultó, exausto, en un rancho abandonado cubierto de ramas de <i>oiticica</i>. [...]”. (p. 102)</p>	Empréstimo

Ouricuri

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
ouriuris	ouricuris

DEFINIÇÃO

<p>s. m. de etimologia tupi <i>uriku'ri</i> ou <i>uliku'ri</i> palmeira de até 10 m (<i>Syagrus coronata</i>), nativa do Brasil (PI, PE a MG), de estipe com cicatrizes dos pecíolos em espiral e de cuja medula se produz farinha, folhas penatífidas, que servem como cobertura e para extração de fibras us. em chapéus, e frutos globosos, de tom ocre escuro comestíveis, us. Como ração, para extrair cera e o óleo da semente, que cura feridas produzidas por arraias. Possui algumas variações como aricuri, aricurí, alicuri, iricuri, oricuri, oriucuri, nicuri, licuri, dicori, dicuri; possui também alguns sinônimos como ouricurizeiro, coqueiro dicori etc. var. <i>aricuri</i>, <i>aricuí</i>, <i>alicuri</i>, <i>iricuri</i>, <i>oricuri</i>, <i>orucuri</i>, <i>urucuri</i>, <i>nicuri</i>, <i>licuri</i>, <i>dicori</i>, <i>dicuri</i>,.</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum, ouricuri virente, a mari elegante, a quixaba de frutos pequeninos, alimentam-no a fartar; as palmatorias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás - sustentam-lhe o cavalo; os últimos lhe dão ainda a cobertura para o rancho provisório; os caroás fibrosos fazem-se cordas flexíveis e resistentes... [...]”.</p>	<p>“[...] El <i>umbu</i> le da la escasa sombra de sus últimas hojas, el <i>araticum</i>, el ouricuri verde, la <i>mari</i> elegante, la <i>quixába</i> de frutos pequeñitos, lo alimentaban hasta el hartazgo, las palmatorias desnudas en combustión rápida de sus numerosas espinas, los <i>mandacarus</i> tallados a facón o las hojas de los <i>juás</i> sustentan a su caballo; asimismo, estos últimos le dan cobertura para el rancho provisorio; los <i>caroás</i> fibrosos le dan cuerdas flexibles y resistentes... [...]” (p. 160)</p>	Empréstimo
<p>“[...] assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix; mais virentes, adensam-se os icozeiros pelas várzeas, sob o ondular festivo das copas dos ouricuris [...]”.</p>	<p>“[...] asoman vivaces, disimulando los tajos de las quebradas, las <i>quixabeiras</i> de hojas pequeñísimas y frutos que recuerdan cuentas de ónix; más verdes, se adensan los <i>icozeiros</i> bajo el ondular festivo de las copas de los ouricuris [...]” (p. 32)</p>	Empréstimo

“[...] derruba os estípites dos ouricuris e rala-os, amassa-os, cozinha-os, fazendo um pão sinistro, o "bró", que incha os ventres num enfarte ilusório, empanzinando o faminto [...]”.	“[...] derriba los troncos de los <i>ouricuris</i> y los ralla, los amasa y los cocina haciendo un pan, el <i>bró</i> , que le hincha el vientre en una hartura ilusoria, empachando al hambriento [...]”. (p. 89)	Empréstimo
--	--	------------

Ouricuri

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
ouriuris	ouricuris

DEFINIÇÃO

<i>s. m.</i> fruto do Ouricuri ou ouricurizeiro. formato globoso, de tom ocre-escuro, comestíveis, us. como ração, para extrair cera e o óleo da semente, que cura feridas produzidas por arraias. Ver também Coco de ouricuri.	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Quase sempre, depois de expugnar a casa, o soldado faminto não se forrava à ânsia de almoçar, afinal, em Canudos. Esquadrinhava os jirais suspensos. Ali estavam carnes secas ao sol; cuias cheias de paçoca, a farinha de guerra do sertanejo; aiós repletos de ouricuris saborosos. A um canto os bogós transudantes, túmidos de água cristalina e fresca. Não havia resistir. [...]”.	“[...] Casi siempre, después de vencer una casa, el soldado hambriento no vencía su ansia de almorzar, finalmente, en Canudos. Buscaba en los ganchos colgados. Había carne seca al sol; sacos llenos de harina, bolsas repletas de ouricuris sabrosos. En un rincón, una vasija húmeda de agua fresca y cristalina. No podía resistir. [...]”. (p. 214)	Empréstimo
“[...] Pululavam rosários de toda a espécie, dos mais simples, de contas policrômicas de vidro, aos mais caprichosos, feitos de ouricuris [...]”.	“[...] Pululaban rosarios de todo tipo, desde los más simples, de cuentas de vidrio, hasta los más caprichosos, hechos de ouricuris [...]”. (p. 364)	Empréstimo

Ouricurizeiro

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
ouricurizeiros	ouricurizeiros <i>ouricuriseiros</i> ,

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> Planta da família das palmeiras (<i>Syagrus coronata</i>), também chamado ouricuri., vegeta principalmente nas regiões secas do Nordeste. Tem uma estípite (caule de palmeira) de seis a dez metros de altura, recoberto com a base das folhas velhas. As folhas penatífides (formato de penas), medem mais ou menos 3 metros. Seus frutos, os ouricuris, são drupas pequenas, amareladas quando maduras, com escamas na base, comestíveis de sabor agradável..</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Intercorrem ainda paragens menos estéreis, e nos trechos em que se operou a decomposição <i>in situ</i> do granito, originando algumas manchas argilosas, as copas virentes dos ouricurizeiros circuitam - parêntesis breves abertos na aridez geral - as bordas das ipueiras. [...]”.</p>	<p>“[...] Aún aparecen parajes menos estériles y en los lugares donde se operó una descomposición <i>in situ</i> del granito, originando algunas manchas arcillosas, las copas verdes de los <i>ouricurizeiros</i> rodean —breves parêntesis abiertos en la aridez general — las orillas de las <i>ipueiras</i>. [...]” (p. 12)</p>	Empréstimo
<p>“[...] E a vasta família, revestindo todos os aspectos, decai, a pouco e pouco, até aos quipás reptantes, espinhosos, humílimos, trançados sobre a terra à maneira de espartos de um capacho dilacerador; às ripsalides serpeantes, flexuosas, como víboras verdes pelos ramos, de parceria com os frágeis cactos epifitas, de um glauco empalecido, presos por adligantes aos estipites dos ouricurizeiros, fugindo do solo bárbaro para o remanso da copa da palmeira. [...]”.</p>	<p>“[...] Y la vasta familia capaz de adquirir todos los aspectos, va decayendo poco a poco, hasta los <i>quipás</i> reptantes, espinhosos, humildísimos, aferrados a la tierra como fibras de una alfombra humillada; las ramas serpeantes, flexibles como víboras verdes por el suelo, amigándose con los frágeiles <i>ouricuriseiros</i>, huyendo del suelo bárbaro en busca del remanso de la copa de la palmera. [...]” (p. 31)</p>	Decalque

<p>“[...] pelo Cansação, lugarejo minúsculo - uma dúzia de casas cingidas de poeiras -, pela Serra-Branca, lembrando uma rancharia de tropeiros, de aspecto festivo, ensombrada de ouricurizeiros apendoados; [...]”.</p>	<p>“[...] por Cansação, lugarejo minúsculo, una decena de casuchas; por Serra Branca, que parecía una ranchería de troperos, de aspecto festivo, bajo la sombra de los <i>ouricurizeiros</i>; [...]” (p. 307)</p>	<p>Empréstimo</p>
--	---	-------------------

P p

Palma

PORTUGUÊS	ESPANHOL
palmas	palmas

DEFINIÇÃO

s. f. ramo ou folha de plantas...	s. f. palmera (árbol); Hoja de la palmera; Cada una de las plantas angiospermas monocotiledóneas, siempre verdes, de tallo leñoso, sin ramas, recto y coronado por un penacho de grandes hojas que se parten en lacinias y se renuevan anualmente, dejando sobre el tronco la base del pecíolo. Tienen flores axilares en espiga, generalmente dioicas y muy numerosas, y fruto en drupa o baya con una semilla; p. ej., la palmera, el cocotero y el palmito. U. t. en pl. como taxón.
-----------------------------------	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
“[...] Aqui, ali, outras modalidades: as palmatórias-do-inferno opúntias de palmas diminutas, diabolicamente erriçadas de espinhos - com o vivo carmim das cochonilhas que alimentam; orladas de flores rutilantes, quebrando alacrememente a tristeza solene das paisagens... [...]”.	“[...] Aquí y allí hay otras modalidades: las <i>palmatorias-do-inferno</i> , palmas diminutas diabólicamente erizadas de espinas, con el vivo carmín de las cochinillas que alimentan; orladas de flores rutilantes, quebrando alegremente la tristeza solemne del paisaje... [...]”. (p. 31)	Adaptação
“[...] Os combatentes armados de velhas espingardas, de chuços de vaqueiros, de foices e varapaus, perdiam-se no grosso dos fiéis que alteavam, inermes, vultos e imagens dos santos prediletos, e palmas ressequidas retiradas dos altares. [...]”.	“[...] Los combatientes estaban armados de viejas espingardas, de picanas, facones y hoces, pero se perdían en el grueso de los fieles inermes, enarbolando imágenes de sus santos predilectos y palmas retiradas de los altares. [...]”. (p. 152)	Adaptação

Palmatória

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
palmatórias	palmas palmatórias Ø

DEFINIÇÃO

<p><i>s. f.</i> planta da família das cactáceas, género <i>Opuntia</i>, de que existem várias espécies, dentre elas a <i>Opuntia monacantha</i>. Esta bastante ramificada em cladódios carnosos, túmidos, de forma ovalada, com aréola de espinhos grandes e duros, possui flores amarelo-esverdeadas, com as divisões inferiores de tonalidade vermelha. Os frutos, bagas amarelas, piriformes são comestíveis. A palmatória vegeta nas regiões áridas do Nordeste, servindo seus cladódios para a alimentação do gado.</p>	<p>Palma: <i>s. f.</i> palmera (árbol); Hoja de la palmera; Cada una de las plantas angiospermas monocotiledóneas, siempre verdes, de tallo leñoso, sin ramas, recto y coronado por un penacho de grandes hojas que se parten en lacinias y se renuevan anualmente, dejando sobre el tronco la base del pecíolo. Tienen flores axilares en espiga, generalmente dioicas y muy numerosas, y fruto en drupa o baya con una semilla; p. ej., la palmera, el cocotero y el palmito. U. t. en pl. como taxón.</p> <p>Palmatoria: Ø</p>
--	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Pequenos arbustos, icozeiros virentes viçando em tufos intermeados de palmatórias de flores rutilantes, davam ao lugar a aparência exata de algum velho jardim em abandono. [...]”	“[...] Pequeños arbustos, <i>icozeiros</i> verdes creciendo en ramas entremezcladas con palmas de flores rutilantes, le daban al lugar la exacta apariencia de un viejo jardín abandonado. [...]” (p. 22)	Modulação
“[...] as palmatórias , despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás - sustentam-lhe o cavalo [...]”	“[...] las palmatorias desnudas en combustión rápida de sus numerosas espinas, los <i>mandacarus</i> tallados a facón o las hojas de los <i>juás</i> sustentan a su caballo [...]” (p. 160)	Empréstimo
“[...] Defrontando-as. do outro lado do rio, breve área complanada contrastava com o ondear colinas estéreis: algumas árvores esparsas, pequenos renques de palmatórias rutilantes e as ramagens virentes de seis pés de quixabeiras davam-lhe o aspecto de um jardim agreste. [...]”	“[...] Enfrentándolas, del otro lado del río, una pequeña área plana contrastaba con el ondear de las colinas estériles: algunos árboles, una pequeña hilera de rutilantes palmatorias y las ramas verdes de las <i>quixabeiras</i> le daban el aspecto de un jardín agreste. [...]” (p. 209)	Empréstimo

<p>“[...] amarravam-se os muares nas estacas cruzadas do curral deserto; estendiam-se pelas cercas frangalhos de capotes, cobertores e fardas velhas. Grupos erradios circuitavam a vivenda esquadrinhando, curiosos, a horta maltratada, de canteiros invadidos pelas palmatórias de flores rutilantes; e um ressoar quase festivo, de vozes, lembrava, um instante, a quadra feliz em que os matutos ali passavam a vida nas horas aligeiradas pela paz dos sertões. [...]”.</p>	<p>“[...] se ataban las mulas en las estacas del corral desierto; se extendían por las cercas capotes, mantas y uniformes hechos pedazos. Y un resonar casi festivo de voces, recordaba por unos instantes la época feliz en que los <i>matutos</i> pasaban allí sus horas tranquilas en la paz del sertón. [...]” (p. 303)</p>	<p>Omissão</p>
---	---	----------------

Palmatória-do-inferno

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
palmatórias-do-inferno	palmatórias-do-inferno

DEFINIÇÃO

<i>s. f.</i> Planta cactácea, do gênero <i>Opuntia</i> (<i>Opuntia salmiana</i>) que vegeta em regiões cálidas e secas. Nela vive a cochonilha, inseto de que se extrai o corante do mesmo nome.	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Aqui, ali, outras modalidades: as palmatórias-do-inferno opúntias de palmas diminutas, diabólicamente erriçadas de espinhos - com o vivo carmim das cochonilhas que alimentam; orladas de flores rutilantes, quebrando alacrememente a tristeza solene das paisagens... [...]”.	“[...] Aquí y allí hay otras modalidades: las <i>palatorias-do-inferno</i> , palmas diminutas diabólicamente erizadas de espinas, con el vivo carmín de las cochinillas que alimentan; orladas de flores rutilantes, quebrando alegremente la tristeza solemne del paisaje... [...]”. (p. 31)	Empréstimo

Pé de macambira

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
pé de macambira	planta de macambira

DEFINIÇÃO

s. m. planta da fam. das bromeliáceas (<i>Bromelia laciniosa</i>), nativa do Brasil, encontrada nas caatingas do Nordeste, de folhas verdes com linhas róseas, armadas de espinhos curvos, us. para extração de fibras ou como ração. Com ela se produz uma fécula que serve como substituto da farinha de mandioca e de suas folhas se extrai um suco que dessedenta a sede do sertanejo. O mesmo que macambira.	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] As águas que fogem no volver selvagem das torrentes, ou entre as camadas inclinadas dos xistos, ficam retidas, longo tempo, nas espadas das bromélias, aviventando-as. No pino dos verões, um pé de macambira é para o matuto sequioso um copo d’água cristalina e pura. [...]”	“[...] Las aguas que huyen en el correr salvaje de los torrentes, o entre las capas inclinadas de pizarra, quedan retenidas por largo tiempo en las membranas de las bromeliáceas, avivándolas*. Los <i>caroás</i> verdosos, de flores triunfales y elevadas; los <i>gravatás</i> y los ananás salvajes, cerrados en tortuosidades impenetrables, copian las mismas formas, hechas adrede para esos parajes estériles. [...]”. (p. 29) *En el pináculo del verano, una <i>planta de macambira</i> es para el <i>matuto</i> sediento como un vaso de agua cristalina y pura. (N. de T.). (p. 29)	Omissão + Explicação + Empréstimo + Tradução palavra por palavra

Pé de quixabeira

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
pés de quixabeiras	quixabeiras

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> o mesmo que quixabeira. Planta da família das sapotáceas (<i>Bumelia sertorum</i>) de presença comum nas caatingas do Nordeste. É árvore de meio porte, com 10m a 15m de altura, muito ramosa e copada, tendo a ponta dos galhos pendentes. As folhas alternas, são simples redondas, coriáceas. As flores brancas e pequenas, exalam agradável perfume. Os frutos, de coloração negra, igualmente pequenos, comestíveis são as quixabas. As folhas e frutos da quixabeira, na época das secas, constituem alimento para o gado.</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] O monte da Favela, ao sul, empolava-se mais alto, tendo no sopé, fronteiro à praça, alguns pés de quixabeiras, agrupados em horto selvagem. À meia encosta via-se solitária, em ruínas, a antiga casa da fazenda... [...]”.</p>	<p>“[...] Al sur, el monte de la Favela se levantaba a mayor altura y a sus pies, algunas quixabeiras se agrupaban formando un huerto salvaje. A mitad de la ladera, solitaria, en ruinas, se veía la antigua casa del establecimiento ganadero... [...]” (p. 123)</p>	Empréstimo + Implicação
<p>“[...] Defrontando-as. do outro lado do rio, breve área complanada contrastava com o ondear colinas estéreis: algumas árvores esparsas, pequenos renques de palmatórias rutilantes e as ramagens virentes de seis pés de quixabeiras davam-lhe o aspecto de um jardim agreste. [...]”.</p>	<p>“[...] Enfrentándolas, del otro lado del río, una pequeña área plana contrastaba con el ondear de las colinas estériles: algunos árboles, una pequeña hilera de rutilantes palmatorias y las ramas verdes de las quixabeiras le daban el aspecto de un jardín agreste. [...]” (p. 209)</p>	Empréstimo + Implicação

Pé de umburana

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
pés de umburanas	umburana

DEFINIÇÃO

<p>s. m. o mesmo que umburanas. árvore de até 6 m (<i>Bursera leptophloeos</i>) da fam. das burseráceas, nativa da América do Sul, de madeira branca, rija, folhas compostas alternas e penadas, flores pequenas em racemos axilares e frutos (em baga) comestíveis, com sementes de que se extrai óleo medicinal, muito frondosa; aroeira-do-sertão, emburana, imburana-brava, imburana-de-cambão, imburana-vaqueira, jamburana, umburana</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Nada denuncia o desfiladeiro breve e mascarado pelos esgalhos tortuosos dos pés de umburanas, que se alevantam perto. [...]”.</p>	<p>“[...] Nada denuncia el desfiladero oculto por la ramazón tortuosa de las umburanas que se levantan por ahí cerca [...]”.(p. 337)</p>	Empréstimo + Implicação

Q q

Queixada de canela ruiva

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
queixadas de canela ruiva	jabalíes de rubia canela

DEFINIÇÃO

<p><i>s.m.</i> Mamífero artiodátilo (<i>Tayassu pecari</i>) da fam. dos taitaçuídeos, diurno e terrestre, encontrado desde o Sul do México até o Nordeste da Argentina; com cerca de 1 m de comprimento e pelagem negra com o queixo branco; queixada; canela-ruiva, pecari, porco-do-mato, queixada-ruiva, queixo-ruivo, sabacu, tacuité, taguicati, taitaçu, tajaçu, tanhaçu, tanhocati, tiririca [Vive em bandos de até 300 indivíduos.]</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas úmidas os caíttus esquivos; passam, em varas, pelas tigüeras num estrídulo estrepitar de maxilas percutindo, os queixadas de canela ruiva [...]”.</p>	<p>“[...] Al mismo tiempo surge la fauna resistente de las <i>caatingas</i>, disparam por las cuevas húmedas los <i>caíttus</i> esquivos; pasan en manadas por las <i>tigüeras</i> con el estruendoso estrépito de maxilares que se mueven, los jabalíes de rubia canela [...]” (p.34)</p>	Empréstimo + Adaptação

Quixabeira

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
quixabeiras	quixabeiras

DEFINIÇÃO

<p>s. f. planta da família das sapotáceas (<i>Bumelia sertorum</i>) de presença comum nas caatingas do Nordeste. É árvore de meio porte, com 10m a 15m de altura, muito ramosa e copada, tendo a ponta dos galhos pendentes. As folhas alternas, são simples redondas, coriáceas. As flores brancas e pequenas, exalam agradável perfume. Os frutos, de coloração negra, igualmente pequenos, comestíveis são as quixabas. As folhas e frutos da quixabeira, na época das secas, constituem alimento para o gado.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves; assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix; mais virentes, adensam-se os icozeiros pelas várzeas, sob o ondular festivo das copas dos ouricuris: [...]”.</p>	<p>“[...] echan brotes los <i>mariseiros</i> cuyas ramas resuenan al paso de la brisa; asoman vivaces, disimulando los tajos de las quebradas, las quixabeiras de hojas pequeñísimas y frutos que recuerdan cuentas de ónix; más verdes, se adensan los <i>icozeiros</i> bajo el ondular festivo de las copas de los <i>ouricuris</i> [...]”. (p. 32)</p>	Empréstimo

Quipá

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
quipás	quipás

DEFINIÇÃO

<i>s. m.</i> planta (<i>Opuntia inamoena</i>) da fam. das cactáceas, nativa do Brasil (PB até RJ), de caule articulado, epiderme rugosa e flores solitárias; é agressiva ao tato, devido aos gloquídios que penetram na pele, suas flores são solitárias, marginais e de coloração vermelho-alaranjada; figo-da-índia, guipá, quipá	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] E a vasta família, revestindo todos os aspectos, decai, a pouco e pouco, até aos quipás reptantes, espinhosos, humílimos, trançados sobre a terra à maneira de espartos de um capacho dilacerador [...]”.	“[...] Y la vasta familia capaz de adquirir todos los aspectos, va decayendo poco a poco, hasta los quipás reptantes, espinosos, humildísimos, aferrados a la tierra como fibras de una alfombra humillada [...]”. (p. 31)	Empréstimo
“[...] Caem, presos pelos laços corredios dos quipás reptantes; ou estacam, pernas imobilizadas por fortíssimos tentáculos [...]”.	“[...] Caen enlazados por las cintas corredizas de los quipás reptantes o se traban las piernas entre fuertes tentáculos. [...]”. (p. 158)	Empréstimo

Quixaba

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
quixaba	quixaba

DEFINIÇÃO

<p>s. f. o mesmo que quixabeira. planta da família das sapotáceas (<i>Bumelia sertorum</i>) de presença comum nas caatingas do Nordeste. É árvore de meio porte, com 10m a 15m de altura, muito ramosa e copada, tendo a ponta dos galhos pendentes. As folhas alternas, são simples redondas, coriáceas. As flores brancas e pequenas, exalam agradável perfume. Os frutos, de coloração negra, igualmente pequenos, comestíveis são as quixabas. As folhas e frutos da quixabeira, na época das secas, constituem alimento para o gado.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum, ouricuri virente, a mari elegante, a quixaba de frutos pequeninos, alimentam-no a fartar; as palmatórias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás - sustentam-lhe o cavalo [...]”.</p>	<p>“[...] El <i>umbu</i> le da la escasa sombra de sus últimas hojas, el <i>araticum</i>, el <i>ouricuri</i> verde, la <i>mari</i> elegante, la quixaba de frutos pequeñitos, lo alimentaban hasta el hartazgo, las palmatorias desnudas en combustión rápida de sus numerosas espinas, los <i>mandacarus</i> tallados a facón o las hojas de los <i>juás</i> sustentan a su caballo [...]”.(p. 160)</p>	Empréstimo
<p>“[...] “Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas. [...]”.</p>	<p>“[...] “Al <i>xique-xique</i>, palmatoria, cola de zorro, <i>mandacarus</i>, <i>caroás</i>, <i>cabeça de frade</i>, <i>culumbi</i>, <i>cansação</i>, <i>favela</i>, quixaba y la respetabilísima <i>macarnbira</i>, se unió el muy conocido y temido <i>cumanã</i>, especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas. [...]”.(p.246)</p>	Empréstimo

R r

Ripsalides

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
ripsalides	ramas

DEFINIÇÃO

<p><i>s. f.</i> design. comum aos cactos do gên. <i>Rhipsalis</i>, que reúne 50 spp., nativas de regiões tropicais das Américas, esp. do Brasil, África, Madagascar e Sri Lanka, cultivadas como ornamentais, de caules ramificados e rastejantes e flores pequenas e numerosas</p>	<p><i>s. f.</i> Cada una de las partes que nacen del tronco o tallo principal de la planta y en las cuales brotan por lo común las hojas, las flores y los frutos.</p>
---	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] às ripsalides serpeantes, flexuosas, como víboras verdes pelos ramos, de parceria com os frágeis cactos epifitas, de um glauco empalecido, presos por adligantes aos estipites dos ouricurizeiros, fugindo do solo bárbaro para o remanso da copa da palmeira. [...]”.</p>	<p>“[...] las ramas serpeantes, flexibles como víboras verdes por el suelo, amigándose con los frágiles <i>ouricuriseiros</i>, huyendo del suelo bárbaro en busca del remanso de la copa de la palmera. [...]”.(p. 31)</p>	<p>Erro</p>

Rabo-de-raposa

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
rabo-de-raposa	cola de zorro

DEFINIÇÃO

<p><i>s. f.</i> planta (<i>Leocereus bahiensis</i>) da fam. das cactáceas, ereta ou escandente, com espinhos aciculares, amarelados, flores lanosas e frutos pequenos [Única sp. de seu gên., é nativa do Brasil, muito frequente na Paraíba e na Bahia, e cultivada como ornamental.]; Erva reptante (<i>Lobelia hederacea</i>) da fam. das campanuláceas, nativa do Brasil (RJ a RS), com folhas serreadas, ovadas ou elípticas, flores azuis, e bagas subglobosas [Embora seja venenosa, é muito visitada por pássaros, esp. beija-flores.]</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] “Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas. [...]”.</p>	<p>“[...] “Al <i>xique-xique</i>, palmatoria, cola de zorro, <i>mandacarus</i>, <i>caroás</i>, <i>cabeça de frade</i>, <i>culumbi</i>, <i>cansação</i>, <i>favela</i>, <i>quixaba</i> y la respetabilísima <i>macarnbira</i>, se unió el muy conocido y temido <i>cumanã</i>, especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas. [...]”.(p.246)</p>	Empréstimo + Adaptação

S s

Sapé

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
sapé	maldad

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> design. comum a algumas plantas da família das gramíneas (Imperata brasilienses), também conhecida como <i>capim-sapé</i> e <i>capimpeba</i>. O colmo, nodoso e com ramos na base, pode atingir um metro de altura. As folhas compridas e finas, são verdes quando novas e de coloração ferruginosa depois de velhas. Sua floração faz-se em panículas (cachos) densas e prateadas.</p>	<p><i>s. f.</i> del lat. malītas, -ātis. Cualidad de malo; Acción mala e injusta.</p>
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Depois - era preciso uma diversão qualquer estupidamente dramática que lhes distraísse um momento as agonias fundas! - tomando de tições em fogo chegavam-nos aos colmos de sapé. [...]”.</p>	<p>“[...] Después, como era necesario inventar una diversión estúpidamente dramática que los distrajera por algunos instantes de sus profundas agonías, tomando unos tizones llegaban al colmo de la maldad. [...]”.(p. 307)</p>	<p>Erro</p>

Sericóia

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
Sericóias	Sericóias

DEFINIÇÃO

<p><i>s.f.</i> ave pernalta da família dos ralídeos (<i>Aramide cajanea</i>) que vive e diversas regiões do Brasil habitualmente em pantanos e a beira de rios. De tamanho médio ou pequeno, te, além das longas pernas, bivo forte e comprido, e a fronte provida de penas. A plumagem é esverdeada no dorso e negra no ventre. Sua asas podem ser longas ou curtas, mas a cauda é sempre pequena e mole. Os pés providos de dedos longos e finos possibilita à ave correr por cima das plantas aquáticas e dos lamaçais. Possui canto estridente.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balseados, à fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote, brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga, derribando árvores; e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares, nas luras dos fragedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novilhos desgarrados...</p>	<p>“[...] y las <i>seriemas</i> de voces quejosas y las <i>sericóias</i> vibrantes cantando en la arboleda, a la orilla de los bañados donde van a beber y el tapir deteniéndose un instante en su trote brutal, inflexiblemente rectilíneo, derribando árboles por la <i>caatinga</i>; y las <i>suçuaranas</i>, aterrando a los <i>mocós</i> que hacen pareja para anidar en las cuevas de piedra, saltan alegres en los altos pastos, antes de caer en las trampas traicioneras, preparadas para los venados ariscos o los novillos escapados...[...]</p> (p. 34)	Empréstimo
<p>“[...] E a noite vai deslizando rápida no folguedo que se generaliza, até que as barras venham quebrando e cantem as sericóias nas ipueiras, dando o sinal de debandar ao agrupamento folgazão. [...]</p>	<p>“[...] Y la noche se va deslizando rápida en el jolgorio que se generaliza hasta que el canto de las <i>sericóias</i> en las ipueiras da la señal del desbande. [...]</p> (p. 86)	Empréstimo

Seriema

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
seriemas	seriemas

DEFINIÇÃO

<p><i>s. f.</i> Ave pernalta, da família dos cariamídeos (<i>Caraima cristata</i>) presentes no cerrado e na caatinga do Nordeste brasileiro. Mede cerca de um metro tem a cabeça grande, os olhos claros com íris violeta e o bico vermelho, apresentando na base numerosas penas estreitas, eriçadas e recurvadas para trás. Sua plumagem é de coloração pardo acinzentada, com o ventre mais claro que o dorso. As asas e os dedos são pequenos. Por alimentar-se, dentre vários pequenos animais, de gafanhotos, roedores e até de cobras, é considerada muito útil em fazendas. Tem canto característico por demais conhecido dos sertanejos.</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos baledos, à fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote, brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga, derribando árvores;	y las seriemas de voces quejosas y las sericóias vibrantes cantando en la arboleda, a la orilla de los bañados donde van a beber y el tapir deteniéndose un instante en su trote brutal, inflexiblemente rectilíneo, derribando árboles por la <i>caatinga</i> ; (p. 34)	Empréstimo
A natureza não o combate apenas com o deserto. Povo-a, contrastando com a fuga das seriemas , que emigram para outros “tabuleiros”, e jandaias, que fogem para o litoral remoto, uma fauna cruel. Miríades de morcegos agravam a “magrém”, abatendo-se sobre o gado, dizimando-o.	La naturaleza no lo combate sólo con el desierto. En contraste con la fuga de las seriemas que emigran, y de las jandaias que huyen hacia el remoto litoral, puebla ese desierto con una fauna cruel. Miríadas de murciélagos se abaten sobre el ganado, diezmándolo. (p. 89)	Empréstimo

Suçuarana

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
suçuaranas suçuarana	suçuaranas suçuarana Ø

DEFINIÇÃO

<p>s. f. mamífero carnívoro da fam. dos felídeos (<i>Puma concolor</i>, <i>Felis concolor</i>), encontrado do Canadá à Patagônia, em uma grande variedade de ambientes principalmente matas densas e campos de mácegas; de grande porte (cerca de 1,20m de corpo e 60 cm de cauda) e aproximadamente 65 cm de altura, cabeça relativamente pequena, pelagem dorsal marrom clara e uniforme, podendo apresentar grande variação de tonalidade, partes inferiores esbranquiçadas, focinho ao redor da boca branco e cauda de ponta anegrada; jaguaruna, leão-baio, onça-parda, onça-vermelha, puma.</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balseados, à fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote, brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga, derribando árvores; e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares, nas luras dos fragedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novinhos desgarrados...</p>	<p>“[...] y las <i>seriemas</i> de voces quejosas y las <i>sericóias</i> vibrantes cantando en la arboleda, a la orilla de los bañados donde van a beber y el tapir deteniéndose un instante en su trote brutal, inflexiblemente rectilíneo, derribando árboles por la <i>caatinga</i>; y las suçuaranas, aterrando a los <i>mocós</i> que hacen pareja para anidar en las cuevas de piedra, saltan alegres en los altos pastos, antes de caer en las trampas traicioneras, preparadas para los venados ariscos o los novillos escapados...[...].” (p. 34)</p>	Empréstimos

<p>“[...] Apenas, de longe em longe, nas raras encamisadas em que aos descantes da viola o matuto deslembra as horas fatigadas, surge uma novidade - um colete vistoso de pele de gato do mato ou de suçuarana, com o pelo mosqueado virado para fora, ou uma bromélia rubra e álacre fincada no chapéu de couro. [...]”</p>	<p>“[...] Apenas, de tanto en tanto, en las escasas fiestas en que el <i>matuto</i> olvida sus pesares escuchando la guitarra surge una novedad, un chaleco vistoso de gato salvaje o de <i>suçuarana</i>, con el pelo del lado de afuera, o una bromelia rubia y fresca prendida en el sombrero de cuero. [...]”. (p. 79)</p>	<p>Empréstimos</p>
<p>“[...] À noite, a suçuarana traíçoeira e ladra, que lhe rouba os bezerros e os novilhos, vem beirar a sua lancharia pobre. [...]”</p>	<p>“[...] Por las noches, la <i>suçuarana</i> traicionera y ladrona que le roba los becerros y los novillos, se asoma a su pobre rancho. [...]”. (p. 90)</p>	<p>Empréstimos</p>
<p>“[...] Bem armados, bem montados, encaçaram-no, prestes, em monteria bárbara, como se fossem sobre rastros de suçuarana bravia. [...]”</p>	<p>“[...] Bien armados, bien montados, en cacería bárbara, siguieron sus rastros como si fueran los de una <i>suçuarana</i> bravia. [...]”. (p. 102)</p>	<p>Empréstimos</p>
<p>“[...] Ladeia-o o afoito Pajeú, rosto de bronze vincado de apófises duras, mal apumado o arcabouço atlético. Estático, mãos postas, volve, como as suçuaranas em noite de luar, olhar absorto para os céus. [...]”</p>	<p>“[...] A su lado, el audaz Pajeú, rostro de bronce anguloso y duro, inclinando el tórax atlético. Extático, las manos caídas, el mirar absorto en los cielos. [...]”. (p. 133)</p>	<p>Omissão</p>
<p>“[...] E se é preciso avançar a despeito da noite, e o olhar afogado no escuro apenas lobriga a fosforescência azulada das cumanãs dependurando-se pelos galhos como grinaldas fantásticas, basta-lhe partir e acender um ramo verde de candombá e agitar pelas veredas, espantando as suçuaranas deslumbradas, um archote fulgurante. [...]”.</p>	<p>“[...] Y si es necesario avanzar a despecho de la noche, y la mirada ahogada en la oscuridad, apenas descubre la fosforescencia azulada de las <i>cumanás</i>, colgando de las ramas como guirnaldas fantásticas, le basta con partir y encender una rama verde de <i>candombá</i> y agitarla por los caminos, espantando a las <i>suçuaranas</i> deslumbradas con antorcha fulgurante...[...].” (p. 160)</p>	<p>Empréstimos</p>
<p>“[...] Porque a envergadura de ferro de um exército, depois de o abalar e desarticular todo, esmagando-o, tornando-o montão informe de adobes e madeiras roliças, se sentia inopinadamente manietada, presa entre tabiques vacilantes de pau a pique e cipós, à maneira de uma suçuarana inexperta agitando-se, vigorosa e inútil, nas malhas de armadilha bem feita. [...]”</p>	<p>“[...] Porque la envergadura de un ejército, después de destruir todo, quedaba maniatada, aprisionada entre los tabiques vacilantes de palo-a-pique y <i>cipó</i>, a la manera de una <i>suçuarana</i> inexperta agitándose, vigorosa e inútil, en las mallas de una trampa bien hecha. [...]”. (p. 213)</p>	<p>Empréstimos</p>
<p>“[...] Por ali ficam, patenteando, por vezes, singulares aparências de vida: as suçuaranas - que não puderam vingar, demandando outras paragens, o círculo incandescente das secas - contorcidas, garras fincadas no chão, como em saltos paralisados [...]”</p>	<p>“[...] Parecen reflejar singulares apariencias de vida: las <i>suçuaranas</i> que no pudieron escapar hacia otros parajes, retorcidas, las garras fijas al suelo como en un salto paralizado [...]”. (p. 305)</p>	<p>Empréstimos</p>

Sucuri

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
sucuri	sucuri

DEFINIÇÃO

<p>s. f. cobra da fam. dos boídeos (<i>Eunectes murinus</i>), encontrada do Norte da América do Sul até a Bolívia e Paraguai, de coloração marrom, verde ou olivácea, com grandes manchas pretas arredondadas; é a maior serpente do mundo, podendo alcançar cerca de 15 m de comprimento, e vive à beira da água ou mergulhada em rios e lagoas, onde se alimenta de vertebrados de tamanhos variados, que são mortos ger. por constrição [sin.: anaconda, arigbóia, boiaçu, boiçu, boiguaçu, boioçu, boitiapóia, boiuçu, boiúna, sucuriju, sucurijuba, sucuriú, sucuruju, sucurujuba, viborão]</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Era a luta da sucuri flexuosa com o touro pujante. Laçada a presa, distendia os anéis [...]	“[...] Era la lucha de la sucuri con el toro fuerte. Enlazada la presa, distendía los anillos [...]”. (p. 273)	Empréstimo

T t

Taboca

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
tabocas	Ø
DEFINIÇÃO	
<i>s. f.</i> angios. Taquara ('designação comum').	Ø

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Delongava-se anormal, sem o intermitir das descargas intervaladas, o tiroteio cerrado e vivo, crepitando num estrepitar estrídulo de tabocas estourando nos taquarais em fogo. De sorte que por vezes pairava no ânimo dos que o escutavam, ansiosos, o pensamento de uma surtida feliz dos sertanejos, saindo pelas tranqueiras rotas ao norte. Os ecos dos estampidos, variando de rumos, torcidos em ricochete pelos flancos das colinas, subindo de intensidade no nevoeiro compacto, desviavam-se. Estalavam-lhes perto, à direita e à retaguarda, dando a ilusão de um ataque do inimigo escapo e precipitando-se, em tropel, num revide repentino. Trocavam-se ordens precipites. Formavam-se os corpos de reserva. Cruzavam-se inquirições comovidas... [...]”</p>	<p>“[...] Se prolongaba anormalmente, sin la intervención de descargas o de tiroteos cerrados, de modo que, a veces, el ánimo de los que escuchaban ansiosos, decaía pensando en una salida de los sertanejos por las rutas del norte. Además, los ecos de los estampidos a veces sonaban a la derecha y a retaguardia, dando la idea de un ataque del enemigo en una revancha repentina. Se intercambiaban órdenes precipitadas. Se formaban los cuerpos de reserva. Se cruzaban preguntas conmovidas... [...]”. (p. 350)</p>	Omissão

Tapir

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
tapir	tapir

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> design. comum aos mamíferos da fam. dos tapirídeos (<i>Tapirus americanus</i>), unglado (que possui cascos) de corpo pesado, membros curtos, os anteriores dotados de quatro dedos e os posteriores de três, todos terminados em pequenos cascos, cauda muito curta e focinho longo e flexível. O couro espesso é revestido de pelo liso, curto e de coloração pardo-escura. É a mesma anta que habita a mata brasileira. Chega a alcançar dois metros de comprimento e 1 de altura com um peso de até 180 kg. O tapir vive nas matas, nas proximidades de rios e lagoas, alimentando-se de folhas e frutos silvestres.</p>	<p><i>s. m.</i> del tupí <i>tapira</i>. Mamífero de Asia y América del Sur, del orden de los perisodáctilos, del tamaño de un jabalí, con cuatro dedos en las patas anteriores y tres en las posteriores, y la nariz prolongada en forma de pequeña trompa.</p>
---	---

ABONAÇÕES

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos baledos, à fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote, brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga, derribando árvores; e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares, nas luras dos fragedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novilhos desgarrados [...]”</p>	<p>“[...]y las <i>seriemas</i> de voces quejosas y las <i>sericóias</i> vibrantes cantando en la arboleda, a la orilla de los bañados donde van a beber y el tapir deteniéndose un instante en su trote brutal, inflexiblemente rectilíneo, derribando árboles por la <i>caatinga</i>; y las <i>sucuaranas</i>, aterrando a los <i>mocós</i> que hacen pareja para anidar en las cuevas de piedra, saltan alegres en los altos pastos, antes de caer en las trampas traicioneras, preparadas para los venados ariscos o los novillos escapados [...]”. (p. 34)</p>	<p>Tradução palavra por palavra</p>

Taquara

PORTUGUÊS	ESPANHOL
taquara	tacuara Ø

DEFINIÇÃO

<i>s. f.</i> planta gramínea, espécie de bambú (<i>Bambusa vulgaris</i>) de caule (ou colmo) cilíndrico bastante alto e apresentando uma secessão de nós entremeados por entrenós. Usado na construção de cercas balaiois, gaiolas etc.	<i>s. f.</i> Arg., Bol., Chile, Par. y Ur. Planta gramínea, especie de bambú de cañas huecas, leñosas y resistentes, que alcanzan los doce metros de altura. Se usó para fabricar astiles de lanzas.
---	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPANHOL	
“[...] E a turba fanatizada, entre vivas ao Bom Jesus e ao Conselheiro, e silvos estridentes de apitos de taquara , desdobrada, ondulante, a bandeira do Divino, erguidos para os ares os santos e as armas, seguindo empós o curiboca audaz que levava meio inclinada em aríete a grande cruz de madeira[...]”.	“[...] Y la turba fanatizada, entre vivas al "Bom Jesús" y al "Conselheiro" y silbidos estridentes con silbatos de tacuara , ondeando la bandera de lo Divino, levantando por los aires los santos y las armas, marchando tras el <i>curiboca</i> que llevaba medio inclinada, en ariete, la gran cruz de madera [...]” (p. 153)	Tradução palavra por palavra
“[...] pequenos baús de cedro; bancos e jiraus grosseiros; redes em fiapos; berços de cipó e balaiois de taquara ; jacás sem fundo; roupas de algodão, de cor indefinível; vasilhames amassados, de ferro; caqueiradas de pratos, e xícaras, e garrafas; oratórios de todos os feitos; bruacas de couro cru; alpercatas imprestáveis; candeeiros amolgados, de azeite; canos estrondados, de trabucos; lascas de ferrões ou fueiros; caxerenguengues rombos... [...]”	“[...] pequeños baúles de cedro, bancos groseros, jarras desfondadas, ropas de algodón de color indefinible, platos, botellas y tazas, oratorios de todos los santos, alpargatas, candelabros de aceite, trabucos, agujadas, cuchillos sin filo. [...]” (p. 364)	Omissão

Taquaral

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
taquarais	Ø

DEFINIÇÃO

<i>s. m.</i> plantação de taquaras; extenso aglomerado de taquaras em determinada área; tabocal, bambual, bambuzal	Ø
--	---

ABONAÇÕES

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	MODALIDADE DE TRADUÇÃO
“[...] Delongava-se anormal, sem o intermitir das descargas intervaladas, o tiroteio cerrado e vivo, crepitando num estrepitar estrídulo de tabocas estourando nos taquarais em fogo. De sorte que por vezes pairava no ânimo dos que o escutavam, ansiosos, o pensamento de uma surtida feliz dos sertanejos, saindo pelas tranqueiras rotas ao norte. Os ecos dos estampidos, variando de rumos, torcidos em ricochete pelos flancos das colinas, subindo de intensidade no nevoeiro compacto, desviavam-se. Estalavam-lhes perto, à direita e à retaguarda, dando a ilusão de um ataque do inimigo escapo e precipitando-se, em tropel, num revide repentino. Trocavam-se ordens precipites. Formavam-se os corpos de reserva. Cruzavam-se inquirições comovidas...[...].”	“[...] Se prolongaba anormalmente, sin la intervención de descargas o de tiroteos cerrados, de modo que, a veces, el ánimo de los que escuchaban ansiosos, decaía pensando en una salida de los sertanejos por las rutas del norte. Además, los ecos de los estampidos a veces sonaban a la derecha y a retaguardia, dando la idea de un ataque del enemigo en una revancha repentina. Se intercambiaban órdenes precipitadas. Se formaban los cuerpos de reserva. Se cruzaban preguntas conmovidas... [...]”. (p. 350)	Omissão

U u

Umbu

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
umbu	umbu

DEFINIÇÃO

<p><i>s. m.</i> o mesmo que umbuzeiro ou imbuzeiro. Árvore alta (<i>Spondias purpurea</i>) da fam. das anacardiáceas, de folhas imparipenadas e drupas ovóides, pequenas, avermelhadas, comestíveis, com polpa doce e aromática, de que se prepara a umbuzada; ambu, jique, taperebá [Nativa de regiões tropicais das Américas, é melífera, a casca do caule e os tubérculos das raízes têm uso medicinal, e a madeira é própria para obras internas, caixotaria e pasta para papel.]</p>	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] E reparte-as com o homem. Se não existisse o umbuzeiro aquele trato de sertão, tão estéril que nele escasseiam os carnaubais tão providencialmente dispersos nos que o convizinham até ao Ceará, estaria despovoado. O umbu é para o infeliz matuto que ali vive o mesmo que a mauritia para os garaunos dos llanos. [...]”</p>	<p>“[...] Y las reparte con el hombre. Si no existiese el <i>umbuzeiro</i>, aquel pedazo de sertón, tan estéril que en él escasean los <i>carnaubais</i> tan providencialmente dispersos hasta las vecindades de Ceará, estaría despoblado. El umbu es para el pobre <i>matuto</i> que allí vive lo mismo que la <i>mauritia</i> para los <i>garaúnos</i> de los llanos. [...]”. (p. 33)</p>	Empréstimo
<p>“[...] E falam nos “campos frios” (certamente à noite, pela irradiação intensa do solo desabrigado) cortando léguas de caatinga sem água nem caravatá que a tivesse e com raízes de umbu e mandacaru, remediando a gente” no penoso desbravar das veredas. [...]”</p>	<p>“[...] Y hablan de los "campos fríos (ciertamente a la noche por la irradiación intensa del suelo desprotegido) cortando leguas de <i>caatinga</i> sin agua ni <i>caravatá</i> que la tuviese y remediando a la gente sólo con raíces de umbu y <i>mandacaru</i>” en la penosa apertura de las picadas *. [...]”. (p. 39)</p> <p>* Carta de Pedro Barbosa Leal al Conde de Sabugosa 92.</p>	Empréstimo

<p>“[...] O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum, ouricuri virente, a mari elegante, a quixaba de frutos pequeninos, alimentam-no a fartar; as palmatórias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás - sustentam-lhe o cavalo; os últimos lhe dão ainda a cobertura para o rancho provisório; os caroás fibrosos fazem-se cordas flexíveis e resistentes... [...]”.</p>	<p>“[...] El umbu le da la escasa sombra de sus últimas hojas, el <i>araticum</i>, el <i>ouricuri</i> verde, la <i>mari</i> elegante, la <i>quixába</i> de frutos pequeñitos, lo alimentaban hasta el hartazgo, las palmatorias desnudas en combustión rápida de sus numerosas espinas, los <i>mandacarus</i> tallados a facón o las hojas de los <i>juás</i> sustentan a su caballo; asimismo, estos últimos le dan cobertura para el rancho provisorio; los <i>caroás</i> fibrosos le dan cuerdas flexibles y resistentes... [...]” (p. 160)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Como nos maus dias dos cercos lendários, rememorados em velhas crônicas, os gêneros mais vulgares adquiriam cotações fantásticas: uma raiz de umbu ou uma rapadura valiam como iguarias suntuárias. Um cigarro reles era um ideal de epicurista [...]”.</p>	<p>“[...] Como en los malos días de los sitios legendarios rememorados en antiguas crónicas, las cosas más vulgares adquirirían connotaciones fantásticas, una raíz de umbú o una <i>rapadura</i> valían como manjares suntuarios. Un cigarrillo era un ideal epicúreo. [...]” (p. 282)</p>	<p>Empréstimo</p>

Umburana

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
umburanas	umburanas

DEFINIÇÃO

s. f. árvore de até 6 m (<i>Bursera leptophloeos</i>) da fam. das burseráceas, nativa da América do Sul, de madeira branca, rija, folhas compostas alternas e penadas, flores pequenas em racemos axilares e frutos (em baga) comestíveis, com sementes de que se extrai óleo medicinal, muito frondosa; aroeira-do-sertão, emburana, imburana-brava, imburana-de-cambão, imburana-vaqueira, jamburana.	Ø
---	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas, e - dominando a revivescência geral - não já pela altura senão pelo gracioso do porte, os umbuzeiros alevantam dois metros sobre o chão, irradiantes em círculo, os galhos numerosos. [...]”.	“[...] las umburanas perfuman los aires, filtrándolos entre la fronda y dominando el renacer general, no ya por la altura sino por el gracioso porte, los umbuzeiros elevados a dos metros del suelo, irradiando en círculo, sus numerosas ramas. [...]” (p. 32)	Empréstimo
“[...] Sucodem-se manhãs sem par, em que o irradiar do levante encendido retinge a púrpura das eritrinas e destaca melhor, engrinaldando as umburanas de casca arroxeadada, os festões multicores das bignônias. [...]”.	“[...] Se suceden mañanas sin par en las que la irradiación del levante encendido tiñe de púrpura las eritrinas y destaca los festones multicores de las begonias, adornando con guirnaldas las umburanas de roja corteza. [...]” (p. 34)	Empréstimo

Umbuzeiro

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
umbuzeiros umbuzeiro	umbuzeiros Ø umbuzeiro

DEFINIÇÃO

s. m. o mesmo que imbuzeiro. Árvore alta (<i>Spondias purpurea</i>) da fam. das anacardiáceas, de folhas imparipenadas e drupas ovóides, pequenas, avermelhadas, comestíveis, com polpa doce e aromática, de que se prepara a umbuzada; ambu, jique, taperebá [Nativa de regiões tropicais das Américas, é melífera, a casca do caule e os tubérculos das raízes têm uso medicinal, e a madeira é própria para obras internas, caixotaria e pasta para papel.]	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas, e - dominando a revivescência geral - não já pela altura senão pelo gracioso do porte, os umbuzeiros alevantam dois metros sobre o chão, irradiantes em círculo, os galhos numerosos. [...]”	“[...] las <i>umburanas</i> perfuman los aires, filtrándolos entre la fronda y dominando el renacer general, no ya por la altura sino por el gracioso porte, los <i>umbuzeiros</i> elevados a dos metros del suelo, irradiando en círculo, sus numerosas ramas. [...]” (p. 32)	Empréstimo
O umbuzeiro	Ø	Omissão
“[...] E reparte-as com o homem. Se não existisse o umbuzeiro aquele trato de sertão, tão estéril que nele escasseiam os carnaubais tão providencialmente dispersos nos que o convizinham até ao Ceará, estaria despovoado. O umbu é para o infeliz matuto que ali vive o mesmo que a mauritia para os garaunos dos llanos. [...]”	“[...] Y las reparte con el hombre. Si no existiese el <i>umbuzeiro</i> , aquel pedazo de sertón, tan estéril que en él escasean los <i>carnaubais</i> tan providencialmente dispersos hasta las vecindades de Ceará, estaría despoblado. El <i>umbu</i> es para el pobre <i>matuto</i> que allí vive lo mismo que la <i>mauritía</i> para los <i>garaúnos</i> de los llanos. [...]” (p. 33)	Empréstimo

<p>“[...] mas, destacando-se, esparsos pelas chapadas, ou no bolear dos cerros, os umbuzeiros, estrelando flores alvíssimas, abrolhando em folhas, que passam em fugitivos cambiantes de um verde pálido ao róseo vivo dos rebentos novos, atraem melhor o olhar, são a nota mais feliz do cenário deslumbrante. [...]”.</p>	<p>“[...] pero todavía, destacándose, desparramados por los llanos, o salpicando los morros, los umbuzeiros, estallando en flores blanquíssimas, en hojas que pasan de un verde pálido a un rosa vivo en los brotes nuevos, atrayendo la mirada, continúan siendo la nota más feliz del deslumbrante escenario. [...]” (p. 33)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] arranca as raízes túmidas dos umbuzeiros, que lhe dessedentam os filhos, reservando para si o sumo adstringente dos cladódios do xiquexique, que enrouquece ou extinguem a voz de quem o bebe, e demasia-se em trabalhos, apelando infatigável para todos os recursos - forte e carinhoso - defendendo-se e estendendo à prole abatida e aos rebanhos confiados a energia sobre-humana. [...]”.</p>	<p>“[...] arranca las raíces húmedas de los umbuzeiros que mastican los hijos, dejando para sí el zumo de los <i>xiquexique</i> que enronquece o acaba con la voz de quien lo bebe, y se desgasta en trabajos, apelando, infatigable, a todos los recursos, defendiéndose y defendiendo a la prole abatida y al ganado confiado con su energía sobrehumana. [...]” (p. 89)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Felizmente as barrancas, esterilizadas dos enxurros, estão limpas: escassos restolhos de gramíneas; cactos esguios avultando raros, entre blocos em monte; ramalhos mortos de umbuzeiros alvejando na estonadura da seca... [...]”.</p>	<p>“[...] Felizmente, las barrancas están limpias, escasas gramíneas, algunos cactos, ramas secas de umbuzeiros blanquean por la sequía... [...]” (p. 159)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Cavavam os umbuzeiros em roda, arrancando-lhes os tubérculos túmidos; catavam cocos dos ouricuris, ou talhavam os caules moles dos mandacarus, alimentando-se de cactos que a um tempo lhes disfarçavam ou iludiam a fome e a sede. [...]”.</p>	<p>“[...] Cavaban alrededor de los umbuzeiros para arrancarles los tubérculos; tomaban los cocos de los <i>ouricuris</i> y cortaban los troncos blandos de los <i>mandacarus</i>. Se alimentaban de cactos que les engañaban a un mismo tiempo el hambre y la sed [...]” (p. 276)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Arremeteram, ao acaso, na direção de um umbuzeiro, frondente ainda. [...]”.</p>	<p>“[...] Arremetía al azar, yendo en dirección de un umbuzeiro todavía frondoso. [...]” (p. 292)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...]e desgarravam, desarraigando tubérculos de umbuzeiros, sugando os cladódios túmidos dos cardos espinescetes, catando os últimos frutos das árvores desfolhadas. [...]”.</p>	<p>“[...] Y arancando tubérculos de umbuzeiros, chupando los tallos húmedos de los cardos espinosos, bajando los últimos frutos de los árboles deshojados, se separaban del camino. [...]” (p. 302)</p>	<p>Empréstimo</p>

Urtiga

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
urtigas	ortigas

DEFINIÇÃO

<i>s. f.</i> design. comum às plantas do gên. <i>Urtica</i> , da família das urticáceas, ricas em alcaloides, em sua maioria ervas, de folhas opostas, cujas folhas são cobertos de pelos finos que, em contato com a pele, produz ardor irritante.	<i>s. f.</i> Planta herbácea de la familia de las urticáceas, con tallos prismáticos de 60 a 80 cm de altura, hojas opuestas, elípticas, agudas, aserradas por el margen y cubiertas de pelos que segregan un líquido urente, flores verdosas en racimos axilares y colgantes, las masculinas en distinto pie que las femeninas, fruto seco y comprimido, y muy común en España.
---	--

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
“[...] Aquela denominação indicava "companhias de penitentes" que à noite, nas encruzilhadas ermas, em torno das cruces misteriosas, se agrupavam, adoidadamente, numa agitação macabra de flagelantes, impondo-se o cilício dos espinhos, das urtigas e outros duros tratos de penitência. [...]”.	“[...] La denominación se refería a las compañías de penitentes que, por las noches, en las encrucijadas solitarias, en torno de cruces misteriosas, se agrupaban, como enloquecidos, en acciones macabras de flagelantes, imponiéndose el cilicio de las espinas, de las ortigas y de otros duros elementos de penitencia. [...]”. (p. 97)	Tradução palavra por palavra

X x

Xiquexiques

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
xiquexiques xiquexique	xiquexiques xiquexique xique-xique xique-xiques

DEFINIÇÃO

<p><i>s s. m.</i> design. comum a vários subarbustos ou ervas lenhosas do gên. <i>Crotalaria</i>, da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, que ocorrem, em sua maioria, no Brasil e são freq. us. como adubo verde; subarbusto anual (<i>Crotalaria retusa</i>), de folhas simples, flores amarelas, vistosas, e vagens oblongas, de distribuição tropical e us. como adubo verde; chocalho, flor-de-lagartixa, guizo-de-cascavel; subarbusto de até 2 m (<i>Crotalaria striata</i>), de flores amarelo-pálidas, em racemos terminais pêndulos, e vagens cilíndricas, nativo do Brasil (RJ, SP) e tido como um dos melhores adubos verdes; cascavelheira, chocalho-de-cascavel, guizo-de-cascavel, maracá; planta (<i>Pilocereus gounellei</i>) da fam. das cactáceas, prostrada ou ramificada, revestida de espinhos e com frutos globosos, nativa do Brasil (PE, BA); alastrado, xinane, xiquexique-do-sertão</p>	Ø
--	---

ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	
<p>“[...] Os xiquexiques (<i>cactus peruvianus</i>) são uma variante de proporções inferiores, fracionando-se em ramos ferverilhantes de espinhos, recurvos e rasteiros, recamados de flores alvíssimas. Procuram os lugares ásperos e ardentes. São os vegetais clássicos dos areais queimosos. Aprazem-se no leito abrasante das lajens graníticas feridas pelos sóis. [...]”.</p>	<p>“[...] Los xiquexiques (<i>cactus peruvianas</i>) son una variante de proporciones inferiores, que se fracciona en ramas inquietantes de espinas, curvas y rastreras, recamadas de flores blanquísimas. Buscan los sitios ásperos y calientes. Son los vegetales de los médanos quemantes. Se observan en el lecho abrasante de los riachos graníticos heridos por los soles. [...]” (p. 31)</p>	Empréstimo

<p>“[...] arranca as raízes túmidas dos umbuzeiros, que lhe dessedentam os filhos, reservando para si o sumo adstringente dos cladódios do xiquexique, que enrouquece ou extinguem a voz de quem o bebe, e demasia-se em trabalhos, apelando infatigável para todos os recursos - forte e carinhoso - defendendo-se e estendendo à prole abatida e aos rebanhos confiados a energia sobre-humana. [...]”.</p>	<p>“[...] arranca las raíces húmedas de los <i>umbuzeiros</i> que mastican los hijos, dejando para sí el zumo de los xiquexique que enronquece o acaba con la voz de quien lo bebe, y se desgasta en trabajos, apelando, infatigable, a todos los recursos, defendiéndose y defendiendo a la prole abatida y al ganado confiado con su energía sobrehumana. [...]” (p. 89)</p>	<p>Empréstimo</p>
<p>“[...] Volvem aos lados. Vê-se um como rastilho de queimada: uma linha de baionetas enfiando pelos gravetos secos. Lampeja por momentos entre os raios do sol joeirados pelas árvores sem folhas; e parte-se, faiscando, adiante, dispersa, batendo contra espessos renques de xiquexiques, unidos como quadrados cheios, de falanges, intransponíveis, fervilhando espinhos... [...]”.</p>	<p>“[...] Los rodean. Se ve como un rastro de arbustos quemados. Una línea de bayonetas enfila por los restos secos. Brilla por momentos entre los rayos del sol cernidos por los ramajes sin hojas y se dispersa golpeando contra troncos de xique-xique, unidos, abrazados, como falanges intrasponibles de espinas. [...]” (p. 158)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] O flanqueador devia meter-se pela caatinga, envolto na armadura de couro do sertanejo - garantido pelas alpercatas fortes, pelos guarda-pés e perneiras, em que roçariam inofensivos os estiletos dos xiquexiques pelos gibões e guarda-peitos, protegendo-lhe o tórax, e pelos chapéus de couro, firmemente apselhados ao queixo, habilitando-o a arremessar-se, imune, por ali adentro. [...]”.</p>	<p>“[...] El flanqueador debía meterse en la <i>caatinga</i> vestido con las ropas de cuero del sertanejo, con la garantía de las fuertes alpergatas, de los guarda-pies, de las perneras, para pasar indemne por medio de los xique-xiques; de los guarda-pechos para proteger el tórax, y de los sombreros de cuero firmemente atados al mentón, habilitándolo para arremeter impunemente por allí adentro. [...]” (p. 240)</p>	<p>Decalque</p>
<p>“[...] “Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, culumbi, cansação, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira, reuniu-se a muito falada e temida cumanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas.” [...]”.</p>	<p>“[...] “Al xique-xique, palmatoria, cola de zorro, <i>mandacarus</i>, <i>caroás</i>, <i>cabeça de frade</i>, <i>culumbi</i>, <i>cansação</i>, <i>favela</i>, <i>quixaba</i> y la respetabilísima <i>macarnbira</i>, se unió el muy conocido y temido <i>cumanã</i>, especie de <i>cipó</i> de aspecto arborescente, parecido a una planta cultivada en los jardines, cuyas hojas son cilíndricas.” [...]” (p.246)</p>	<p>Decalque</p>

As fichas apresentam o confronto dos Marcadores Culturais e seus correspondentes de tradução. Além disso, traz as Modalidades de Tradução que foram identificadas a partir deste cotejo. Abaixo apresentamos a lista de Marcadores Culturais que completam a nossa seleção no TO de MCs referentes ao Domínio Ecológico e que se relacionam à marca cultural da toponímia nordestina.

Quadro 3 - Lista de marcadores culturais não analisados

LISTA DE MARCADORES CULTURAIS NÃO ANALISADOS			
Nº	MCS	Nº	MCS
1.	Alto Da Favela	53.	Rio Cariacá
2.	Alto Da Santa Cruz	54.	Rio Das Éguas
3.	Alto Das Umburanas	55.	Rio Das Mortes
4.	Alto Do Mário	56.	Rio Das Velhas
5.	Angico	57.	Rio De Contas
6.	Aracati	58.	Rio Doce
7.	Araticum	59.	Rio Inhanduí
8.	Baixada Das Umburanas	60.	Rio Jacurici
9.	Bocaina	61.	Rio Macambira
10.	Cadeias Do Coxomongó	62.	Rio Mucuí
11.	Cadeias Do Sincorá	63.	Rio Paraguaçu
12.	Caeté	64.	Rio Paraíba
13.	Caipã	65.	Rio Paranaíba
14.	Cerro Dos Pelados	66.	Rio Parnaíba
15.	Chapada Da Borborema	67.	Rio Preto
16.	Chapadas De Jeremoabo	68.	Rio Real
17.	Esporão Dos Pelados	69.	Rio São Francisco
18.	Itapicuru	70.	Rio Umburanas
19.	Itapicuru-Açu	71.	Rio Vaza-Barris
20.	Itiúba	72.	Serra Branca
21.	Lagoa Da Laje	73.	Serra Da Borborema
22.	Lagoa Do Boi	74.	Serra Da Canastra
23.	Lagoa Do Cipó	75.	Serra Das Esmeraldas
24.	Mata Da Corda	76.	Serra De Acaru
25.	Monte Alto	77.	Serra De Aracati,
26.	Monte Da Favela	78.	Serra De Atanásio
27.	Morro Da Favela	79.	Serra De Grande
28.	Morro da Favela	80.	Serra De Itiúba
29.	Morro Do Lajedo	81.	Serra De Monte Santo
30.	Morro Do Lopes	82.	Serra De Ovó
31.	Morro Do Mário	83.	Serra De Piquaraça
32.	Morro Dos Pelados	84.	Serra De Saúde
33.	Morro Umburanas	85.	Serra Do Açuruá
34.	Mulungus	86.	Serra Do Calumbi
35.	Outeiros	87.	Serra Do Cambaio

36.	Panasco	88.	Serra Do Espinhaço
37.	Paramirim	89.	Serra Do Lopes
38.	Patamuté	90.	Serra Do Mar
39.	Piquaraçá	91.	Serra Do Paranã
40.	Plaino Das Quixabeiras	92.	Serra Do Rosário
41.	Planalto Da Borborema	93.	Serra Do Tombador
42.	Pora-Pora-Eima	94.	Serra Do Cocorobó
43.	Riacho Da Palha	95.	Serra Dos Aimorés
44.	Riacho Do Angico	96.	Serra Geral
45.	Riacho Do Caxomongó	97.	Serra Talhada
46.	Riacho Do Vigário	98.	Serra Vermelha
47.	Ribeirão Da Macambira / Ribeirão De Macambira	99.	Serrote Dos Pelados
48.	Ribeirão Das Caraíbas	100.	Tapaiara
49.	Ribeirão Do Carmo	101.	Vale Das Umburanas
50.	Ribeirão Dos Pereiras	102.	Vale Das Quixabeiras
51.	Rio Bendegó	103.	Vale Do Cariacá
52.	Rio Caraíbas	104.	Vale Do Cariacá

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

O quadro a seguir (Quadro 4) evidencia: a) A número de MCs, seu registro lematizado e a sua ocorrência no TO; e b) os correspondentes de tradução que a tradutora utilizou para cada MC e sua ocorrência no TT, e; c) As modalidades de tradução identificadas a partir da análise da tradução dos MCs. Neste quadro, os Marcadores são apresentados lematizados, com exceção de Alecrim-dos-tabuleiros devido a que sua flexão tem implicações diretas na apresentação dos dados.

Nesse quadro, observa-se que a tradutora opta, quando da tradução de um marcador cultural, por utilizar uma única forma linguística para representá-lo no TT. De uma maneira geral, vale-se, assim, numa relação quase direta, de uma única modalidade de tradução. Por exemplo, no caso de Marcadores como Bromélia, Cacto, Mandacaru e Muares a que tem uma frequência mediana, vê-se a identificação de pelo menos 2 Modalidades de Tradução.

Porém, o que ocorre é que das 13 ocorrências de bromélia, apenas 1 delas é traduzida de uma maneira diferente, usando, também, uma modalidade diferente. O mesmo acontece com os outros. Assim, das 7 ocorrências de cacto, apenas 1 é diferente; das 8 de mandacaru e das 9 de muares, apenas 1 correspondente e uma modalidade são diferentes das demais. Esses dados revelam uma tendência. A discussão desses exemplos explica essa tendência. Vejamos o Quadro 4, abaixo

Quadro 4 - Ocorrência dos MCs no TO e seus correspondentes de tradução no TT

Nº	MCs - TO	Ocorrência MCs - TO	CTMC ³ - TT	Ocorrência CTMC - TT	MODALIDADES DE TRADUÇÃO IDENTIFICADAS
1.	Alecrins-dos-tabuleiros	2	Romero de los campos	1	Modulação
			Romero del campo	1	Modulação + Tradução palavra por palavra
	Alecrim-dos-tabuleiros	1	Romero	1	Modulação + transposição
2.	Ananás Bravo	1	Ananás Salvaje	1	Tradução palavra por palavra + Modulação
3.	Angico	3	Angico	3	Empréstimo
4.	Araquã	1	Araña	1	Erro
5.	Araticum	2	Araticum	2	Empréstimo
6.	Azêmola	1	Mula	1	Modulação
7.	Balsedo	1	Arboleda	1	Adaptação
8.	Baraúna	4	Baraúna	4	Empréstimo
9.	Bignônia	1	Begonia	1	Modulação
10.	Bromélia	13	Bromelia	12	Decalque
			Bromeliácea	1	Modulação
11.	Caatinga ⁴	93	Caatinga	93	Empréstimo
12.	Cabeça-de-frade	2	Cabeça-de-frade	2	Empréstimo
13.	Cabrito	3	∅	1	Omissão
			Cabrito	2	Tradução palavra por palavra
14.	Caçatinga	1	Caatinga	1	Erro
15.	Cactu	1	Cacto	1	Modulação
16.	Cacto	7	∅	1	Omissão
			cacto	6	Tradução palavra por palavra
17.	Caititu	2	Caititu	2	Empréstimo
18.	Cajueiro anão	1	Cajueiro anual	1	Empréstimo + Erro
19.	Cajuí	1	Cajuí	1	Empréstimo
20.	Cansação	1	Cansação	1	Empréstimo

³ CTMC - Correspondente de Tradução do Marcador Cultural

21.	Candombá	1	Candombá	1	Empréstimo
22.	Canguçu	2	∅	1	Omissão
			Canguçu	1	Empréstimo
23.	Canudo-de-pito	2	Canudo-de-pito	2	Empréstimo
24.	Caraíba	2	Caraíba	2	Empréstimo
25.	Caravatá	1	Caravatá	1	Empréstimo
26.	Cardo	4	Cardo	4	Tradução palavra por palavra
27.	Carnaúba	2	Carnaúba	2	Empréstimo
28.	Carnaubal	1	Carnaubal	1	Empréstimo
29.	Caroá	7	Caroá	5	Empréstimo
			Caraoá	1	Erro
			∅	1	Omissão
30.	Carrascal	1	∅	1	Omissão
31.	Catanduva	4	Caatanduva	4	Empréstimo + Explicitação
32.	Catinga	1	Caatinga	1	Empréstimo + Explicitação
33.	Catingueira	2	Caatingueira	1	Empréstimo + Explicitação
			∅	1	Omissão
34.	Coco de ouricuri	1	Coco de los ouricuris	1	Empréstimo + Transposição
35.	Croá	1	Caroá	1	Empréstimo
36.	Culumbi	1	Culumbi	1	Empréstimo
37.	Cumanã	4	Cumanã	4	Empréstimo
38.	Ema	2	Avestruz	2	Erro
39.	Eritrina	1	Eritrina	1	Empréstimo
40.	Favela	2	Favela	2	Empréstimo
41.	Gato do mato	1	Gato salvaje	1	Transposição + Modulação
42.	Gravatá	5	Gravatá	3	Empréstimo
			∅	2	Omissão
43.	Icó	1	Icó	1	Empréstimo
44.	Icozeiro	3	Icozeiro	3	Empréstimo
45.	Ingarana	1	Ingarana	1	Empréstimo
46.	Jabutis	1	∅	1	Omissão
47.	Jaguar	1	Jaguar	1	Tradução palavra por palavra
48.	Jandaia	1	Jandaia	1	Empréstimo
49.	Jerimum	1	Jerimum	1	Empréstimo
50.	Juá	3	Juá	3	Empréstimo
51.	Juazeiro	6	∅	1	Omissão

			Juazeiro	5	Empréstimo + Erro
52.	Jurema	4	∅	1	Omissão
			Jurema	3	Empréstimo
53.	Macambira	5	Macambira	5	Empréstimo
54.	Mandioca	2	Mandioca	2	Tradução palavra por palavra
55.	Mandioca brava	1	Mandioca brava	1	Empréstimo
56.	Mandacaru	8	∅	1	Omissão
			Mandacaru	7	Empréstimo
57.	Mangabeira	2	Mangabeira	2	Empréstimo
58.	Mari	1	Mari	1	Empréstimo
59.	Maritaca	1	Maritaca	1	Empréstimo
60.	Marizeiro	3	Mariseiro	3	Decalque
61.	Mocó	2	Mocó	1	Empréstimo
			Rata de campo	1	Adaptação
62.	Muares	10	∅	1	Omissão
			mulas	9	Modulação
63.	Mulungu	1	∅	1	Omissão + Erro
64.	Mumbica	1	Becerro	1	Modulação
65.	Murici	1	Murici	1	Empréstimo
66.	Oitica	1	Oitica	1	Empréstimo
67.	Ouricuri	3	Ouricuris	3	Empréstimo
68.	Ouricuri	2	Ouricuri	2	Empréstimo
69.	Ouricurizeiro	3	Ouricurizeiro	2	Empréstimo
				1	Decalque
70.	Palma	2	Palma	2	Adaptação
71.	Palmatória	4	Palma	1	Modulação
			Palmatoria	2	Empréstimo
			∅	1	Omissão
72.	Palmatória- do-inferno	1	Palmatória-do- inferno	1	Empréstimo
73.	Pé de macambira	1	Planta de macambira	1	Omissão + Explicação + Empréstimo + Tradução palavra por palavra
74.	Pé de Quixabeira	2	Quixabeira	2	Empréstimo + Implicação
75.	Pé de umburana	1	Umburana	1	Empréstimo + Implicação

76.	Queixada de canela ruiva	1	Jabalíe de Rubia Canela	1	Empréstimo + Adaptação
77.	Quixabeira	1	Quixabeira	1	Empréstimo
78.	Quipá	2	Quipá	2	Empréstimo
79.	Quixaba	2	Quixaba	2	Empréstimo
80.	Ripsalide	1	Rama	1	Erro
81.	Rabo de raposa	1	Cola de zorro	1	Empréstimo + Adaptação
82.	Sapé	1	Maldad	1	Erro
83.	Sericóia	2	Sericóia	2	Empréstimo
84.	Seriema	2	Seriema	2	Empréstimo
85.	Suçuarana	8	Suçuarana	7	Empréstimo
				1	Omissão
86.	Sucuri	1	Sucuri	1	Empréstimo
87.	Taboca	1	∅	1	Omissão
88.	Tapir	1	Tapir	1	Tradução palavra por palavra
89.	Taquara	2	Tacuara	1	Tradução palavra por palavra
				1	Omissão
90.	Taquaral	1	∅	1	Omissão
91.	Umbu	4	Umbu	4	Empréstimo
92.	Umburana	2	Umburana	4	Empréstimo
93.	Umbuzeiro	9	∅	1	Omissão
			Umbuzeiro	8	Empréstimo
94.	Urtiga	1	Ortiga	1	Tradução palavra por palavra
95.	Xiquexique	5	Xiquexique	2	Empréstimo
			Xique-xique	3	Decalque

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Os dados acima são importantes para observar a tendência de que falamos anteriormente, o que aqui chamamos de normalização no uso de correspondentes de tradução, ou seja, converter uma das possíveis variantes de correspondentes de tradução, caso haja variação, em uso prioritário ou único, o que pode, de certa maneira, evitar flutuação nos efeitos de sentido que essa tradução possa causar dentro do TT. Outra relação que podemos inferir a partir dos dados apresentados é que quanto maior for a variação de correspondentes de tradução, mais variados serão os usos de Modalidades de Tradução. Porém, há que se ter cautela pois essa assertiva pode não se confirmar. A análise criteriosa deve preceder a inferência.

É fato que a normalização, no sentido aqui posto, é prioritariamente feito por via do Empréstimo, haja vista que essa é a Modalidade mais utilizada.

Na pesquisa em questão, a maioria dos MCs tem ocorrência baixa, aparecendo apenas 1 vez no *corpus*. Dos 95, um total de 46 Marcadores Culturais (total aproximado de 48,42%) tem frequência 1. Essa frequência não permite que a tradutora varie a Modalidade de Tradução tendo ela que optar apenas por uma possibilidade. Porém, dessas 46 ocorrências de MCs, 5 são omissões. Essas omissões revelam que as escolhas que a tradutora fez interferiram diretamente no sentido do texto fazendo com que os efeitos de sentido aportados por esses MCs fossem completamente perdidos.

Por outro lado, temos um total de 22 MCs (aproximado de 23,1%) com frequência 2. Dessas 22 ocorrências, apenas 3 (três) tem variação de uso de correspondente de tradução. Dois desses MCs (canguçu e catingueira) tem uma de suas variações de correspondente de tradução no TT consistindo de uma omissão; A outra variação é o empréstimo e o empréstimo + explicitação, respectivamente. o outro MC (mocó) consta de um empréstimo e uma adaptação. O que chama a atenção é que no glossário do TT, o vocábulo mocó tem seu sinônimo em *rata del campo* que não por acaso é um dos correspondentes utilizados no TT.

Há, ainda, no *corpus*, a o total de 8 MCs (aproximadamente 8,42%) que apresenta uma frequência igual a 3. Destes, apenas 2 tem variações de correspondência. O MC Alecrim-dos-tabuleiros varia para *Romero* e *Romero del campo*; e seu plural – Alecrins-dos-tabuleiros – tem uma correspondente que atende a variação de número apresentada pelo TO – *Romero de los campos*. Esse Marcador Cultural é alvo de discussão de um outro trabalho que está no prelo. O outro MC que apresenta variação de correspondência é Cabrito sendo que 1 das variações é uma omissão, que provavelmente acontece por entender que a sua omissão não faria falta na compreensão total do contexto onde ocorre. As outras duas correspondências são normalizadas – com a tradução palavra por palavra – assim como a correspondência dos outros MC que apresentam 3 ocorrências – normalizados com o uso do empréstimo e/ou do decalque.

Outro dado a ser evidenciado é que há no *corpus* em português um total de 7 MCs (aproximadamente 7,36%) que apresenta frequência igual a 4. Destes, apenas 2 apresentam variação de correspondentes. Neste caso, para o MC *jurema*, uma de suas variantes é a omissão, as outras 3 são normalizadas e constam da mesma correspondência no TT. Esse dado é explicado pela estrutura do Texto Traduzido, a que a omissão se dá no subcapítulo “A *Jurema*” que existe no TO mas que no TT é omitido. Este fenômeno acontece neste e em outros subcapítulos, fazendo com que a omissão, nesses casos, torne-se uma tendência. Outros exemplos são os MCs *Juazeiro*, que é omitido quando ocorre como subcapítulo no TO - “O *Juazeiro*” – e o *Umbuzeiro* – “O *Umbuzeiro*”, para citar alguns exemplos.

Adiante, vemos que 3 MCs (aproximadamente 3,15%) tem uma frequência igual a 5. Destes 3, 2 (dois) apresentam variação de correspondentes. O gravatá segue uma tendência na apresentação da variação que é a da omissão em duas posições, e a de normalização de um correspondente nas outras 3. Vale sublinhar que a omissão, geralmente, está presente nos casos de variação de correspondente de tradução. Porém, ainda que omissão seja uma modalidade recorrente, o empréstimo é a modalidade mais utilizada (*cf.* Quadro 6).

Vê-se nos dados, outras informações que precisam ser discutidas e que corroboram a ideia de que a normalização do correspondente de tradução é uma tendência do TT em questão. Existe 1 MC (aproximadamente 1,05%) com frequência de 6; 1 (aproximadamente 1,05%) com frequência de 9; 1 (aproximadamente 1,05%) com 10; e 1 (aproximadamente 1,05%) com 13. Nesse caso, como apresentamos 4 MCs, o percentual aproximado somado é de 4,2% do total de ocorrências que o TO apresenta.

Dito isso, ressaltamos que no caso de *juazeiro* que tem frequência de 6, vemos que 1 ocorrência é de omissão e os outras 5 visam a normalização do correspondente de tradução, ainda que conste de um erro no processo de empréstimo. Com relação a *umbuzeiro*, que possui frequência 9, e *muare*, de frequência 10, as tendências são as mesmas, ou seja, omitir uma ocorrência e normalizar as outras. É preciso chamar a atenção para o caso de *juazeiro* e *umbuzeiro*, pois, o caso das omissões que ocorrem nesses MCs, é o mesmo que ocorre com *jurema*, dado que já foi discutido anteriormente. *Bromélias*, que tem frequência 13 também apresenta uma tendência a normalização pelo uso acentuado do correspondente *bromélia* com frequência de 12. No caso restante, a variante *bromeliáceas* é o utilizado.

Além disso, há, nos dados, a ocorrência de 2 MCs (aproximado de 2,1%) com frequência igual a 7, e mais 2 (aproximado de 2,1%) com frequência igual a 8. Nesses casos, a tendência para normalização do correspondente de tradução é confirmada haja vista que ocorre, em maior medida e de maneira similar às outras ocorrências, uma omissão e a repetição de um único

correspondente de tradução do MC em questão. Com exceção para um erro no par Caroa – *Caraoá* e o uso de um único correspondente, que forma o par Suçuarana – *Suçuarana*.

Por fim, devemos considerar a ocorrência do MC “caatinga”. Ele, diferentemente dos outros aqui postos, aparece num total de 93 vezes no corpus, tendo sua ocorrência um valor diferencial em relação aos outros MC aqui listados e discutidos. Esse número se justifica pelas próprias características da obra, pelo tema e ambientação, sem necessidade de um aprofundamento nessa discussão. Dizer que o ambiente onde se passa todo o enredo da obra é justamente esse bioma justifica a sua os números de sua ocorrência.

Caatinga é, dos MCs aqui catalogados, o único que aparece com 93 ocorrências. A sua frequência alta e o uso de uma única modalidade de tradução para dar conta de seu coaparecimento no TT corrobora a discussão sobre a tendência e normalização para o Domínio Ecológico. Não há variações no uso do corresponde de tradução para caatinga. Assim para este MC a única Modalidade de Tradução identificada foi o empréstimo. Da discussão acima, podemos apresentamos o seguinte quadro (Quadro 5 – ocorrência dos MC no TO):

Quadro 05 - Ocorrência dos MCs no TO

Total	Marcadores Culturais no TO	Oc.
46	Ananás Bravo; Araquã; Azêmola; Balsedo; Bignônia; Caçatinga; Cactu; Cajueiro anão; Cajuí; Cansação; Candombá; Caravatá; Carnaubal; Carrascal; Catinga; Coco de ouricuri; Croá; Culumbi; Eritrina; Gato do mato; Icó; Ingarana; Jabutis; Jaguar; Jandaia; Jerimum; Mandioca brava; Mari; Maritaca; Mulungus; Mumbica; Murici; Oiticica; Palmatória-do-inferno; Pé de macambira; Pé de umburana; Queixada de canela ruiva; Quixabeira; Ripsalide; Rabo de raposa; Sapé; Seriema; Sucuri; Taboca; Tapir; Taquarais	1
22	Araticum; Cabeça-de-frade; Caititu; Canguçu; Canudo-de-pito; Caraíba; Carnaúba; Catingueira; Ema; Favela; Mandioca; Mangabeira; Mocó; Ouricuri (fruto); Palma; Pé-de-quixabeira; Quipá; Quixaba; Sericóia; Seriema; Taquara; Umburana	2
8	Alecrim dos Tabuleiros; Angico; Cabrito; Icozeiro; Juá; Marizeiro; Ouricuri (planta); ouricurizeiro.	3
7	Baraúna; Cardo; Catanduva; Cumanã, Jurema Palmatória, Umbu	4
3	Gravatá; Macambira; Xiquexique	5
2	Cacto; Caroá	7
2	Mandacaru; Suçuarana	8
1	Juazeiro	6
1	Umbuzeiro	9
1	Muares	10
1	Bromélias	13
1	Caatinga	93

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

À primeira vista, os dados pareciam revelar que havia uma relação entre a frequência do MC no TO e a variação de correspondente de tradução no TT. Porém, com uma análise mais apurada, vê-se que isso não se confirma haja vista que podemos perceber a normalização de um correspondente de tradução como tendência a partir do uso de uma Modalidade de Tradução em grande escala, no caso desta pesquisa, o Espelhamento.

No que diz respeito à identificação das Modalidades de Tradução, temos o quadro abaixo (quadro 6) apresentada da seguinte maneira:

- a) na coluna da extrema direita está a numeração (Nº) que consiste em uma coluna de organização da apresentação da tabela;
- b) A coluna descrita como **Modalidades de Tradução** indica a quantidade de Modalidades de Tradução descritas por Aubert (2006a) em sua revisão das ferramentas de análise tradutória. Essas modalidades ai presentes são as identificadas nas traduções dos Marcadores Culturais na pesquisa em questão. Assim, na divisão mais à esquerda estão as Modalidades Básicas e à direita dessas estão os desdobramentos dessas modalidades também identificadas na tradução dos Marcadores Culturais nessa pesquisa. Vale ressaltar que aqui não estão todas as modalidades descritas, nem as básicas nem seus desdobramentos. As modalidades híbridas são possibilidades de resolver problemas de tradução que as modalidades básicas e seus desdobramentos sozinhos não deem conta.
- c) Nas duas colunas finais estão: as ocorrências de cada uma das Modalidades na pesquisa em questão. Na coluna mais à esquerda (Oc.) estão os números referentes aos desdobramentos das modalidades básicas e na coluna mais à direita a soma destes desdobramentos que desembocam, por fim, na representação das modalidades básicas.

Quadro 06 - Identificação das Modalidades de Tradução

Nº	MODALIDADES DE TRADUÇÃO		Oc.	Total
1.	Omissão		19	19
2.	Espelhamento	Empréstimo	211	231
		Decalque	20	
3.	Literalidade	Tradução palavra por palavra	27	27
4.	Equivalência	Modulação	7	11
		Adaptação	4	
5.	Erro		7	7
6.	Modalidades Híbridas	Empréstimo + Explicitação	6	24
		Empréstimo + Erro	6	
		Empréstimo + Transposição	1	
		Empréstimo + implicitação	3	

	Empréstimo + Adaptação	2	
	Tradução palavra por palavra + Modulação	1	
	Transposição + Modulação	1	
	Modulação + Tradução palavra por palavra	1	
	Modulação + Transposição	1	
	Omissão + Erro	1	
	Omissão + explicitação + empréstimo + Tradução palavra por palavra	1	
Total			319

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Nas questões que se observam em relação aos MCs e as modalidades de tradução o quadro 6 nos faz observar mais claramente as possibilidades de solução das quais a tradutora lançou mão para resolver os problemas do seu quefazer. Por discutirmos especificamente as dificuldades que aportam os MCs, iniciaremos a discussão pelo espelhamento e seus desdobramentos e seguiremos com a omissão, o erro e as modalidades híbridas, pois ao nosso ver revelam muito sobre as dificuldades de tradução desses Marcadores.

Assim, vê-se no quadro 6 que os números do Espelhamento são muito superiores aos outros. Em números absolutos, sua ocorrência consta de 58 unidades (54 empréstimos e 4 decalques), o que lhe confere uma ocorrência em aproximadamente 61% dos Marcadores Culturais inventariadas nesta pesquisa. O Espelhamento implica no reaparecimento do segmento textual do TO no TT com ou sem informação gráfica e/ou de outra ordem que indique esse fenômeno. Assim, sendo este segmento do TO, ele será reescrito no TT. Neste caso, e pensando na pesquisa em tela, tanto no Empréstimo quanto no Decalque o que se observa é que os MCs do Português foram transferidas para o espanhol com ou sem marcas de que isso possa ter acontecido.

No que concerne aos MCs aqui estudados e as Modalidades de Tradução empregadas, os usos de Empréstimos foram superiores ao de Decalque, no caso de uma comparação dentro do Espelhamento. Porém, observa-se também que entre as 319 Modalidades de Tradução identificadas nos 95 MCs, ela também supera e muito as outras (211 ocorrências), contando com mais da metade das ocorrências (aproximadamente 66%). O decalque, por outro lado, ocorreu apenas 20 vezes (aproximadamente 6,2 %).

O Empréstimo vigora quando, o MC é reproduzido no TT com ou sem marcadores específicos como aspas, itálico, negrito dentre outros. Já o Decalque, é necessário que tenha algumas modificações em sua escrita ou morfologia para que se adapte às convenções da LC. Refletindo sobre esses critérios de identificação das diferenças entre uma e outra, pensamos em

algumas estratégias para poder fazer a distinção. Sendo assim, o uso dessas marcações (principalmente o itálico que figura em diversos MCs ao longo do TT) foi um critério elencado para a pesquisa em questão. Vale ressaltar que as abonações aqui presentes constam dessas marcações, atribuídas a eles no TT. Somado a ele, a não dicionarização da palavra em língua espanhola e/ou indicação de que o vocábulo é de origem do português brasileiro, por esses mesmos dicionários.

Discutindo a questão da frequência, esta é reveladora do fenômeno da tradução dos MCs nesta obra e do difícil papel do tradutor com todas as suas reflexões e tomadas de decisão. Segundo Validório (2008)

É importante considerarmos que as soluções utilizadas pelos tradutores podem ter sido adotadas tendo em vista a dificultosa tarefa de traduzir, em contextos social, linguístico e cultural diferentes, aspectos tão peculiares à fala humana, como é o caso de expressões e dialetos regionais, nos quais o tradutor se depara com situações de fala, cuja autenticidade pode ser notada ao observar as características mais coloquiais presentes, de uso peculiar às construções da linguagem oral.

Apesar de o texto reportar-se à fala, a discussão que a autora empreende é sobre a escrita de Jorge Amado e sua tradução para o inglês. Uma das características da linguagem amadeana é a representação oral de contextos linguísticos específicos dos falares da população do interior da Bahia. Essa característica é também inerente ao texto de Euclides da Cunha como deixamos evidente na discussão empreendida na seção 2.1.

Tendo em vista o discutido por Validório (2008) não há dúvida de que o acesso à realidade linguístico-cultural expressa pelos MC dentro da obra de Euclides da Cunha compreende difícil labor e que é provável que para a tradução não haja paradigmas objetivos de comparação e correspondência entre estes e vocábulos da língua espanhola. Daí o empréstimo como solução tradutória surge como requisito para que se possa resolver os tais problemas, assim como preservar a realidade tão específica quanto a descrita nesta obra, ainda que isso suscite uma dificuldade para o leitor que não (re)conhece essa realidade.

Sobre a realidade extralinguística que perpassa os MCs com os quais trabalhamos, vale salientar que estes fazem parte da caatinga do semiárido brasileiro, que é um bioma que cobre aproximadamente 12% do território nacional, e vai do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e uma pequena porção do norte de Minas. Não ocorrendo em nenhum outro lugar do planeta. Esse fato chama a atenção para o fator endêmico dos elementos desse bioma, para ser mais específico, da fauna e flora. Essas características

dificultam o acesso de outros povos a esses elementos e, por conseguinte, nomeação dessa realidade.

Outra Modalidade de Tradução que chama a atenção pela frequência é a Omissão. A sua identificação como solução tradutória no que diz respeito ao resultado da pesquisa no *corpus* selecionado, ocorre em aproximadamente 18,9% dos MCs inventariados. Esta ocupa a posição 4 dentre as modalidades básicas, e a mesma posição quando se leva em consideração os desdobramentos e as híbridas. Das 319 modalidades identificadas, 19 são omissões (esta aparece em 18 MCs, mas se repete em gravatá), o que se aproxima do valor estimado em 5,9% de todas as modalidades. Essa solução tradutória implica em várias questões.

É preciso sublinhar as diferentes necessidades do tradutor para o uso desta modalidade. Segundo Validório (2008) a ocorrência dessa modalidade é características de textos traduzidos, ainda mais quando discutimos MCs. Para a autora, a ocorrência desta modalidade se dá quando o tradutor não encontra um correspondente de tradução na língua meta ou quando uma unidade léxica, expressão ou realidade da língua-cultura de partida representam uma dificuldade difícil de ser superada, no que concerne à compreensão da realidade, causar ambiguidade, redundância ou vaguidão solucionando assim uma questão polêmica do quefazer tradutório.

Analisando os MCs taboca, taquarais e cabrito, vê-se que nos 2 primeiros casos a dificuldade reside não apenas nem especificamente no uso do marcador em questão, haja vista que a palavra taquara, que mantém uma relação de derivação com taquarais, encontra, sem maiores problemas, um equivalente de tradução no espanhol: *tacuara*; e a palavra *taboca* é uma variação desta. A dificuldade advém, de maneira geral, da construção sintática do contexto onde se encontram as palavras, das palavras que as orbitam e do efeito de sentido que as palavras e o contexto como um todo suscitam.

Facilmente o trecho “[...] crepitando num estrepitar estrídulo de tabocas estourando nos taquarais em fogo” (CUNHA, 1988) poderia confundir-se com o trecho de um poema, pela sonoridade e harmonização que traz a repetição de tantas oclusivas e vibrantes somadas aos sons sibilantes; pelas imagens que suscitam a construção sintática, com palavras muito bem escolhidas para criar uma imagem que faça vislumbrar o agir do fogo no capim. A sonoridade, a sintaxe e as imagens aí construídas fazem parte de um universo cultural de difícil acesso, criada pela criatividade no uso da língua. Quando à este universo ainda crescem-se MCs, o ato de traduzi-los torna-se ainda mais complexo. Tanto é que nesse contexto, optou-se pela omissão que, segundo Aubert (2006) entre as modalidades, ela está aquém dos processos de tradução.

Porém, além dessas possibilidades para o uso da omissão na obra, uma outra é a questão estrutural. A tradução da obra está estruturada de maneira que a separação que alguns

subcapítulos representam não aparecesse na tradução, distanciando-se do existente no texto original. Essa releitura feita pela tradutora tem alguns exemplos nos subcapítulos O umbuzeiro, O juazeiro e A jurema.

Poderíamos pensar que esses são mais exemplos que corroboram as hipóteses de que por existirem algum tipo de dificuldade na tradução das unidades léxicas apresentadas o autor resolveu omiti-las. Porém, nessas 3 que apresentamos, o autor apenas usa esta Modalidade de Tradução quando estes MCs aparecem na condição de subcapítulo. Nas suas outras ocorrências, a modalidade utilizada é o Empréstimo para os 3 casos.

É preciso chamar a atenção para o subcapítulo *A Caatinga* que no texto meta é traduzida sob a modalidade de empréstimo o que também poderia contra-argumentar a tese da estrutura do texto traduzido como outro fator de impacto na tradução dos Marcadores Culturais. Mas, a importância da caatinga para a obra é tamanha por todos os fatores já conhecidos e discutidos nesta pesquisa, que a tradutora não poderia negar-lhe esse destaque. O lugar de destaque da caatinga faz com que ela não seja omitida.

O Erro é uma solução tradutória que, segundo Aubert, (2006) está além da tradução por ultrapassar os limites da adaptação, por ter, a(s) porção(ões) textual(is) do texto traduzido, sentido(s) completamente diferente(s) do texto original, sem uma justificativa plausível. Apenas dessa forma pode-se afirmar, de maneira incontestada, que foi cometido um erro no ato de traduzir. Porém, identificar e atestar um erro não é tão simples quanto possa. É preciso uma análise pormenorizada. Na pesquisa em questão, o erro teve um número acentuado de identificações, chegando ao total de 6 dos 95 MCs, o que se estima em percentual aproximado de 6,3%. No que se refere as Modalidades de Tradução, das 319, 7 são erros (o par *ema-avestruz* se repete), o que chega a um percentual aproximado de 2,2% ocupando assim a 6ª posição em relação às modalidades básicas e as híbridas.

Esses valores são, também, significativos e representativos para a compreensão das traduções dos marcadores culturais do domínio ecológico da obra. Traduzir araquã por *araña* é corresponder uma ave a um aracnídeo; caçatinga por *caatinga* é substituir uma planta por um bioma; assim como traduzir sapé por *maldad* é substituir uma gramínea por uma qualidade ou ação, dentre outras. São traduções injustificadas.

O erro é uma solução tradutória que pode indicar um total desconhecimento da realidade dos seguimentos textuais do texto que se vai traduzir, nesse caso, os marcadores culturais. Porém existem outras hipóteses. No caso das duas primeiras possibilidades aventadas acima (araquã – *araña*; caçatinga - *caatinga*) e outras que figuram no texto (tais como anões – anuais

[no caso de cajueiros anões – cajueiros anuais]; caroás – caraoás) há uma certa proximidade na estrutura dos marcadores culturais ainda que a marca cultural seja completamente diferente. Apesar de, na estrutura serem parecidos, os efeitos de sentido para recuperação ou releitura dos MCs são completamente diferentes. O que não acontece com os outros marcadores no quesito estrutura, mas repete-se no quesito marca cultural (*sapé – maldad*; *ema-avestruces*; *ripsálides – ramas*)

As implicações do uso desta modalidade no texto traduzido são bem negativas pela perda da marca cultural que carrega os marcadores elencados. Nos pares de marcadores aqui listados a referência à marca cultural é completamente perdida e os efeitos de sentido são muito distintos.

Já as Modalidades híbridas constam de um total de 23 ocorrências, o que se aproxima de 12% das ocorrências totais. Essa solução tradutória desdobra-se, nesta pesquisa, em 11 casos: Empréstimo + Explicação (6); Empréstimo + Erro (6); Empréstimo + Transposição (1); Empréstimo + implicação (3); Empréstimo + Adaptação (2); Tradução palavra por palavra + Modulação (1); Transposição + Modulação (1); Modulação + Tradução palavra por palavra (1); Modulação + Transposição (1); Omissão + Erro (1); Omissão + explicação + empréstimo + Tradução palavra por palavra (1).

Essas soluções tradutórias são utilizadas quando as modalidades básicas e/ou seus desdobramentos não dão conta de explicar sozinhas as soluções encontradas pelo tradutor para tentar fazer com que os efeitos de sentido dos Marcadores Culturais sejam recuperados ainda que parcialmente. Mais uma vez, o uso do empréstimo chama atenção. Ele figura, juntamente com outras modalidades como prevê o hibridismo, em 1º lugar, o que nos leva a crer que, no TT em questão, para os Marcadores Culturais que trazem em seu bojo marcas culturais próprias de um universo, o empréstimo é das Modalidades de Tradução que mais satisfazem o fazer tradutório no que concerne à tentativa de não esfumar os sentidos ali postos.

Dos 95 MCs, 15 foram traduzidos utilizando as modalidades híbridas, o que nos revela um percentual aproximado de 15,7%. Porém, das 319 modalidades identificadas, 24 são desta categoria, o que revela um percentual de 7,5% do total de modalidades de tradução.

A literalidade ocupa a segunda posição entre as modalidades de tradução identificadas. Nesta pesquisa, das possibilidades de Literalidade descritas por Aubert (2006) – 1. Transcrição; 2. Tradução palavra por palavra; 3. Transposição; e 4. Explicação – apenas a segunda foi identificada. Com um valor alto de uso e identificação, esta ocupa a 2ª posição entre as modalidades de tradução. Um total de 27, o que dá um percentual aproximado de 8,4% do total

de 319 modalidades. Porém, dos 95 MCs ela figura em 8 deles, o que dá um percentual aproximado de 8,4%.

Segundo Aubert (2006) A tradução pela Literalidade é aparentemente uma tradução que se faz a partir de uma certa sinonímia interlinguística e intercultural no contexto dado, sendo que a Tradução palavra por palavra deva apresentar os seguintes critérios Na comparação entre o *corpus* paralelo: “(i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as mesmas categorias gramaticais, e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlínguas” (AUBERT 2006a, p. 64-65).

No que concerne à equivalência – implicitação, modulação, adaptação – que é a solução tradutória que mais explicitamente revela a intervenção do tradutor relacionado à cultura de recepção, o baixo número de identificações corrobora, de uma maneira bem marcante, a discussão aqui posta sobre a dificuldade em encontrar correspondentes para os Marcadores Culturais da obra em questão devido às suas particularidades.

Assim, resgatando a discussão empreendida nessa sessão é preciso sublinhar que os MCs aqui identificados tem em suas marcas culturais os elementos necessários para aportar toda a dificuldade que deles emana. Os esquemas culturais a que pertencem esses marcadores os atravessam de sentidos próprios.

A caatinga é bioma endêmica do nordeste brasileiro o que lhe confere condições e características próprias, que não se repetem em nenhum outro lugar. Esse bioma tem, em um nível elevado, uma exclusividade na fauna, flora, topografia dentre outros elementos. A relação entre o bioma, seus elementos formadores e a sociedade é uma relação que, como discutida anteriormente, leva uma carga fortíssima de identificação sócio-histórico-cultural. Nomear, é significar, é (de)marcar social e culturalmente. Ao discutir-se o léxico numa outra cultura, toda essa relação precisa ser levada em consideração, pois como diz Barreiros estudar léxico de uma obra é “[...] acessar uma instância linguística em que estão manifestas as formas de pensar, de apreender e de categorizar a realidade, crenças, valores, hábitos, enfim, um ponto da interlocução entre língua e cultura sob a ótica do escritor” (BARREIROS, 2017, p. 16).

Porém, é improvável que se possa resgatar, na cultura de recepção, os valores e significados postos em circulação quando da nomeação do MC. Portanto, no fazer tradutório as (re)interpretações – inclusive via empréstimo – em várias proporções, são necessárias à medida em que essa recuperação é de difícil concretização.

Uma debate forte dentro da investigação aqui empreendida é da tradução de Marcadores Culturais como uma atividade de linguagem que tende à normalização – em certa medida – pelo

uso majoritário de uma modalidade de tradução e pela uso de apenas uma variante para o marcador no TT (guardadas as devidas proporções) que no caso dessa pesquisa é o Espelhamento representado pelo Empréstimo (em maior medida) e pelo decalque.

A normalização de uma variante para a Tradução de um MC acarreta diversas implicações para a compreensão do texto traduzido principalmente no que diz respeito a compreensão da realidade a que o MC no TO faz referência. Uma dessas implicações é a possibilidade de construir um sentido para o vocábulo que após usado repetidamente, acesse, de alguma forma, os efeitos de sentido que o MC tem na LP (Língua de Partida). Assim, a discussão aqui apresentada nos faz compreender a possibilidade de discutir a tradução como uma atividade que ultrapassa a atividade superficial e embrenha-se nos debates sobre como ela mesma pode demonstrar que faz parte de uma atividade de linguagem que pode revelar tendências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

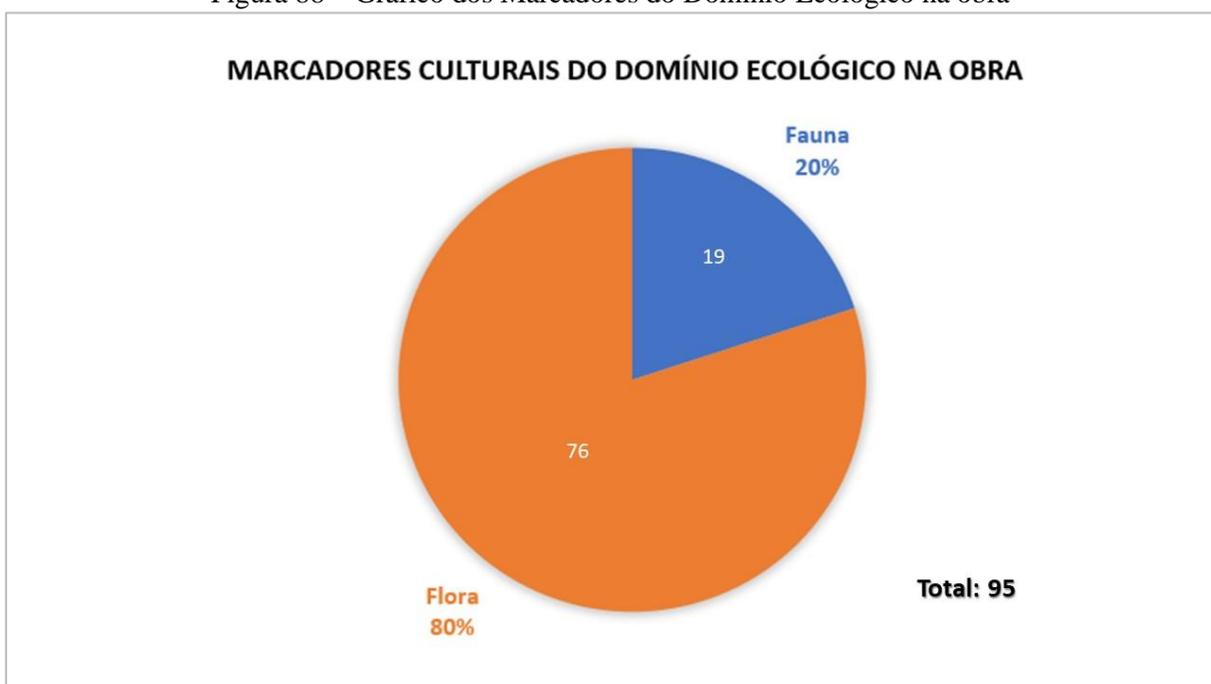
Os Marcadores Culturais que apresentamos nessa dissertação foram cotejados em uma das obras mais representativas da cultura literária brasileira, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Nessa obra, o autor fez com que a realidade linguística, cultural e geográfica do Brasil mais profundo fosse representada de maneira ampla. Ele enfatizou, em vários momentos, a maneira própria de falar do povo do sertão nordeste, destacando, portanto, o jeito particular desse povo nomear as coisas que lhes pertencem. Por esse aspecto de representatividade – dentre muitos outros – *Os Sertões* é estudado por diversas áreas do conhecimento. No nosso caso, o que nos chamou a atenção enquanto pesquisadores, foi o vocabulário marcadamente cultural.

Esses dois aspectos – o caráter de representatividade de um Brasil profundo e do falar específico do Nordeste evidenciando essa realidade sócio-linguístico-cultural – nos fizeram pensar em como se apresentaria essas representações numa língua estrangeira. Assim surgiu uma das questões que norteou a pesquisa: compreender como esse vocabulário marcadamente cultural, que aqui denominamos Marcadores Culturais, foi traduzido para a língua espanhola.

O objetivo dessa dissertação foi analisar como os Marcadores Culturais do livro *Os Sertões* (CUNHA, 1988 [1932]) foi traduzido para o espanhol, (SANTOS, 1980). Para cumprir este objetivo, utilizamo-nos dos preceitos da Linguística de *Corpus* e das ferramentas computacionais para análise e tratamento do *corpus*, tais como o *WordSmith Tools 7.0*, suas ferramentas e seus utilitários. O *WordSmith Tools 7.0* se mostrou muito útil no cumprimento deste objetivo.

O conceito de Domínios Culturais e Marcadores Culturais nos ajudou a selecionar o vocabulário para análise na obra em português e para comparação na obra em espanhol. A discussão sobre Modalidades de Tradução nos auxiliou na identificação e classificação dos processos de tradução dos Marcadores Culturais da obra. O resultado foi o inventário e análise de 95 lexias e 319 Modalidades de Tradução. Para além disso, e analisando os resultados anteriormente mencionados, ficou evidenciada a tendência à normalização do uso de uma variante como correspondente de tradução para os Marcadores Culturais da obra no TP. Estas lexias são pertencentes ao Domínio Ecológico. O nosso recorte levou em consideração a fauna e a flora enquanto marcas culturais dos marcadores inventariados. O resultado é o que se evidencia no gráfico a seguir:

Figura 88 – Gráfico dos Marcadores do Domínio Ecológico na obra



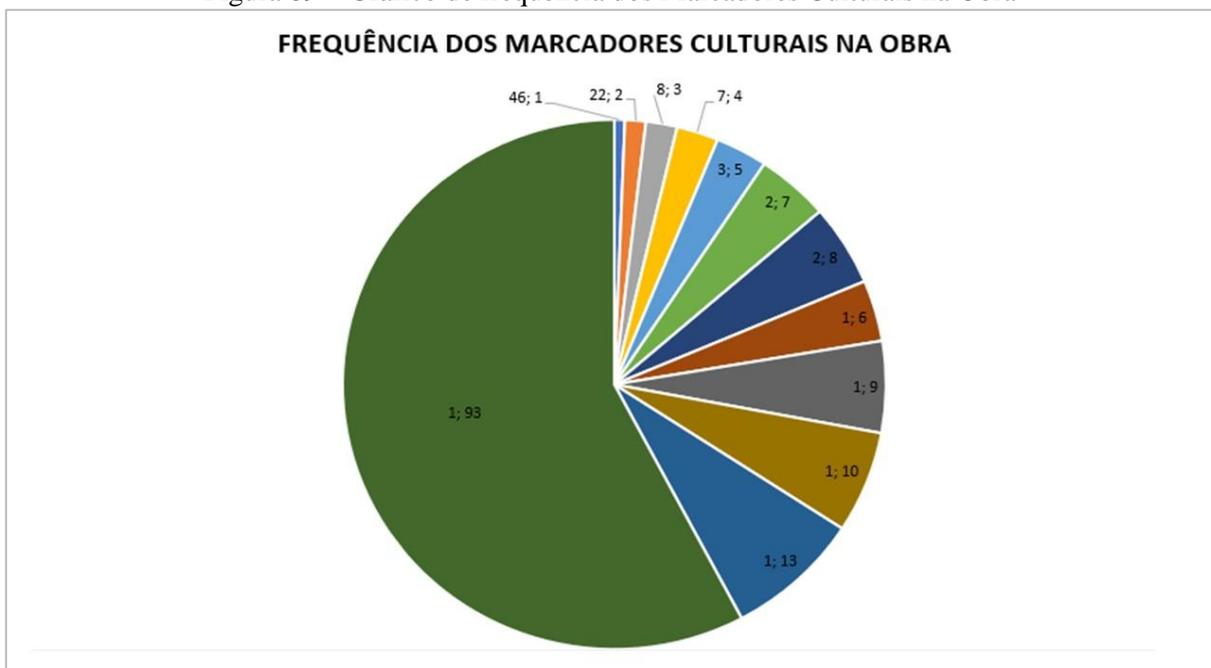
Fonte: Elaborado pelo pesquisador

A figura 87 representa graficamente os MCs na obra em português. Podemos perceber que dentre os MCs do Domínio Ecológico que constam como escopo desta pesquisa, os que pertencem à flora são maioria absoluta (80%). Esses dados se relacionam com os observados no glossário da tradução. O glossário traz cerca de 107 verbetes, desses, 58 são do domínio ecológico que por sua vez tem sua maior parte constituída de plantas. Exatamente 41 unidades lexicais, um percentual aproximado de 70% para o domínio ecológico e de 38,3% de todo o glossário. Vale ressaltar que incluímos na relação de plantas a caatinga, pois, a característica principal de um bioma é a sua vegetação. Esse dado nos fez decidir por incluí-la nessa categoria.

Outro dado interessante é a frequência dos Marcadores Culturais na obra. Após fazermos a análise dos nossos candidatos a MCs na pesquisa, confrontamos os dados com o corpus de referência para termos dados mais precisos para classificarmos esses candidatos como MCs. Das unidades léxicas que confrontamos com o corpus de referência, apenas “caatinga” teve 1 caso de co-aparecimento. Todos os outros foram iguais a zero. Isso nos ajudou a identifica-los como possíveis marcadores e posteriormente como marcadores culturais. De toda sorte, a frequência desses marcadores na obra foi baixa, com exceção de “caatinga.” (93 vezes) como já havíamos advertido antes. Dos 95 MCs, 46 deles aparecem apenas 1 vez; 22 aparecem 2 vezes na obra, 8 aparecem 3 vezes, 7 aparecem 4 vezes, 3 aparecem 5 vezes, 2 aparecem 7 e outros 2 aparecem 8 vezes e apenas 1 aparece, 6, outro 9, outro 10 e outro 13 vezes. Assim., esse gráfico revela que quase 50% dos MCs aqui discutidos aparecem apenas uma vez na obra.

Isso corrobora o caráter de marcadamente cultural da experiência linguística que emana desses MCs. Apresentamos abaixo (figura 88) um gráfico que revela essa frequência.

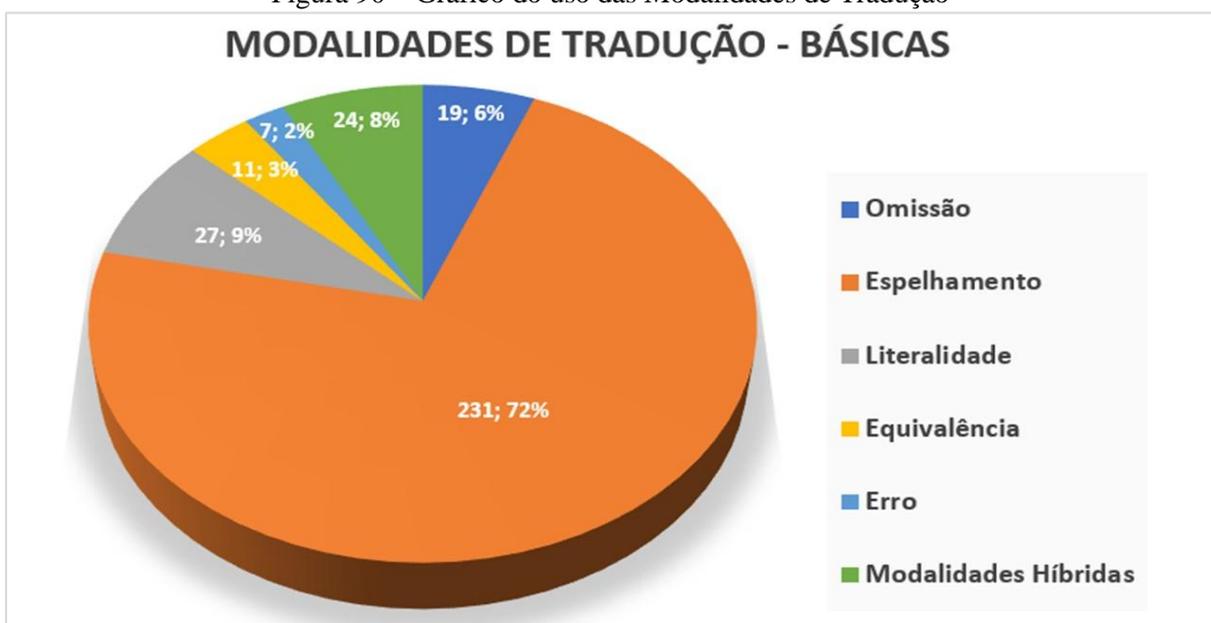
Figura 89 – Gráfico de frequência dos Marcadores Culturais na Obra



Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Abaixo apresentamos (figuras 89, 90 e 91) os gráficos que representam a identificação das modalidades de tradução enquanto solução tradutória dos MCs na obra. Esses gráficos demonstram como a tradutora pensou a tradução desses MCs. Os 3 gráficos são complementares pois neles estão os dados das modalidades básicas identificadas (omissão, espelhamento, literalidade, equivalência, erro), seus desdobramentos (empréstimo, decalque, tradução palavra por palavra, modulação, adaptação) e as modalidades híbridas (Empréstimo + Explicitação; Empréstimo + Erro; Empréstimo + Transposição; Empréstimo + implicitação; Empréstimo + Adaptação; Tradução palavra por palavra + Modulação; Transposição + Modulação; Modulação + Tradução palavra por palavra; Modulação + Transposição; Omissão + Erro; Omissão + explicitação + empréstimo + Tradução palavra por palavra)

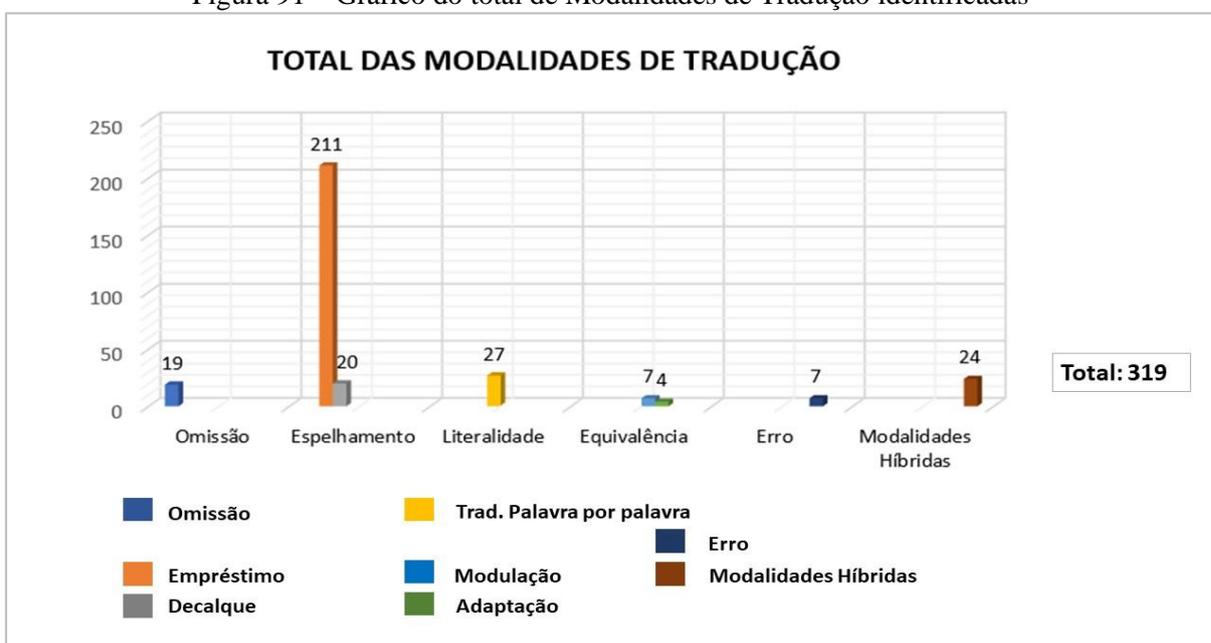
Figura 90 – Gráfico do uso das Modalidades de Tradução



Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Fica evidente a partir da leitura do gráfico acima que a modalidade de tradução espelhamento foi a solução tradutória mais usada pela tradutora. Um total de 72% das 319 traduções feitas. A variável de uso dessa modalidade é tão extensiva que descartamos o simples acaso. Percebe-se que a partir do seu trabalho, a tradutora transforma o uso dessa modalidade em norma para a tradução dos marcadores culturais transpondo-os do TO para o TT. O gráfico abaixo nos dá mais detalhes.

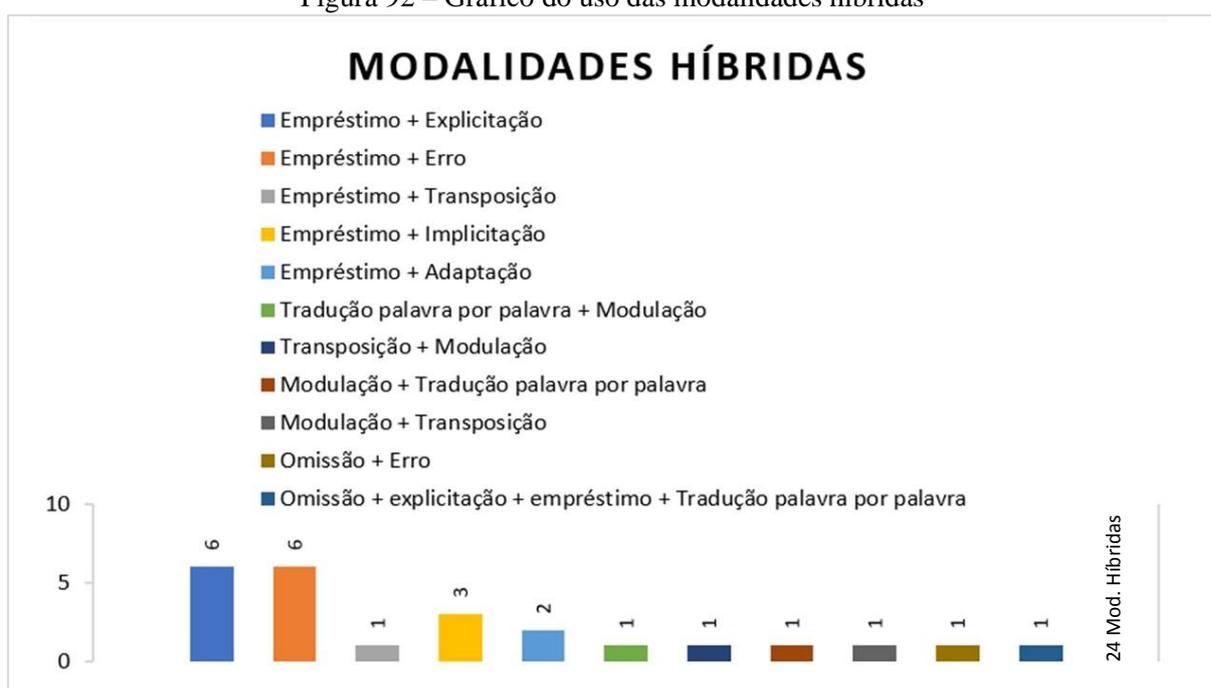
Figura 91 – Gráfico do total de Modalidades de Tradução identificadas



Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Os desdobramentos do Espelhamento são Empréstimo e Decalque. As duas modalidades aparecem como solução tradutória. Porém, o Espelhamento é visivelmente mais usado do que o Decalque. São 211 casos contra apenas 20, o que dá um percentual aproximado de 91,3% de uso de espelhamento. Quando comparado com o total de modalidades usadas, esse percentual cai para aproximadamente 66,1%, porém continua expressivo. Esse é mais um indício de que a tendência aqui identificada é a de normalizar o uso de uma modalidade de tradução e, por conseguinte, de usar apenas uma unidade léxica para traduzir os MCs. O gráfico das Modalidades Híbridas (Figura 91) também testemunham nessa direção.

Figura 92 – Gráfico do uso das modalidades híbridas



Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Aqui evidenciamos um total de 24 usos de Modalidades Híbridas. Delas, o Empréstimo é notório que mesmo utilizando-se de mais de uma modalidade por vez para traduzir os MCs, o Espelhamento, pelo Empréstimo, é a solução mais utilizada e participa de um percentual aproximado de 54,5% das possibilidades de resolução de problemas de tradução (16 casos), sendo base dos três casos mais expressivos (6 empréstimo + explicitação; 6 empréstimo + erro; e 3 empréstimo + explicitação) e participando do caso mais complexo (Omissão + explicitação + empréstimo + Tradução palavra por palavra).

Para apresentar os dados do cotejo do *corpus* criamos uma ficha de apresentação dos dados, a ficha lexicográfica. Essa ficha é formada por espaços para incluir as informações sobre o trabalho de cotejo dos MCs e sua tradução. Os requisitos para seu preenchimento é o MC na

LP lematizado; os MCs como escritas na obra, as definições e as abonações todos em paralelo. Por fim, há o espaço para identificação da Modalidade de Tradução.

Assim, ressaltamos que a pesquisa aqui apresentada cumpriu com seu propósito de estudar como os Marcadores Culturais do livro *Os Sertões* traduzido para o espanhol. Entretanto, advertimos que por conta do universo complexo que a obra apresenta, ainda há muito o que ser discutido e investigado no que diz respeito à língua e seu uso na obra.

Ressaltamos ainda que, do Domínio Cultural a que nos propusemos investigar, fizemos um recorte e por isso apresentamos uma lista de possíveis marcadores culturais que consta na sessão 4 desta dissertação. Isso demonstra que pela riqueza do *corpus* esta pesquisa não deu conta de estudar todas as possibilidades nesta área – tão pouco era nossa pretensão.

É válido lembrar que o produto desta dissertação, o cotejo dos MCs e seus respectivos correspondentes de tradução, será escopo para um dicionário eletrônico bilíngue na direção português espanhol de unidades lexicais com marcas culturais do sertão nordestino, que é o que propõe o projeto de pesquisa a que esta pesquisa está relacionada. Isso, nos remete a várias possibilidades de uso tanto pedagógico quanto científico e da(s) sociedade(s) de uma maneira geral já que o dicionário disponível em rede poderá este ser acessado por usuários e falantes da língua espanhola e portuguesa como língua primeira ou língua estrangeira, por profissionais da área de tradução e da área de letras em geral, estudantes de vários níveis de escolarização, dentre outras possibilidades. Some-se a isso, a disponibilização dos textos já analisados e tratados no site do projeto de pesquisa para que se possibilite o uso destes em pesquisas futuras na área de léxico ou em qualquer outra área que se utilize de textos literários para pesquisa no âmbito educacional ou fora dele.

Outra discussão muito pertinente aos caminhos percorridos por essa pesquisa e ao seu produto é a contribuição que ela dá para a preservação da cultura do Nordeste a partir dos usos linguísticos materializado no texto literário. Preservar essa cultura linguística é preservar também a nossa experiência não só de pesquisador, mas de ser humano, que se reflete nos vários MCs cotejados. A cultura nordestina aí presente é expressivamente a cultura que nos caracteriza como pessoa e com a qual nos identificamos. Construir essa pesquisa nos proporcionou um novo olhar sobre o Sertão Nordeste. A experiência de leitura d'*Os Sertões* nos propiciou novos olhares sobre o Nordeste, nossa cultura e principalmente nosso povo (nós mesmos) e a experiência de trabalhar com um livro tão importante foi muito enriquecedora. Esperamos, a partir da discussão aqui aventada, instigar outros pesquisadores e curiosos a enveredar pelos caminhos do estudo dos Marcadores Culturais, da Linguística de Corpus, da Tradução e d'*Os Sertões*.

REFERÊNCIAS

ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. de B. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários *corpora* para a pesquisa linguística. **Calidoscópico**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo, Rio Grande do Sul. vol.4, n. 3, p. 156-178, set/dez 2006.

ARAGÃO, M. do S. S. de. **A linguagem regional – popular no nordeste do Brasil: aspectos léxicos**. 2004. Disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/trabalho2.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

ARAGÃO, M. do S. S. de. **A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: FUNESC, 1990.

ARAÚJO, R. M. As múltiplas edições d’*Os Sertões*, de Euclides da Cunha: comentários filológicos, 2013. **VII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA EFILOLOGIA**. Cadernos do CNLF, Série VII, nº09, (s/p) - Língua e Linguagem nos Textos Literários Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno09-05.html>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

AUBERT, F.H. **A tradução do intraduzível**. São Paulo: FFLCH, USP, 1981.

AUBERT, F.H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **Tradterm**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128/129-157, junho 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775>>. Acesso em: 19 jun. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1998.49775>.

AUBERT, F.H. Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida - revendo a ferramenta de análise. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, n. 9, p. 60-69, 2006a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19741/21805>>. Acesso em: 19 jun. 2016b. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i9p60-69>.

AUBERT, F.H. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, v. 5, p. 23-36, 2006b. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/reo/article/view/90699/93412>>. Acesso em: Acesso em: 19 jun. 2017.

AUBERT, F.H.; ESTEVES, L.R. “Shakespeare in the bush” - história e tradução. **Tradução & Comunicação Revista Brasileira de Tradutores**. São Paulo: Anhanguera Educacional. v. 17, p. 135160, 300 set. 2008. (Cessou em 1986). Disponível em:<<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/view/2103>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and application. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Eds.) **Text and Technology: In honour of John Sinclair**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing CO., 1993, p. 233-250.

BAKER, M.. Corpora in Translation Studies: Na Overview and Some Suggestions for Future Research. In.: **Target**. Amsterdam: John Benjamins B.V., 1995, 7:2, p.223-243.

Disponível em:<<https://benjamins.com/online/target/articles/target.7.2.03bak>>. Acesso em: 10 abr. 2017

BAKER, M. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS H. (editor) **Terminology, LSP and Translation Studies in Language Engineering**: In Honour of Juan C. Sager. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing CO., 1996, p. 177-243.

BAKER, M. **The Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London/New York: Routledge, 1998, 654 p.

BAKER, M. Towards a Methodology for investigation the style of literary translation. **Target**, John Benjamins B.V., Amsterdam, 2000, 12:2: 241-266.

BAKER, M. A corpus-based view of similarity and difference in translation. **International Journal of Corpus Linguistics**, 2004, 9:2, 167-193. Disponível em: <<http://www.ingentaconnect.com/content/jbp/ijcl>>. Acesso em: 27 jan. 2017

BARREIROS, L. L. S. Vocabulário de Eulálio Motta. Salvador. 2017. 360 f. **Tese** (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2017.

BERNUCCI, L.M. **A imitação dos sentidos**. São Paulo. EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo. 1995. 352p.

BERNUCCI. Cientificismo e Aporias em *Os Sertões*. In.: _____. (Org). **Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: EdUsp, 2008, p. 23-39.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 153-166.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. et al. **Metalexigrafia**. Grupo de pesquisa – metalexigrafia e Lexicografia. (área e objetivo). UFRGS, 2000. Disponível em:< <http://www.ufrgs.br/metalexigrafia/publicacoes>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CALASANS, J. **Os Jagunços de Canudos**. Cahiers du monde hispanique el luso-brésilien, v. 15, n. 15, p. 31-38, 1970.

CAMARGO, Diva Cardoso. **Pesquisa em tradução e linguística de corpus**. São Paulo: Cultura Acadêmica/São José do Rio Preto: Laboratório Editorial, 2007. (Coleção Brochuras, v.1)

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1965.

CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. S. **O léxico rural**: glossário, comentários. Salvador: UFBA, 2000.

CUNHA, E. da. **Los Sertones**. Tradução de Benjamin de Garay, prólogo de Mariano de Vedia. Buenos Aires, Imprensa Mercantali, 1938, 516p.

CUNHA, E. **Los Sertones**. Tradução de Enrique Pérez Mariluz. Ilustraciones de Castela. Buenos Aires, Editorial Atlantida, 1941. Ed. resumida. (Biblioteca Billiken, Colecion Azul).

CUNHA, E. **Markerna brinna** (Os Sertões). Tradução de Th. Warburton. Stockholm, Wahlström & Widstrand, 1945.

CUNHA, E. **Rebellion in the backlands**. Translated by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press, 1945.

CUNHA, E. **Les terres de Canudos**. Tradução de Sereth Neu. Prefácio de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro, Edições Caravela, 1947.

CUNHA, E. **Oproret paa hojsletten**. Tradução de Richard Wagner Hansen. Kobenhaven, Westermann, 1948.

CUNHA, E. **Brasile ignoto** (L' assedio di Canudos). Tradução de Cornelio Bisello. Milano, Sperling & Kupfer, 1953.

CUNHA, E. **De Binnelanden, opstand in Canudos**. Tradução M. de Jong. Amsterdam, Werelbibliotheek, 1954.

CUNHA, E. **Rebellion in the backlands**. Translated with introduction and notes by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press, 1957. Phoenix Books.

CUNHA, E. **Fui-di**. Tradução de Pei Chin. Pequim: Literatura Popular, 1959. Trata-se de uma versão abreviada.

CUNHA, E. **Los Sertones**. Prólogo, notas y cronologia de Walnice Nogueira Galvão. Trad. de Estela dos Santos. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1980.

CUNHA, E. **Los Sertones**. Tradução de Benjamin de Garay. Argentina, Plus Ultra, 1982. (Los Iberoamericanos).

CUNHA, E. **Os Sertões**: edição crítica. Edição elaborada por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985 [1932].

CUNHA, E. **Hautes Terres** (La Guerre de Canudos). Tradução de Antoine Seel e Jorge Coli. Paris: Éditions Métailié, 1993; 2A ed., poche, 1997.

CUNHA, E. **Krieg im Sertão**. Tradução de Bertold Zilly. Frankfurt: Suhrkamp, 1994.

DAYRELL, C. O uso de *corpora* para o estudo da tradução: objetivos e pressupostos. **Projeto Comet. Corpus Multilíngue para o ensino de tradução** – USP. p. 87 – 102.2012. Disponível em: < <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

FACIOLI, V. A. Euclides da Cunha: consórcio de ciência e arte (Canudos: o sertão em delírio). In: BRAIT, Beth. (Org.). **O sertão e os sertões**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p. 35-59.

FINATTO, M. J. B.; SCARTON, C. E.; ROCHA, A.; ALUISIO, S. M.. Características do jornalismo popular: avaliação da inteligibilidade e auxílio à descrição do gênero. In: **VIII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana**, 2011, Cuiabá - MT. Anais do STIL 2011. Cuiabá : Sociedade Brasileira de Computação, 2011. v. 01. p. 30-39.

FINATTO, M. J. B. et. al. *Padrões do Português Popular Escrito*: o vocabulário do Jornal Diário Gaúcho – PorPopular. In: **VIII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana**, 2011, Cuiabá - MT. Anais do STIL 2011. Cuiabá : Sociedade Brasileira de Computação, 2011. v. 01. p. 30-39.

GALVÃO, W. N. **No calor da hora**: a guerra de canudos nos jornais. 4ª edição. 2ª ed. São Paulo, Ática. 1977, 510p.

GALVÃO, W. N. Prólogo. In: CUNHA, E. da. **Los Sertones**. Prólogo, notas y cronologia de Walnice Nogueira Galvão. Trad. de Estela dos Santos. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1980, p.2-18.

GALVÃO, W. N. “Os Sertões” Para estrangeiros. In: GALVÃO, W. N. **Gatos de outro saco**. Ensaios críticos. São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 1-11.

GALVÃO, W. N. **Euclides da Cunha**: História. São Paulo, Ática, 1984, 224 p.

GALVÃO, W. N. “A emendatio euclidiana”. In: CUNHA, E. da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Brasiliense, 1985.

GARAY, Benjamín de. "Dos palabras del traductor". In: Euclides da Cunha. **Los sertones** (Os sertões). Buenos Aires: Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano. 1938. p .27-30.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

ISQUERDO, A. N. Léxico regional: análise de algumas marcas de conservadorismo lingüístico. **Estudos Lingüísticos** . São Paulo, v. 25, p. 568-574, 1996.

ISQUERDO, A. N. **Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil**. Alfa, São Paulo, 50 (2): 9-24, 2006.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do Português do Brasil. In: ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N.(Org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia [vol. 3], Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, p. 283-293, 2007. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books> >. Acesso em: 13 nov. 2014.

JUNIOR, A. Os Sertões. In: JUNIOR, A. **Obra Crítica**. Rio de Janeiro: Casa de Rui

Barbosa, v. III, 1966.

KENNY, D. **Corpora in translation studies**. Mona Baker. (org.) Routledge encyclopedia of translation studies 50-53. London/New York: Routledge, 2001 [1998]. Disponível em: <socialsemiotics.org/PusanWorkshops2014/wp-content/uploads/2014/01/Corpora_in_Translation_Studies._Kenny.pdf>. Acesso em: 13 maio 2017.

LUCCHESI, M. Seleção e Prefácio. In: CUNHA, E. **Coleção Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2011.

MACHADO, A. Prefácio. In: ZACHARIAS, M. **A lexicologia de “Os Sertões”**: o vocabulário de Euclides da Cunha. Florianópolis: Editora Garapuva, 2001.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 3ª ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTINS, E.F.; CAMARGO, D.C. **A tradução de marcadores culturais em Sargento Getúlio à luz da linguística de corpus**. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, p. 118-132. 2008.

MÁXIMUS DENIS, C. R. La literatura brasileña traducida en España. 2006, 685f. Tesis (Doctoral) Facultad de Filosofía y Letras: Universidad de Alicante, España, 2006.

MCENERY, T.; WILSON, A. **Corpus Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

MEDEIROS, B. Apresentação. In: Cunha, E. da, 1866-1909. **Caderneta de campo**. Euclides da Cunha; introdução, notas e comentário Olímpio de Souza Andrade. – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009, p. 7-15. (Cadernos da Biblioteca Nacional 6). Disponível em: <www.portalentretextos.com.br/livros-online-dw.html?id=162>. Acesso em: 14 abr. 2017.

NIDA, E. **Linguistics and Ethnology in Translation-Problems**, <i>WORD</i>, 1945,1:2, 194-208, DOI: 10.1080/00437956.1945.11659254. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00437956.1945.11659254>> Acesso em: 10 Abr. 2017.

NOGUEIRA, N. S. de A. Margear o outro: viagem, experiência e noras de Euclides da Cunha nos sertões baianos. 2013, 121f. **Dissertação** (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2013.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. Brasileirismos e Regionalismos. **Alfa, revista de Linguística**. São Paulo, p.109-120,1998.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos. 1999. 490. **Tese** (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

OLIVEIRA, R. de. “Ficção, Ciência, História e a Invenção da Brasilidade Sertaneja”. **IPOTESI. Revista de Estudos Literários**. Juiz de Fora: EDUFJF, vol. 4, p. 37-53, jan-jun, 2000.c

PIO CÔRREA, M.. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, v.1. 1926.

PIO CÔRREA, M.. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, v.2. 1931.

PIO CORRÊA, M.. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas** (v. 6). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1978.

PIO CORRÊA, M.. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas** (6 v.). Rio de Janeiro: IBDF, 1984.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Banco de datos (CORPES XXI)**, Corpus del Español del Siglo XXI [en línea]. 2014. Disponível em: <http://www.rae.es/recursos/banco-dedatos/corpes-xxi>. Acesso dia 20 nov 2017.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de Americanismos** [en línea]. 2014. Disponível em: <http://www.asale.org/recursos/diccionarios/damer>. Acesso dia 20 nov 2017.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (2014). **Manual de consulta del banco de datos del español** [en línea]. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso dia 20 nov 2017.

REICHMANN, T.; ZAVAGLIA, A. A tradução juramentada de documentos escolares (português, francês, alemão). **Tradução em Revista** (Online), v. 17, p. 45-56, 2014.

REZENDE, M. J. de. *Os Sertões* e os (des) caminhos da mudança social no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 201-226, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12369>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

ROQUETTE-PINTO, E. **Ensaio brasileiro**. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1940.

SANTANA, J. C. de B. Mestiços no país dos espelhos e o que eles viram lá. **Sitientibus**, Feira de Santana, nº13, p. 57-68, 1995.

SARDINHA, T. B. Lingüística de Corpus: histórico e problemática. **DELTA**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502000000200005>.

SARDINHA, T. B. Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 9, p. 15-59, jan. 2002. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/tradução/article/view/5980>>. Acesso em: 26 maio 2017.

SARDINHA, T. B. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

SARDINHA, T. B. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, p.131-144, 2001b.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP. Editora Manole, 2004.

SARDINHA, T. B. **Pesquisa em linguística de corpus com WordSmith Tools**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2009.

SCOTT, M. **WordSmith Tools version 7, Stroud**: Lexical Analysis Software, 2016.

SHEN Guo-rong. Corpus-based Approaches to Translation Studies. In: **Cross-cultural Communication**. vol.6 n°.4, p. 181-187, 2010.

SILVA, E. S. F. da. **“Rudes cronistas dos acontecimentos”**: as fontes orais e a construção da narrativa de *Os Sertões*. Salvador, 2010. Disponível em: <http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/E/Edson_Santos_Ferreira_da_Silva.pdf>. Acesso em: 20 Abr. 2017.

SIMON, M. L. M. **Características da linguagem de Euclides da Cunha em “Os Sertões”**, Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ5_05.htm>. Acesso em: 21 out. 2014.

SINCLAIR, J. *Corpus and Text — Basic Principles*. In.: WYNNE, M. (ed.), *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice*. Oxford, **Oxbow Books**, p. 1-16, 2004. Disponível em:< <http://ahds.ac.uk/linguistic-corpora/>>. Acesso em: 26 maio, 2017.

SORÁ, G. Una cuestión de Estado. La traducción del pensamiento social nacional entre Argentina y Brasil. **Estudios. Revista de Investigaciones Literarias y Culturales**; Lugar: Caracas; vol. 13 p. 253 – 281, 2005.

SORÁ, G. A arte da amizade: José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros. **Antropolítica**, Niterói, n. 30, p. 49-71, 2011.

VALENTE, L. F. *Os Sertões*: entre a memória e a história. In.: BENUCCI, L. M. **Discurso, ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo. Edusp. 2007, p. 157-170.

VALIDÓRIO, V. C. **Investigando o uso de Marcadores Culturais presentes em quatro obras amadeanas, traduzidas para o inglês**. 2008.306 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociência, Letras e Ciências exatas, 2008.

VENTURA, R. Euclides da Cunha e a República. **Estud.** av, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 275-291, abr. 1996. Disponível em :<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 fev. 2017.

VENTURA, R. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa. **Rev. Antropol.** São Paulo, v. 40, n. 1, p. 165-181, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2017.

VENTURA, R. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, supl. p. 133-147, Jul. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

ZACHARIAS, M. **A lexicologia de “Os Sertões”**: o vocabulário de Euclides da Cunha. Florianópolis: Garapuva, 2001, 991p.

ZAVAGLIA, A. **Linguística, tradução e literatura**: observando a transformação pela arte. Alfa, São Paulo, 48 (1): 99-117, 2004

ZAVAGLIA, A. **Modalidades de tradução e operações enunciativas**: o caso do marcador léxico-gramatical UM e suas traduções para o francês. Intercâmbio (PUCSP), São Paulo, v. 14, p. 1-10, 2005.

ZAVAGLIA, A; AUBERT, F. H. Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida (2): variáveis e invariantes. **Tradução e Comunicação**, v. 15, p. 26-33, 2006. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/view/2192>. Acesso em: 01 maio 2017.